

CONTOS PEDAGÓGICOS

Quatro adolescentes que não couberam na escola

RIO
RICO

$$\begin{array}{c} \underbrace{3 + 2}_{\downarrow} + \underbrace{2 \times 4}_{\downarrow} \\ 3 + 8 = 11 \end{array}$$

QUEM INVENTOU

SAUDADE É PORQUE
NUNCA

AMOR

EIALO

VENTILADOR
*v**v**v**v*

$$x = 0$$

$$\sqrt{\quad} = 5$$

$$\textcircled{* = 5}$$

Larissa Brunna Marques Emerick

PROMESTRE

MESTRADO PROFISSIONAL
EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA



Orientação

Libéria Rodrigues Neves

Diagramação

Karen Jamilly Ferreira Bezerra

Revisão

Ana Carolina Ribeiro

E53c	<p>Emerick, Larissa Brunna Marques, 1996- Contos pedagógicos [recurso eletrônico] : quatro adolescentes que não couberam na escola / Larissa Brunna Marques Emerick. -- Belo Horizonte : UFMG / FaE, 2025. 256 p. : il., color.</p> <p>[Obra produzida em conjunto com a dissertação de mestrado da autora com o título: Adolescente e saber [manuscrito] : contribuições da psicanálise na escuta dos impasses em relação à alfabetização e ao letramento / Larissa Brunna Marques Emerick. -- Belo Horizonte, 2025. -- 120 f. : enc. -- Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. -- Orientadora: Libéria Rodrigues Neves.].</p> <p>1. Educação. 2. Fracasso escolar. 3. Alfabetização. 4. Letramento. 5. Capacidade de aprendizagem. 6. Leitura -- Ensino corretivo. 7. Escrita -- Ensino corretivo. 8. Adolescência. 9. Aprendizagem lenta. 10. Distúrbios da aprendizagem -- Aspectos psicológicos. 11. Orientação educacional. I. Título. II. , Libéria Rodrigues Neves, 1972-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.</p> <p style="text-align: right;">CDD- 371.280981</p>
------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

Sumário

Prefácio	6
-----------------------	----------

Um Risco Fora da Margem: Quando a vida escapa do Traçado.....10

Ler com os olhos na porta	16
Palavras Rimadas, Feridas Abertas.....	21
Na linha do risco	30
Cortar Cabelo, Somar Futuro.....	36
Sem Ponto, Sem Pausa, Sem Resposta	43
Nomeado Pelo Fracasso, Excluído Pelo Olhar	49

“Só o Ódio”: o que Resta quando a Palavra falha..... 55

A revolta que não permite escrever	59
“Em busca do que falta” OU “EIALO: o que falta aprender?”	62
Um nome e uma história.....	70
Da recusa à janela.....	80
O coração partido à espera da palavra	86
Os desencontros.....	93
Um pé na rua, mas a Janela fica aberta	94

Problemas de-mais, desejo de menos

101	
Por trás das sombras do estudo	109
Traçando caminhos.....	112
Cálculos e conexões.....	117
Diploma pra quê?	123
Cálculos e desejos.....	124
O rompimento com a escola e o desafio de pertencer	127
Divisões e questões sem respostas.....	132
Fragmentos de presença.....	136
Divisão dos números e da vida.....	144
Um lugar no mundo	147
Pressa de ir, pressa de falar.....	150
Escutar ou ajustar?	153

Voltar ou não voltar?.....	161
Palavras que escapam	165
O resto e o excesso	170
Bordas e excessos	173
Último encontro do ano: Propósitos e aprendizados	178
Cartas para o Desejo	188
A palavra pede espaço	198
A leitura que se mistura com a vida.....	200
Assinado: Valentina	210
Mais que um país, um desejo: Unidos	217
Nenhum lugar está garantido	221
Quando o amor vai embora	223
Troca de cartas, troca de laços.....	228
A solidão que “não tinha mais palavras”	235
O bilhete que queria ser escutado	241
Um bilhete com corações.....	245
O fim não é um lugar.....	248
Com açúcar e palavras: uma despedida feita à mão	252

Prefácio

Libéria Neves

Tão importante quanto realizar uma pesquisa, é comunicá-la por meio de um veículo adequado às características do campo de conhecimento ao qual a pesquisa se refere.

De modo geral, no universo acadêmico científico, os periódicos significam o meio mais referendado e mais valorizado para a comunicação entre os pares, além de estudantes universitários e de pós-graduação. No entanto, esse veículo não alcança a população em geral, tendo em vista as especificidades no que se refere ao acesso e à linguagem.

Valério e Pinheiro (2008, p. 161) definem a comunicação científica como a comunicação entre os pares da comunidade científica; e a divulgação científica como a comunicação para o público fora dela. E, cabe destacar, esta última pode ser compreendida como um recurso de inclusão social, sendo a comunicação um instrumento de formação, na medida em que contribui para a transformação da informação em conhecimento.

No campo da educação, as pesquisas podem interessar a toda a população de um país, mas certamente que muitas delas interessam diretamente aos gestores públicos, aos gestores escolares e, sobretudo, aos docentes que atuam no nível básico de ensino, os quais lidam diretamente com os desafios de uma educação pública, inclusiva e de qualidade para todos – independentemente de suas condições físicas, cognitivas, linguísticas, culturais, socioeconômicas; bem como suas características em relação ao gênero, à sexualidade, ao pertencimento étnico e racial; ou mesmo aos aspectos que tangem às condições de saúde mental.

Nessa perspectiva, torna-se de extrema relevância promover ações, recursos e materiais de divulgação científica, os quais podem contribuir para se pensar o desafio do acesso à aprendizagem por parte de todos e de cada um.

Com a democratização do acesso à internet, os docentes têm buscado conhecimento também por meio dos canais digitais (plataformas, sites específicos, blogs, mídias sociais, grupos de discussão, por-

tais etc.), espaços de acesso mais facilitado e de grande circulação de conteúdo referente a temas diversos, embora nem sempre respaldados por estudos consistentes.

Nesse sentido, um Mestrado Profissional em Educação, espaço de produção de um recurso educacional a partir de uma pesquisa acadêmica científica, pode ter como resultado um material que vise a formação de educadores, em caráter de divulgação científica. Material este que, por sua vez, pode lançar mão de diversas modalidades de linguagem, tais como a linguagem do audiovisual, a linguagem artística ou mesmo a linguagem literária. É a partir desta última que o presente livro se constitui.

“Contos Pedagógicos: Quatro adolescentes que não couberam na escola” significa uma tradução dos resultados de uma pesquisa, no campo “Psicanálise e Educação”, para a linguagem literária. Neste caso, buscando apresentar ao leitor, especialmente o professor da educação básica, os sujeitos que habitam os casos persistentes de fracasso escolar, os quais muitas vezes desistem dos processos de aprendizagem, da escola ou mesmo do laço social, por ter havido algumas desistências anteriores em relação a eles.

Freud (1937/1996) considerou o ato de educar, assim como o de governar e o de psicanalisar, como algo da ordem do impossível. E o que ele quis dizer com isso? Talvez que haja, nessas ações, um limite – o sujeito que desejamos educar, governar e psicanalisar. Ou seja, dificilmente atingiremos totalmente nosso objetivo em relação ao outro – quem porta uma particularidade que não corresponde ao nosso projeto ideal.

Isso fere certamente o desejo de quem pretende encontrar estudantes que atendam às suas expectativas, ou seja, que se encantam pelo saber, que se movem para construir todos os conhecimentos apresentados na escola, sem maiores percalços ou tropeços.

E como lidar com esse desencontro? Não raro se vê a frustração, a angústia, a desistência ou mesmo a culpabilização do fracasso, atrelando-o a algum elemento concreto – uma falta no outro. Hipóteses que envolvem a estrutura familiar, um transtorno mental ou de conduta costumam se concretizar com certa ligeireza, pouco contribuindo para uma aposta no sujeito.

Este livro parte de atendimentos realizados pela autora na circunstância de um projeto de extensão universitária que, em parceria com alguns equipamentos da saúde e do sistema socioeducativo, recebe adolescentes em situação de fracasso escolar, os quais chegam até ele pela disponibilidade em investigarem seus impasses com a aprendizagem, sobretudo com leitura e a escrita.

Os atendimentos têm uma perspectiva de intervenção pedagógica, contudo, contam com a orientação psicanalítica para a investigação do impasse, considerando a dimensão do sujeito do inconsciente, a adolescência como tempo de uma resposta singular à puberdade, a escrita como uma inscrição subjetiva.

Não se pretende, com este livro, transmitir conceitos psicanalíticos, mas transmitir o que foi possível aprender com estes sujeitos a partir de uma escuta orientada pela psicanálise. Desse modo, por meio de uma literatura não ficcional, pode-se olhar para os sujeitos que geralmente são encobertos pelos vários discursos que buscam compreender, interpretar e responder às perguntas que se fazem sobre eles.

As artes, nesse caso a literatura, têm a condição de nos alcançar onde a racionalidade escapa, atingindo brechas onde se encontra o sensível, geralmente apartado nos mecanismos do conhecimento.

Gerson, Ricardo, Matias e Kerly são adolescentes reais. Quatro entre tantos casos complexos que passam pela escola - alguns invisíveis, outros invisibilizados. Crianças que não alcançaram o domínio da leitura, da linguagem escrita, referente aos textos e/ou aos cálculos matemáticos. Jovens que evadem da escola (ou que a escola os evade dela?).

De modo geral, criamos muitas hipóteses em relação a estas situações, mas pouco alcançamos daquilo que só o sujeito pode nos dizer. Isso devido à falta de tempos e espaços no cotidiano das instituições educativas para essa escuta; mas também pela falta de aposta, da nossa parte, em haver algo ali, "onde não sei" sobre o sujeito.

Este conjunto de Contos Pedagógicos pode nos tocar de modos muito particulares, por se configurar como literatura e, desse modo atingindo-nos pela dimensão do sensível, pela identificação, pela imaginação.

Nesse sentido, constitui-se como um material que comporta uma

perspectiva ética e estética ao promover a divulgação científica no campo da educação, contribuindo, de modo singular, para a formação pessoal e profissional de educadores.

Referências:

Freud, S. **Análise Terminável e Interminável (1937)**. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume XXIII (1937-1939). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Valério, P.M.; Pinheiro, L.V.R. **Da comunicação científica à divulgação. Transinformação, v.20, n.2, p.159-169, 2008**. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=302>>.

Um Risco Fora da Margem: Quando a vida escapa do Traçado

$$\begin{array}{r} 1.236 \\ + 2.332 \\ \hline 3568 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 1 \\ 582 \\ + 321 \\ \hline 903 \end{array}$$

futebol

deixe

atletico mineiro

mãe

tráfico

barbaria

Papagaio

Larissa

Caderno

Leitura

UM RISCO FORA DA MARGEM: QUANDO A VIDA ESCAPA DO TRAÇADO

Gerson, um adolescente negro, de 17 anos, chegou ao *Janela da Escuta* após cometer um ato infracional grave. A decisão de levá-lo ao programa veio depois de muitas noites em claro, entre crises de agressividade e ansiedade que preocupavam os técnicos do socioeducativo. O *Janela da Escuta – O Adolescente Especialista de Si e a Tessitura de uma Rede Sob Medida* era um espaço de acolhimento e saúde dedicado a adolescentes, uma iniciativa da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ao adentrar o local pela primeira vez, Gerson estava cercado por vários agentes do socioeducativo, cujas presenças firmes e uniformes reforçavam a impressão de que ele não tinha controle sobre o próprio destino. Os olhos dos agentes o seguiam de perto, atentos a cada movimento. Aquele ambiente que lhe era desconhecido parecia, para ele, apenas mais um espaço de confinamento. Seus olhos varriam a sala de forma inquieta, como se buscassem antecipar uma rota de fuga ou desvendar o que realmente o aguardava ali.

Para a equipe do projeto, aquele andar do Ambulatório São Vicente, onde funcionava o Programa Janela da Escuta, era um lugar de acolhimento, uma extensão do cuidado e do apoio, onde médicos, psicólogos, pedagogos, assistentes sociais e outros profissionais se uniam para construir uma rede em torno dos adolescentes. Mas, para Gerson, cada sala, corredor e porta fechada representavam apenas mais um espaço de contenção.

O jovem sentia o peito apertado, uma aflição que misturava alucinação e realidade. Ele examinava o espaço em busca de qualquer saída, o olhar se fixando, inquieto, nas portas e janelas. Era como se o próprio ar ao seu redor estivesse impregnado de uma ansiedade que ele não conseguia dissipar. A cada som baixo que ouvia, a cada sombra que se movia, Gerson estremecia, projetando rotas de fuga.

Será que é possível sair por ali? Ele se perguntava, com o olhar fixo em uma janela. O peso das experiências passadas, somado à presença dos agentes, tornava cada canto daquele espaço de acolhimento mais um símbolo de aprisionamento, e não de liberdade.

Antes de iniciar o atendimento, a equipe do *Janela da Escuta* reuniu-se em busca de uma abordagem que pudesse alcançar Gerson. Discutiam sobre as angústias visíveis do adolescente — a falta de sono, a ansiedade exacerbada, a agressividade crescente — e sobre como essas questões sinalizavam a urgência de um acolhimento qualificado. Após conversarem sobre as possibilidades, decidiram que o primeiro passo seria um encontro com a psicóloga Stella, criando um espaço onde Gerson pudesse ser ouvido e, talvez, se sentir mais seguro.

Na sala de atendimento, o silêncio era denso. Stella, sentada à sua frente, observava cada detalhe — as mãos de Gerson que se contorciam inquietas, o olhar que varria o ambiente em busca de uma saída. Ele não parecia disposto a falar, e a ansiedade em seu rosto era inegável. Após um breve momento, ele se levantou e se aproximou da janela, tentando abrir o trinco, como se ali estivesse sua chance de escapar.

“Essa janela... será que abre?” murmurou, mais para si do que para Stella, enquanto o olhar dela permanecia fixo e atento, permitindo que o silêncio também atuasse como uma forma de diálogo.

Stella observava a insistência de Gerson com o trinco e, em um tom sereno mas firme, enfatizou:

— Gerson, isso pode ser perigoso. Estamos no terceiro andar.

Suas palavras pareciam um alerta mais dirigido à segurança dele do que uma tentativa de controle. No entanto, Gerson ignorava o aviso e, com determinação crescente, continuava tentando abrir a janela, como se a urgência de escapar fosse maior que qualquer receio.

Diante da situação, Stella se levantou e disse calmamente: “Para sua própria segurança, vou precisar chamar os agentes do socioeducativo se você continuar. Não quero que se machuque.” Suas palavras, mesmo ditas com cuidado, introduziam um limite claro, e a presença dela, de pé, interrompia momentaneamente o impulso de fuga de Gerson.

Após o episódio com a janela, um silêncio incômodo se instalou na sala. Stella, com sensibilidade, começou a fazer perguntas diretas e simples, tentando entender o que Gerson guardava tão profundamente. Ele respondia em frases curtas, quase monossilábicas, mas as

palavras, embora poucas, revelavam algo da angústia que o atormentava. Contou, de forma fragmentada, que desde o incidente que o trouxera ali, não conseguia dormir; as noites eram atormentadas por visões e alucinações de perseguição, uma figura que surgia repetidamente, um homem que estava com ele no momento do ocorrido. Cada resposta parecia pesada, como se cada palavra tivesse que atravessar uma barreira de medo e resistência antes de ser dita.

Percebendo a profundidade da angústia que o consumia, Stella sugeriu uma consulta com a psiquiatra do programa.

— Talvez ela possa prescrever algo para ajudá-lo a dormir e a aliviar um pouco dessa tensão — ofereceu, mantendo o tom suave.

Gerson hesitou, mas assentiu.

Com isso, Stella deixou Gerson no espaço de espera do ambulatório, um ambiente que oferecia atividades artísticas, como bordado, pintura e desenho, para que o adolescente pudesse ocupar o tempo de forma tranquila enquanto aguardava, sempre sob a supervisão dos agentes. Gerson permaneceu ali, observando os materiais com desinteresse e ainda bastante tenso.

Enquanto ele aguardava, Stella desceu até o último andar, onde a equipe se reunia para discutir os casos. Entre os profissionais estava a psicanalista que coordenava o projeto, e, enquanto conversavam, Stella detalhou o comportamento de Gerson, as alucinações e a inquietação, buscando orientação sobre como melhor apoiar o adolescente.

Nesse exato momento, ainda no terceiro andar, Gerson se esgueirava silenciosamente para o banheiro e trancava a porta. A notícia se espalhou rapidamente pelo ambulatório, e gerou uma tensão imediata entre todos que ali estavam. O ambiente se enchia de uma apreensão crescente.

Foi Cristina, a coordenadora do projeto, quem assumiu a dianteira para tentar acalmá-lo. Com passos lentos, ela se aproximou da porta e, em tom suave, começou a falar com ele.

— Gerson, eu estou aqui do lado de fora. Não estou aqui para te julgar, mas para te ajudar. Podemos conversar?

Porém, suas palavras pareciam não surtir efeito de imediato. Gerson

permanecia em silêncio, e, em alguns momentos, ela conseguia ouvir sons que sugeriam que ele ainda tentava encontrar uma maneira de escapar. A busca por liberdade parecia sobrepor-se a qualquer promessa de ajuda, como se o confinamento tivesse tornado insuportável para ele esperar ou ouvir.

Cristina continuou tentando, sem perder a paciência, fazendo várias tentativas de conversa, sempre com uma abordagem acolhedora, mas firme. Ela sabia que ele precisava se sentir compreendido, mas também sabia que precisaria estabelecer algum vínculo de confiança.

— Olha, tenho o contato de um juiz. Posso conversar com ele para tentarmos aliviar um pouco a sua medida na próxima audiência. Sei que o regime de internação está pesado para você — disse, em um tom que expressava tanto empatia quanto determinação.

Ao ouvir isso, Gerson hesitou e expressou dúvida, como se questionasse se Cristina realmente falava a verdade. Percebendo sua resistência, ela calmamente mostrou o número de contato do juiz, um gesto que carregava a promessa concreta de ajuda. Foi só então que a barreira de desconfiança começou a ceder.

Depois de mais um momento de silêncio, Gerson finalmente respirou fundo, e a tranca se soltou. Ele abriu a porta, ainda tenso, mas agora mais receptivo. Logo em seguida, foi encaminhado para uma consulta com a psiquiatra, que ajustou os medicamentos para ajudá-lo a dormir e a aliviar parte da angústia que o consumia.

Nos atendimentos seguintes com a psicóloga Stella, Gerson estava visivelmente mais calmo. A medicação parecia fazer efeito, ajudando-o a dormir melhor e trazendo uma leve estabilidade ao seu comportamento. Ainda assim, ele não estava totalmente tranquilo; a ansiedade persistia, especialmente em relação ao desejo constante de liberdade, mas agora sem tentativas de fuga.

Stella notava que, a cada sessão, ele se abria um pouco mais, embora falasse pouco. Gerson respondia às perguntas que ela fazia, mas raramente compartilhava algo de forma espontânea. Mesmo assim, progredia. Ele começava a expressar fragmentos de suas angústias e preocupações, como se permitisse, pouco a pouco, uma brecha no muro de resistência que construía em torno de si.

Em um dos atendimentos, Gerson parecia inquieto, seus olhos evitando o contato direto, como se quisesse esconder algo que o perturbava. Stella, percebendo sua agitação, iniciou o diálogo com um tom suave, convidando-o a conversar.

— Tenho notado que você anda um pouco mais agitado nos últimos dias. Quer me contar o que está passando? — perguntou ela, mantendo a voz calma e acolhedora.

Gerson hesitou, mas após um instante, murmurou:

— Tenho ódio do meu pai.

Stella observou a expressão dura em seu rosto e esperou, dando espaço para que ele continuasse. Ele então soltou o restante das palavras que parecia guardar há tempos.

— Antes de ser preso, eu pedi pra morar com ele, mas ele não quis. Nem explicou o motivo. — A voz de Gerson oscilava entre raiva e mágoa. — No momento em que mais precisei, eu não pude contar com ele.

Stella assentiu lentamente, absorvendo o peso das palavras de Gerson e percebendo a tristeza profunda que se escondia por trás da raiva — uma tristeza pelo abandono que parecia denunciar o desejo universal de ser amado e aceito. Mantendo o tom acolhedor, ela respondeu:

— Eu entendo que isso deve ter sido muito doloroso para você, Gerson. Às vezes, essas feridas só começam a cicatrizar quando falamos sobre elas, mesmo que isso não resolva tudo de imediato.

Ele permaneceu em silêncio, o olhar fixo em um ponto distante, como se buscasse entender por que o pai o negara. Stella, captando sua vulnerabilidade, acrescentou com suavidade:

— Sabe, isso nem sempre tem a ver com o amor que ele sente por você. Alguns pais não foram ensinados a cuidar, a estar presentes... carregam dificuldades próprias. Mas isso não significa que você não seja importante para ele. Quem sabe, com o tempo, vocês possam reconstruir essa relação.

As palavras de Stella pareciam finalmente alcançá-lo. Gerson manteve o olhar distante, mas, no fundo, havia uma ligeira mudança em sua postura, como se algo tivesse ressoado nele.

Uma semana se passou após esse diálogo. Gerson retornou ao atendimento com um semblante mais calmo. Sem muito alarde, ele contou a Stella que havia ligado para o pai.

— Foi uma conversa... normal — disse ele, dando de ombros, sem entrar em detalhes. Mas Stella percebeu que, para ele, aquele contato representava algo significativo.

Nesse mesmo atendimento Gerson confidenciou uma outra frustração: mencionou que não conseguia “ler direito”. Ao longo da conversa, revelou que a leitura era uma dificuldade que o incomodava e que gostaria de ler melhor. Essa breve confissão trouxe uma nova dimensão às sessões — pela primeira vez, ele falava de uma questão pessoal que não estava diretamente relacionada ao ato que o levava ao socioeducativo. Era um desejo, uma vontade de crescer além da identidade marcada pelo confinamento.

Após discutir com a equipe, decidiram que esse seria um bom ponto de partida para um novo tipo de acompanhamento, que se somaria ao acompanhamento da psicóloga. Ficou acordado que ele começaria os atendimentos com a pedagoga, apostando nessa nova abertura que ele havia proporcionado, uma porta que Stella e o restante da equipe enxergavam como um passo para que Gerson pudesse reencontrar outro caminho, que não fosse o do crime.

Ler com os olhos na porta

Stella acompanhou Gerson até Larissa, a pedagoga do Janela da Escuta. Com um sorriso tranquilo, ela os apresentou.

— Gerson, esta é a Larissa. Ela pode te ajudar com aquelas dificuldades de leitura que você mencionou — disse, aguardando uma resposta.

Gerson cumprimentou Larissa timidamente, balançando a cabeça em sinal de concordância e aceitação para a conversa.

Durante todo o atendimento, Gerson mantinha-se em silêncio, respondendo apenas ao que era solicitado. Embora suas respostas fossem breves, ele se mostrava atento e fazia tudo o que Larissa pedia, participando das atividades sem resistência. Sua postura era de cautela, mas com disposição para seguir as instruções.

Larissa iniciou o diálogo de forma cuidadosa, buscando entender mais sobre as dificuldades de Gerson.

— Pode me contar um pouco sobre o que acha mais difícil na leitura? — perguntou.

Ele mencionou que tinha problemas para ler algumas palavras, mas sem conseguir identificar quais exatamente ou em que situações.

Mantendo um tom encorajador, Larissa tentou aprofundar a questão:

— Você consegue lembrar de alguma palavra específica ou de algum lugar em que tentou ler e teve dificuldade?

Gerson balançou a cabeça, sem conseguir se lembrar de nada em particular.

Para entender melhor, ela perguntou sobre a escrita antes de prosseguir com o teste de leitura, tentando ver se ambas as habilidades estavam entrelaçadas. Gerson afirmou que se sentia bem em relação à escrita. Larissa, então, pediu que ele escrevesse seu nome e sua data de nascimento. Ele pegou o lápis e, com cuidado, escreveu de forma cursiva, respeitando as regras ortográficas e demonstrando uma habilidade consistente.

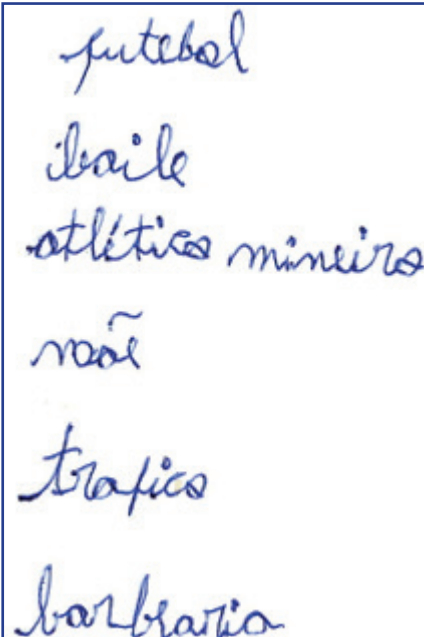
Larissa decidiu então pedir que Gerson escrevesse algumas palavras associadas a coisas que ele gostava, tentando conhecê-lo melhor e avaliar sua escrita de forma descontraída.

— Escreva uma coisa de que você gosta — sugeriu.

Ele pegou o lápis e, com letras firmes, escreveu “futebol.” Em seguida, Larissa pediu que escrevesse um lugar que gostava de ir, e ele escreveu “baile.” Ela foi continuando, observando cada palavra.

— E o seu time do coração? — perguntou, com um sorriso.

Gerson rapidamente disse e escreveu “Atlético Mineiro”. Quando ela perguntou sobre alguém com quem ele gostava de conversar, ele hesitou, e ao escrever, suas letras formaram



futebol
baile
atletico mineiro
mãe
trafico
barbraria

“nãe”. Percebendo o erro, corrigiu rapidamente para “mãe,” e Larissa notou a determinação em acertar.

Por fim, pediu que ele escrevesse uma coisa que gostava, e Gerson escreveu, sem hesitar, “tráfico.” Larissa manteve o tom sereno e perguntou sobre o motivo.

— Dá dinheiro — respondeu, mostrando uma visão prática e quase indiferente em relação ao tema.

— E há outra forma de ganhar dinheiro? — questionou.

Gerson refletiu por um momento e escreveu “barbearia”.

Com um olhar encorajador, Larissa elogiou a escrita dele.

— Você escreve muito bem, Gerson — disse, genuinamente impressionada.

Então, em tom leve, questionou se escrever textos também era fácil. Ele assentiu, dizendo que era mais fácil do que ler, mas confessou que ainda tinha alguma dificuldade.

Depois de observar a escrita de Gerson, Larissa decidiu testar sua leitura, começando com palavras de diferentes níveis de complexidade. Com o lápis, ela formou palavras simples, de estrutura consoante-vogal, como “galo” e “caneta,” e outras com sílabas mais complexas, como “papagaio,” “porta,” “Larissa,” “caderno” e “leitura.” Gerson leu cada uma sem dificuldade.

Em seguida, Larissa escreveu um pequeno trecho: *“O computador estragou, eu não sei o motivo. Levei para o concerto e o moço disse que consegue me ajudar.”* Gerson leu o trecho devagar, com fluência, mas com cuidado em cada palavra. Quando terminou, Larissa o incentivou a explicar o que havia compreendido. Ele hesitou, um pouco inseguro sobre o que dizer, e apenas repetiu o que tinha lido, sem conseguir reformular o texto em suas próprias palavras.

— Tente me dizer com as suas palavras — incentivou ela, com paciência.

Mas ele parecia inseguro, incapaz de transformar o conteúdo lido em algo que ele pudesse explicar de outra forma. Larissa então sugeriu que trabalhassem mais a compreensão de textos e frases.

— Durante a semana, observe se encontra alguma palavra ou frase

que acha difícil de entender. Vamos falar sobre isso no próximo encontro — propôs, anotando mentalmente o que ele precisaria praticar.

Antes de encerrar, Gerson mencionou que também tinha dificuldades com contas, mas pediu para trabalharem isso na semana seguinte.

— Hoje não — disse ele, revelando um pouco de sua ansiedade.

Notando sua expressão, Larissa perguntou se havia algo que o preocupava.

— Minha mãe está aqui hoje, e eu queria muito vê-la — explicou ele. O carinho por ela era evidente; estar privado de liberdade tornava cada oportunidade de vê-la ainda mais preciosa. Compreendendo o quanto aquele momento significava para ele, Larissa encerrou o atendimento.

Enquanto ele se levantava da cadeira, Larissa começou a formar mentalmente algumas hipóteses sobre as dificuldades pedagógicas de Gerson. Pela forma como ele havia descrito sua dificuldade de leitura anteriormente à psicóloga, parecia que ele quase não lia nada. Mas o atendimento revelara algo diferente: ele lia as palavras e o trecho, embora lentamente, com algum nível de precisão. *Será que ele lê, mas não interpreta? Será que não consegue entender aquilo que lê?* Essas perguntas ficaram pairando em sua mente. Naquele primeiro encontro, não havia elementos suficientes para uma conclusão mais elaborada, uma vez que o adolescente havia pedido para encerrar antes do tempo.

Larissa pensou em trabalhar com alguns textos nos próximos atendimentos, explorando a interpretação para verificar essa hipótese e ajudar Gerson a dar os primeiros passos para superar suas dificuldades.

Assim que saíram da sala de atendimento, Gerson encontrou a mãe no local de espera, onde os adolescentes passavam o tempo em atividades de arte. Ele ficou visivelmente feliz em vê-la, e os dois começaram a conversar ali mesmo, trocando palavras e olhares, embora a mãe mantivesse uma postura mais reservada. Larissa permaneceu por perto por alguns instantes. Ela desejava conversar com a mãe dele sobre a trajetória escolar de Gerson, buscando entender melhor as dificuldades que ele enfrentava.

Depois de alguns minutos, Larissa se aproximou e chamou a mãe de Gerson. O adolescente olhou para ela com uma expressão de preocupação.

— Vocês não vão deixar eu conversar mais com minha mãe? — perguntou, ansioso.

Com um sorriso, Larissa explicou:

— Sim, Gerson. Vocês vão ter mais tempo juntos. Só preciso conversar com ela rapidamente, para entender melhor como foi seu percurso na escola. Pode ser agora?

Gerson assentiu, um pouco mais tranquilo, e a mãe acompanhou a pedagoga até a sala, enquanto ele aguardava do lado de fora.

Larissa e a mãe de Gerson se acomodaram na sala de atendimento, e a pedagoga iniciou a conversa com uma pergunta cuidadosa sobre a trajetória escolar do adolescente. A mãe, com um tom um tanto impaciente, respondeu:

— Desde sempre teve dificuldade. Ele não gosta de estudar, não abre a cabeça para isso. Se ele se esforçar, ele aprende.

Sua expressão revelava uma mistura de frustração e desapontamento. Ela continuou, relatando o comportamento de Gerson com uma firmeza quase fria.

— Ele não tem interesse. Começa as coisas e para, nunca pede ajuda para ninguém.

Larissa, buscando destacar algo positivo, comentou:

— Aqui no Janela ele pediu ajuda, o que é um passo importante.

A mãe, porém, rebateu em tom severo:

— Agora, com quase 18 anos!

A conversa prosseguiu com a mãe contando que, na escola, as reclamações eram constantes, tanto sobre o comportamento quanto sobre a aprendizagem de Gerson.

— Ele não fazia os deveres de casa. Começava a fazer as coisas e parava, sempre pedindo para ir ao banheiro — disse, como se enumerasse uma lista de falhas.

Em um tom quase descritivo, comentou:

— Gerson precisava ter encarado os estudos com mais seriedade, algo que sempre faltou a ele.

Ao encerrar a conversa, Larissa refletia sobre o que ouvira. A crítica constante da mãe revelava uma expectativa rígida em relação a Gerson, mas Larissa se perguntava: qual seria realmente a função da escola para ele, considerando as dificuldades e o desinteresse que haviam surgido até então? Em silêncio, ponderou mais profundamente: *Será que havia um lugar para Gerson na escola? Será que havia alguma tentativa de fisgá-lo em alguma atividade ou em algum projeto escolar? Ou será que a escola já tinha desistido dele, convocando a mãe apenas como uma forma de responsabilizá-la pelo fracasso escolar que enxergavam ali?* As perguntas ecoaram em sua mente, lançando uma nova luz sobre as possibilidades e desafios de seu trabalho com ele.

Palavras Rimadas, Feridas Abertas

Na semana seguinte, Gerson chegou ao *Janela da Escuta* visivelmente ansioso, e, desta vez, a intensidade era ainda maior. Após meses de internação no socioeducativo, ele teria a oportunidade de passar o fim de semana em casa — algo que não fazia há muito tempo. A medida havia sido recentemente flexibilizada, após meses de confinamento, e a expectativa de retornar ao lar e passar algum tempo com a família parecia dominar seus pensamentos.

A ansiedade era tão intensa que ele mal conseguia se concentrar para aguardar os atendimentos, e o processo de falar durante a sessão com a psicóloga se tornava difícil. Com a pedagoga, a situação era semelhante; ele não conseguiria parar para pensar na leitura e interpretação, pois a mente parecia ocupada apenas com a ideia de ir para casa.

Compreendendo o impacto dessa expectativa, Larissa e a equipe optaram por adiar o atendimento pedagógico, priorizando a experiência que seria tão significativa para ele naquele dia.

Por causa disso, o segundo atendimento pedagógico ocorreu apenas quinze dias após o primeiro encontro, e Larissa percebeu que a ansiedade de Gerson estava mais controlada, apesar de ainda estar presente. Ela iniciou a sessão perguntando se ele havia lembrado de

alguma palavra ou frase que tivesse dificuldade em ler. Gerson, com um leve encolher de ombros, respondeu que não. Mas ela havia trazido uma sugestão para o trabalho daquele dia: uma música.

Ao saber disso, ele esboçou um leve sorriso, e Larissa aproveitou o momento para perguntar que estilo de música ele gostava. Gerson respondeu sem hesitar: “Funk”.

Larissa sorriu e mostrou uma folha com a letra da música que ele havia mencionado. Ao ver o texto, Gerson arregalou os olhos — era um trecho longo, e ele parecia surpreso com o tamanho. Notando seu susto, Larissa rapidamente explicou:

— Eu trouxe a letra inteira, caso você queira ver tudo ou comentar uma parte específica, mas vamos focar só no trecho que está grifado.

Gerson perguntou qual música eles trabalhariam. Larissa, em vez de responder diretamente, lembrou-se de um texto que havia lido recentemente, *Estratégias de leitura*, de Isabel Solé, que abordava a importância de elaborar hipóteses durante a interpretação. A ideia era que, ao ler com atenção e observar partes como o título, negritos ou outras indicações, surgissem previsões sobre o texto, que poderiam ser confirmadas ou ajustadas conforme a leitura avançava. Além das hipóteses, certas perguntas poderiam mobilizar os conhecimentos prévios de vida e do texto, auxiliando na interpretação. Pensando nisso, ela respondeu apenas que era uma música dos *Racionais*.

— Não conheço — disse Gerson, com curiosidade.

Larissa, mantendo um tom tranquilo, começou a introduzir o tema do texto musical, fazendo algumas perguntas antes mesmo de ler:

— É um rap, você gosta?

— Já escutei alguns — ele respondeu.

— Escolhi uma música do grupo *Racionais* porque as letras têm reflexões muito interessantes — explicou ela.

— Já ouvi falar deles, mas não sei quem são os cantores, por exemplo.

— Então, os Racionais são formados por quatro cantores, que são negros e produzem música falando sobre como é ser negro na nossa sociedade...

— Ah, já ouvi! — interrompeu Gerson, começando a se lembrar das músicas.

Ao ouvir o título da música, ele logo reconheceu e começou a cantar o início no ritmo:

— Nego drama, entre o sucesso e a lama.

Larissa aproveitou a oportunidade para incentivá-lo a refletir sobre a letra. Ela perguntou, mantendo o tom acolhedor:

— E sobre o que você acha que a música fala, considerando essa parte que você sabe cantar?

Gerson abaixou o olhar por um instante, como se buscasse respostas. A princípio, ele respondeu que não sabia, mas com uma leve insistência da pedagoga, comentou:

— É sobre os negros, mas não sei mais nada, não... Mas ele fala sobre a gente que é negro.

Para instigar ainda mais sua curiosidade, Larissa perguntou:

— Mas por que ele fala de drama?

Ele franziu a testa, claramente lutando para encontrar uma resposta, e respondeu que não sabia, demonstrando dificuldade em expressar hipóteses mais elaboradas. Com isso, decidiram começar a leitura juntos, para tentar entender mais a fundo o significado da letra.

Larissa o observava, atenta aos sinais de nervosismo que ele emitia. Sabendo que recentemente ele havia sofrido agressões policiais dentro do próprio socioeducativo, ela sentiu que essa era uma oportunidade de abordar temas como o racismo e as injustiças enfrentadas pela população negra.

Gerson começou a leitura da música, surpreendendo Larissa com a fluência e a rapidez razoável com que seguia as linhas. À medida que avançavam, ele e a pedagoga faziam pausas para refletir sobre certas partes da letra, discutindo o que estava escrito ali. No entanto, era visível a dificuldade de Gerson em elaborar comentários sobre o texto e compreender a profundidade dos versos. Ele franzia as sobrancelhas e suspirava levemente a cada pausa, como se as palavras carregassem um peso que ele ainda não conseguia expressar. Sentindo sua insegurança, Larissa o tranquilizou, enfatizando que a interpreta-

ção musical é algo muito pessoal.

— A interpretação de uma música é única para cada pessoa, Gerson. Cada um escuta e entende de um jeito, sente de um jeito. Você pode interpretar de uma forma e outras pessoas interpretar de outra, não tem certo ou errado — disse Larissa, tentando aliviar qualquer vergonha que ele pudesse sentir sobre possíveis erros.

Conforme continuavam a leitura, Gerson expressava o que entendia, ainda que de forma hesitante e com poucas palavras. Ele frequentemente começava com um “eu não sei” ou “eu não entendi,” mas, mesmo assim, trazia uma parte de sua visão sobre o que lia. Larissa notava as mãos deles movendo-se discretamente sobre a mesa, passando os dedos sobre as linhas da letra da canção, relendo os trechos como se procurasse ancorar-se a cada pensamento e palavra que emitia. A pedagoga, percebendo suas dificuldades, tentava aprofundar a conversa com ele, abordando temas como o impacto do racismo.

Ela apontava, por meio das letras da música, como a fama para pessoas negras muitas vezes vinha acompanhada de dificuldades e riscos: “Por pouca coisa, são jogados na lama”. Explicava que o texto expressava uma busca pela “cura do racismo”, mencionando características negras e apontando o desejo por uma solução que permitisse que pessoas negras saíssem desse ciclo de menosprezo, julgamento e exclusão.

Gerson escutava em silêncio, absorvendo cada explicação de Larissa, sem questionar ou comentar muito. O olhar dele estava fixo, refletindo uma profundidade. Ele estava presente, atento, e, embora suas respostas fossem limitadas, Larissa podia ver o impacto que as palavras e reflexões causavam nele.

Gerson, a pedido de Larissa, continuou a leitura, pronunciando em voz firme: “Nego drama, eu sei quem trama e quem tá comigo, o trauma que carrego pra não ser mais um preto fodido.”

Após terminar, Larissa perguntou o que ele havia entendido. Ele respondeu, refletindo com um tom assertivo:

— Ele sabe quem está com ele e quem não está, né?! Ele sabe quem está com ele e quem não está, para ele não ser um preto fodido. É igual eu falo: quem fecha, fecha, quem não fecha, vira flecha.

Larissa aproveitou a oportunidade e perguntou:

— E quem fecha com você, Gerson?

Ele pensou por um momento e respondeu com convicção:

— Só minha mãe. Minha mãe está comigo para o que der e vier.

Percebendo o espaço para explorar o tema mais a fundo, Larissa perguntou sobre o “trauma” mencionado na letra.

— Que tipo de trauma ele deve carregar? — questionou.

Inicialmente, Gerson respondeu que não sabia, mas Larissa o instigou:

— Ele está falando de um trauma de uma pessoa preta, né?

Gerson refletiu e completou:

— Ah, então ele está falando do trauma do racismo, né?

Larissa inclinou-se um pouco, observando a expressão de Gerson mudar levemente enquanto absorvia as próprias palavras. Aproveitando a conexão com o tema, Larissa fez uma pergunta pessoal:

— E você, que traumas você carrega?

Por um momento, o olhar de Gerson se desviou para a mesa. Ele respirou fundo antes de responder:

— Ah, dos policiais. Cabuloso. Polícia já fez racismo comigo. Falou que não gostava de preto, esses trem. O policial era branco e tinha um policial preto do lado dele e mesmo assim ele falou isso.

Larissa, com um tom acolhedor, reforçou para ele:

— Isso foi racismo mesmo, Gerson. Muito cruel e pesado.

Ele assentiu silenciosamente, e, por um momento, ambos ficaram em silêncio, compartilhando a seriedade daquele momento. Em seguida, ela retornou a uma parte da letra que ele havia pulado na leitura: “Nego drama, tenta ver e não vê nada, a não ser uma estrela, longe, meio ofuscada.” Antes que Larissa pudesse perguntar, Gerson comentou espontaneamente:

— Essa aí ele está falando de estar preso, não?

Curiosa, Larissa perguntou mais sobre o que ele queria dizer com isso, e ele explicou:

— Você vê uma estrela longe e não vê nada, tipo assim.

Ela o incentivou a continuar:

— E essa estrela, o que você acha que ela representa?

Ele pensou e disse:

— Pode ser o sol.

Larissa sentiu uma leve emoção ao ver Gerson relacionar as metáforas da música com suas próprias experiências. Refletia sobre como ele estava começando a trazer suas próprias interpretações, revelando pouco a pouco uma compreensão mais pessoal da letra e das experiências retratadas.

Gerson continuou a leitura: “Periferias, velas, cortiços / Você deve tá pensando / O que você tem a ver com isso?” Ao terminar, Larissa perguntou:

— Para quem ele está falando isso, Gerson?

Ele ficou em silêncio por um momento, os olhos vagando pela folha à sua frente, como se tentasse encontrar uma resposta escondida entre as palavras. Por fim, respondeu que não sabia. Larissa releu o trecho em voz baixa, enfatizando cada palavra, e chamou a atenção para um detalhe:

— Percebeu que, até aqui, cada estrofe começava com “nego drama”? E essa não começa. Por quê, será?

Gerson inclinou a cabeça, refletindo, e arriscou, ainda um pouco hesitante:

— Então ele está falando isso para as pessoas que estão ouvindo a música. — Ele pensou mais um pouco, com os olhos fixos no papel, e completou: — Deve ser para os policiais, não?

Larissa percebeu a faísca de reflexão em sua resposta e aproveitou a deixa para explorar mais profundamente:

— O que os policiais, por exemplo, têm a ver com a periferia e com a violência da periferia? — questionou, com um tom suave mas instigante.

Ele pareceu lutar para organizar os pensamentos, mas não soube explicar. Larissa viu a confusão no olhar de Gerson e decidiu direcio-

nar a conversa, levando-o a refletir sobre uma realidade que talvez ele não tivesse verbalizado antes. Ela começou a falar sobre a exclusão que muitas vezes as pessoas brancas praticam em relação às pessoas negras e como essa segregação aparece nas estruturas da sociedade.

— Imagine um bairro rico, como a Lagoa da Pampulha, aqui em Belo Horizonte — ela sugeriu, esperando a reação do adolescente.

Gerson olhou de volta, com um lampejo de interesse, e disse que já tinha estado lá. Ela então perguntou se ele havia reparado nas casas da região, e ele assentiu, lembrando-se:

— Só casona, né? — respondeu, quase que automaticamente.

Larissa sorriu de volta, mas seu tom permaneceu sério enquanto explicava:

— A maioria dos moradores desses bairros é branca. E, quando uma pessoa negra chega, muitas vezes é olhada de maneira estranha, como se não pertencesse àquele lugar. Agora, nas periferias, a maioria dos moradores é negra, vivendo em locais onde as casas, muitas vezes, estão em áreas de risco, como encostas que podem desmoronar.

Gerson franziu a testa e murmurou, parecendo concordar, enquanto recordava das recentes enchentes que estavam acontecendo em outras regiões. A imagem da destruição, que ele conhecia bem, pareceu tocá-lo.

— As águas entraram em tudo, em todas as casas e na cidade toda — comentou, com a voz soando sombria.

Larissa assentiu e continuaram conversando por alguns minutos sobre o impacto desse tipo de desastre e como ele afetava de forma desigual as comunidades, aprofundando a reflexão de Gerson sobre as condições de vida nas periferias.

Em seguida, Gerson leu o último trecho destacado: “Recebe o mérito a farda que pratica o mal. Me ver pobre, preso ou morto já é cultural. Histórias, registros, escritos, não é conto nem fábula, lenda ou mito.” E completou, quase sem hesitar, com o tom firme de quem conhece bem o que está dizendo:

— Aqui ele está falando dos policiais.

Larissa incentivou, observando a expressão decidida do adolescente:

— Fale mais sobre isso. O que você entendeu?

Ele abaixou os olhos para o papel, como se as palavras precisassem de um momento para tomar forma em sua mente, e respondeu:

— Não sei direito, mas aqui fala que — ele leu novamente — “recebe o mérito a farda.” A polícia pratica os trens com a gente, né? Eles fazem covardias com a gente.

Larissa sentiu a intensidade de sua resposta e quis aprofundar:

— Que tipo de covardia?

Ele levantou os olhos para ela, a expressão fechada e os ombros levemente tensos, e respondeu sem rodeios:

— Bate, faz racismo.

Eles continuaram refletindo sobre a música, analisando cada linha e se detendo nos temas que emergiam dos versos até que finalizassem a leitura dos trechos selecionados pela professora. Ao final, Larissa parabenizou Gerson pela leitura e interpretação, dizendo que ele havia compreendido bastante da música. Ele, por sua vez, comentou que ainda sentia “preguiça e dificuldade” com a leitura, mas Larissa podia ver que ele estava, pouco a pouco, explorando um novo mundo através dela.

Antes de finalizar, Larissa lembrou Gerson de que ele havia mencionado dificuldades com contas. Ele confirmou:

— Tenho dificuldade com as contas “de mais” e de “menos”.

Curiosa sobre como ele lidava com isso no dia a dia, Larissa perguntou:

— E como você resolve essas contas?

Gerson, com uma pequena e quase imperceptível expressão de desconforto no rosto, respondeu:

— Uso a calculadora.

— E você sabia que, até para usar a calculadora, é preciso conhecer algumas regras de matemática? Vou te mostrar por quê — disse ela.

Gerson a fitou com uma mistura de desconfiança e impaciência, os

olhos desviando para o lado enquanto murmurava:

— Não pode ser na próxima aula, não? Porque hoje eu estou com pressa. Tenho que fazer um negócio.

Ela sorriu e garantiu que seria rápido. Ele, com um suspiro resignado, concordou. A professora pegou um caderno e, deslizando a caneta pelo papel, escreveu a conta para ele fazer em duas calculadoras diferentes — uma no celular dela e outra na calculadora de bolso: $3 + 2 \times 4$.

Gerson, com um leve ar de desafio, digitou os números nas duas calculadoras. Ao ver os resultados diferentes, franziu as sobrancelhas, incrédulo, e repetiu a conta mais três vezes, apertando as teclas com certa impaciência, como se a calculadora fosse responsável pela confusão.

— Ah, mas quando eu faço as contas dá certo! — exclamou, olhando para Larissa em busca de explicação.

Larissa, ainda sorrindo, perguntou:

— E como você sabe que dá certo?

Ele respondeu, num tom que misturava convicção e simplicidade:

— Eu sempre conto o dinheiro e depois somo tudo na calculadora. Dá igual ao que os outros fazem. — Ele deu o exemplo de uma soma rotineira para ele: $1000 + 200 + 300 - 300 - 150$.

Dessa vez, ambos os dispositivos deram o mesmo resultado, e ele assentiu, satisfeito. Larissa então explicou, de forma paciente, que algumas contas, dependendo da ordem das operações, exigiam um pouco mais de atenção, e que essa questão era importante até mesmo ao usar uma calculadora.

— Podemos explorar isso com calma em outro momento — completou ela, percebendo o olhar de Gerson vagar para o relógio na parede.

Ao encerrar o atendimento, Gerson comentou que pediria à psicóloga Stella para não atendê-lo naquele dia, pois estava com pressa “por causa de umas questões”. A inquietação em rosto era visível, e Larissa, intrigada, perguntou:

— Que tipo de questões, Gerson?

Ele respondeu, sem rodeios:

— Depois que eu for embora, eu vou entrar na droga. Está marcado faz tempo. Compromisso é compromisso.

Larissa ressaltou que ele também tinha um compromisso ali, com Stella. Gerson sorriu, mas ao sair para a recepção, se dirigiu a Stella rapidamente para conversar, demonstrando sua ansiedade e o desejo de não ser atendido naquele dia. Apesar dos esforços de Stella para convencê-lo a ficar, ele se manteve firme. Ela então remarcou o atendimento para a semana seguinte.

Na linha do risco

Uma semana depois, Gerson voltou para o atendimento com uma postura mais tranquila. Ele parecia mais aberto, e, pela primeira vez, Stella notou que ele fazia contato visual de forma consistente, um gesto raro para ele. Havia algo diferente em seu semblante, como se, aos poucos, ele estivesse se permitindo baixar a guarda.

O primeiro atendimento desse dia foi com Stella, que o recebeu com um sorriso discreto, percebendo a mudança em sua postura. Durante a conversa, ele começou a compartilhar alguns acontecimentos de sua última semana. Em um tom de desabafo, Gerson comentou:

— Percebi que tenho uma certa preguiça com a leitura — algo que já o incomodava e parecia ser o início para uma mudança de postura. Ele também mencionou que, no final de semana, passou o tempo bebendo em casa — uma atividade que, segundo ele, facilmente fugia do controle, já que sempre acabava bebendo muito. Entretanto, ao contrário da leitura, ele parecia não se incomodar com isso, como se o excesso fosse parte de uma rotina normal e sem grande importância.

Entre uma fala e outra, ele começou a contar sobre um envolvimento amoroso que tivera antes de ser preso, algo que Stella notou ser um ponto delicado para ele. Ele explicou que conheceu a menina, irmã de um chefe do tráfico rival, de uma forma inusitada. Com um sorriso travesso, contou que, certa vez, estava ao volante e, numa brincadeira arriscada, fingiu que ia atropelá-la. Eles trocaram olhares intensos através do vidro do carro e, a partir daí, se encontraram no Instagram. Logo começaram a se falar, marcaram um encontro, e acabaram dormindo juntos.

Com uma expressão calma, mas atenta, Stella acompanhava o relato, seus olhos captando cada nuance na voz e nas expressões de Gerson. Então, ele acrescentou algo que chamou ainda mais sua atenção:

— Ela engravidou — disse ele. Houve um momento de silêncio, e Gerson desviou o olhar, como se a dúvida sobre a paternidade trouxesse uma carga de angústia. — Fui preso sem saber se o filho é meu. Quero pedir um teste de DNA pra ver se sou o pai mesmo. Se for... eu quero assumir.

Stella percebeu a seriedade em seu tom e o peso que aquelas palavras pareciam carregar. Ele queria uma resposta, uma chance de saber a verdade e, talvez, uma possibilidade de se reconectar de alguma forma.

Eles conversaram um pouco mais, até que ele tocou em outro ponto. Gerson confessou que não estava tomando a medicação no final de semana. Havia uma expressão de resistência em seu rosto ao explicar, como se justificasse sua decisão para si mesmo e para Stella ao mesmo tempo.

— Não tomo no fim de semana porque não quero parecer bobo nas ruas, sabe? No social, no rolê. Quero continuar o mesmo... nervoso. — Ele olhou para Stella, como se esperasse que ela entendesse.

Stella assentiu, sem julgar. Gerson continuou, explicando que, durante a semana, mantinha a medicação, já que o ajudava a controlar a angústia e a ansiedade que sentia.

Stella refletiu sobre as saídas que Gerson estava encontrando para equilibrar sua imagem social com a necessidade de lidar com suas emoções. Ele parecia caminhar numa linha tênue entre a liberdade que buscava nas ruas e a estabilidade que tentava alcançar nos atendimentos.

Após essa conversa, Gerson seguiu para o atendimento pedagógico com Larissa.

Larissa iniciou o encontro com um sorriso encorajador e introduziu a proposta dos atendimentos pedagógicos daquele dia.

— Hoje, pensei que poderíamos juntar a questão da leitura com as contas matemáticas — começou ela. — Sei que você mencionou que

tem certa dificuldade com contas também. Mas, pra isso, preciso entender bem onde exatamente você sente dificuldade.

Ele refletiu, coçando levemente a testa, e comentou:

– Ah, eu sempre resolvo na calculadora. Acho que sei as contas de mais e de menos... só não sei aquelas outras duas, a de vezes e... aquela outra que não sei o nome – disse, referindo-se à divisão.

Larissa sorriu, compreendendo, e propôs que resolvessem algumas contas simples no papel, para que ela pudesse avaliar seu nível de entendimento. Ela preparou algumas operações de adição e subtração e entregou a folha a ele. Gerson mostrou destreza nas contas de adição sem reserva e até mesmo na adição com reserva. Na subtração, conseguiu resolver sem dificuldades as contas sem reagrupamento, mas ao se deparar com uma subtração com reagrupamento, ele hesitou.

Na conta 522 - 481, ele encontrou um resultado incorreto, 161, pois, em vez de fazer o reagrupamento, resolveu a operação subtraindo o menor número do maior em cada coluna, ignorando a ordem da operação.

Observando sua confusão, Larissa pegou a calculadora, mostran-

$\begin{array}{r} 1.236 \\ + 2.332 \\ \hline 3568 \end{array}$	$\begin{array}{r} 1 \\ 582 \\ + 321 \\ \hline 903 \end{array}$	$\begin{array}{r} 856 \\ - 723 \\ \hline 133 \end{array}$	$\begin{array}{r} 522 \\ - 481 \\ \hline 161 \end{array}$
----------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------

do a ele o resultado correto para que visse a diferença. Em seguida, escreveu a conta no papel, explicando o processo de reagrupamento na subtração e verificando se ele lembrava de ter aprendido isso na escola.

Gerson acompanhou o exemplo com atenção, observando cada etapa do reagrupamento com interesse, mas ao final balançou a cabeça.

– Não lembro de ter visto isso na escola, não.

Larissa, percebendo sua sinceridade, assentiu calmamente, e eles seguiram explorando os conceitos básicos das operações, construindo um novo entendimento que ele poderia aplicar tanto ali quanto em seu cotidiano.

Larissa olhou para ele com um sorriso leve e perguntou:

— Que tal, então, a partir do próximo encontro, trabalharmos matemática com base nessa dificuldade que você mostrou hoje? Podemos combinar também com o português, usando interpretação de problemas, por exemplo.

Gerson assentiu, aparentemente interessado, e Larissa, brincando, comentou:

— Acho que você está “escondendo o ouro” com essa leitura, viu? Porque ainda não consegui ver toda essa dificuldade que você diz ter.

Ele deu de ombros e admitiu:

— Tenho dificuldade sim... mas também tenho preguiça.

Larissa arqueou as sobrancelhas, inclinando-se levemente para ele.

— Mas é preguiça ou é porque os textos que a escola passa não são interessantes?

Gerson pensou um pouco e respondeu, concordando:

— É, realmente não são. Mas também tenho dificuldade.

No decorrer da conversa, Gerson revelou algo que o animava: ele adorava soltar papagaio e, naquele final de semana, iria participar de um festival. Larissa percebeu o entusiasmo em sua voz e perguntou mais sobre a atividade, ao que ele disse usar linha chilena.

— E dá para soltar com outra linha? — perguntou ela, sem julgamento, mas com a intenção de que talvez ele pudesse refletir sobre essa ação que, mais uma vez, poderia colocá-lo em perigo. — Essa linha chilena é perigosa, sabe?

Ele balançou a cabeça, explicando com naturalidade:

— Lá todo mundo solta com essa. Não dá para ir com outra linha, porque não vou “cortar” ninguém.

Larissa perguntou com curiosidade:

— E o que você mais gosta nesses festivais?

Gerson respondeu sem hesitar, com um olhar que transmitia diversão:

— Cortar as pessoas.

Larissa ergueu as sobrancelhas e questionou:

— Cortar as pessoas ou os papagaios das pessoas?

Ele riu, percebendo a ambiguidade, e corrigiu rapidamente:

— Cortar os papagaios!

Ainda sorrindo, Gerson comentou que, apesar da diversão, ele mesmo acabava cortando as mãos por causa da linha. Larissa o ouviu atentamente e, em seguida, os dois conversaram sobre essa prática e seus riscos.

O encontro desse dia terminou dessa forma. Na medida em que a conversa fluía, Larissa ia percebendo a importância de uma borda que pudesse conter um pouco essa relação do adolescente com o perigo. Ela passou então a ficar atenta às oportunidades para introduzir alguma dúvida, em contraponto às certezas que Gerson trazia em relação às condutas de risco. Assim como pontuava o seu saber, nos momentos em que ele estava certo de que não conseguiria realizar as atividades propostas.

Gerson se despediu e saiu do ambulatório, enquanto Larissa e Stella se reuniram com a equipe para discutir o caso. Durante a conversa, uma das pessoas da equipe comentou algo que havia ouvido do técnico do socioeducativo, notando as mudanças no comportamento de Gerson.

— O técnico comentou que ele está bem mais tranquilo agora — disse um dos colegas. — Falou que é como se estivessem vendo uma pessoa que nunca tinham visto antes. A impressão que ele tem é que nem o próprio Gerson se reconhece nesse novo lugar. Talvez por isso que o Gerson disse que “precisa estar nervoso no final de semana”, para tentar se reconhecer como era até então.

Larissa e Stella refletiram sobre esse comentário, ponderando o quanto essa necessidade de “estar nervoso” poderia ser uma tentativa de Gerson de manter uma identidade que, até agora, o definia.

Nesse momento, Larissa foi informada também sobre a situação da

mãe de Gerson. Ela estava psicologicamente desestruturada, um aspecto que complicava ainda mais a questão familiar.

— Se ela está tão desestruturada, como ela vai dar lugar para ele? — murmurou outra pessoa da equipe, pensativa. — E qual é o lugar que ele tem?

Larissa assentiu e refletiu mentalmente: *A escola, infelizmente, parece não ter se aberto para que fosse um possível lugar pra Gerson. Ele mesmo já confessou que as atividades escolares não conseguiram obter o interesse dele (será que havia uma tentativa ou desistência por parte dos professores?), assim como a mãe já disse que apenas a chamavam para reclamar e suspender o adolescente. Ele parece ter ficado à parte, excluído, segregado dali por não manter o padrão de comportamento e aprendizagem que a escola espera. Infelizmente, o lugar que ele encontrou foi o tráfico.*

— Ele entrou no tráfico, que, de certa forma, lhe deu um lugar. Mas ele precisa construir outro espaço, algo que ele ainda não encontrou — disse a professora.

Stella se lembrou de uma das conversas recentes que tivera com ele, quando Gerson mencionou o desejo de ser barbeiro, um local que ele gostava de frequentar e onde, segundo ele, gostaria de aprender um ofício e poderia ser uma outra opção para ganhar dinheiro, que era o objetivo do tráfico para ele. Esse detalhe trouxe uma nova direção para a discussão.

— E se tentássemos encaminhá-lo para um curso de barbeiro? — sugeriu um dos colegas. — Pode ser uma oportunidade para ele experimentar algo novo, diferente do tráfico.

A ideia foi recebida com aprovação, e a equipe se organizou para explorar essa possibilidade, enxergando nesse curso um ponto de partida que ia ao encontro do desejo do adolescente.

Enquanto refletiam, a conversa se expandiu para as muitas maneiras pelas quais Gerson parecia se colocar em risco, quase como um padrão de vida: o tráfico, que, para ele, era uma questão de sobrevivência financeira; o consumo excessivo de bebida; a direção perigosa; e o uso da linha chilena no festival. Cada uma dessas ações parecia carregar um impulso, uma dificuldade em se apassivar diante dos conflitos internos que possuía.

Stella falou sobre isso com um tom preocupado:

— Ele não consegue se apassivar, se segurar... Parece que onde ele circula, há sempre um risco. A pergunta é: onde ele poderia estar que não fosse tão perigoso?

Victor, outro coordenador do Programa Janela da Escuta, acrescentou:

— Então a nossa intenção é criar uma fissura nesse discurso. Ofertar para ele outros caminhos possíveis, outras saídas como o do saber ou do barbeiro. E, quem sabe, ele pode escolher outro lugar para se firmar.

A equipe se uniu na missão de sustentar essa ideia, de buscar maneiras de oportunizar na vida de Gerson a escolha por outras saídas. O saber pedagógico, com as habilidades e desejos que ele demonstrava, começava a se delinear como uma dessas possibilidades, uma chance de que ele encontrasse alternativas ao que, até então, era uma rota de risco e autodestruição.

Cortar Cabelo, Somar Futuro

Gerson chegou à sala de atendimento com uma postura surpreendentemente diferente das sessões anteriores. Ao entrar, ele mesmo iniciou a conversa:

— E aí, Larissa, você está joia?

Larissa sorriu, levemente surpresa com a espontaneidade dele.

— Estou bem, e você?

— Tô bem também — respondeu, com um toque de leveza que pouco se via em suas palavras.

— Como foi o final de semana? — ela perguntou, incentivando o diálogo.

Ele deu de ombros, um tanto despreocupado.

— Acabei não indo no festival. Fiquei com preguiça. Mas fui para uma resenha, curtir uma piscina... e a bebida, né. A gente começa com uma garrafa, e quando menos espera, já acabou e estamos abrindo outra. Você bebe?

Ela riu suavemente, sem desviar o olhar.

— Acredita que não bebo nada alcoólico?

Gerson piscou, surpreso, como se processasse algo que ele nunca havia considerado. A ideia de alguém aproveitar a vida sem álcool parecia inusitada. Depois de um breve momento, Larissa puxou uma folha de atividade e a colocou sobre a mesa, retomando o trabalho pedagógico.

Ele abaixou os olhos para a folha e, antes que Larissa pudesse guiá-lo, começou a leitura em voz alta. Mas rapidamente, sua expressão mudou para uma de frustração.

— Esse aqui... esse aqui eu não consigo fazer, não. É... é de mais ou de menos? — murmurou, oscilando entre a dúvida e a resignação. — Eu não sei se é de mais ou de menos... — continuou, quase num sussurro.

Larissa, percebendo a inquietação, colocou uma mão calma sobre a mesa, demonstrando paciência.

— Respire fundo. Leia de novo, com calma. Pense um pouquinho. E, olha, fique tranquilo: se precisar, eu estou aqui para te ajudar.

Com um leve suspiro, ele voltou a encarar o papel, determinado a tentar mais uma vez.

A atividade do dia trazia problemas matemáticos ambientados em uma barbearia, algo que captou o interesse de Gerson. Ele começou a leitura da primeira questão:

— “O valor do corte de cabelo era R\$ 43,00. Um cliente entregou três notas de R\$ 20,00.”

Antes que ele continuasse, Larissa o interrompeu.

— Quanto o cliente entregou no total, Gerson?

— Sessenta reais — respondeu, sem hesitar.

Larissa acenou, satisfeita, e Gerson voltou para a questão.

— “Qual o valor que o cliente receberá de troco?” — leu em voz alta, pensativo.

— Bom, quanto o cliente entregou? E quanto foi o corte? — incentivou a pedagoga, fazendo-o repassar as informações.

— Ele deu sessenta. O corte é quarenta e três — respondeu, nova-

mente com segurança, e depois completou, refletindo: — Tenho que fazer a conta para saber. É de menos, né?

Ele anotou na folha: $43 - 60$, mas logo franziu o cenho, percebendo o erro.

— Não... é sessenta menos quarenta e três.

Corrigindo a operação, ele fez a subtração mentalmente, sem precisar de muito tempo para concluir.

— Dezessete reais — afirmou, com um certo orgulho ao notar que havia acertado. Entretanto, ao tentar fazer essa conta na folha, encontrou o resultado de dez reais. Coçou a cabeça e olhou para a professora, como se pedisse auxílio pelo olhar.

Larissa sorriu e primeiro destacou as habilidades do adolescente.

— Você vê, Gerson? Primeiramente, você sabe ler. E, além disso, já entende bem o valor do dinheiro e o raciocínio da conta. Agora vamos aprofundar um pouco esse processo de subtração.

Ela então pegou o material dourado e começou a explicar a ideia do reagrupamento. Mostrou como a unidade contava de um em um e como a dezena representava dez unidades juntas. Gerson observava atentamente, acompanhando com os olhos e absorvendo o conceito. Ele chegou à conclusão de que a dezena seguia uma contagem de dez em dez, enquanto a unidade ia de um em um.

Larissa utilizou o material dourado para ilustrar o reagrupamento daquela conta, representando também os passos na folha. Ela ainda explicou como a subtração era, na verdade, o processo inverso da adição, algo que ele já sabia fazer.

Gerson terminou a primeira questão e, percebendo a concentração dele, Larissa puxou um assunto que imaginava que ele gostaria.

— E na sua barbearia, quanto você pretende cobrar pelo corte?

Ele olhou, como se já tivesse a resposta pronta.

$$\begin{array}{r} 43 \\ - 60 \\ \hline 0 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 5D \quad U \quad (+10) \\ - 60 \\ 43 \\ \hline 17,00 \end{array}$$

— Ah, no começo vai ser vinte reais. Barba e cabelo junto. Depois eu vou aumentando — disse.

Larissa fez uma comparação rápida com o valor do problema.

— E esse valor aqui, quarenta e três reais... o que você acha?

Ele riu, balançando a cabeça.

— Caro demais! Tem que valer muito a pena para cobrar tudo isso.

Gerson voltou a atenção para a folha, motivado para seguir com as próximas questões, enquanto Larissa observava o progresso, satisfeita com o envolvimento dele.

Gerson passou os olhos pela próxima questão e começou a ler em voz alta:

— “Dois irmãos chegaram no mesmo dia e também cortaram o cabelo. O mais velho fez o pagamento dos cortes com notas que somavam R\$ 90,00. Quanto recebeu de troco?”

Ele leu a frase de uma só vez, sem pausas, ignorando a pontuação, o que tornou a compreensão mais difícil. Franziu a testa, visivelmente confuso.

— Não entendi — disse, em busca de orientação.

Ela se aproximou e releu a questão, desta vez pausando em partes estratégicas para ajudar na compreensão.

— Vamos por partes. Eles cortaram o cabelo na barbearia, certo? São quantos irmãos?

— Dois — respondeu Gerson.

— Se os dois cortaram o cabelo, quanto teriam que pagar?

Ele fez o cálculo rapidamente, como se a resposta estivesse logo ali.

— Oitenta e seis reais.

Larissa sorriu, contente com a velocidade e precisão da resposta, e então continuou lendo a questão.

— E o irmão mais velho pagou com notas que somavam noventa reais. Quanto ele recebeu de troco?

— Quatro reais — respondeu sem hesitar, calculando de cabeça.

Sem perder tempo, Gerson passou ao terceiro problema, lendo em

voz alta novamente:

– “Outro cliente chegou para cortar o cabelo e fazer a barba. Esse combo estava na promoção, saindo por R\$ 62,00. Ele pagou com duas notas de R\$ 50,00. Quanto recebeu de troco?”

Ele fez uma pausa, olhando para o enunciado e refletindo.

– Acho que vou ter que fazer a conta – murmurou, e então anotou: 50 - 62.

Larissa, observando o engano, o questionou gentilmente.

– Gerson, lembra que ele pagou com duas notas de cinquenta. Quanto dá isso no total?

Ele ergueu os olhos, pensando por um momento antes de responder:

– Cem reais. Ah... certo.

Ele corrigiu o valor na folha, mas acabou anotando 62 - 100, trocando novamente a ordem. Com a ajuda paciente de Larissa, ele percebeu o erro e finalmente escreveu a operação corretamente.

– Mas agora não tem como fazer aquele negócio, ué – comentou a respeito do reagrupamento, olhando para ela com uma expressão de dúvida sincera.

Larissa então guiou o próximo passo, lembrando-o do reagrupamento na dezena. Gerson seguiu o processo sozinho e corretamente, mas parou novamente, encarando a unidade com uma expressão de dúvida.

– E aqui, como é que eu faço? – perguntou, concentrado.

Com uma breve explicação de Larissa, ele rapidamente compreendeu e completou a conta, consultando-a de vez em quando, apenas para confirmar se estava no caminho certo. Ao final, acertou a operação com precisão e soltou um suspiro, misto de alívio e satisfação.

Larissa, observando o progresso dele, sentiu uma alegria silenciosa ao perceber como cada acerto parecia fortalecer a confiança de Gerson. A prática e o apoio cuidadoso estavam construindo uma base sólida não só para os cálculos, mas também para sua autoestima, especialmente nas questões pedagógicas.

Gerson pegou a folha com a próxima questão e, após lê-la silenciosamente, soltou um comentário espontâneo:

Handwritten calculations showing subtraction of 50 from 62, 100 from 62, and a more complex calculation involving 10, 0, 0, 0, 62, and 38.

— Nu, essa aqui é difícil.

Ele então começou a ler em voz alta, com uma expressão séria:

— “No final do dia o barbeiro teve um lucro de R\$ 1.492,00. Porém, a máquina de corte dele quebrou, e ele precisou comprar outra. Comprou no valor de R\$ 959,00. Considerando esse prejuízo, quanto o barbeiro teve de saldo nesse dia?”

Ao terminar a leitura, ele comentou com um sorriso satisfeito:

— É esse tipo de conta que eu tenho costume de fazer.

Confiando em sua experiência, Gerson montou a operação corretamente no papel, mas logo em seguida perguntou se não seria o 959 o minuendo. Larissa balançou a cabeça, e ele franziu a testa, ainda confuso.

— Mas 2 menos 9 vai ser zero, ué.

Ela o lembrou do reagrupamento, e ele tentou novamente. Em alguns momentos, ele acertava o processo, mas, ao reagrupar, esquecia de somar com o valor que já havia na unidade. Por exemplo, ele reagrupava na centena e esquecia de somar com o 4 que já estava ali. No entanto, com a orientação paciente de Larissa, ele rapidamente corrigiu o raciocínio e, em poucos minutos, completou a operação com tranquilidade.

Larissa observou que, nesse problema, ele não precisou de ajuda para compreender a questão, apenas para a resolução da operação. Ela ficou feliz ao ver que ele estava progredindo.

Handwritten calculation showing the subtraction of 959 from 1492, resulting in 533.

Sem demora e com um brilho nos olhos, Gerson pegou a folha para ler o último problema, mostrando uma empolgação que Larissa não havia visto antes.

– “Em uma semana, essa barbearia teve um lucro de R\$ 4.560,00, mas teve que pagar algumas contas, como água, energia elétrica e materiais diversos, que ficaram no valor de R\$ 1.342,00. Qual o saldo que a barbearia teve nessa semana?”

Ele franziu o cenho.

– Essa conta é difícil também – disse, mas logo iniciou a operação, sem esperar por ajuda. Ele conferia cada passo, só interrompendo para perguntar a Larissa se estava correto. Quando terminou, ela o questionou:

– E como você sabia que a conta era de subtração?

Ele respondeu, apontando para o enunciado:

$$\begin{array}{r} 4.560 \\ - 1.342 \\ \hline 3.218 \end{array}$$

– Ué, se ele pagou as contas, está diminuindo, né?

Larissa aproveitou para elogiar a facilidade com que ele lidou com a questão.

– Está vendo, Gerson? Você conseguiu resolver de forma bem natural.

Gerson olhou para a folha por um instante, com um olhar reflexivo. Depois de alguns segundos em silêncio, concluiu:

– Acho que tenho que estudar mais, né?

Larissa sorriu, percebendo que, mais do que uma simples resposta, havia ali um desejo crescente pela aprendizagem. Gerson começava a entender que o estudo poderia ser a chave para realizar as atividades que antes lhe pareciam distantes. A cada acerto, a cada conquista, seu desejo de aprender ganhava força, alimentado pelo sentimento de que ele era capaz.

Ao final das atividades, Larissa perguntou, interessada:

– E aí, Gerson, gostou dos problemas?

Ele balançou a cabeça, assentindo. Ela então aproveitou a deixa para perguntar sobre o curso de barbearia.

– E o curso? Já começou?

– Ainda não, mas a previsão é de começar no início do mês – respondeu, mas seu tom mostrava uma certa hesitação.

– Está animado?

— Estou bolado! — admitiu, com um suspiro. — Eu queria ser desligado do socioeducativo, mas eles tão colocando curso para eu fazer. Eu posso pagar o curso depois, só quero ser desligado...

Larissa notou a expressão dele, carregada de uma mistura de frustração e ansiedade. Para Gerson o curso soava mais como uma imposição de um local com o qual ele nem mesmo queria contato — o socioeducativo — do que como um passo em direção aos seus objetivos e desejos.

Ao se levantarem para encerrar o encontro, ela observou Gerson mais tranquilo e focado do que o habitual. Com um aceno e um sorriso breve, ele se despediu.

— Até a próxima, Larissa.

— Até, Gerson. E parabéns pelo progresso hoje — respondeu ela, incentivando-o com um sorriso.

Após o atendimento pedagógico, Gerson seguiu para uma sessão com Stella, a psicóloga. Durante a conversa, ele se abriu sobre seu fim de semana, revelando como ainda se mantinha próximo de situações de risco. Contou que havia ido para um “rolê” armado e consumido muita droga, descrevendo esses excessos sem muita crítica do tamanho do risco, o que Stella notou rapidamente.

Stella ouviu atentamente, percebendo o padrão de exagero que se repetia, desde o álcool até o comportamento no grupo social. Embora o adolescente mostrasse que via o uso da droga apenas como uma maneira de “acalmar o corpo”, de aliviar as angústias e sofrimentos internos, Stella percebia um exagero ali também. Após o atendimento, ela e Larissa compartilharam suas impressões e reflexões sobre Gerson. As duas conversaram sobre as dificuldades dele em lidar com limites e chegaram a uma conclusão: precisavam, juntas, continuar tentando criar uma borda nesse excesso, um espaço seguro, mas reconhecendo que limites também fazem parte do processo de crescimento.

Sem Ponto, Sem Pausa, Sem Resposta

Gerson e outro adolescente, Ricardo, que também seria atendido por Larissa, avistaram a pedagoga no corredor do ambulatório. Apro-

ximaram-se apressadamente e fizeram um pedido inusitado.

— Larissa, será que podemos ter um atendimento só hoje? Estamos com pressa — disse Ricardo, lançando um olhar cúmplice para Gerson.

Larissa arqueou uma sobrancelha, surpresa.

— Pressa? O que aconteceu?

Ricardo se adiantou:

— É por causa do curso de barbearia que estamos fazendo. Temos um compromisso lá.

Gerson concordou com um aceno, embora parecesse um pouco hesitante, como se tivesse sido levado pela ideia do colega.

— Entendo. Vamos conversar então — disse Larissa, direcionando Gerson para a sala enquanto Ricardo aguardava do lado de fora, já que seu atendimento estava marcado para mais tarde.

Ao entrar, Larissa percebeu sua inquietação e perguntou:

— Está tudo bem, Gerson?

Ele suspirou, olhando para o chão.

— Estou com pressa para resolver uma situação.

— Quer me contar o que aconteceu?

Ele hesitou por um momento, mas acabou falando:

— A menina com quem eu estava ficando descobriu que eu fui em uma festa e ficou brava. E pior, ouviu dizer que fiquei com outra garota lá.

Larissa o observou com empatia.

— Entendo. E como você está se sentindo em relação a isso?

— Ah, estou meio bolado. — Eu só avisei para ela que ia ficar off, fora do ar, porque ia vender droga. Mas nem tô mais vendendo, não. Na real, era o aniversário de um amigo meu, aí a gente comprou um monte de bebida e chamou várias meninas para fazer uma resenha.

Larissa refletiu por um instante antes de perguntar:

— E o que você pretende fazer agora?

— Quero ir embora para falar com ela. Ela nem está me responden-

do.

Larissa considerou o pedido dele.

— Compreendo que isso seja importante para você. Mas que tal dedicarmos alguns minutos à atividade de hoje antes? Talvez possa te ajudar a organizar os pensamentos.

Ele concordou com um leve aceno.

— Tudo bem.

Larissa então apresentou a atividade do dia: problemas em formato de tirinhas. Juntos, começaram a trabalhar nos exercícios, e Gerson aos poucos foi se concentrando, embora a ansiedade ainda estivesse presente em seu olhar.

Larissa apresentou o primeiro problema em tirinhas, explicando que ele precisaria organizar as frases para que fizessem sentido. Cada tirinha representava uma frase que, quando organizadas corretamente, formariam um problema matemático. Para facilitar, Larissa deu a dica de que o tema ainda era a barbearia.

O problema começava com as frases:

O BARBEIRO TEVE UM LUCRO DE R\$ 1.553,00 / NA PRIMEIRA SEMANA DE JUNHO. / EM CONTRAPARTIDA, / TEVE UM GASTO DE R\$ 1.088,00 / COM UM CURSO PARA APRIMORAR OS CORTES DE CABELO. / QUANTO O BARBEIRO TEVE DE SALDO NESSA SEMANA?

Gerson iniciou a leitura e tentativa de organização, mas Larissa percebeu uma dificuldade significativa com a pontuação. Ele tendia a ignorar os pontos finais e o ponto de interrogação, colocando a pergunta no meio da frase e lendo tudo de forma corrida, como se os sinais não estivessem ali.

Ela pensou: *Bingo! Então o problema que ele tanto dizia ter com a leitura tinha a ver com a pontuação?* Para Larissa, isso representava uma nova oportunidade de trabalho. Talvez fosse esse o ponto crucial que dificultava a leitura de Gerson. Decidida, ela viu nesse desafio um caminho para ajudá-lo a superar essa dificuldade.

Enquanto Gerson organizava as tirinhas, Larissa foi pontuando o que estava certo e o que ainda não fazia sentido, aproveitando para explicar a função de cada sinal de pontuação.

Em um momento, Gerson colocou as tirinhas em uma ordem que dizia: “COM UM CURSO PARA APRIMORAR OS CORTES DE CABELO. O BARBEIRO TEVE UM LUCRO DE R\$ 1.553,00.”

Larissa então o corrigiu, explicando a importância do ponto final.

Ele reclamou, confuso:

– Mas aqui tem o ponto final e tem o ponto de interrogação...

Mais adiante, ele organizou as tirinhas como “QUANTO O BARBEIRO TEVE DE SALDO NESSA SEMANA? NA PRIMEIRA SEMANA DE JUNHO.”, novamente ignorando o ponto de interrogação ao ler. Larissa fez a leitura respeitando a pontuação e explicou o motivo de cada pausa, ajudando-o a compreender como a pontuação dava sentido ao texto.

Com paciência e apoio, ele finalmente conseguiu organizar as tirinhas na ordem correta. Satisfeito com o progresso, Gerson leu o problema inteiro e, ao final, afirmou:

– Essa aqui é de mais, né?

Larissa o incentivou a pensar mais uma vez. Ele releu e logo se corrigiu:

– Ah, é de menos – justificando em seguida: – porque teve um lucro e teve o que ele gastou.

Ele então se preparou para resolver a operação e, com determinação, fez a conta, lembrando-se de fazer o reagrupamento. Na primeira etapa, ele perguntou quanto “receberia” ao fazer o reagrupamento, mas no segundo reagrupamento já conseguiu completar sem precisar de ajuda.

Após algumas tentativas e pequenos ajustes com o apoio da pedagoga, ele resolveu o problema corretamente, usando os dedos para confirmar a subtração. Ao final, suspirou e comentou:

$$\begin{array}{r} 1.553 \\ -1.088 \\ \hline 0.465 \end{array}$$

– Isso aí dói a cabeça.

Larissa sorriu, entendendo a exaustão dele e reconhecendo o esforço dedicado ao processo. Gerson estava lidando com algo desafiador, mas, aos poucos, conquistava cada etapa da atividade.

Gerson ainda organizou outro conjunto de tirinhas, conseguindo resolver o problema com facilidade, mas ainda de-

monstrando dificuldades com a pontuação. Ele lia as frases de forma corrida, sem respeitar os pontos finais e as pausas, o que dificultava a compreensão completa do enunciado e a organização correta das tirinhas. Ao final da atividade, ele soltou um suspiro e comentou:

— Essa atividade bagunçou minha cabeça.

Larissa sorriu, reconhecendo o esforço que ele dedicava, apesar dos desafios. Ela se perguntou se a “bagunça” vinha apenas da atividade ou também da situação pessoal que ele havia compartilhado anteriormente. Sabendo que ele ainda teria a sessão com a psicóloga Stella, pensou em encerrar o atendimento para que ele pudesse se organizar melhor para a próxima conversa. Então, respondeu:

— É uma atividade desafiadora mesmo, Gerson, mas você está indo muito bem. Eu estou aqui para ajudar. Para resolver essas questões, a gente precisa pensar, né?

Ele ergueu os olhos e balançou a cabeça em concordância. Reconhecendo o cansaço dele e o progresso feito, Larissa elogiou o empenho de Gerson e encerrou a atividade.

Enquanto guardavam o material sobre a mesa, os dois retomaram o assunto do início da sessão. Gerson, com uma expressão ansiosa, explicou:

— Vou tentar resolver chamando ela e dizendo que é mentira. Ela não tem prova disso. A amiga dela só viu eu conversando com outra menina, mas conversar todo mundo pode, né?

Após ele confessar que realmente tinha rolado um beijo entre ele e a menina, Larissa perguntou, curiosa:

— E por que você fez isso?

Ele deu de ombros.

— É por causa das amizades.

— As suas amizades... — começou Larissa, mas ele rapidamente completou:

— Estão me levando pro mal caminho... É uma parceria, sabe? Para o cara pegar a menina, eu tive que ir junto... mas aí eu fiquei sem a minha, olha só pra você ver.

Larissa aproveitou a deixa para uma observação:

— Para fazer parcerias, a gente precisa medir os efeitos, tanto os positivos quanto os negativos, não acha?

Ele balançou a cabeça, pensativo.

— Vou tentar ligar para ela. Ela vai ter que me atender — afirmou, tentando se convencer. — Não sei onde ela mora, mas ela sabe onde eu moro. Uma hora a saudade vai bater. Quando a saudade bater, ela volta.

Após um momento de silêncio, ele suspirou, revelando a inquietação crescente.

— Quero ir embora para resolver isso.

Larissa, percebendo a angústia do adolescente, concordou e finalizou a sessão.

Gerson se levantou e, antes de sair, se despediu com um breve aceno. Em seguida, entrou na sala ao lado, onde seria atendido por Stella.

Algum tempo depois, o atendimento com a psicóloga termina, e Gerson se despede. Stella se aproxima de Larissa, lançando um olhar interessado antes de perguntar:

— O Gerson comentou com você sobre a menina?

Larissa assentiu, com uma leve expressão de curiosidade.

— Sim — respondeu, mantendo o olhar atento em Stella. — Ele conversou com você sobre isso também?

Stella suspirou e ajeitou o cabelo para trás, como quem organiza os pensamentos.

— Sim. Disse que fazia muito tempo que tentava ficar com essa menina, um interesse que existia até mesmo antes de sua prisão. Ela era a menina com quem ele “sonhava” — comentou, balançando a cabeça com um leve sorriso. — Porém, no dia em que finalmente conseguiu ficar com ela, enquanto estava indo para casa, foi preso.

Larissa franziu a testa, absorvendo as palavras de Stella, enquanto Stella continuava, agora gesticulando suavemente, como se pesasse as próximas palavras.

— Em outro momento, ele mencionou um desentendimento com a amiga da menina, que o viu com outra garota. Irritado, ele acabou

brigando com a amiga e a mandou embora de um baile onde se encontraram.

Larissa desviou o olhar, refletindo por um instante, e depois comentou:

— A forma dele de criar laços é bastante peculiar.

Stella concordou, inclinando-se um pouco para frente, num gesto de aproximação. Larissa continuou, com um sorriso de compreensão:

— É interessante como ele ama e quer ser amado pela mãe, pelo pai, pela garota, pelos pares... E por querer ser amado, reconhecido e respeitado, às vezes age com pressa e por meio de excessos, tentando existir de alguma maneira.

Stella fez uma pausa, absorvendo as palavras de Larissa, e suspirou.

— Há nele uma fragilidade, uma ausência de reflexão crítica em várias situações, inclusive na maneira de se relacionar com o outro. Falta-lhe recursos simbólicos para lidar com situações complexas e para se expressar. — Seus olhos, pensativos, pareciam ver além, e ela completou: — Mas, como qualquer pessoa, ele não quer ser excluído, segregado.

Stella então continuou, com uma expressão atenta, a compartilhar as reflexões e saídas que Gerson ia encontrando ao longo dos atendimentos:

— Ele disse que chegou no ambulatório pensando em negar tudo o que aconteceu na festa. Depois do atendimento pedagógico, pensou em alegar que não se lembrava. Porém, antes de ir embora, tinha chegado à conclusão de que, se ela o quiser, ele vai sossegar.

Larissa e Stella então refletiram sobre como a escuta de cada sujeito mostra que ele é único, com suas angústias e tristezas, e como, através do que cada um traz, podem tecer um fio condutor — no caso da psicóloga, para reencontrar seus desejos; no caso da pedagoga, para construir uma relação com o saber.

Nomeado Pelo Fracasso, Excluído Pelo Olhar

Naquele dia, Gerson chegou com um olhar fechado e, logo de início, disse que não queria conversar. Estava visivelmente transtornado e,

embora tenha trocado algumas palavras com Stella, limitou-se a dizer que queria ser liberado do socioeducativo e que estava “bolado” com a vida. Terminada a sessão, ele seguiu para a recepção, mas recusou-se a sentar ou a participar das atividades de arte. Com os braços cruzados e expressão dura, aguardava impaciente pela liberação.

Enquanto ele esperava, um dos agentes de outro socioeducativo, que estava no local, começou a observá-lo fixamente. Era um menino negro, com expressão tensa, e o agente o encarava com uma expressão dura, mexendo nas algemas que carregava, quase como se as exibisse. Gerson percebeu o olhar e, ao invés de desviar, manteve a mesma intensidade, encarando o agente de volta.

A tensão no ar aumentava e os olhares duros eram trocados em silêncio. De repente, Gerson explodiu:

— O que você está olhando aqui? — gritou, a voz cheia de raiva contida.

O agente respondeu imediatamente, aproximando-se e elevando a voz.

— Fica quieto aí, moleque! Vou te denunciar pra você ficar preso ainda mais tempo!

— Denunciar o quê? Tá me ameaçando agora? — Gerson respondeu, dando um passo, ainda mais irritado.

A recepção encheu-se dos ecos das vozes deles, ambos se provocando, as palavras cada vez mais fortes. O agente sacou o celular, tentando tirar uma foto de Gerson, que reagiu ainda mais furioso:

— Tira foto minha pra quê? Tá doido? Vai fazer o quê, hein?

O agente avançava e Gerson não recuava, ambos se encarando de perto, prontos para se enfrentarem fisicamente. Os outros presentes na recepção começaram a se preocupar, e logo a equipe do Janela da Escuta interveio, afastando Gerson dali antes que a situação saísse do controle.

Enquanto o levavam para outro espaço, o agente continuava exaltado, despejando palavras de raiva. Ele estava visivelmente alterado, sentindo a pressão de trabalhar em um ambiente onde precisava estar em constante estado de alerta, enfrentando situações desafiado-

ras diariamente. Uma das médicas do ambulatório tentou acalmá-lo, mas o agente respondeu gritando, dizendo que iria chamar a polícia.

A médica manteve a calma, mas respondeu firmemente:

— Pode chamar a polícia, mas aqui estamos falando de uma situação que começou por um olhar. Não houve nada além disso.

Ele se exaltou ainda mais, gritando para que todos ouvissem:

— Você tá defendendo esse criminoso? Ele deveria continuar preso!

Ela, sem se intimidar, retrucou:

— Ele já está cumprindo a pena dele, está pagando pelo que fez. Mas o que isso tem a ver com o que aconteceu aqui hoje? A discussão começou, num ambulatório de saúde, simplesmente porque ele é um menino negro, que foi preso? Ele teve alguma atitude contra você, ou a confusão começou apenas por isso?

O agente ficou em silêncio, furioso, sem responder à questão e saiu do prédio visivelmente perturbado.

Diante da situação, a equipe decidiu liberar Gerson do atendimento pedagógico, para que pudesse se acalmar após o episódio. Mais tarde, Stella, Larissa e o restante da equipe se reuniram para discutir o caso, refletindo sobre a situação.

— Vocês já perceberam a pressão que os agentes enfrentam diariamente? — comentou um dos membros da equipe, com um olhar preocupado. — Eles estão sempre em estado de alerta, temendo fugas, brigas e outras situações de risco com os adolescentes.

— É verdade — acrescentou Stella, acenando com a cabeça. — A tensão lá dentro é constante, e parece que eles nunca conseguem baixar a guarda.

Larissa, pensativa, interveio:

— Mas isso não justifica o que vimos ali. Houve racismo explícito naquele olhar. O jeito como o agente encarou o Gerson... só pelo modo como ele se apresentava. Ele é um adolescente, negro, e que estava visivelmente tenso. E parece que isso já é suficiente para alguns ali o verem como uma ameaça.

— Exatamente — concordou outro membro, franzindo a testa. — É como se qualquer sinal de desconforto ou expressão de Gerson fos-

se interpretado como algo negativo, mesmo que ele não tenha feito nada de errado.

— E alguém precisa intervir em momentos assim — falou Stella, com seriedade. — Afinal, como em tantas outras situações, a corda sempre arrebenta para o lado mais fraco. Se aquele conflito tivesse se agravado, Gerson sairia muito prejudicado.

Cristina, que também estava na discussão, assentiu, refletindo.

— O que me preocupa também é a fragilidade dele. Parece que qualquer palavra que recebe é dura e pesada demais. E um simples olhar invasivo parece penetrar de uma forma que deixa marcas.

Outro membro da equipe acrescentou: — É como se ele não tivesse uma proteção, sabe? Nenhuma borda que impeça esses ataques externos de machucá-lo tão intensamente, e isso o deixa vulnerável.

O grupo ficou em silêncio por um momento, absorvendo a complexidade da situação e a necessidade de apoio para Gerson. Eles compreendiam que o adolescente precisava de um ambiente seguro, um lugar, onde pudesse se expressar sem ser julgado ou ferido pela visão preconceituosa que alguns poderiam ter.

A equipe trocou olhares de concordância, e um deles comentou:

— Precisamos encontrar maneiras de ajudá-lo a desenvolver ferramentas para lidar com situações como essa. Algo que o fortaleça, para que ele consiga enfrentar esses confrontos sem absorver tanto sofrimento.

Stela suspirou, como se pesasse a complexidade do que tinham pela frente.

— Sabemos que será um processo longo e difícil — disse, lançando um olhar ao grupo. — Mas talvez essa seja uma oportunidade de aprendizado, não só para ele, mas para todos nós.

Larissa assentiu lentamente, absorvendo as palavras da colega.

O grupo se dispersou em silêncio, carregando consigo a sensação de que cada pequena intervenção poderia fazer diferença — uma aposta de que o adolescente poderia construir algo significativo e que minimizasse seus sofrimentos.

Na semana seguinte, porém, Gerson não apareceu no Janela e nin-

guém havia informado o motivo. Ao entrarem em contato com o socioeducativo, foram avisados de que ele havia sido liberado. A pedagoga ligou para ele, e ele respondeu de forma distraída:

— Semana que vem vou estar ocupado, mas talvez na outra eu consiga voltar ao Janela.

Enquanto falava, era possível ouvir conversas de outras pessoas ao fundo, e ele parecia desatento, não prestando muita atenção nas palavras da pedagoga.

Mas ele não voltou, e aquele foi o último contato que tiveram com Gerson.

Apesar do encerramento abrupto, Larissa sabia que Gerson havia aprendido muitas coisas referentes à leitura e aos cálculos matemáticos. E ela também havia aprendido muita coisa com ele.

Ela aprendeu que, muitas vezes, os professores, assim como os agentes do socioeducativo, não enxergam o sujeito; enxergam o corpo negro, periférico, pobre, com a família desestruturada e a expressão tensa. Larissa compreendeu que ele, como tantos outros, é alguém que deseja ser amado, visto e considerado, mas que, muitas vezes, a sociedade lhe oferece apenas exclusão. Gerson buscava um lugar no mundo — e esse lugar poderia ter sido a escola, o saber, se não houvesse uma desistência prévia dele como sujeito.

Larissa havia lido um autor, Philippe Lacadée (1989), que descreve, que na adolescência há um vazio inominável, uma angústia intensa, pois o sujeito é exilado de sua língua da infância, de seu corpo, crenças e fantasias infantis. Ele já não consegue nomear ou responder às suas perguntas mais íntimas; tem dificuldades com a sexualidade e com o encontro com o outro. Gerson, da mesma forma que Lacadée descreve, tentava encontrar formas de se relacionar e de lidar com esse vazio, mas suas escolhas muitas vezes o colocavam em risco.

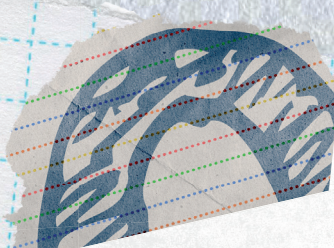
Larissa observou ainda, através dos escritos desse autor, que, na adolescência, há uma pressa em conhecer e experimentar o próprio ser, em descobrir a verdade sobre si mesmo e preencher o vazio que o assombra. Busca-se um sentido para a existência, um lugar no mundo, algo que valide a vida, ainda que seja pelo perigo e pela transgressão. Ela percebeu o quanto Gerson tentava estabilizar sua existência diante desse vazio que o rondava.

Além disso, Lacadée sugere que, quando os adolescentes não conseguem se nomear, eles podem ficar aprisionados nas nomeações impostas por outros, criando uma identidade avassaladora e destrutiva. Larissa percebeu que Gerson estava sendo nomeado pelo fracasso, pelas várias instâncias e pessoas que o cercavam: a escola, a mãe, o pai que o abandona, os agentes do socioeducativo, e a sociedade, que frequentemente exclui corpos negros e pobres.

Assim, Larissa chegou à conclusão, de que ouvir e considerar o sujeito é dar-lhe a chance de traduzir sua angústia, de colocar em palavras algo de seu ser. Escutar oportuniza que o exílio da infância e do corpo infantil não seja um exílio total da existência. Em alguns lugares, como nesse programa, há uma borda sendo oferecida através dessa janela, que é a escuta: ouvindo o que ele sabe, suas angústias, dificuldades, potencialidades e silêncios. Acolher esse sujeito, que muitas vezes está despedaçado, é construir uma relação com o saber — um fio que costura seu desejo pelos conhecimentos escolares: pela leitura, pelas contas, pela pontuação, pela música. Assim como tantos outros marcados pelo fracasso, inclusive o escolar, Gerson precisava, antes de tudo, ser visto e ouvido como sujeito.

Com essas lições em mente, Larissa seguiu em frente, levando consigo o aprendizado profundo que Gerson lhe proporcionara.

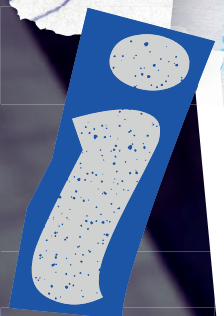
"Só o ódio":
o que resta quando
a palavra falha



RIO
RICO

E I A L O
VENTILADOR
*v**v*

$x = 0$
 $v = 5$
(5)



“SÓ O ÓDIO”:

O QUE RESTA QUANDO A PALAVRA FALHA

Um e-mail chegou ao Programa Janela da Escuta com a urgência de quem busca respostas e auxílio. Era do técnico de um centro socioeducativo em Belo Horizonte. Ele falava de Ricardo, 17 anos, um adolescente em cumprimento de medida socioeducativa. O pedido era claro: marcar um acolhimento no Programa.

Para justificar a solicitação, o técnico compartilhou um pouco do histórico do jovem:

“Ricardo foi apreendido após um ato infracional grave. Ele estava presente e participou de tudo que aconteceu, mas foi o único que não conseguiu fugir. Acabou ‘sobrando para ele’. Esta é a segunda vez que está na unidade, e percebemos nele uma grande precariedade simbólica e cognitiva. É um menino bacana, mas parece não compreender as coisas à sua volta. Ele segue o grupo, age com impulsividade, sem medir as consequências, e acaba se envolvendo nessas situações.”

O tom do e-mail deixava evidente que Ricardo precisava de mais do que disciplina: ele precisava de uma escuta capaz de alcançar o que as grades não tocavam.

Uma semana depois, Ricardo cruzava as portas do Ambulatório São Vicente, onde acontece o Programa Janela da Escuta — *O Adolescente Especialista de Si e a Tessitura de uma Rede Sob Medida*, um espaço de acolhimento e atendimento interdisciplinar voltado para adolescentes.

Diferente de outros jovens vindos do socioeducativo, Ricardo estava acompanhado apenas por Maurício, pedagogo da unidade. Com uma postura desleixada — deitado na cadeira, o olhar desconfiado —, ele parecia carregar um misto de inquietação e resistência. Maurício, atento ao desempenho escolar do jovem, solicitava que Ricardo fosse encaminhado ao Projeto Adolescente e Saber, para que fossem feitas intervenções pedagógicas.

Enquanto Ricardo era acolhido por Isadora, da equipe do Programa, Larissa, a professora que atuava no espaço, encontrou Maurício e se apresentou com um sorriso:

— Oi, Maurício! Sou Larissa, professora do Programa — disse, indo ao encontro dele para cumprimentá-lo.

— Oi, Larissa! Que bom te encontrar aqui! — respondeu Maurício, apertando sua mão rapidamente. O rosto dele revelava uma mistura de preocupação e cansaço. — Vim para pedir o atendimento pedagógico para Ricardo.

Larissa, percebendo a seriedade no tom de Maurício, gesticulou para que ele entrasse na sala. Ela puxou uma cadeira e indicou para que ele se sentasse. Sua expressão suavizou, mas o olhar demonstrava atenção e empatia.

— Me conta mais sobre ele — disse, inclinando-se levemente para frente, interessada.

Maurício suspirou antes de começar.

— Ricardo está "semialfabetizado".

Larissa inclinou ligeiramente a cabeça, os olhos arregalados com curiosidade.

— Como assim?

— Quando ele chegou ao socioeducativo, voltou para a escola. Ele tinha abandonado antes. No início, ninguém percebeu as dificuldades dele, porque Ricardo é um excelente copista — Maurício fez um gesto com as mãos, como se estivesse imitando alguém escrevendo. — Ele copia de tudo, dá a impressão de que está acompanhando as atividades.

Larissa franziu a testa, apoiando o queixo na mão, absorvendo cada palavra.

— Mas, com o tempo, percebemos que ele não sabia nem escrever o próprio nome. Quando pedíamos para ele assinar algo, ele... desenhava — concluiu Maurício, com um tom grave e olhar baixo.

— E agora? — Larissa perguntou, em um tom interessado.

— Agora ele consegue escrever o próprio nome, porque isso foi trabalhado com ele. Mas a alfabetização, de modo geral, não avançou muito além disso. Eu atendo o Ricardo às vezes. Ele sempre pede para conversar em vez de fazer as atividades. Às vezes eu cedo, às vezes não.

Ele fez uma pausa breve, os olhos fixos na mesa à sua frente.

— O atendimento de Ricardo é bem diferente dos outros atendimentos que faço com os outros meninos. O pensamento deles, às vezes, é mais infantilizado; o dele não. Ele tem um raciocínio rápido, é muito inteligente. Apesar disso, ele não está conseguindo se desenvolver na leitura e na escrita. Estou vendo um limite no meu trabalho quanto a isso, e eu o trouxe aqui para que tivesse um atendimento diferenciado, um novo olhar sobre esse caso, sabe?

— A impressão que eu tenho — continuou Maurício — é que o adolescente ficou travado na alfabetização em torno dos 6 anos de idade, pelo nível de escrita que apresenta agora. Essa foi a mesma época em que seus pais se separaram. Não sei se uma coisa tem a ver com a outra, mas sinto que precisamos de um novo olhar para entender o porquê de ele não estar avançando na alfabetização.

— Entendi, Maurício. Vamos fazer o que pudermos por ele — respondeu Larissa, com um tom firme e acolhedor. — Vamos trabalhar juntos para entender e auxiliar Ricardo no que for possível.

Maurício agradeceu com um sorriso discreto, e os dois se despediram. Enquanto ele saía da sala, Larissa pegou seu caderno e seguiu em direção ao último andar, onde a equipe do Programa se reunia para discutir os casos.

Chegando ao local, Isadora já aguardava Larissa.

— Atendi o Ricardo. Ele fala bastante, mas a fala é rápida e embolada. Apesar disso, trouxe pouco conteúdo — começou Isadora.

— Sobre o que ele falou? — perguntou um dos membros da equipe.

— Ele contou que, antes de entrar para o socioeducativo, estava no 7º ano. Disse que alguém — ele não soube explicar quem era — falou que tinha que fazer uma prova. Ele e os colegas acharam que tinham que passar, senão “ia dar ruim pra todo mundo”. Então, se organizaram para colar na prova, e todo mundo conseguiu passar. Segundo ele: *“E de repente, eu estava no 1º ano.”*

Houve uma pausa breve na sala, enquanto os membros da equipe processavam a informação.

— Provavelmente essa prova era para regular a idade-série — comentou um dos integrantes. — Mas ele fez a prova sem nem saber

para que servia.

Isadora continuou:

— Ele também contou que pretende sair do tráfico. Disse que já viu colegas morrerem e que não quer que isso aconteça com ele. Ele foi bem firme ao se posicionar sobre isso.

— Interessante! — comentou Larissa.

— No mais, ele falou coisas mais rotineiras do socioeducativo — acrescentou Isadora, antes de olhar para Larissa. — E como foi sua conversa com o Maurício?

Larissa compartilhou os detalhes da conversa, incluindo as observações de Maurício sobre as dificuldades de Ricardo na alfabetização e o contexto que poderia estar travando o processo.

A equipe, em seguida, discutiu como poderiam prosseguir com os atendimentos para auxiliar Ricardo. Ficou decidido que o acolhimento poderia ser um espaço de escuta psicanalítica, voltado para as questões e demandas que Ricardo trouxesse. Além disso, fariam o convite para que ele participasse das intervenções pedagógicas.

A revolta que não permite escrever

Na semana seguinte, Larissa se encontrou com Ricardo e o convidou para participar das intervenções pedagógicas, convite que ele aceitou prontamente. Os dois, então, entraram para a sala destinada aos encontros. O espaço era simples, mas acolhedor, com uma mesa pequena e cadeiras que sugeriam proximidade. O ambiente era iluminado por uma janela ampla, de onde se podia ouvir o movimento leve do lado de fora, quase como um contraste ao peso que Ricardo carregava consigo.

Sentados frente a frente, Larissa iniciou com um tom sereno e convidativo:

— Me conte um pouco sobre você, Ricardo.

Ele se mexeu na cadeira, com uma expressão que misturava revolta e cansaço. Sua voz saiu firme, mas carregada de emoção:

— Ah, eu estou cheio de ódio! Estou revoltado com a vida, com o sistema. Tem cinco meses que estou na cadeia e até hoje não fui para

casa.

Larissa manteve a calma e o olhar atento, buscando criar um espaço seguro para ele se expressar.

— Você falou sobre isso com a Isadora? — perguntou. A intenção era que Ricardo entendesse que também podia levar essas questões para o espaço psicanalítico.

Ele respirou fundo antes de responder:

— Falei sim. O que mais me angustia é não ter uma previsão de saída. Disseram que eu ia receber a resposta em quinze dias. Já se passaram quatro, falta onze para saber se vou voltar para casa ou não. Falaram isso comigo na segunda-feira, sabe?

Larissa assentiu com a cabeça, mostrando que acompanhava o raciocínio dele. Enquanto isso, fazia as contas mentalmente. As palavras de Ricardo estavam corretas, revelando que, apesar da situação tensa, ele tinha uma noção apurada de calendário e temporalidade. Era algo que ela consideraria ao planejar as intervenções futuras.

À medida que Ricardo falava, Larissa percebia a profundidade da angústia que ele sentia. Sua postura tensa, jogado na cadeira quase que deitado, com os punhos cerrados sobre os joelhos e o olhar fixo em algum ponto do chão, denunciavam a mistura de esperança e desespero que carregava. Ela fez uma nota mental de observar essas emoções e, ao mesmo tempo, encontrar formas de trabalhar com ele a questão do tempo e da espera, sem deixar que a incerteza o corroesse ainda mais. Ele continuou:

— Eu fico revoltado porque algumas pessoas chegaram depois de mim, ficaram lá apenas dois meses e já conseguem ir pra casa nos finais de semana. Enquanto eu, estou há seis meses sem poder sair. Dá vontade de fugir. Queria ir para casa, ficar com minha família. Não aguento mais ver as mesmas pessoas, ter a mesma rotina. A cada dia que passa eu fico mais revoltado.

Larissa percebeu que ele não fazia uma relação entre o ato e o tempo em que está lá. Para ele, parecia insuportável outras pessoas conseguirem ir para a casa antes dele.

— Hoje eu estou de cabeça quente para falar, a gente conversa outro dia — diz Ricardo, enquanto continuava sentado, na mesma posi-

ção, agora tamborilando os dedos no joelho, com um olhar de revolta que se desviou para a janela como se buscasse uma saída.

Larissa permaneceu em silêncio, mas atenta. Então, Ricardo, apesar de dizer que nesse dia não teria como conversar, continuou falando:

— A cada dia que passa eu estou mais revoltado. Semana passada dez fugiram e eu queria ter ido junto. Eles me chamaram, não fui porque estou esperando essa resposta de poder ou não ir para a casa nos fins de semana. Os agentes gritam palavrões com a gente, não tratam a gente bem não, sabe? E eu fico me segurando o tempo todo porque estou esperando essa resposta.

Ricardo começou a contar sobre a rotina no socioeducativo:

— Eu fico lá, tenho que ir para a escola, fazer as atividades...

Larissa interrompeu, aproveitando a oportunidade para trazer o assunto para o pedagógico:

— Em que ano você está estudando?

— Estou no primeiro ano.

— E você tem vontade de aprender?

— Demais! Antes eu não fazia as coisas, matava aula, ia na escola só para arrumar confusão, mas agora me arrependo porque não consegui aprender.

Larissa começou a compreender como Ricardo lidava com a vida escolar. Ela observa que ele alternava o olhar entre o chão e a janela, como se procurasse fugir da conversa, mas ainda assim continuava contando:

— Quando eu tinha 11 anos, matava muita aula. Acompanhava meus primos, que só ficavam enrolando. Eu desisti da vida e desisti da escola. Agora preciso estudar para aprender as coisas. Mas não consigo, eu quero apenas ir para casa... — disse, enquanto seus olhos perdiam o foco, fixando-se no vazio, com um olhar meio desolado.

— E como era antes de você ter 11 anos?

— Eu nunca gostei de escola, de ficar dentro da sala. Eu ficava só andando no corredor, conversando com o pessoal da cantina, ia para a quadra e dava uns tapas nos outros. — Ele gesticula com as mãos, como se tentasse ilustrar suas lembranças, antes de abaixar a cabe-

ça e suspirar. — Mas eu me arrependo porque fui crescendo, crescendo e agora fico no desespero.

Larissa perguntou mais sobre isso, porém Ricardo se desviava do assunto.

Voltou a falar da revolta em ficar preso e do quanto está insuportável para ele. Enquanto falava, passava a mão pelos cabelos com força, mostrando o quanto a situação o aflige.

— Ontem eu chorei de raiva por isso. Se passar a festa junina, eu não sei o que vou fazer da vida, porque não quero ficar preso.

— Ricardo, tenta se acalmar. Eu sei que é difícil esperar, mas talvez isso te ajude a lidar melhor com a situação. Você já parou para pensar, Ricardo, nas consequências que uma decisão por impulso pode trazer? Fugir, por exemplo, pode parecer a saída, mas pode te colocar em situações ainda piores. Podemos continuar conversando para tentar encontrar saídas melhores. Que tal?

Ele cruza os braços, soltando um suspiro pesado e concorda.

— Mas, professora, hoje não quero escrever nada não. Na próxima eu escrevo, mesmo se estiver revoltado.

— Tudo bem, Ricardo. Na próxima trabalhamos juntos nisso.

Encerrado o encontro, ele encarou a janela por um instante antes de se levantar devagar, ainda carregando a tensão no corpo. Eles se despediram, e Larissa combinou com Ricardo que o próximo atendimento seria na próxima semana.

“Em busca do que falta” OU “EIALO: o que falta aprender?”

No dia do segundo encontro, Ricardo chegou dizendo que queria apenas um atendimento: ou o pedagógico, ou o psicanalítico. Optamos pelo atendimento psicanalítico, mas assim que Ricardo saiu da sala, Larissa começou a conversar com ele no ambiente de espera, e ele aceitou um atendimento pedagógico, desde que fosse rápido. Mesmo após entrar na sala com a professora, Ricardo disse:

— Eu queria o atendimento só na próxima semana. Um só está bom por hoje — disse, enquanto cruzava os braços e apoiava as costas na cadeira com um olhar que misturava cansaço e resistência. Ele des-

viava o olhar para o lado, como se quisesse evitar encarar a situação diretamente, enquanto suas mãos seguravam os braços da cadeira com certa firmeza.

Apesar disso, ele concordou em continuar com o atendimento, mesmo que brevemente.

— Fiquei sabendo que você começou a fazer o curso de barbearia. Você está gostando? — perguntou Larissa.

— Estou sim, mas comecei a fazer tem pouco tempo — respondeu Ricardo, com uma expressão neutra.

— Que bom! Tomara que continue gostando. Vamos escrever algumas palavras hoje, para que eu consiga observar o que você já sabe e o que precisa ser trabalhado na escrita?

— Ah, não. Melhor na próxima semana — respondeu ele, desviando o olhar novamente e balançando a cabeça de leve.

— Vamos fazer o seguinte: escreva hoje apenas duas palavras, sendo uma delas o seu nome. Que tal?

— Ah, o meu nome é fácil porque eu sempre preciso assinar algumas coisas lá no socioeducativo.

— Então pode ser seu nome e mais uma palavra, uma coisa que você goste.

— Ah, não gosto de nada. Queria apenas ir para minha casa — disse Ricardo, com um tom desanimado, desviando o olhar para o ventilador no teto.

Larissa brincou:

— Então você pode escrever: "quero ir embora para casa".

Ricardo deu uma risada leve, inclinando a cabeça para trás, antes de olhar novamente para o ventilador.

— Já sei! Escreva o nome disso que você está olhando: ventilador.

— Mas... eu não sei as letras... — disse, esfregando as mãos nas coxas. — Parece que as drogas comeram meus neurônios, não lembro de mais nada.

— Aposto que você está me escondendo o que sabe. Quero te provar que algo sobre a escrita você sabe. Mas para isso, você precisa

escrever.

— Mas nem meu nome eu sei escrever direito. Só sei o primeiro nome, olha só... — disse Ricardo, abaixando os olhos enquanto pegava o lápis e papel com certa hesitação. Ele escreveu "Ricardo Júlio" em letra cursiva, posicionando o texto no final da folha, como se quisesse ocupar o menor espaço possível, deixando o restante da folha em branco.

— Olha aí, só sei escrever isso — disse, levantando o papel levemente na direção de Larissa.

— Então já consigo te provar que algo você sabe: você sabe escrever seu primeiro e segundo nome. Agora falta aprender o restante. Posso te ajudar com isso, se você quiser.

Ricardo olhou para Larissa, hesitou por um instante, mas então acenou, aceitando a proposta.

— Vamos escrever outra palavra então? Para que eu te mostre o que você já sabe sobre a escrita?

— Mas eu não sei escrever nada... — respondeu ele, com a voz baixa.

— Eu te ajudo, que tal?

Ricardo rapidamente aceitou, após saber que teria ajuda para escrever. Ele ajeitou a cadeira, aproximou o papel novamente de si próprio e segurou a caneta com firmeza.

Para auxiliá-lo na escrita, Larissa pediu que ele falasse devagar a palavra "ventilador", como forma de ajudá-lo a perceber as sílabas. Após falar uma primeira vez, ela sugeriu que contassem com os dedos, juntos, cada sílaba:

— VEN-TI-LA-DOR — disse Ricardo, levantando um dedo para cada sílaba dita, com um olhar concentrado.

— Agora pense em cada um desses pedaços para escrever. Qual é o primeiro?

— Ven — respondeu Ricardo, ainda inseguro, enquanto olhava para o papel e depois para Larissa, buscando aprovação.

— Quais letras usamos para escrever essa parte?

— Ven... Ven... — disse, franzindo a testa como se tentasse lembrar.
— É o E. Não, não, tá errado... — completou, desviando o olhar para o

chão.

— Fique tranquilo, Ricardo. Não precisa ter medo de errar. Pode escrever o que você achar que precisa para formar essa palavra. Depois trabalhamos juntos para verificar os acertos e erros. Errar é normal no processo de aprendizagem.

Ele olhou para ela, hesitou por um momento, mas então voltou ao papel. Escreveu devagar, mordendo o lábio inferior enquanto registrava a letra E.

— Pronto — disse, colocando a caneta sobre a mesa e olhando para Larissa.

Antes de pensar na próxima sílaba, Larissa perguntou:

— Tem mais alguma letra nessa parte?

— Não! — respondeu Ricardo, com um tom firme, sem hesitar.

Com a ajuda de Larissa, ele pensou sílaba por sílaba e escreveu "EIALO". Enquanto escrevia, perguntou repetidamente: "Será que vai dar certo?" Mas, apesar da insegurança, não demonstrava mais resistência.

Larissa pensou: *"Parece que ele se encontra no nível de escrita silábico com valor sonoro. Escreveu apenas uma letra para cada sílaba, mas escolheu uma letra que fazia sentido com relação ao som. Porém, escreveu apenas uma palavra, então os recursos escritos ainda são poucos para afirmar o nível de escrita."*

— Posso escrever a palavra embaixo para você ver? — perguntou Larissa.

— Pode sim — respondeu Ricardo, com curiosidade, inclinando-se para frente.

Enquanto Larissa escrevia a palavra correta, Ricardo comentou:

— Ah, tá errado — disse, com um tom de decepção, olhando fixamente para o papel.

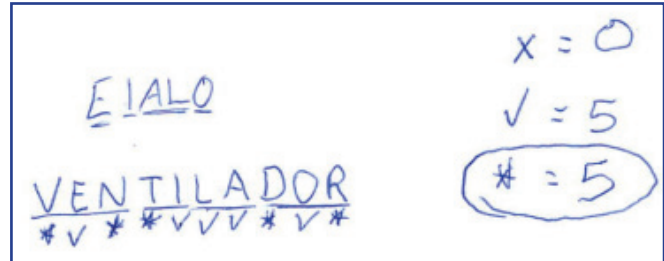
— Ricardo, eu consegui descobrir várias coisas que você já sabe, em apenas uma palavra que você escreveu. Posso te mostrar?

Ele acenou com a cabeça, com um olhar curioso, mas ao mesmo tempo desesperançoso.

Larissa olhou para ele e disse:

— Vamos dar uma olhada juntos no que está aqui? Vamos marcar os acertos, erros e as letras faltosas.

Com calma, Larissa, lembrando do que aprendeu com Marlene Machado, começou a analisar a palavra com ele. Ela analisou junto com ele, colocando um "✓" nas letras corretas, um "X" onde havia erros, e um "*" nas letras que ainda estavam faltando. Depois de completar a análise, olhou para Ricardo com um sorriso.



— Olha só, Ricardo. Você não errou nenhuma letra! Acertou cinco. E, sim, faltaram cinco, mas sabe o que isso significa? Não que você errou, mas que ainda tem algumas coisas para aprender. E isso é bom, porque aprender faz parte do processo. Você já está no caminho certo.

Ricardo arregalou os olhos, alternando o olhar entre Larissa e o papel, como se tivesse dificuldade em acreditar.

— Eu... não errei nenhuma? — perguntou ele, quase em um sussurro. Larissa assentiu, com entusiasmo.

— Isso mesmo! Você acertou cinco letras da palavra. Metade dela, Ricardo! E sabe por que isso é importante? Porque mostra que você já sabe muitas coisas sobre a escrita. Ainda temos algumas peças para encaixar nesse quebra-cabeça, mas já temos várias no lugar certo.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos, pensativo, até que comentou, meio sério:

— Pra aprender tem que ter boa vontade, né?

Larissa sorriu e respondeu, com firmeza:

— Com certeza, boa vontade é importante. Mas, além disso, é preciso alguém para ajudar. E eu estou aqui para isso. Vamos aprender juntos, no seu ritmo.

Ricardo levantou os olhos para Larissa e, com uma expressão de

determinação, disse:

— Eu quero.

— Que bom, Ricardo.! Vamos fazer isso juntos. — Após uma breve pausa, ela perguntou: — Você sabia que sabia tanta coisa assim na escrita?

Ricardo balançou a cabeça, ainda com uma expressão surpresa.

— Não sabia, não...

Larissa sorriu novamente, sentindo que aquele momento era uma vitória significativa para ambos.

Ricardo olhou para Larissa, ainda com o papel à sua frente, e perguntou:

— Vocês aqui conseguem descobrir o que falta na mente da gente ou algo assim?

Larissa inclinou a cabeça, surpresa e atenta à pergunta inesperada. Ele continuou, pensativo:

— Eu ia fazer um exame de cabeça pra ver isso.

Ela olhou para ele, percebendo a seriedade no tom e o peso que aquela ideia carregava.

— Você acha que tem algo?

Ricardo balançou os ombros, parecendo hesitar.

— Não sei... porque eu não sei de nada. Só sei que tenho dificuldade de saber.

Enquanto ele falava, Larissa refletia silenciosamente: *"Ah, então Ricardo começa a apostar que eu tenho algum saber que ele ainda não saiba, de algo que 'falta'."*

Decidindo explorar um pouco mais, ela perguntou:

— E essa dificuldade é só com a leitura e a escrita, ou tem alguma outra disciplina também?

Ricardo ficou em silêncio por alguns segundos, antes de responder:

— Todo dia a gente faz conta na escola. Eu faço... mais ou menos. Mas o meu negócio mesmo é ler e escrever.

Larissa assentiu, demonstrando compreensão. Antes que ela pu-

desse comentar, ele completou, de forma inesperada:

- Sexta-feira eu vou fazer mais atividades com você.
- Que bom, Ricardo! Vamos continuar trabalhando juntos, então.

Ricardo estava começando a ver a possibilidade de uma parceria no aprendizado e, mais do que isso, estava se permitindo pensar sobre suas dificuldades de forma mais aberta. Enquanto conversavam, perguntou, de repente, com um tom sério:

- Quantos dias faltam pro dia 18?

Larissa estranhou a pergunta repentina, mas logo pegou o calendário que estava ao lado.

— Vamos descobrir juntos? — sugeriu, abrindo o calendário e apontando para o dia atual. — Hoje é dia 7. Agora vamos contar até o dia 18.

Ricardo começou a contar, mas de uma forma peculiar:

- Oito, nove, dez, onze...

Larissa percebeu que ele não iniciou pelo número 1, mas sim pelo próximo dia, o 8.

— Espera, Ricardo. Vamos tentar de novo, mas dessa vez eu vou te ajudar, tá bom? Vamos começar contando como se hoje fosse o número 1.

Ela apontou para o dia 8 no calendário.

- Um, — disse Larissa, clicando com o dedo no dia.

Ricardo a seguiu, apontando para o próximo:

- Dois...

Eles continuaram juntos até chegarem ao dia 18.

— Dez! — concluiu Ricardo. Depois de um momento de silêncio, ele olhou para Larissa e comentou: — É a minha audiência nesse dia.

Ricardo olhou para o calendário novamente e disse, com um ar de impaciência:

— Quero descer pra casa logo. Quando eu for liberado, vou fazer umas loucuras.

- Que tipo de loucuras, Ricardo?
- Brasar e beber muito.

— Brasar? O que é isso?

— Ah, é chapar, ir pro baile, dar uns rolês de carro, de moto, essas coisas. — explicou ele.

Larissa fez uma pausa, ponderando, e perguntou:

— E essa coisa de beber muito, o que você acha disso?

Ele respondeu sem hesitar:

— Faz bem pra mim.

— Faz bem? — Larissa continuou, querendo entender melhor.

Ricardo ajeitou-se na cadeira, procurando as palavras.

— Fico em outro patamar. Minha cabeça gira e vai pra um outro norte. Me desanda.

Depois de um momento de silêncio, Ricardo comentou:

— Mas vou arrumar um serviço também. Meu pai tá arrumando um trampo pra mim como gari.

— Ah, é? Isso é ótimo, Ricardo! E o que você acha disso?

Ele coçou a cabeça, pensativo.

— Sei lá... nem lembro tanto disso. Tem muita coisa na minha mente.

Larissa, percebendo algo mais profundo ali, perguntou com cuidado:

— Que tipo de coisa, Ricardo?

Ele suspirou.

— Brasar, né... Mas eu esqueço porque é muito tempo sem falar a mesma coisa. Na cadeia você esquece de tudo lá fora. Nem sei o que eu fiz mais não, esqueci de tudo lá. Esqueci até o que eu fiz ontem. — Ricardo fez uma pausa e continuou: — Ô, professora, na próxima semana, será que dá pra eu ser atendido mais cedo? Fico muito ansioso esperando.

— Claro, Ricardo. Vamos ver o melhor horário para você, tá bom?

Ele assentiu, visivelmente aliviado.

Ao final do encontro, Ricardo se levantou e ajeitou a cadeira. Olhou para Larissa com um pequeno sorriso e disse:

- Sexta-feira então, tá?
- Combinado, Ricardo. Te espero na sexta!

Ele deu um breve aceno e saiu, deixando Larissa com a sensação de que, apesar dos desafios, havia algo forte se construindo ali: um vínculo de confiança e a possibilidade do avanço nos encontros.

Um nome e uma história

No ambiente de espera, Ricardo estava sentado ao lado de Gerson, outro adolescente atendido pela professora. Ambos estavam visivelmente agitados. Ricardo tamborilava os dedos na perna, enquanto Gerson permanecia com os braços cruzados e uma expressão car-rancuda. Assim que Larissa entrou no ambiente, Gerson foi direto:

- Tô bolado hoje, não quero conversa.

Ricardo imediatamente concordou, sem hesitar:

- Nem eu. Tô cheio de ódio.

Larissa percebeu o clima pesado e a tensão entre os dois. Parou, respirou fundo e falou com calma:

— Cheio de ódio? Vamos falar sobre isso. O que aconteceu para vo-cês estarem se sentindo assim?

Gerson permaneceu em silêncio, enquanto Ricardo desabafou:

- Tá tudo errado aqui. Tô de saco cheio dessa merda.

Ele olhou para a porta da sala de atendimentos, hesitou por um ins-tante e depois olhou novamente para Larissa. Ela percebeu que aque-le momento de hesitação poderia ser uma oportunidade para convi-dá-lo a um espaço mais reservado.

— Ricardo, por que você não vem comigo até a sala? Lá a gente pode conversar melhor.

Ele levantou-se devagar, ainda com o rosto fechado, e seguiu em direção à sala de atendimentos. Assim que entraram, Larissa fechou a porta suavemente e indicou uma cadeira para ele.

- Me conta, Ricardo. O que está errado?

Ricardo olhou para o chão, respirou fundo e, após alguns segundos de silêncio, começou a falar:

— É essa medida aí... tô esperando mudar pra semiliberdade e nunca muda. Só quero ir pra casa.

Antes que Larissa pudesse responder, Ricardo continuou:

— Se continuar assim, vou fugir. Não aguento mais.

Ricardo continuou, com o olhar ainda fixo no chão:

— Eu tô preso aqui, e nada disso é bom. Não quero nem mais visitas.

Ele fez uma pausa, respirando fundo, antes de acrescentar:

— Meu pai disse que vinha me ver, mas minha mãe não. Tenho mais contato com meu pai. Com ela, até converso, mas é com ele que falo mais.

Larissa ouviu atentamente, percebendo que Ricardo começava a revelar mais sobre sua dinâmica familiar.

— Meu pai mora em outra cidade. Se eu fosse liberado, sairia sexta à noite, pegava o ônibus e voltava pro socioeducativo no domingo à noite.

Ele olhou rapidamente para Larissa antes de continuar:

— Cresci na casa dele. Sempre estive mais com ele.

Larissa assentiu novamente, aproveitando o momento para apresentar a atividade que havia trazido para aquele dia, mesmo sabendo da resistência inicial de Ricardo.

— Eu trouxe sua certidão de nascimento para a gente trabalhar hoje.

Ricardo arregalou os olhos, surpreso, descruzando os braços quase automaticamente. Ele se inclinou para frente, examinando o documento com atenção.

— Como você conseguiu isso? — perguntou ele, intrigado.

— Consegui uma cópia, com autorização. Achei que seria interessante pra gente trabalhar juntos.

Ricardo observou o papel por alguns segundos e comentou:

— É velhona, né? Parece antiga.

Larissa sorriu diante da observação e perguntou:

— Alguém já leu sua certidão pra você?

Ele deu de ombros.

— Já, mas eu era mais novo. Nem lembro direito.

Larissa aproveitou para engajar Ricardo ainda mais na atividade.

— E pra que serve a certidão de nascimento?

Ele pensou por um instante antes de responder:

— É um documento meu, né?

— Sim, é um documento seu. Mas, mais do que isso, é um registro de nascimento. Ele serve pra mostrar que você está no mundo, que nasceu para a sociedade.

Ricardo permaneceu atento, com os olhos fixos no papel enquanto Larissa continuava:

— Sabe como funciona? Um responsável pela criança vai até o cartório para fazer o registro. Lá, ele conta sobre a criança: o nome, os pais, os avós... Esse documento é como uma história da sua origem.

Ricardo parecia absorver cada palavra, interessado, enquanto observava o documento com mais cuidado, agora com um olhar diferente.

Larissa olhou para Ricardo com curiosidade e perguntou:

— E quem escolheu o seu nome, você sabe?

Ele respondeu prontamente:

— Meu pai.

Mas, logo depois, hesitou.

— Acho que foi o meu pai...

Larissa sorriu e decidiu continuar a leitura da certidão.

— Vamos ver o que mais a gente descobre aqui. Vou ler pra você.

Enquanto Larissa lia, Ricardo a interrompeu, mostrando um interesse inesperado.

— Ainda existe esse livro? — perguntou ele, apontando para o trecho inicial que mencionava o número do livro onde o registro havia sido feito.

Larissa parou por um momento, surpresa com a pergunta, e explicou:

— Sim, ainda existe. Esse livro é guardado no cartório, porque é onde

estão registrados todos os nascimentos feitos naquela época. É como um arquivo que guarda a história de muitas pessoas.

Ricardo assentiu, parecendo refletir sobre aquilo, e deixou Larissa continuar a leitura. Quando ela chegou ao nome do pai, Ricardo falou junto com ela. Quando leu o nome da mãe, no entanto, Ricardo permaneceu em silêncio.

— E aqui estão os avós. Você conhece todos?

— Sei quem são os avós do lado do meu pai. Até o que já faleceu. Mas os da minha mãe, não conheço, não.

— Agora olha só que interessante, Ricardo. O seu nome, Ricardo Júlio, tem uma parte só sua, e também partes que vêm dos seus pais, o sobrenome.

Ela apontou para o "Silva" no nome dele.

— Esse Silva aqui é igual ao da sua mãe.

Depois, apontou para o "Souza."

— E esse Souza é igual ao do seu pai.

Ricardo arregalou os olhos, como se tivesse acabado de perceber aquilo pela primeira vez.

— É mesmo... nunca tinha reparado.

— Então, o seu nome é como uma história. Tem uma parte que é só sua, e tem outras partes que mostram de onde você vem: uma da sua mãe e outra do seu pai. E aqui estão os nomes dos seus avós, que também fazem parte dessa história.

Enquanto observava a certidão, Ricardo comentou:

— Eu não sabia escrever meu nome.

— Lá dentro do socioeducativo, alguém me entregou uma ficha com o meu nome escrito e disse que eu tinha que aprender. Mas todo mundo ficava falando que minha assinatura tava errada. Eu ficava bem perdido com isso.

— Errada? Por quê? — perguntou Larissa, curiosa.

— Porque eu assinava tudo em caixa alta. Mas diziam que não tava certo. Agora eu já sei fazer em letra cursiva. — disse Ricardo, com uma ponta de orgulho.

— Que bom que você conseguiu aprender. E você lembra como foi esse processo?

— Mesmo em caixa alta, eu escrevia errado. Trocava a ordem das letras. Mas aí eu aprendi porque no meu caderno tinha meu nome escrito. Eu ficava escrevendo em cima do nome várias vezes, até aprender sozinho.

— Isso mostra que você tem muita persistência, Ricardo. Aprender sozinho assim, com base na repetição, não é fácil. Mas você conseguiu.

Ele deu um leve sorriso, parecendo satisfeito com o reconhecimento, e voltou a olhar para a certidão, como se estivesse vendo o próprio nome com novos olhos.

Enquanto observava a certidão, Ricardo levantou o olhar e perguntou:

— E essas letras aqui, na forma cursiva? É assim mesmo que escreve?

Ele pegou um papel e lápis, escreveu o próprio nome e mostrou para Larissa, com uma expressão de dúvida.

— Tá certo assim? Porque eu sempre pensei que escrevia errado.

Larissa analisou com atenção e, com um sorriso encorajador, apontou algumas diferenças.

— Tá quase certo, Ricardo. Aqui, por exemplo, a letra cursiva tem uma voltinha diferente. Vou te mostrar.

Ela escreveu o nome dele novamente, destacando as diferenças e explicando calmamente cada detalhe.

— Tá vendo? A cursiva junta tudo, o que pode ser mais complicado no início. Mas que tal começarmos pela caixa alta? É mais fácil porque escreve separadamente.

Ricardo pensou por um momento e depois assentiu.

— Pode ser.

Larissa então começou a trabalhar com ele o reconhecimento das letras do nome.

— Agora olha só, Ricardo. O "RI" de Ricardo também pode parecer

em outras palavras. Vamos brincar um pouco com isso? Consegue pensar em outra palavra que comece com "RI"?

Ricardo ficou em silêncio por alguns segundos, pensando, até que perguntou, meio na dúvida:

- Rio não é não, é?
- Isso mesmo, Rio! Vou escrever pra você.
- E aqui temos "RICO". Olha só como o "RI" aparece igual também.



Ricardo observou atentamente, começando a entender as conexões.

- Ricardo, você conhece todas as letras do alfabeto?

Ele deu de ombros, mas respondeu:

- Acho que sim.

Ela pegou uma folha com todas as letras e a colocou sobre a mesa.

- Vamos dar uma olhada juntos? Me diz se você conhece essas aqui.

A	B	C	D	E	F	G
H	I	J	K	L	M	N
O	P	Q	R	S	T	U
V	W	X	Y	Z		

Ricardo inclinou-se sobre a folha, observando atentamente, e começou a identificar as letras uma a uma. Quando terminou, levantou o olhar com um leve sorriso:

- Já tá fazendo a aula então, né?
- E você tá indo muito bem. Conhece quase todas. Só vi que você confundiu um pouco o W, o Y e o Z.

Ricardo assentiu, mas antes que Larissa pudesse continuar, ele perguntou:

- Que horas são?

Ela respondeu e viu que ele lamentou com um suspiro.

- Já tá na hora de voltar... Depois tem a escola.
- E o que você faz na escola, Ricardo?

Ele abaixou o olhar, um pouco desconfortável, mas respondeu com honestidade:

- Nada. Fico com a cabeça baixa quase o tempo todo.

— Nada mesmo? Nem as atividades?

— Não. É tudo de escrever. Agora tá na época de prova, mas eu não faço. Só abaixo a cabeça.

Ele fez uma pausa antes de continuar:

— Eu não escrevo nada não. Parei. Meu caderno tá novinho lá.

Larissa ouviu com atenção, percebendo o desânimo em suas palavras.

— E os professores, Ricardo? Eles explicam?

— Explicam, mas eu não quero saber de nada de lá. É só falação.

Ele cruzou os braços e acrescentou:

— Fico pedindo pra ir no banheiro, beber água.

— Mas você quer aprender a ler e escrever, certo?

— Quero. Mas não lá dentro.

— Entendi, Ricardo. A gente pode trabalhar nisso juntos, aqui. O importante é você estar disposto.

Ricardo olhou para ela por alguns segundos, como se considerasse a proposta, antes de dar um leve aceno com a cabeça.

— E da sua cidade, Ricardo? Tem coisas que você gosta de lá?

Ela tinha em mente explorar a relação dele com a escola de sua cidade, para saber se era diferente da experiência no socioeducativo. Mas Ricardo respondeu de forma inesperada, desviando o rumo da conversa:

— Não gosto de futebol, mas gosto de andar de moto.

Larissa percebeu a mudança de direção, mas decidiu seguir o fluxo do diálogo.

— Você podia me ensinar sobre moto, as marcas, motor, essas coisas. O que acha?

Ricardo riu, com um ar de descrença.

— Mulher não quer saber de nada disso, não.

— Eu quero, sim!

Ele olhou para ela, avaliando, antes de dizer com um sorriso de lado:

- Você tem cara de quem fica só escrevendo e lendo.
- Gosto de escrever e ler, mas também gosto de aprender coisas novas. E acho que você pode me ensinar muito sobre motos.
- Eu não gosto de nada porque tô preso. E, pra falar a verdade, já desisti da vida.

Larissa sentiu o impacto dessas palavras como um soco. *'Quantos jovens como Ricardo internalizam essa desistência antes mesmo de terem chances reais?'*, ela pensou. Mas, ao mesmo tempo, percebeu que ele ainda estava ali, falando, compartilhando, construindo. *'Será que ele desistiu mesmo, ou isso é um pedido de ajuda?'*, ela ponderou, enquanto procurava uma maneira de mostrar que havia algo pelo que lutar.

Observando o tom melancólico, Larissa decidiu manter a conversa acolhedora.

- E quando sair, Ricardo? O que você gostaria de fazer?
 - Arrumar um trabalho.
 - E o que mais? Tem outras coisas que você gosta?
- Ele deu de ombros, mas respondeu depois de uma pausa:
- Gosto de ouvir música e de ficar deitado, pensando na vida.
 - Que tipo de música você gosta?
 - Funk consciente. Gosto dessas músicas que falam sobre estar preso. Também gosto de Racionais.

Enquanto Larissa retomava e anotava as coisas que Ricardo havia mencionado gostar, ele soltou:

- Traficar e matar.

Larissa ergueu as sobrancelhas, mas manteve-se tranquila, esperando que ele continuasse.

Ricardo riu, parecendo se divertir com a própria provocação.

- Escreve aí, professora.

Larissa o observou por um momento, percebendo o tom irônico, mas começou a anotar. Ricardo balançou a cabeça e completou:

- Não precisa, não. Tô só brincando. Tirar a vida do outro é foda.

Larissa aproveitou a abertura para aprofundar o assunto.

— E sobre o tráfico, Ricardo? O que você fazia?

Ele deu de ombros, mas explicou:

— Eu separava a droga, embalava, e dava pros caras vender.

Larissa percebeu que ele não contava isso com orgulho, mas como alguém que enxergava o tráfico como parte de uma realidade em que foi envolvido.

Ricardo continuou:

— Mas na droga tem muita "gente derrame".

— Derrame? Como assim?

— Pega a droga e some com o dinheiro. Aí tem que dar paulada, tiro na mão, no pé, pra pagar.

Ele fez uma pausa antes de acrescentar:

— Mas eu não faço isso, não. Não sei o dia de amanhã.

Depois de alguns segundos de silêncio, Ricardo continuou:

— Eu sempre falo com meu primo sobre isso. No tráfico tem muita covardia. Falo pra ele não entrar, cuidar da vida dele.

Ele a olhou por um instante, como se estivesse refletindo, mas logo desviou o olhar. Larissa decidiu voltar ao comentário que ele havia feito antes.

— E sobre "matar" que você falou aquela hora, Ricardo? Me explica isso.

Ricardo levantou os olhos novamente, com uma expressão que misturava seriedade e desconforto.

— Você prefere morrer ou matar? — perguntou ele, direto, sem rodeios. — Se o cara quiser matar você, você prefere morrer ou matar? Você precisa tirar a vida dele primeiro.

Larissa manteve a calma diante da pergunta desafiadora e, com um tom tranquilo, respondeu:

— Mas isso é gostar de matar?

Ricardo hesitou, pensativo, sem responder diretamente à pergunta de Larissa. Ele se inclinou para frente, aproximando a folha da certidão

de nascimento e a observando em silêncio, como se buscasse algo ali.

Aproveitando o momento, Larissa perguntou suavemente:

- E a sua mãe, Ricardo? Como é a relação de vocês?
- Não tem muita relação, não.

Após uma pausa, continuou:

– Os povos dela são chatos. Não gosto da família dela, são muito falsos.

– Mas você vai na casa dela?

– Vou, às vezes. Mas converso mais com uma prima. Ela é legal.

– Entendi sobre a família da sua mãe, Ricardo. Mas e com ela? Como é sua relação com a sua mãe?

– Ah, é tudo a mesma coisa. Nunca recebi visita dela, e nem quero.

Ele fez uma pausa antes de completar:

– Meu pai também não quero que venha me ver. Agora sou eu que quero ir visitar ele.

Larissa percebeu a intensidade do afastamento e decidiu explorar mais.

– E por que você quer esse afastamento da sua mãe?

Ricardo suspirou, olhando para o chão, antes de responder:

– Por causa da família dela. São falsos. Dizem muita coisa pelas costas, tipo que eu ia morrer muito cedo. Aí eu tomei trauma disso.

Larissa escutava atentamente enquanto ele continuava:

– Não deixavam eu sair pra rua. Tomava ódio disso.

– Isso parece ter te marcado muito, Ricardo.

Ricardo permaneceu olhando para a folha da certidão por mais alguns segundos, em silêncio. Então, levantou o olhar para Larissa e disse:

– Acho que podemos encerrar por hoje, né?

– Claro, Ricardo. Você compartilhou muito hoje.

Ricardo levantou-se e olhou para Larissa antes de sair:

- Sexta-feira de novo, né?
- Combinado, Ricardo. Até sexta.

Larissa saiu da sala e desceu até o último andar, onde ficava a sala destinada às discussões de caso. Assim que entrou, encontrou a equipe reunida, e a Isadora, que estava acompanhando Ricardo através do atendimento de escuta psicanalítica, iniciou o relato sobre Ricardo.

— Ele ficou meio assustado de perder amigos no tráfico. Isso parece mexer muito com ele. — Afirmou Isadora. — Ele contou como entrou para o tráfico. No início, ele só fumava maconha com os primos, mas um dia a galera chamou ele pra vender, e ele foi.

Outro integrante da equipe acrescentou:

— A barbearia foi a mesma coisa. Ele começou a frequentar, mas não está exercendo uma função lá, só está indo.

Houve um breve silêncio antes de alguém comentar:

— Engraçado como ele está indo, apenas "seguindo o fluxo", sem muita crítica de querer ou não ou das consequências disso.

Outro integrante da equipe refletiu em voz alta:

— É interessante também a questão do medo de morrer. Ele traz a questão de morrer ou matar de uma forma peculiar. Podemos observar mais o que ele trará sobre isso nos próximos atendimentos. Que tal?

Todos concordaram, e Larissa fez uma breve anotação mental sobre os pontos levantados.

Com isso, a reunião foi encerrada, deixando cada um com novas reflexões sobre como apoiar Ricardo em suas escolhas e desafios.

Da recusa à janela

Ricardo chegou agitado, com o mesmo ar de desinteresse que marcava suas chegadas anteriores. Sem rodeios, disse:

— Não quero atendimento. Esse negócio de Janela só me atrasa, eu quero ir embora pra casa, ficar lá de manhã.

Havia algo de ensaiado em suas palavras, como se essa fosse uma reclamação já repetida, mas ainda carregada de irritação genuína.

Antes que Larissa pudesse responder, ele continuou:

— E aquele outro atendimento lá, com a Isadora, que fica “falando demais” na minha cabeça? Eu não quero mais atendimento nenhum!

— Por que você está com tanta pressa para ir embora?

— Se eu não estivesse aqui, já podia estar em casa! — respondeu ele rapidamente, em tom defensivo.

Larissa, então, voltou-se para o técnico que o acompanhava e perguntou:

— Ele poderia ir embora mais cedo caso não estivesse aqui?

O técnico respondeu prontamente:

— Não. Depois daqui, ele teria que ir para a escola.

Ricardo revirou os olhos e retrucou:

— Esse aí não sabe de nada.

Apesar do embate inicial, Ricardo se permitiu uma conversa com Larissa no local de espera. Ele começou a falar sobre o socioeducativo onde estava cumprindo sua medida.

— Esse lugar é pior que o outro onde eu estava — comentou. — Lá tem uma espécie de “raio X” que vê dentro do corpo.

Entre risos, ele desviou o assunto para o uso de maconha:

— Voltei a fumar, porque voltei pro mundão — disse, enquanto conversava tanto com Larissa quanto com o colega ao lado.

Larissa percebeu uma mistura de sentimentos nas palavras de Ricardo: revolta e angústia. Ele parecia resistente aos atendimentos, mas também parecia carregar algo que ainda não conseguia expressar plenamente. Era como se suas ações, muitas vezes autodestrutivas, fossem reflexos de emoções e sentimentos não ditos.

Ela sabia que Ricardo havia tido uma mudança recente em sua medida, passando para o regime de semi-internação, o que permitia que ele fosse para casa periodicamente. Na semana anterior, ele não havia sido atendido por ela porque tinha ido para casa pela primeira vez em muito tempo. Procurando captar algo além da revolta e angústia, Larissa decidiu trazer a conversa para outro caminho:

— E como foi sua ida para casa? — perguntou, tentando mudar o

foco.

- Foi muito bom. Fiquei lá fazendo comida.
- Você cozinha? — perguntou, interessada.
- Não, foi a madrastra — respondeu ele, sem entrar em detalhes.

Enquanto falava, sua atenção oscilava constantemente entre Larissa e o ambiente ao redor. Ricardo se levantou, cumprimentou outras pessoas que estavam chegando, pegou um pedaço de bolo que estava sobre a mesa e, em seguida, voltou para sentar-se ao lado dela.

Logo depois, Ricardo comentou:

- Vi outras pessoas beberem lá, mas eu não bebo.

Entretanto, minutos antes, ele havia confidenciado ao colega ao lado que tinha marcado com um amigo para tomar whisky. Larissa mencionou essa conversa, e Ricardo deu de ombros, respondendo com naturalidade:

— Não bebo cerveja, que é de pobre. Mas whisky ou Heineken eu bebo.

A conversa fluiu para outros assuntos. Ele também comentou sobre seu aniversário no sábado e compartilhou seus planos:

— Estou pensando em ir e não voltar. Queria voltar só na segunda, mas ninguém liberou.

Seus olhos vagavam pelo ambiente, atentos a outras conversas entre os colegas do programa que também estavam ali.

Larissa, tentando trazer a atenção de Ricardo de volta, perguntou:

- Você ainda quer aprender a ler e escrever?
- Já desisti da vida — respondeu ele, num tom resignado.
- E o que você pretende para esse momento de liberdade?
- Pretendo trabalhar. Mas aprender as outras coisas? Já desisti.

Ricardo levantou-se novamente, caminhou pelo ambiente, falou com outras pessoas e voltou a sentar-se ao lado de Larissa. Ele parecia ansioso, incapaz de permanecer parado.

De repente, Ricardo virou-se para Larissa e perguntou:

- O nosso atendimento está sendo aqui, né? Vamos fazer o atendi-

mento lá na sala?

A mudança repentina pegou Larissa de surpresa. Ele havia começado o dia dizendo que não queria atendimento, mas ali estava ele, propondo continuar a conversa em outro espaço. Surpresa, mas disposta a aproveitar o momento, Larissa concordou.

Os dois se dirigiram à sala. Uma vez lá, Ricardo deixou claro que não queria fazer o atendimento pedagógico, mas continuaram a conversa iniciada no local de espera.

Dentro da sala, Ricardo aprofundou-se nas circunstâncias que o levaram à prisão.

De repente, sua expressão endureceu, e ele continuou:

— Eu fico “só o ódio”.

— E por que você acha que sente tanto ódio?

Ricardo hesitou, como se procurasse palavras, mas acabou respondendo de forma automática:

— Se alguém falar que vai me matar, lógico que eu vou matar primeiro.

Ele parecia preso em um ciclo de defesa, onde o medo e a raiva tomavam conta. Larissa o escutou atentamente, escolhendo o momento certo para intervir novamente:

— E em outra situação?

— Se alguém mandar eu tomar no cu, eu vou “meter o pau” na pessoa.

O tom era firme, mas por trás disso havia algo que Larissa começava a perceber: não era maldade, mas uma reação automática, quase desesperada, de alguém que não sabia lidar com o que sentia. Era como se o ódio fosse a única “linguagem” que ele conhecia para enfrentar o que o confrontava.

— Você quer voltar para o sócio? — perguntou Larissa, com um tom que equilibrava firmeza e compreensão.

— Não! — respondeu prontamente, quase indignado com a ideia.

— E o que faz uma pessoa ir para o sócio?

— Tentativa de homicídio e homicídio.

— E nas duas situações que você trouxe, não seria isso?

Ricardo ficou em silêncio, como se finalmente confrontasse algo que não queria admitir. Após alguns segundos, respondeu:

— Seria, mas eu não deixo essas coisas acontecerem comigo. Não vou deixar ninguém mandar eu tomar no cu.

Ricardo repetiu:

— Eu fico "só o ódio".

— Você estava "só o ódio" porque não estava descendo pra casa, agora está "só o ódio" porque quer ficar apenas em casa. Você sempre está "só o ódio". De onde vem esse ódio todo? E desde quando?

Ricardo respondeu quase automaticamente:

— Desde o sócio.

— E antes do sócio? Você lembra de ter sentido esse ódio, por exemplo, na escola?

Ricardo pensou por um momento e então lembrou:

— Tinha sim. Uma vez, eu "meti a cadeira" num menino que fazia bullying comigo. Ele ficava me zoando muito. Mas quando eu cresci, com 10 anos, peguei a cadeira e bati nele.

Ele contou o episódio com uma mistura de orgulho e defesa.

— Fui expulso da escola por isso.

Enquanto ele falava, Larissa refletia em silêncio:

"Dez anos... Ele já havia trazido anteriormente, no nosso primeiro encontro, que com 11 anos parou de estudar para fazer outras coisas. Foi nessa idade que ele disse que 'desistiu da vida'. O que será que marcou isso? Hoje, ele trouxe que nessa idade 'cresceu'."

Quando Ricardo terminou sua fala, Larissa voltou à reflexão com ele:

— E nesses momentos que você citou na escola, você também não estava "só ódio"? Será que isso não é algo que se repete até hoje?

Ricardo permaneceu em silêncio por um instante, como se absorvesse a pergunta. Então, com um olhar sério, pediu:

— Vamos encerrar por hoje.

Larissa respeitou sua decisão, entendendo que esse momento de

pausa também era uma forma de processar as questões levantadas.

Na recepção, enquanto marcavam o próximo atendimento, Ricardo parecia mais tranquilo do que quando chegou. A mudança em seu semblante era evidente, como se a conversa, mesmo intensa, tivesse aliviado parte da carga emocional que ele carregava.

Larissa teve uma ideia. Observando o momento de abertura de Ricardo, decidiu convidá-lo para conhecer o Instituto *Undió*, um outro espaço que fazia parte do Programa Janela da Escuta.

— Ricardo, você já ouviu falar do Undió?

Ele franziu o cenho por um instante, pensativo.

— Já. É aquele lugar lá com a casa, né?

— Isso mesmo. O Undió é uma casa diferente. Lá você pode participar de atividades com arte, culinária ou simplesmente aproveitar o ambiente livre. Tem uma varanda, uma sala, cozinha, natureza... É um lugar bem tranquilo — explicou Larissa.

Ricardo abriu um sorriso raro e genuíno.

— Poxa, parece da hora. Quero ir sim! Já ouvi falarem bem de lá.

Larissa sentiu que ele estava realmente animado, mas logo ele acrescentou:

— Só espero que a Isadora não vá. Não quero nada com ela.

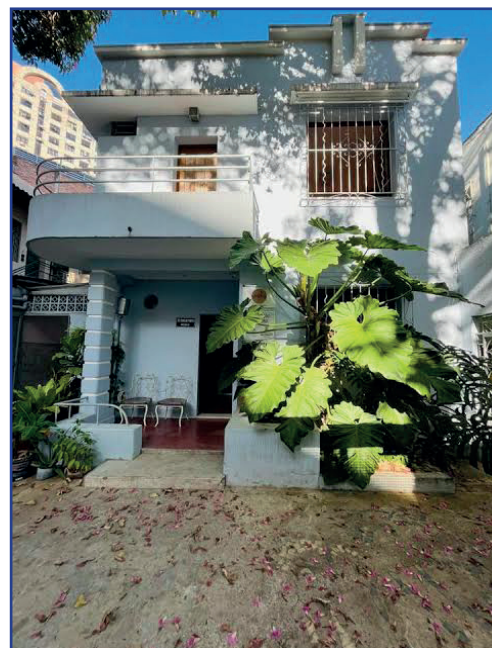
— Por que isso, Ricardo? — Larissa perguntou, tentando compreender sua resistência.

— No último atendimento com a Isadora, eu nem falei nada. Fiquei de cabeça baixa o tempo todo até ela encerrar. Não quero mais conversar com ela.

Larissa, tentando encontrar uma solução, perguntou:

— Quer que eu veja com ela se ela pode não ir?

Ricardo balançou a cabeça e respondeu rapidamente:



— Tá bom, professora. Dá pra você falar com ela? Não quero que ela vá. Também não quero mais o atendimento com ela — disse, encerrando, por um tempo, o atendimento psicanalítico.

Larissa concordou, respeitando seus limites e mostrando que ele tinha espaço para se expressar. Era mais um sinal de que, apesar das resistências, Ricardo confiava nela para mediar suas inseguranças. Embora, nesse último encontro, não tenha aceitado os atendimentos pedagógicos com Larissa, ele 'apenas conversou', uma dinâmica que, apesar da resistência inicial, parecia lhe agradar mais. Ela deixou que ele guiasse os encontros, respeitando o tempo e o espaço que Ricardo precisava.

Enquanto conversavam, os colegas de Ricardo, que estavam na recepção, começaram a interagir. Um deles perguntou para Larissa, rindo:

— Professora, você tem Instagram?

Ricardo rapidamente entrou na conversa, tratando Larissa de forma mais descontraída, puxando assunto e demonstrando um comportamento mais sociável, principalmente na frente dos colegas.

Larissa observou a ação, mas também refletiu sobre o quanto essa interação mostrava uma característica social típica da adolescência: a busca por conexão e reconhecimento no grupo.

Após o momento de interação, despediram-se e marcaram o próximo encontro para a semana seguinte. Ricardo saiu mais tranquilo do que chegou, carregando consigo uma nova possibilidade com o Undió e, talvez, a abertura para novas reflexões.

O coração partido à espera da palavra

Larissa chegou ao Undió meia hora antes do horário marcado para o atendimento com Ricardo. Assim que entrou no espaço, percebeu que ele já estava lá, sentado ao lado de uma moça que fazia crochê com tranquilidade. Assim que a viu, falou sem hesitar:

— Ah, não, eu tô só o ódio.

A moça ao seu lado, ainda concentrada no crochê, comentou com um leve sorriso:

— Ele me ajudou a passar a linha no crochê.

Ricardo, no entanto, continuava repetindo:

— Eu tô só o ódio hoje. Eu tô só o ódio.

Intrigada, Larissa perguntou:

— Aconteceu alguma coisa?

Ele apenas repetiu a frase, como se as palavras fossem uma barreira que o protegia de falar mais. Nesse momento, um casal de colegas da equipe entrou no espaço, trazendo uma proposta descontraída:

— Alguém quer fazer um brigadeiro na cozinha?

Ricardo levantou-se quase imediatamente e respondeu com ação, indo para a cozinha sem dizer nada. Larissa o acompanhou. Ele começou a preparar o brigadeiro com destreza, recusando a maior parte das ajudas, mas conversando com Larissa enquanto mostrava como fazia cada etapa.

Durante o preparo, uma das mulheres do programa tentou ajudar, mas colocou apenas uma colher de achocolatado na panela. Ricardo, atento, corrigiu rapidamente:

— Não, não, assim não vai ficar bom.

Pegou o pote de achocolatado, olhou para Larissa e disse:

— Coloca mais uma colher, professora. Assim fica certo.

Ele inseriu Larissa na cena, delegando a tarefa com confiança, enquanto mantinha o controle sobre o processo.

Após finalizar o brigadeiro, Ricardo o colocou em um prato, mas avisou:

— Não vou comer agora, tá quente.

Mesmo depois que o doce esfriou, ele permaneceu firme em sua decisão de não comer. Em vez disso, ofereceu para as pessoas que estavam no local, inclusive para Larissa. Ela recusou dizendo:

— Vou esperar você comer primeiro.

Ele não insistiu. Logo depois, Ricardo voltou para a varanda da casa, onde se concentrava o ambiente de arte. Era um espaço aberto com uma grande árvore que fazia sombra. No centro, havia uma mesa

ampla repleta de materiais de arte: papéis, tintas, lápis de escrever e de colorir, glitter, pedaços de isopor e muito mais. Sentou-se e ficou observando a mesa por alguns instantes.

Uma das pessoas da equipe que estava no espaço perguntou:

– Quer escolher uma música pra gente ouvir enquanto fazemos arte?

Ricardo escolheu a música, mas antes mesmo que começasse a tocar, levantou-se de repente e anunciou:

– Vou fazer um leite com toddy.

Ele se virou para Larissa e perguntou, hesitante:

– Quer um? Ou melhor, posso fazer pra você?

Larissa assentiu, e os dois se levantaram, indo até a cozinha. Ricardo preparou dois copos e fez questão de que Larissa tomasse junto com ele. Durante o preparo, ele demonstrou um entusiasmo palpável, como se a tarefa simples de fazer o leite fosse uma oportunidade de se expressar.

Depois de terminar, voltou para o ambiente de arte e se sentou novamente, agora mais tranquilo e à vontade. Começou a conversar com Larissa e com outro colega que estava ali. O assunto girou em torno do espaço do Undió.

– O que você achou daqui? – perguntou Larissa.

Ricardo pensou um pouco antes de responder:

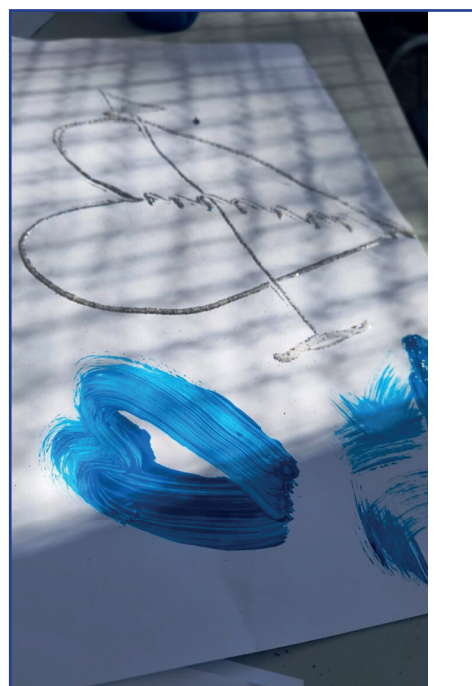
– Eu acho legal aqui. Dá pra ver a rua, não é tão fechado. Prefiro assim, mais livre.

Ele então perguntou com curiosidade:

– Todo atendimento pode ser aqui?

Era evidente o quanto ele se sentia mais confortável naquele ambiente mais aberto, conectado com o lado de fora e cheio de possibilidades criativas.

Sentado à mesa com os materiais artísticos, Ricardo pegou uma folha e uma cola.



Com cuidado, desenhou um coração atravessado por uma seta usando a cola e, em seguida, espalhou glitter sobre o desenho. Quando terminou, declarou:

— Coração partido.

Larissa percebeu como o ato de criar algo tão simbólico parecia contradizer suas palavras. Ricardo não parecia disposto a explorar o que sentia, mas o desenho parecia gritar o que ele não conseguia colocar em palavras.

— Por que "coração partido"?

Ele ficou em silêncio por um instante, encarando a folha. Quando respondeu, sua voz soou mais contida:

— Não tô com o coração partido, tô só o ódio.

Larissa percebeu que, mesmo sem querer falar diretamente, Ricardo parecia revelar mais do que imaginava sobre o que sentia.

Depois disso, tentou fazer outro desenho usando o pincel, mas não ficou do jeito que ele queria. Com um suspiro frustrado, rabiscou o canto da folha e disse:

— Ah, deixa isso pra lá.

Parecia estar um pouco envergonhado com seu trabalho. Enquanto observava os desenhos dos outros, comentava:

— Tá da hora.

Mas, ao mesmo tempo, tratava de esconder o seu entre as folhas espalhadas sobre a mesa, como se quisesse que passasse despercebido.

Ele se virou para Larissa e, de repente, comentou:

— Antes de você chegar, eu fiz um desenho.

— Que desenho? — perguntou Larissa, curiosa.

— Coloquei LM121RJG no papel — respondeu ele, com naturalidade.

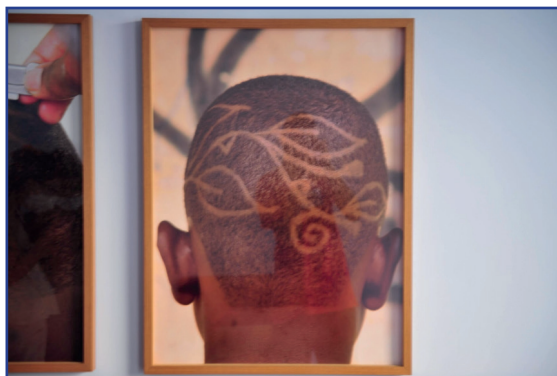
Larissa ficou pensativa. *"Interessante ele chamar o desenho de escrita. Será que, para ele, desenho e escrita ainda são mais ou menos a mesma coisa?"* Enquanto refletia, Ricardo interrompeu seus pensamentos:

— LM é o bairro onde fui preso. 121... é meu artigo.

— É o artigo da lei que fez eu ser preso. E RJG... sou eu. É minha sigla, eu inventei pro meu nome.

Ele disse isso com firmeza, como se aquelas letras e números carregassem um significado que precisava ser compartilhado, mas que também funcionavam como uma forma de traduzir sua história de maneira codificada, quase protegida.

Ricardo se levantou mais uma vez e chamou Larissa para dar uma volta pelo espaço. Caminharam até pararem em uma sala onde havia um quadro que exibia um corte de cabelo masculino todo decorado com desenhos.



Aproveitando o momento, Larissa perguntou sobre o curso de cabeleireiro que ele estava fazendo.

— Gostei, mas se fosse pra cortar cabelo assim, acho que não conseguiria. Cortar normal eu consigo.

Apesar da resposta, não parecia ser algo que ele realmente desejava seguir como profissão.

Brincaram sobre a ideia de cortar cabelos no espaço, mas o assunto logo mudou quando Ricardo viu uma foto de Larissa na tela de seu celular.

— Esse lugar é em Ouro Preto? — perguntou ele.

Larissa assentiu, e ele imediatamente começou a contar:

— Eu era guia lá.

Animado, Ricardo perguntou sobre os lugares que Larissa já havia visitado na cidade. Ela respondeu com um sorriso:

— Não lembro os nomes. Me conta você sobre os lugares!

Ele começou a descrever os locais com detalhes, demonstrando amplo conhecimento.

— Eu cobrava R\$50,00 na época. Conheço Ouro Preto todo, até de cabeça pra baixo.

Enquanto ouvia, Larissa percebeu a empolgação de Ricardo ao falar sobre algo que o conectava a outro período da sua vida. Foi como se, naquele instante, sua narrativa de "só ódio" cedesse espaço a outras emoções, revelando que havia momentos e lembranças marcados por outros sentimentos também.

No andar da conversa, o tema do coração partido voltou, desta vez voltado para relacionamentos. Ricardo contou:

— Antes de ir pro sócio, eu tava ficando com uma menina que conheci num baile lá em casa. Fiz um baile na minha casa, e ela dormiu lá comigo.

Ele continuou, explicando que se envolveu com ela antes de ser preso.

— Depois que fui preso, ela foi me visitar uma vez. Mas quando eu saí, descobri que ela tava com outro cara.

Ricardo riu e soltou, quase brincando:

— Vou matar essa menina.

Larissa, surpresa, perguntou:

— Como assim?

Ele desviou o olhar e mudou de assunto, mas logo depois comentou:

— Agora eu não tô me envolvendo com ninguém. Não vale a pena esse trem não, de se envolver com mulher.

A conversa seguiu, e Ricardo virou o assunto para Larissa:

— E você? Já teve o coração partido?

Antes mesmo que ela pudesse responder, ele completou:

— Se sim, o cara deu muito mole. Perder uma pessoa dessa...

A conversa seguiu para outros rumos. Ricardo mostrou uma música de funk, cantando junto enquanto assistiam ao clipe. Em meio à descontração, contou sobre a semana do seu aniversário: decidiu voltar para o socioeducativo apenas na segunda-feira, em vez do domingo.

— Tomei uma comissão — explicou, referindo-se à punição que o impediu de ir para a casa por 10 dias.

Questionou se esse foi o motivo de não ter tido atendimento na se-

mana anterior:

— Será que é por isso que não vim aqui no Janela?

Larissa percebeu que ele ainda fazia alguma ligação entre estar no socioeducativo e o Programa Janela da Escuta, como se os dois fossem parte de uma mesma coisa. Por isso, esclareceu que o socioeducativo havia desmarcado o atendimento por conta de algumas audiências e reforçou:

— O Janela é um ambulatório de atendimentos médicos, e você tem o direito de participar, independentemente de estar no socioeducativo.

Já no final da manhã, um artista desenhista chegou ao espaço e começou a criar imagens, como a arma usada por Ricardo no ato que o levou ao cumprimento da medida socioeducativa. Com gestos amplos e voz firme, o artista incentivou Ricardo a colorir com força, dizendo:

— Coloquem o ódio que usaram naquele momento aqui, no desenho, mas deixem ele aqui e ressignifique esse momento.

Ricardo se concentrou na atividade, suas mãos pressionando os lápis contra o papel com intensidade. Enquanto desenhava, o artista o incentivava a falar. Ricardo, com o olhar fixo na folha, começou a contar fragmentos do que havia acontecido, às vezes desviando o olhar para Larissa, como se buscasse seu apoio.

Pouco tempo depois, quando chegou a hora de ir embora, Ricardo começou a demonstrar ansiedade. Ele se levantava, arrumava os materiais à mesa, olhava para a porta e depois para Larissa, como se conferisse o tempo. Por fim, aproximou-se dela, ajeitando o boné, e disse em tom apressado:

— Semana que vem eu posso ir no ambulatório, mas não quero atendimento com a Isadora. Só com você.

— E se a gente marcar no Undió? Se ela estiver também, você se importa?

Ele hesitou, desviando o olhar para o chão por um momento, e então respondeu:

— Não, mas não quero atendimento com ela.

A porta se abriu, e o agente do socioeducativo chamou Ricardo. Ele virou-se para Larissa novamente, com um meio sorriso que não escondia a ansiedade, e balançou a cabeça em despedida:

— Tchau, Larissa.

Depois disso, saiu, carregando o peso de suas histórias, mas deixando atrás de si um traço de conexão.

Os desencontros

O vínculo entre Larissa e Ricardo começou a ser moldado por desencontros que, um a um, pareciam minar o fio tênue que conectava suas histórias. Nas duas semanas que se seguiram àquele último encontro, Ricardo não apareceu no programa. Era tempo de férias escolares, e ele aproveitou a oportunidade para ir para casa mais cedo, como permitido pelo socioeducativo.

Quando retornou das férias, veio o imprevisto: uma audiência marcada exatamente no dia em que teria o atendimento no Janela. A cadeira que costumava ocupar no programa permaneceu vazia naquele dia.

O silêncio de Ricardo ecoava além das ausências. Algumas semanas depois, Larissa recebeu uma mensagem inesperada do pedagogo do socioeducativo:

Ricardo tem sido muito resistente em continuar os acompanhamentos. Nós, junto com o técnico do sócio, fizemos diversas intervenções, mas não houve resultado. Por isso, para evitar um impacto negativo, achamos melhor suspender a intervenção externa.

Aquelas palavras carregavam algo que Larissa não esperava. A ideia de suspensão parecia o encerramento de um capítulo inacabado, uma ruptura abrupta em uma relação que ainda estava se construindo.

O tempo passou, até que, cerca de um mês depois, uma nova mensagem trouxe um sopro de mudança. Desta vez, era de uma profissional da rede de saúde que acompanhava o caso.

Ricardo mencionou interesse em retornar ao Janela. Disse que não queria ir em um dia específico, e o pessoal da unidade interpretou

que ele não queria mais ir. Mas agora que será desligado do sócio nas próximas semanas, acho que seria interessante marcar mais um atendimento.

As palavras ressoaram como uma nova chance, um fio de continuidade para o que parecia perdido. Larissa, com cuidado, organizou os detalhes. Dois meses após o último encontro no Undió, ela se preparava para mais uma tentativa, um reencontro que trazia consigo a esperança de resgatar o vínculo.

Um pé na rua, mas a Janela fica aberta

Ricardo chegou cedo ao ambulatório e, diferente dos outros dias, parecia mais tranquilo. Na recepção, esperava pacientemente enquanto conversava com outras pessoas. Quando Larissa o chamou, levantou-se sem resistência e foi para o atendimento.

— Hoje tô de boa — disse, enquanto se sentava. — Tô só esperando pra descer pra casa. Tenho ido toda sexta-feira, mas troco a passagem direto. Só marcam pra de tarde, lá pras 15h.

Larissa perguntou se ele tinha vontade de continuar vindo.

— Tenho, pode marcar o horário que você quiser, você que sabe — respondeu, em um tom que contrastava com os atendimentos anteriores, nos quais sempre demonstrava pressa para ir embora.

Larissa olhou para ele e perguntou:

— E aí, o que você me conta da vida?

— Ah, é só o ódio — respondeu Ricardo, justificando em seguida: — Ainda não me liberaram da medida socioeducativa. Mas agora faltam poucos dias, uns 10 mais ou menos.

— E o que está pensando em fazer? — perguntou Larissa.

— Continuo querendo trabalhar. Já tem um serviço me esperando assim que eu sair — disse ele.

— Que serviço? — perguntou ela, curiosa.

— Com meu pai, de servente de pedreiro — explicou Ricardo.

Depois, Larissa questionou:

— E esses dias que você não veio, o que aconteceu?

— Ah, só o ódio. Não sei por que eu parei de vim aqui — respondeu ele. — Falei com o pessoal que não queria vir um dia, entendeu? Eu queria descer pra casa mais cedo naquele dia. Aí eles pensaram que eu nunca mais queria vir.

Larissa aproveitou para reforçar:

— Você sabe que pode continuar vindo, né? Mesmo depois que for liberado. O Janela é um espaço pra você, não tem nada a ver com o sócio.

Depois de um tempo, Ricardo mudou de assunto e comentou:

— Teve um colega meu que apanhou dos agentes. Eu também já apanhei. Não pode acontecer, mas acontece.

Ele explicou que havia denunciado o caso e que estava em processo. Larissa ouviu atentamente e ressaltou a importância da denúncia. Em seguida, perguntou sobre a escola:

— E a escola? Você continua indo?

— Ah, eles passam umas atividades diferentes pra mim. Tipo, copiar do quadro ou atividades normais, mas eu não quero fazer nada. Nem as provas. — Respondeu ele, com um tom desanimado. — Já era, não tem como aprender mais.

Após um breve silêncio, ele acrescentou:

— Mas às vezes eu penso que pode ser útil, né? Quando for trabalhar, talvez precise.

Depois, com um tom mais insatisfeito, comentou:

— A verdade é que eu sou forçado a ir, forçado a estudar. Eu não queria estudar, queria ir embora. Preciso ir embora, tô com a cabeça muito quente.

Larissa quis saber mais:

— E essa cabeça quente, o que está acontecendo?

— Tem muitas coisas lá fora — respondeu ele, com um tom inquieto.

— Que coisas são essas? — insistiu ela.

— Já perdi muito. Tem muita coisa na vida e eu tô só preso — disse Ricardo, sem elaborar mais.

Larissa perguntou:

— E o que são essas “muitas coisas”?

Apesar das tentativas de Larissa de explorar mais o assunto, Ricardo não respondeu diretamente, apenas resmungou:

— Perdi...

Ele então contou que não estava mais ficando na casa do pai e que havia arrumado um lugar para morar.

— É um barraco, tem a cama, minhas roupas... mas só tem luz, não tem água — explicou. — A água foi cortada porque o morador antigo não pagou, e eu tô morando de graça lá.

Disse também que, antes, o lugar era invadido por pessoas que iam lá para se envolver com “coisas erradas”, mas que agora ele estava morando lá e cuidando do espaço.

— Agora ninguém entra lá. Se entrar, eu mato — afirmou, com firmeza.

Larissa perguntou, como forma de trazer a reflexão:

— Mas não foi uma atitude parecida que te levou para o socioeducativo, onde você não gosta de estar?

Ricardo a olhou com certa ingenuidade e questionou:

— E o que eu faço? Deixo eles entrarem na minha casa?

Larissa permaneceu em silêncio, incentivando-o a pensar em alternativas.

Ricardo inclinou a cabeça, pensativo, e sugeriu:

— E se for na base da força? Tipo, só pra dar um susto? Uma paudada, uns tapas na orelha... — disse, parecendo tentar encontrar outra saída para resolver a situação.

Depois de ponderar por um instante, ele acrescentou, com um tom de dúvida:

— Chamar a polícia? Mas eles só complicaram minha vida até hoje...

Em seguida Ricardo contou, com certo orgulho:

— Agora tenho um cachorro que protege a casa enquanto eu tô fora.

Larissa pensou que aquilo poderia ser uma boa solução para proteger a casa. Após enfatizar esse ponto, aproveitou para perguntar:

— Você já foi visitar sua mãe?

— Ainda não — respondeu ele. — Tenho que ir lá de vez, sabe? Quando sair daqui, quero ficar um tempo com ela, uns dois meses.

Ele continuou, demonstrando certa confusão sobre seus planos para o momento em que fosse liberado da medida socioeducativa: ora falava sobre trabalhar, ora sobre passar tempo com a mãe.

Ainda refletindo sobre o futuro, completou:

— Só sei que não volto pro socioeducativo.

Depois, com um tom descontraído, acrescentou:

— Vou curtir a vida.

— E o que é isso pra você, "curtir a vida"? — perguntou Larissa.

— Ah, é andar pela cidade, tomar um whisky, ir pra cachoeira... — disse ele, animado.

Ricardo começou a contar sobre algumas cachoeiras que já visitou e até deu dicas de quais ir em Ouro Preto. Rindo, lembrou algumas aventuras que viveu nesses lugares.

— E depois, vou trabalhar pra comprar uma moto pra mim — disse, decidido.

Depois, Larissa e Ricardo comentaram, em tom de brincadeira, sobre o perigo de andar de moto.

— E na chuva é ainda mais perigoso, né? — disse Larissa, com um sorriso.

— Eu gosto é de andar na chuva — respondeu Ricardo, com um sorriso travesso.

Larissa provocou, rindo:

— Então você gosta é do perigo, né?

Ricardo apenas riu e comentou:

— Teve até uma vez que andei na chuva, perdi o dinheiro, o celular... Molhou tudo.

Ele continuou, contando a aventura:

— Nesse dia, a moto ainda perdeu o freio. Quase me acidentei, mas consegui chegar em casa — disse, entre risos, enquanto lembrava da situação.

— Você quer vir na semana que vem? — perguntou ela.

— Quero sim. Vamos marcar — respondeu ele, com um leve sorriso.

Se despediram e combinaram o próximo encontro. Entretanto, Ricardo foi liberado do socioeducativo antes da data marcada e não apareceu novamente. Aquela foi a última oportunidade de Larissa acompanhá-lo.

Apesar do desfecho inesperado, Larissa sabia que Ricardo havia deixado marcas significativas em sua trajetória como educadora, proporcionando reflexões valiosas. Ele a ensinou que existem diferentes modos de estar nesse espaço oferecido pela escola, modos que escapam ao esperado, mas que carregam as marcas singulares de cada sujeito que os ocupa.

O que a pedagogia pode escutar de um jovem como Ricardo? Essa era uma das perguntas que reverberava em Larissa. Estar aberta aos acontecimentos, ao encontro com a pedagogia que não apenas trata do conhecimento objetivo, mas também do saber — aquele saber que emerge do desejo inconsciente do sujeito. A experiência com Ricardo revelou que o saber vai além do escolar e do sociocultural; ele carrega também aspectos subjetivos, enraizados em emoções e conflitos internos.

Infelizmente, não foi possível conhecer mais sobre a aprendizagem de Ricardo em sua infância, uma vez que ele não foi alfabetizado, impossibilitando compreender melhor os motivos dessa lacuna em sua formação. Contudo, com base no que trouxe nos atendimentos, ficou evidente que a adolescência foi uma marca profunda em sua trajetória. Essa fase parecia carregar consigo não apenas o peso de uma transição, mas também o de um embaraço emocional que o afogava.

“Estou só o ódio,” dizia ele, em meio à confusão de sentimentos que o envolviam. Essa era a lógica que o movia em muitos momentos: um querer aprender que se embaraçava com a resistência de quem está à beira do colapso, de quem está em um entrave, diante de uma angústia intensa que não consegue nomear. É possível aprender com tanto ódio? Ricardo ensinou a Larissa que esse embaraço

de sentimentos afoga o sujeito que, mesmo querendo aprender, não consegue avançar sem antes colocar em palavras aquilo que sente. Ele demonstrava isso a cada encontro, chegando muito resistente e angustiado, mas saindo mais calmo e tranquilo. Ainda assim, era evidente que tantas questões não poderiam ser resolvidas em tão poucos encontros.

Ricardo era um adolescente que enfrentava o vazio e as inquietações que a puberdade faz emergir. Ele expressava isso em sua maneira única — ora resistindo, ora buscando o afeto em um simples documento como a certidão de nascimento. Havia um misto de afeto e dor que o acompanhava, tornando cada interação uma oportunidade de escuta e acolhimento.

Ricardo dizia ter “crescido” aos 10 anos, mas “desistido da vida” aos 11. Talvez esse crescimento estivesse relacionado ao rompimento com a infância, ao encontro com o desconhecido da adolescência. É nesse momento que o adolescente precisa inventar uma saída própria para lidar uma angústia que não consegue nomear, que o exila de sua própria linguagem e de seu corpo infantil, como já apontaram Lacan (1989) e Lacadée (2011).

Ricardo parecia buscar algo que pudesse lhe devolver o equilíbrio perdido. Queria entender suas dificuldades, até mesmo cogitando “um exame na cabeça”. Mas concluía, com um misto de resignação e clareza: “Eu não sei de nada. Só sei que tenho dificuldade de saber.”

Nessas idas e vindas, Larissa viu como o ódio de Ricardo — esse ódio que, muitas vezes, parecia dirigido a si mesmo — era também uma forma de comunicar o indizível, de testar os limites da vida e de atestar sua existência. Em suas palavras, em suas resistências e na busca desajeitada por pertencimento, Ricardo mostrou que a adolescência é uma fase de rupturas, mas também de invenções. Invenções essas que muitas vezes são em formato de condutas de risco, ações que frequentemente expõem o adolescente a perigos que simbolizam sua busca desastrada por limites e sentido para sua existência. Essas condutas, que refletem uma tentativa de traduzir o sofrimento e lidar com a angústia que a ruptura com a infância traz, precisam ser compreendidas e acolhidas para que o adolescente consiga criar um espaço simbólico onde seja possível reorganizar suas emoções e enfrentar os desafios do real.

Ao final de cada encontro, por mais tenso que tivesse começado, Ricardo saía diferente. As palavras, os gestos e até os silêncios compartilhados pareciam ajudá-lo a aliviar a tempestade interna. E Larissa sabia que, embora a caminhada ao lado dele fosse breve, ela estava deixando o espaço aberto para que Ricardo, a seu tempo, pudesse construir suas próprias respostas.

PROBLEMAS DE-MAIS, DESEJO DE MENOS

Matias tinha 17 anos e trazia nos olhos uma inquietação que parecia sempre buscar algo mais. Chegou ao Programa de Extensão da UFMG *Janela da Escuta: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida* acompanhado da mãe, por uma demanda inicialmente pedagógica: as operações aritméticas mais simples lhe pareciam um muro intransponível. Foi então acolhido no Projeto Adolescente e Saber, onde se propunha um trabalho de intervenções pedagógicas.

Com o desenrolar dos encontros, uma contradição logo emergiu: apesar de suas declarações iniciais, Matias demonstrava ser capaz de realizar as operações matemáticas. O que se apresentava como uma dificuldade escolar começou a se desdobrar em algo mais profundo. Aos poucos, Matias passou a trazer reflexões sobre si mesmo, revelando questões relacionadas à sexualidade que o atravessavam de maneira intensa.

Em diálogo com a equipe, compreendeu-se que, naquele momento, seria importante oferecer a ele uma escuta psicanalítica — que passou a ser conduzida por Patrícia. Assim, após alguns atendimentos pedagógicos, o percurso no Adolescente e Saber foi encerrado, dando lugar a uma nova travessia, guiada pela escuta do inconsciente.

O tempo passou. Quase dois anos depois, Matias reencontrou Leonardo, do Projeto Adolescente e Saber.

— Leonardo! Leonardo! Esqueci como faz contas! Me ajuda! — pediu, gesticulando com as mãos em um movimento rápido, como se quisesse desenhar números no ar.

Após uma breve pausa, Leonardo sorriu, colocou a mão no ombro de Matias e disse:

— Claro, Matias. Vamos resolver isso juntos.

Em seguida, procurou Larissa, sua colega no projeto. Ele contou um pouco sobre o caso de Matias, descrevendo suas dificuldades e avanços, e a convidou para assumir as intervenções pedagógicas daqui para frente. Chamou Matias e disse:

— Larissa, este é o Matias, um jovem incrível que fez parte do projeto. Matias, esta é a professora Larissa. Ela vai te escutar sobre esse tema do esquecimento e, se for o caso, poderá te acompanhar daqui pra frente.

Larissa sorriu e estendeu a mão para Matias:

— Olá, Matias! Seja bem-vindo de volta. Estou animada para trabalharmos juntos.

A partir daquele momento, Matias voltou a ser atendido pelo Projeto Adolescente e Saber, agora sob a orientação da professora Larissa.

Larissa começou a conversa com um sorriso acolhedor:

— Matias, me conta um pouco sobre você.

Ele suspirou, com um olhar de frustração:

— Eu esqueci como faz conta.

— Entendi. Posso te ajudar com isso. Mas me conta, qual matéria você acha mais difícil na escola? — incentivou Larissa, mantendo o tom tranquilo.

— Matemática, história, português... — Ele parou por um instante antes de completar, quase num sussurro: — Todas as matérias, eu acho.

Larissa assentiu, mostrando que o escutava atentamente. Matias continuou:

— Lá na escola, todas as atividades que eu faço são adaptadas. E, mesmo assim, eu não entendo nada do que o professor fala. Não tenho interesse nas coisas da escola.

— E fora da escola? Tem algo de que você gosta muito? — perguntou Larissa, tentando encontrar um ponto de conexão.

Os olhos de Matias brilharam levemente, e sua postura mudou:

— Gosto de ônibus. E sei que a gente precisa da matemática para cobrar a passagem.

Larissa, aproveitando a brecha, disse:

— Sério? Me conta mais!

— Tipo assim: se alguém me der 50 reais para pagar uma passagem de R\$7,70, eu dou 43 reais de troco. — Ele afirmou com convicção,

parecendo satisfeito com a resposta.

Larissa pegou um papel e começou a anotar:

— Vamos conferir juntos? Olha só, tem os centavos aqui também.

Matias olhou para os números com curiosidade, mas insistiu:

— É 43 de troco, professora.

Larissa apontou para a conta no papel e explicou calmamente:

— Matias, você precisa tirar os centavos também. Vamos tentar fazer juntos?

Apesar dos esforços dela, ele parecia confuso e não conseguia compreender o reagrupamento.

— Eu não lembro como faz — admitiu, com um tom de voz mais baixo.

— Não tem problema, Matias. A gente pode trabalhar nisso juntos — disse Larissa com tranquilidade. — Mas me conta, por que você veio até o Janela? — perguntou ela, curiosa.

Matias deu de ombros e respondeu:

— Não sei por quê. Mas você pode perguntar pro Leonardo.

Após um instante de silêncio, Matias disse:

— Eu tenho crises convulsivas durante o sono. Tenho TDAH e sou autista.

— Me fala mais sobre isso, Matias.

— Minha mãe sabe tudo sobre mim, pergunta pra ela. — Ele respondeu sem hesitar.

Larissa tentou insistir:

— E você, o que sabe sobre si mesmo?

— Sei dormir.

Larissa ficou em silêncio, observando-o. Matias completou:

— Sei dormir e comer.

Larissa pensou consigo mesma como Matias se colocava em uma posição de não saber: não saber as contas, não saber o motivo de ter vindo no programa, não saber sobre si mesmo. *“Preciso continuar*

atenta a esse padrão”, refletiu ela, decidida a observar isso com mais cuidado nas próximas interações.

Matias então disse, como um desabafo, ainda se referindo à escola:

— Eu quero ficar sem estudar. Quero trabalhar no ônibus pra ganhar dinheiro. — Ele fez uma pausa, antes de continuar: — Eu levanto muito cedo e, às vezes, acordo meio lerdo pelo excesso de remédio. — Parou por um instante e corrigiu: — Quer dizer, por causa dos remédios.

— Quais remédios você toma, Matias? — perguntou Larissa, interessada.

Matias pegou o papel e a caneta e começou a falar e escrever os nomes dos remédios que tomava, e Larissa percebeu que ele escrevia bem. Continuou contando:

— Sempre tiro *menos* na escola. Vou quebrar a perna para não ir na próxima semana, porque tem prova do governo e eu vou tirar *menos* de novo — disse, em tom de frustração.

Larissa, tentando entender melhor o nível de conhecimento de Matias, fez um teste com algumas operações matemáticas. Ele conseguiu resolver tranquilamente as que não exigiam reagrupamento. No entanto, nas que exigiam, ele travava e dizia:

— Eu esqueci como faz.

Larissa notou algo interessante enquanto testava as habilidades matemáticas de Matias. Ele se referia às subtrações como “contas de *menos*” e, quando ela mencionava a palavra “subtração”, ele parecia não saber o que era. Com paciência, disse a ele:

— Podemos trabalhar essas contas que você está com dúvida, especialmente a “de menos”, que foi a primeira que você trouxe. Assim, a partir do próximo atendimento, a gente pode fazer as contas que envolvem o troco, como o exemplo que você trouxe.

Matias concordou.

Enquanto encerravam o atendimento, Matias perguntou:

— Minha mãe já saiu do atendimento? Sei que ela estava conversando com a Patrícia, a psicóloga.

Larissa pediu que ele aguardasse um minuto enquanto ela verificava. Ao voltar e dar o retorno de que ela ainda estava em atendimento,

Matias comentou:

— Parece que ela morreu na sala. — Depois acrescentou: — Ela fala muito. É igual quando vê alguém na rua, não para de falar um minuto. — E completou, rindo: — Quando sair, vou bater em todas as portas procurando ela. Ou talvez ela vá embora e esqueça de mim.

Larissa perguntou:

— Você acha que ela te esqueceria?

— Claro! Só que não tem como, porque se ela for embora sem mim o cartão de ônibus bloqueia.

Pouco depois, Matias começou a contar sobre sua casa:

— Tenho três irmãs. Uma por parte de pai e duas por parte de mãe. Dessas duas, uma é mais velha e a outra mais nova. Moro com elas, minha mãe e minha avó.

Larissa ouvia atentamente enquanto guardava os materiais. Ele sinalizou que gostaria de encerrar o atendimento e ela concordou. Eles se levantaram e, juntos, caminharam em direção à porta. Matias a acompanhou em silêncio, parecendo imerso em seus próprios pensamentos. Em seguida, Larissa desceu para o primeiro andar, onde participaria das discussões de caso, enquanto Matias seguiu para encontrar sua mãe.

Na sala de reunião, os profissionais já se organizavam quando Patrícia chegou e se sentou ao lado de Larissa. A conversa logo se voltou para Matias.

Patrícia respirou fundo, apoiou os cotovelos na mesa e começou compartilhando o que havia observado nos atendimentos até aqui:

— Matias já passou por várias escolas ao longo dos anos, mas sempre enfrentou muitos problemas de convivência com os colegas — disse, cruzando os braços por um momento, como se refletisse sobre o que dizer a seguir. — Há dois anos, por exemplo, ele costumava ficar no banheiro e tocava as partes íntimas dos colegas sem consentimento. Isso mostra que ele ainda tem muita dificuldade em entender os limites do corpo, parece ainda ter dificuldade de bordeá-lo.

Patrícia ajeitou os óculos, inclinando-se levemente para a frente, enquanto continuava:

— Ele apresenta muitas questões ligadas à sexualidade. Matias explicita suas dúvidas sobre como se relacionar de forma afetiva. Isso inclui aspectos de paquera, relações amorosas e até mesmo sobre relação sexual.

Enquanto falava, Patrícia gesticulava levemente, desenhando no ar com as mãos para reforçar os pontos mais importantes. Larissa, atenta, mantinha os olhos fixos nela, ocasionalmente assentindo.

— Os familiares relataram que ele tem momentos de muita agressividade, especialmente direcionados à irmã mais velha — acrescentou Patrícia, tocando a ponta da caneta no bloco de notas. — Ele também tem um limiar de frustração muito baixo e seu comportamento é frequentemente inadequado no meio social, constrangendo as pessoas com piadas de cunho sexual. Além disso, ele lida com compulsão alimentar.

Patrícia colocou a caneta sobre a mesa e suspirou, como se processasse a complexidade do caso. Larissa anotava os pontos principais, observando as nuances que poderiam ser abordadas no próximo atendimento com Matias.

Ainda segundo Patrícia, Matias tem relatado uma série de queixas sobre sua rotina e comportamento.

— Ele menciona esquecimentos frequentes e problematiza a compulsão alimentar. Afirma que gostaria de comer *menos*, mas sente que não consegue. Também fala da falta de vontade para fazer qualquer coisa, dizendo que só quer dormir ou ouvir Gustavo Lima.

Larissa manteve a atenção enquanto Patrícia continuava:

— Ele também se queixa que todas as meninas dão fora nele e que os meninos ficam insistindo para ele dar em cima de garotas, mas ele já sabe que “não vai dar em nada”. Além disso, problematiza as “brincadeiras de mau gosto” que não consegue evitar, principalmente com a avó, e demonstra nervosismo, algo que gostaria de controlar melhor.

Sobre a escola, Patrícia relatou:

— Matias se queixa que ninguém conversa com ele e que parece que ninguém faz questão que ele esteja lá. Também reclama que as atividades são muito difíceis, até mesmo as adaptadas. Em uma das

trocas de escola, que já aconteceram três vezes só neste ano, ele voltou para uma onde já havia estudado. Lá, ao se queixar ao diretor sobre um colega que o ameaçou de morte, ouviu como resposta: “Você morrer é o menos pior”, numa clara referência aos problemas que ele causava com outros estudantes antes. Ele sente que na escola já decidiram que ele é o problema. Tudo o que acontece é culpa dele, e ninguém o escuta.

Patrícia ajeitou os óculos, demonstrando preocupação:

— Recentemente, ele tem trazido questões como “Sou autista, então se eu bater em alguém não dá nada.” É importante notar que ele tem esse laudo desde os 7 anos de idade, mas é um diagnóstico questionado pelos médicos que o atendem e pelos que já o atenderam.

Ela completou, olhando diretamente para Larissa:

— Ultimamente, ele tem mencionado com mais frequência os esquecimentos e o aumento do desânimo para tudo. A dificuldade no ambiente escolar, especialmente no convívio com os colegas, tem se tornado cada vez mais evidente.

Patrícia continuou, trazendo um ponto que Larissa já havia percebido: a posição de não-saber em que Matias frequentemente se colocava.

— Ele está numa posição radical de não saber. Para qualquer pergunta, pede que chamemos sua mãe, porque “ela que sabe” — comentou Patrícia, entrelaçando as mãos. — Desde o primeiro encontro, com certa delicadeza, vou provocando Matias sobre esse não saber. Costumo apontar: “Não sabe ou não quer dizer? Não sabe ou não quer saber? E você quer saber?” Sempre sinalizo que, mais importante do que chamar sua mãe, era ele dizer algo sobre si e seu mundo.

Larissa assentiu, reconhecendo as nuances do comportamento de Matias. Patrícia concluiu, apoiando-se levemente na cadeira:

— É isso que temos até então desse caso. E como foi esse primeiro encontro com você, Larissa?

Larissa começou a compartilhar o que ocorreu no encontro com Matias, destacando suas observações e os pontos principais do atendimento. Os demais profissionais ouviram atentamente, trocando olhares e assentindo em silêncio. Patrícia sorriu de forma encoraja-

dora:

— Muito bom, Larissa. Sua percepção sobre a posição de Matias e as dificuldades que ele traz é bastante alinhada com o que temos observado. Vamos continuar acompanhando isso de perto.

Com essa troca, encerraram a discussão sobre o caso de Matias, cada um carregando consigo reflexões e pontos para os próximos passos.

Por trás das sombras do estudo

Larissa e Matias entraram na sala de atendimento para mais um encontro. Assim que se acomodaram, Larissa olhou para ele e perguntou:

— O que você fez durante a semana?

— Nada, inclusive na escola — respondeu Matias, de forma curta. — A semana foi só tristeza.

— E por quê? O que aconteceu?

— Não sei — respondeu ele, de forma vaga.

Buscando entender melhor o que se passava, Larissa perguntou:

— E as alegrias? Teve alguma coisa que te fez feliz?

— Não teve alegria nenhuma — disse ele, com um suspiro.

— Nada? E o que te faz feliz?

— Escutar música... sertanejo. Escutei bastante essa semana, mas, mesmo assim, foi só tristeza — admitiu.

Larissa, procurando uma forma de explorar o que Matias sentia, perguntou:

— E na escola, tem algo que você gosta?

— Não. Eu não gosto de estudar — respondeu ele, sem hesitar.

— É, na escola a gente vai pra estudar também, mas não só isso. Por exemplo, quando eu ia para a escola, gostava de encontrar meus amigos, além de aprender coisas novas — disse Larissa.

Matias riu e retrucou:

— Pra encontrar os namorados, né? Igual eu e minha irmã.

Depois, rindo, completou:

— Eu não tenho namorada, mas gosto de algumas meninas. Só que com elas eu só falo “oi” e “tchau” de longe. Não são minhas amigas. Tenho um amigo, só um... — Matias olhou para baixo e desabafou: — Mas eu quero parar de estudar e só trabalhar.

Tentando despertar um pouco de curiosidade ou ânimo para os estudos, apesar das dificuldades que Matias enfrentava nas contas, Larissa pegou o material dourado que estava sobre a mesa e o mostrou a ele.

— Você conhece isso aqui?

— Sim, eu já conheço — respondeu ele, observando o material com curiosidade.

— Então me conta o que sabe.

Matias explicou com precisão, demonstrando que sabia identificar unidades, dezenas e centenas. Juntos, representaram alguns números utilizando o material, entre eles o número 154. Em seguida, Larissa propôs um novo desafio.

— Que tal fazermos uma conta de subtração com esse número? — sugeriu.

Matias concordou, e Larissa propôs:

— Cento e cinquenta e quatro menos quarenta e cinco.

Com o material dourado à frente, os dois começaram a resolver a operação utilizando o recurso. Matias captou rapidamente o conceito de reagrupamento e a forma de fazê-lo. No entanto, ele parou em um momento, pensativo, e comentou:

— Eu acho que tem que somar 10 aqui e também ali, não é?

— Não exatamente. Você só soma 10 no número na unidade, pois trocou 1 dezena por 10 unidades. E tira uma dezena por causa dessa troca. Entendeu? — explicou, enquanto fazia a representação com o material.

Matias continuava fazendo as contas de subtração com o material dourado. Ele demonstrava compreensão, mas, de vez em quando, se confundia no reagrupamento. Nesses momentos, perguntava para Larissa, buscando confirmar:

$$\begin{array}{r} 4 \ 14 \\ - 45 \\ \hline 109 \end{array}$$

— É assim que faz, né?

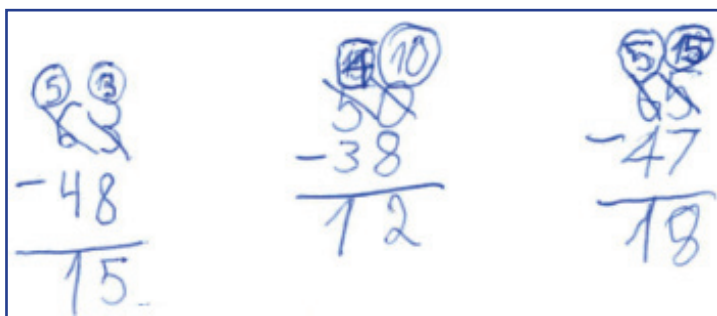
Larissa respondia com paciência, encorajando-o a corrigir os pequenos erros e reforçando o que ele já sabia. Apesar das dúvidas pontuais, Matias seguia mostrando progresso e dedicação nas atividades.

Ao final da atividade, Matias comentou:

— Gosto de vir aqui, porque falto da escola. Eu não ligo de faltar, e ninguém liga também.

— Ninguém? Quem é esse “ninguém”? — perguntou Larissa, curiosa.

— O diretor — respondeu Matias, com um tom de desânimo.



— E por que você acha isso?

— Pra ele eu sou um problema. É melhor faltar mesmo.

— Como assim, um problema?

— Ele sempre chama minha mãe pra conversar. Às vezes ele acha que eu não tomei o remédio — disse Matias, desviando o olhar. — Eu fico muito agitado. Saio de casa tranquilo, mas no caminho fico agitado porque não gosto de estudar.

Matias resumiu que, muitas vezes, fazia bagunça na escola para ser dispensado. Disse que chegava estressado e, às vezes, xingava o diretor para ser mandado embora. Larissa compreendeu a angústia de Matias e pensou em como poderia ajudá-lo a encontrar outras saídas para conseguir permanecer na escola.

Quando terminaram as contas, Larissa parabenizou Matias por tê-las resolvido bem. Ele deu um leve sorriso, mas logo o silêncio tomou conta da sala. Enquanto Larissa guardava os materiais sobre a mesa, Matias quebrou o silêncio:

— Estudar é o maior problema que eu tenho.

Larissa olhou para ele e perguntou:

— Como assim?

— Eu não gosto de conviver com outras pessoas. Não gosto de lugar que tem muita gente.

— Então o problema não são as atividades, as disciplinas, mas sim a convivência? — questionou Larissa.

Matias pensou, mas não respondeu. Larissa, tentando oferecer apoio, acrescentou:

— A gente poderia tentar encontrar uma solução pra isso...

Antes que terminasse, Matias interrompeu:

— Que solução? Se matar?

Larissa respirou fundo e respondeu com firmeza, mas em tom acolhedor:

— Podemos encontrar outras soluções melhores que essa. Essa não é a melhor. Podemos conversar juntos para construir algo que te ajude, tanto na convivência quanto nos desafios com os conteúdos escolares.

Matias ficou em silêncio, pensativo. Larissa respeitou aquele momento de reflexão, finalizando o atendimento ali.

Traçando caminhos

Matias chegou para o encontro desse dia com passos firmes, mas o olhar denunciava um peso que parecia carregar. Ele começou a contar, quase sem pausa, que havia decidido abandonar a escola. Disse que não pretendia voltar, afirmando com uma convicção inquietante:

— Não vou mais. Já faz duas semanas que não vou à escola. Não sinto falta e a escola também não sente.

Havia um tom desafiador em sua voz, mas também um eco de abandono, como se acreditasse na ausência de consequências ou no peso de sua presença. A frase seguinte veio quase como uma justificativa:

— Estudar não dá futuro.

O impacto dessas palavras exigia cuidado. Larissa perguntou calmamente:

— Me explica melhor. Como você pensa seu futuro?

Ela tentava compreender o que o levava a essa conclusão. Ele respondeu de maneira imediata:

— Ah, posso trabalhar sem estudar. Por exemplo, puxando carroça, tipo aquelas de cavalo que a gente vê na rua.

A imagem era crua e direta, mas não deixava de carregar certa ironia. Larissa insistiu com outra pergunta:

— É isso que você quer?

Ele hesitou, desviando o olhar antes de responder:

— Não, mas isso também dá dinheiro.

Ela continuou explorando, tentando abrir uma brecha para que ele enxergasse possibilidades diferentes:

— O que você carregaria nessa carroça?

— Mato, entulhos.

A simplicidade da resposta parecia refletir a simplicidade com que ele via suas opções. Então, Larissa perguntou diretamente:

— O que você quer para o seu futuro?

Dessa vez, Matias se demorou mais antes de falar. Quando respondeu, reapareceu algo do desejo dele, que já havia citado anteriormente:

— Quero ser motorista de ônibus, de Uber ou de táxi.

— E como você vai calcular o dinheiro que vai receber e o troco, se não souber fazer as contas?

— É só usar a calculadora.

Mas logo acrescentou:

— Só que eu só usei calculadora em situações pequenas. Pode ser que as pessoas me passem a perna dando o dinheiro errado.

Larissa explicou, com paciência:

— Até para usar calculadora, você precisa saber matemática. Posso te mostrar isso na próxima semana.

Ele então compartilhou um detalhe pessoal:

— O namorado da minha irmã era motorista de Uber. Não sei por quê, mas ele não era legal.

A frase seguinte veio carregada de uma tentativa de justificar essa opinião:

— Ele saía com minha irmã, mas não me levava. Tudo bem que namorados têm que sair sozinhos, mas podia me levar quando fosse aniversário dele.

— Você é próximo da sua irmã?

Ele balançou a cabeça, o semblante endurecendo:

— Não tenho uma relação boa com ela. Nem com a mais nova, ultimamente.

A resposta pedia mais profundidade. Quando Larissa perguntou o motivo, ele deu de ombros antes de responder:

— Elas estão me estressando muito, com tudo.

Ele explicou que sempre teve uma péssima relação com a irmã mais velha, afirmando que ela o estressava por dar “palpite na vida dele”. Quando Larissa perguntou mais sobre isso, ele respondeu com indignação:

— Ela fica querendo gastar o dinheiro que não é dela... O dinheiro é meu, do benefício que eu ganho.

Matias continuou, dizendo que a mãe era “puxa-saco” dessa irmã, porque saía muito mais com ela e, depois, completou com certa amargura:

— Sai muito mais com as meninas do que comigo. Vai pros lugares bons com elas, como shopping, e quando é os péssimos, empurra tudo pra mim. Comigo vai só pros médicos.

Após uma breve pausa, ele acrescentou:

— Posso estar sendo um pouco injusto... Ela já comprou muita coisa pra mim também, e já me levou num parque.

Logo depois, como se quisesse encerrar o assunto, Matias concluiu:

— Eu tô falando muita coisa, não sei o que tenho que dizer.

Larissa o tranquilizou, dizendo:

— Você pode ficar à vontade e falar sobre o que quiser aqui. Esse espaço é aberto para isso também.

Nesse momento, Matias notou que o computador estava virado para ele e comentou:

— Nós estamos trocados de lugar.

Larissa respondeu:

— Então você está me ensinando muitas coisas.

Curioso, ele perguntou:

— O quê?

Larissa explicou com paciência:

— Você me ensina sobre você, sobre o que sabe e sente. Por exemplo, das coisas que te incomodam na escola. Você disse que sua mãe sabe de tudo, mas está me mostrando que você também sabe de muita coisa.

Matias, em tom de desabafo, repentinamente declarou:

— Eu esperaria os alunos ruins desse ano sair pra voltar no ano que vem. Todos do 3º ano do ensino médio, ano que eu estudava, são ruins, são chatos... Eu não gosto deles.

Larissa pediu para ele explicar mais sobre isso, mas ele respondeu com uma indiferença aparente:

— Sei lá... Se eu pudesse, não estudava nunca mais. Estaria de boa.

Logo depois, mudou o foco da conversa e contou sobre a escola da irmã mais nova, dizendo que gostaria que ela mudasse para a escola dele. Ele justificou sua opinião com um tom crítico:

— A escola dela é rebaixada. Essa escola não tem futuro, não vai evoluir de alunos.

Larissa aproveitou para explorar mais sobre a visão dele e perguntou:

— E a escola que você vai, tem futuro?

— Sim, porque tem muita gente entrando.

— E você está saindo... Como fica o seu futuro?

— O futuro fica no lixo.

— Você vai jogar seu futuro no lixo?

Matias abaixou a cabeça e ficou pensativo.

Larissa voltou ao ponto anterior e perguntou novamente sobre os “meninos chatos” da escola. Matias rapidamente a corrigiu:

– Não são os meninos, são as meninas.

Depois de um instante, ele ajustou sua fala:

– Quer dizer, são todos. Eu não gosto de estudar.

Larissa destacou a diferença entre as duas coisas:

– *Mas é diferente não gostar de estudar e não gostar das meninas e meninos da escola, não é?*

Ele concordou com um aceno, mas desviou o foco da conversa, dizendo que lembrava como fazia “contas de menos”. Larissa decidiu aproveitar a oportunidade e propôs algumas contas para ele resolver. Matias acertou todas, sem precisar de ajuda, apenas confirmando se estava correto nos passos que seguia.

Depois, ele ficou pensativo e confessou:

– Não sei o que me incomoda nos meninos e meninas.

Após mais um momento de reflexão, ele continuou:

– Acho que não gosto de lugar muito cheio... Nem de gente ficando muito perto de mim.

Larissa perguntou:

– Então, se fosse um ambiente menos cheio, isso resolveria?

– Ah, não! Escola especial de novo, não!

Ele então voltou a dizer que preferia estudar em casa. Larissa, com curiosidade, perguntou:

– E quando você for motorista e o ônibus estiver lotado, como vai fazer?

– No ônibus, às vezes está tão cheio que as pessoas ficam quase caindo em cima de mim. Tem o cheiro ruim, gente suada...

Ele riu enquanto descrevia as situações, mas Larissa aproveitou o momento para enfatizar:

– Até para ser motorista de ônibus ou carro, você vai precisar lidar com ambientes cheios de homens e mulheres, meninos e meninas.

– Ah, mas se eu quiser ganhar dinheiro, eu vou ter que fazer o trabalho.

— E se você quiser aprender, para conseguir ganhar dinheiro e não ser passado para trás, vai precisar encontrar saídas para lidar com o que te incomoda. Mas podemos trabalhar juntos para que isso seja menos sofrido para você na escola.

Matias ficou pensativo e permaneceu em silêncio. Finalizaram o encontro por ali, deixando no ar a possibilidade de novas reflexões.

Cálculos e conexões

Matias entrou na sala com passos lentos, os ombros ligeiramente curvados e os olhos vagando pelo ambiente. Assim que atravessou a porta, murmurou:

— Minha mãe quer falar com você depois.

Diferente dos outros encontros, um silêncio denso pairava no ar. Larissa, sempre atenta aos detalhes, inclinou levemente a cabeça, convidando-o a se aproximar, e disse com suavidade:

— Bom dia, Matias! Que bom que você veio hoje.

Matias respondeu com um leve aceno de cabeça, mas permaneceu calado. Ele sentou-se devagar, apoiando os braços sobre a mesa e mexendo distraidamente nos dedos. Larissa observou seus movimentos com cuidado, percebendo a inquietação sutil em cada gesto. Decidiu não pressioná-lo e, com naturalidade, pegou a calculadora que estava sobre a mesa.

— Lembra da nossa conversa no último atendimento? — perguntou enquanto virava a calculadora em suas mãos, quase como um objeto curioso. — Eu disse que ia te mostrar que, para usar a calculadora, a gente precisa saber matemática, lembra? Olha ela aqui.

Matias levantou o olhar devagar, encarando a calculadora por alguns instantes. Seu rosto parecia carregar um misto de curiosidade e hesitação. Ele apoiou o queixo na mão, como se estivesse avaliando o que fazer.

Larissa perguntou o que ele sabia sobre a calculadora. Ainda em silêncio, Matias ligou a calculadora e começou a fazer diversas contas de adição, subtração, multiplicação e uma de divisão. A professora, observando atentamente, perguntou:

— Você sabe como apagar o número que está na tela?

Matias hesitou por um momento e, em seguida, pressionou a tecla “off”. Larissa explicou algumas das funções das teclas da calculadora, como on/off, CE e C, incentivando-o a experimentar novamente.

— Agora faça essa conta para mim: $3 + 2 \times 4$ — pediu Larissa.

Matias, com as mãos tremendo levemente, digitou os números. O resultado apareceu: 20. Larissa sugeriu que ele repetisse a mesma conta na calculadora do celular. Desta vez, o resultado foi 11. Matias franziu a testa, perplexo, e comentou:

— Não sei por que deu diferente.

— Qual das duas você acha que está certa? — perguntou Larissa.

— A do celular — respondeu ele, ainda confuso. — Mas não sei o porquê.

Depois de pensar um pouco, Matias completou:

— A calculadora de bolso está errada. Olha a diferença das duas.

Larissa então perguntou:

— Qual é a diferença entre a calculadora do celular e a calculadora de bolso?

— Não sei. — Depois de um momento, olhou para ela e devolveu a pergunta: — Qual é a diferença?

— A diferença está no jeito que elas fazem a conta. Vamos falar um pouco sobre expressão numérica. Lembra disso? Você já trabalhou isso anteriormente aqui no Projeto Adolescente e Saber. Uma das regras importantes é que, primeiro, a gente resolve as multiplicações e divisões, e só depois soma ou subtrai.

Matias assentiu, embora sem muita convicção. Larissa decidiu exemplificar.

— Imagine que você foi à feira. Comprou um Mentos por três reais e duas peras por quatro reais cada. Vamos fazer a conta juntos?

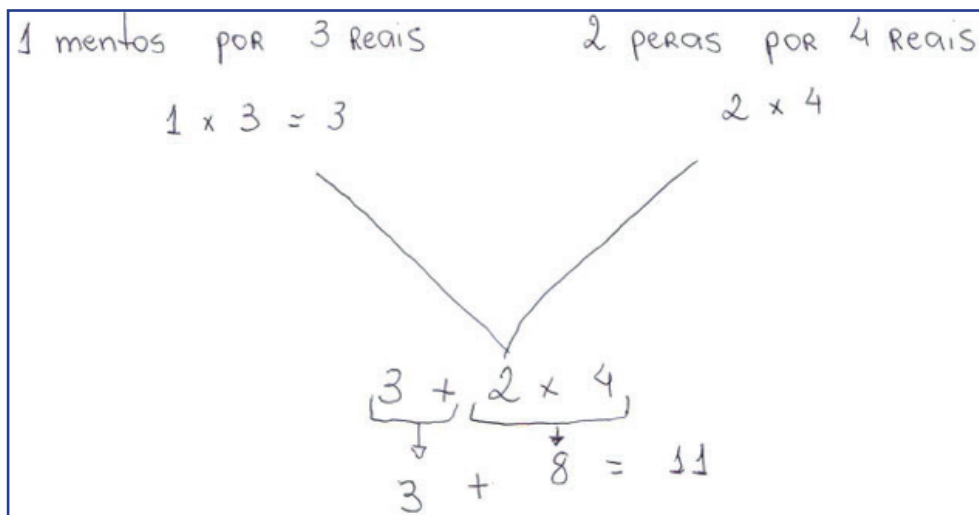
Ele se concentrou e, em poucos segundos, respondeu:

— Onze reais.

Larissa pegou um papel e representou a conta que ele havia feito

de cabeça, desenhando os números e os sinais com cuidado.

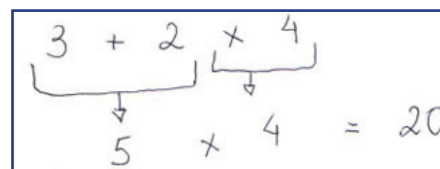
— Isso mesmo! — elogiou, abrindo um sorriso. — Você fez rapidinho. Agora, vamos ver o que acontece se não respeitarmos a regra. Olha só: se fizermos assim, três mais dois e depois multiplicamos por quatro, quanto dá?



Matias franziu a testa, os olhos fixos no papel enquanto processava a nova conta.

— Vinte? — respondeu, ainda com alguma dúvida na voz.

— Isso mesmo. Mas veja como o resultado fica errado — disse, apontando para os números no papel. — Algumas calculadoras também seguem essa ordem das operações, sem usar as regras corretamente.



Matias acompanhava o movimento do dedo dela no papel, o olhar ainda concentrado.

— Por isso, mesmo com esse recurso, a gente pode acabar se confundindo — continuou Larissa, voltando a olhar para ele com atenção. — É por isso que saber matemática é tão importante.

— Uhum — murmurou. Então, com um olhar meio distante, completou: — Agora podemos chamar minha mãe.

— Está tudo bem? Tem algo nessa conversa com sua mãe que está te incomodando?

Ele desviou o olhar, sem responder.

Larissa não insistiu. Abriu um sorriso tranquilo e mudou de assunto.

- Que tal fazermos um desafio? Trouxe algo especial para você.
- Topo.

Larissa pegou a calculadora e entregou a Matias.

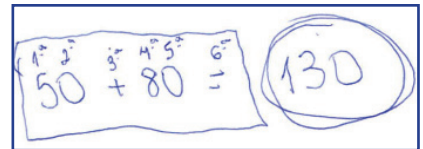
- Digite $50 + 80$ e a tecla igual, depois veja o resultado.

Matias apertou as teclas com atenção e revelou o número na tela.

- Cento e trinta.

Larissa registrou no papel.

– Certo, você apertou seis teclas para chegar nesse resultado. Agora o desafio é o seguinte: você precisa apertar exatamente seis teclas novamente, com números diferentes da primeira vez, e o resultado tem que ser o mesmo: 130.



Matias arregalou os olhos e mordeu o lábio inferior, intrigado.

- Humm... vai dar trabalho.

Ele começou as tentativas. Digitou números grandes, somando $780 + 2340$, mas o resultado foi bem distante: 3.120 . Ele riu de si mesmo e balançou a cabeça.

- Não, isso não.

Depois de mais alguns cálculos, conseguiu 160 e abriu um sorriso animado.

- Estou chegando perto!

Matias voltou à calculadora e tentou: $60 + 80$. O resultado foi 140. Ele franziu a testa, determinado, e digitou novamente: $50 + 80$. Ao ver o resultado, comemorou:

- Consegui!

– Espere aí... essa foi a mesma conta que eu fiz no exemplo. Vamos tentar outra.

Matias bufou levemente, mas não desistiu. Fez $80 + 40 + 10$ e acertou 130, mas Larissa apontou algo no papel.

- Foram oito teclas dessa vez, Matias. O desafio ainda não foi cum-

prido.

$$\begin{array}{ccccccc} 1 & 2 & 3 & 4 & 5 & 6 & 7 & 8 \\ 8 & 0 & + & 4 & 0 & + & 1 & 0 \\ \hline & & & & & & & \end{array}$$

Ele coçou a cabeça, pensativo, e tentou novamente: $70 + 70$. O resultado foi 140, mas isso o deixou animado.

– Como eu não pensei nisso antes?

Finalmente, digitou $65 + 65$ e, ao ver o resultado, levantou os braços em triunfo.

$$65 + 65 = 130$$

– Cento e trinta!

– Parabéns, Matias! Desafio cumprido!

– Esse foi difícil, mas gostei! – disse ele, ainda

sorrindo.

– Vamos fazer mais um, parecido com esse? – sugeriu Larissa.

Dessa vez, Matias conseguiu resolver rapidamente, acertando na segunda tentativa. Ele bateu levemente na mesa com satisfação.

– Matemática pode ser legal também, né? – comentou Larissa, com um tom de incentivo.

Matias concordou, rindo. Ele então olhou novamente para ela, mais sério.

– Acho que é melhor a gente encerrar. Você precisa conversar com minha mãe, né?

– Sim, você está certo.

Matias se levantou, guardando a calculadora com cuidado, e saiu da sala.

Poucos instantes depois, a mãe entrou na sala com um semblante preocupado, segurando uma pasta com documentos. Sentou-se de frente para Larissa e respirou fundo antes de começar.

– Estou muito preocupada com o Matias – disse, ajustando os papéis na mesa. – Ele não quer ir para a escola de jeito nenhum.

– Procurei o conselho tutelar para entender a situação – continuou a mãe. – Eles disseram que, pela lei, por causa da idade, ele não precisa ir. Mas, mesmo assim, eu queria muito que ele finalizasse o ensino médio. Incentivo o máximo que posso, mas ele não quer ir de jeito nenhum.

Ela fez uma pausa, suspirando profundamente.

— O “estar na escola” é difícil para ele... e a aprendizagem também.

Larissa manteve o olhar acolhedor, enquanto fazia algumas anotações rápidas.

— Entendo como isso pode ser desafiador. E como você percebe a escola em que ele está?

— Ah, eu gosto da escola — respondeu a mãe, com um leve sorriso. — O diretor e a supervisora são muito bons. E é uma escola cívico militar.

Ela ajustou os papéis mais uma vez, como se organizasse os pensamentos.

— O problema maior não é a escola em si, mas a dificuldade pedagógica dele. A psiquiatra disse que isso e também os esquecimentos que ele tem estão relacionados à deficiência intelectual.

— Entendido — disse Larissa, com um tom neutro, mas interessado. — Você pode me contar mais sobre a deficiência intelectual? Até então não sabia que ele tinha.

— Bom, é isso que justifica as dificuldades dele na escola.

A mãe fez uma pausa mais longa, apertando as mãos no colo antes de acrescentar:

— O que também me preocupa é que o Matias não é apto para trabalhar. Ele tem o estopim muito curto, qualquer coisa ele explode, não aceita desaforo, parte para cima. Quando ele fala de trabalhar, eu fico com medo.

Depois de um instante de silêncio, ela tirou um relatório médico da pasta e o entregou a Larissa.

— Aqui, olha. O médico explicou que Matias tem epilepsia grave de difícil controle, associada a TDAH, autismo e “retardo mental” — termo utilizado no próprio documento.

Larissa leu a anamnese com atenção, enquanto a mãe continuava:

— Ele também tem reclamado de muitas dores de cabeça... e às vezes tem umas convulsões. Quer dizer, são crises de ausência, na verdade.

Larissa fez mais algumas anotações e olhou para a mãe com empatia.

— Isso deve ser muito difícil para você também.

A mãe assentiu, os olhos marejados.

— É sim... Mas obrigada por me ouvir. Isso já ajuda muito.

— Eu que agradeço por compartilhar tudo isso. É muito importante para continuarmos pensando no melhor para o Matias.

A mãe sorriu timidamente, apertando os papéis contra o peito. Levantou-se, agradecendo mais uma vez, antes de sair da sala.

Diploma pra quê?

Uma semana depois, Matias chegou ao ambulatório atrasado, com passos lentos e um semblante de descontentamento. Sua mãe, logo atrás, justificou a demora:

— Ele não queria vir. Ficou enrolando até perdermos o ônibus.

Quando entrou na sala, Matias parecia ainda mais desgostoso. Sentou-se pesadamente na cadeira, deitando a cabeça sobre a mesa e evitando qualquer contato visual. Larissa observou sua postura e o olhar carregado de raiva. Escolheu abordar a situação com calma.

— Oi, Matias. Hoje não vamos fazer nenhuma atividade, só vamos conversar um pouco antes de você ir embora. Pode ser?

Ele não respondeu, limitando-se a mudar ligeiramente a posição da cabeça, ainda apoiada na mesa. Após alguns segundos de silêncio, Larissa perguntou:

— O que aconteceu hoje? Por que você não queria vir?

Matias ergueu um pouco os olhos, mas manteve o tom de voz baixo e descontente.

— Queria ir na casa da amiga da minha mãe com ela, mas ela não quis me levar. Também queria um celular novo, mas está demorando pra eu ganhar.

Larissa ouviu com atenção, sem interrompê-lo. Após um momento de reflexão, comentou:

— Eu sei que pode ser difícil às vezes, Matias, mas acho muito im-

portante você vir. Você tem avançado tanto! Dá pra ver que tem muito potencial.

Ele permaneceu em silêncio enquanto Larissa falava, mas de repente a interrompeu com um tom desafiador:

— Ter futuro como, se minha mãe não me deixa trabalhar?

— Como assim?

— Eu queria ter meu dinheiro, comprar comida, roupa... Não ficar usando blusa repetida.

Houve um longo silêncio. Matias parecia perdido em seus próprios pensamentos, até que murmurou:

— Agora vou conseguir estudar em casa. Mas pra quê? Pra receber o diploma de burro, né? Só se for.

— Por que você acha isso, Matias?

— Receber diploma pra quê? Pra não trabalhar? Minha mãe já deixou bem claro que eu nunca vou poder trabalhar. Tirou minha esperança.

— Acho que isso é algo importante para você compartilhar com a psicóloga, Matias.

— A solução pra eu não ficar tão nervoso é arrumar um emprego. Assim, não vou mais depender dela.

Depois de mais alguns minutos de silêncio, ele pediu:

— Quero ir embora. Posso ser atendido outro dia?

— Claro, Matias. Podemos continuar em outro momento. Até lá, cuide-se, e estarei aqui quando você quiser conversar.

Ele saiu da sala em silêncio, deixando Larissa refletindo sobre as questões complexas que envolviam Matias e sua relação com a mãe.

Cálculos e desejos

No encontro seguinte, Matias entrou na sala, após Larissa chamá-lo, com passos largos, um olhar curioso e, sem hesitar, antes mesmo de se sentar na cadeira, perguntou:

— Você é solteira ou casada?

Larissa arqueou uma sobrancelha, surpresa com a pergunta repentina, mas antes que pudesse responder, ele olhou para a mão dela, notou a aliança e exclamou:

— Que pena, você é casada porque usa aliança!

Larissa manteve o tom calmo, respondendo com um sorriso leve:

— Por que está perguntando isso, Matias?

— Porque eu ia te pedir em namoro.

— Matias, para fazer esse tipo de pedido, é importante conhecer bem a pessoa, ter uma relação, sabe? Tem que rolar um clima.

— E se eu te conhecer melhor, você fica comigo?

— Não, Matias. Estou aqui apenas para nossos encontros pedagógicos. Sou sua professora.

Depois de um momento, Matias mudou de assunto abruptamente:

— Quero voltar para a escola, mas preciso de um relatório para isso.

— Que bom, Matias! — comentou Larissa, com entusiasmo.

Ele abriu um pequeno sorriso.

— Quero voltar por causa de uma menina.

— E só por isso?

Matias deu de ombros e acrescentou:

— Também pelos meus amigos.

— E quanto ao aprendizado? — questionou Larissa, buscando explorar mais.

Matias deu de ombros, rindo, sem responder diretamente.

Larissa então mostrou uma folha com problemas matemáticos e um conjunto de dinheiro falso para usar nas contas. Ele pediu a caneta, mas logo comentou:

— Acho que não consigo fazer.

— Estou aqui para te ajudar. Vamos juntos.

Matias leu a primeira questão:

1 – Analise a situação que ocorreu em um ônibus que fazia seu percurso normalmente de Contagem para Belo Horizonte/MG:

a) Joana e Patrícia entraram no ônibus juntas. Qual o valor que elas pagaram?

Matias pensou por um momento e respondeu:

— O valor da passagem é R\$7,70.

Larissa assentiu, mas esperou. Ele não percebeu que eram duas passagens e perguntou:

— Posso passar para a próxima questão?

Larissa interveio com calma, e ele fez a conta de cabeça, chegando ao resultado:

— R\$15,40.

Matias passou para a próxima pergunta:

b) Joana entregou uma nota de R\$50,00. Quanto ela recebeu de troco?

Ele tentou calcular de cabeça, arriscando:

— R\$34,50... não, acho que é mais. Talvez R\$35,00?

Larissa o incentivou a usar o papel para fazer a conta, mas ele balançou a cabeça, visivelmente desconfortável.

— Não, tô nervoso. Quero ir embora.

— O que está te deixando nervoso? — perguntou Larissa, tentando tranquilizá-lo.

Matias suspirou, cruzando os braços.

— Não dormi essa noite, estava ansioso para receber o pagamento e consertar meu celular. Também queria tomar um caldo de cana. Cheguei aqui muito cedo e, desde então, só quero ir embora.

Ele continuou tentando calcular de cabeça, falando números próximos, até que finalmente acertou:

— É R\$34,60!

— Muito bem, Matias. Eu sabia que você conseguiria.

Ele relaxou levemente, mas logo pediu:

— Vamos encerrar por hoje? Semana que vem eu venho com mais calma.

— Combinado. Nos vemos na próxima semana.

Enquanto marcavam a data do próximo encontro, Matias, num gesto inesperado, aproximou rapidamente o rosto do de Larissa e pediu:

— Me dá um selinho?

O pedido, feito em voz alta e na frente de todos, pegou Larissa de surpresa. Antes que ela pudesse responder, a mãe de Matias interveio:

— Matias, o que é isso? Não se faz uma coisa dessas!

Matias deu de ombros e riu, saindo de perto como se nada tivesse acontecido.

O rompimento com a escola e o desafio de pertencer

Uma semana depois, Matias chegou compassos arrastados e os olhos semicerrados. Sentou-se na cadeira com um suspiro pesado e, antes que Larissa pudesse dizer qualquer coisa, murmurou:

— Melhor deixar pra semana que vem. Tô com muito sono.

Larissa o observou por um instante, avaliando sua expressão cansada, e respondeu com calma:

— Podemos fazer um encontro mais rápido hoje, Matias. Que tal?

Ele hesitou, mas acabou assentindo levemente.

— Tá bom.

Com a cabeça apoiada na mão, Matias comentou:

— Ainda não voltei pra escola. Acho que tô desistindo de novo.

— Por que acha isso, Matias?

— É preferível estudar em casa.

— Me conta mais sobre isso. O que tem te feito pensar assim?

Mas Matias não respondeu. Apenas fechou os olhos brevemente e permaneceu em silêncio. Larissa decidiu mudar de abordagem e colocou uma folha com atividades de subtração sobre a mesa.

— Que tal começarmos com essas contas?

Matias levantou a cabeça lentamente, olhou para a folha e pegou o lápis.

— Acho que lembro como faz — disse, começando a resolver os problemas.

Ele trabalhou de forma rápida e precisa, completando quatro contas seguidas sem precisar de ajuda. Quase não falou durante o processo, mantendo um ritmo constante. Depois de terminar, comentou:

— Ah, vou fazer mais essas aqui.

Matias completou as seis contas da folha com facilidade. Larissa, satisfeita com o progresso, mostrou uma nova atividade e perguntou:

— Topa fazer mais uma?

Matias assentiu, mas completou com um tom engraçado, arrastando as palavras:

— Mas eu tô dopadinho de remédio.

A fala, dita com a língua levemente enrolada, arrancou um sorriso discreto de Larissa, que decidiu respeitar o ritmo do momento e continuou com cuidado, observando os sinais de cansaço de Matias.

Larissa tirou da mochila uma folha e um pequeno pacote de desenhos, organizando tudo na mesa. Matias, com os olhos semicerrados e o corpo quase afundado na cadeira, olhou curioso, mas sem muito entusiasmo, e começou a ler o primeiro problema:

— A avó de Luiz fez biscoitos para receber os netos em sua casa. Ela pegou 7 pratos e colocou 4 biscoitos em cada um. Quantos biscoitos ela fez ao todo?

Ele pegou o lápis lentamente, bocejando, mas logo fez a conta de cabeça, demonstrando domínio da tabuada.

— Quatro, oito, doze, dezesseis, vinte, vinte e quatro, vinte e oito. São 28 biscoitos.

— Muito bem, Matias!

Ele esfregou os olhos e, ainda com a voz arrastada, seguiu resolvendo os problemas de multiplicação. Dos cinco apresentados, demonstrou confiança, mas parecia lutar contra o sono, com dúvidas apenas em um:

75	51 ⁴	562 ¹²
<u>-43</u>	<u>-23</u>	<u>-23</u>
32	28	39
563 ¹³	90 ^{8 10}	123 ¹³
<u>-29</u>	<u>-35</u>	<u>-19</u>
34	55	04

– Para cada xícara que faço de café, utilizo duas colheres de açúcar. Se eu fizer 3 xícaras, quantas colheres de açúcar precisarei?

Matias franziu a testa e comentou, com a cabeça apoiada na mão:

– Acho que é soma... Três mais dois. Dá cinco, né?

Larissa pegou as imagens do pacote e começou a organizar na mesa.

– Vamos pensar juntos. Aqui está uma xícara com duas colheres. Se colocarmos mais duas xícaras, quantas colheres teremos no total?

– Ah, entendi! É multiplicação. Três vezes dois. Dá seis.

Ele escreveu a conta com confiança, mas em seguida recostou-se na cadeira. Ao ler o próximo problema, ele bocejou novamente:

– Entraram em um ônibus 9 pessoas. Cada pessoa pagou 7 reais, porque o valor da passagem tinha diminuído naquela semana. Qual o valor total pago por essas pessoas?

– Sete, quatorze, vinte e um, vinte e oito... – fez uma pausa longa antes de continuar. – Vinte e oito mais vinte e oito é cinquenta e seis. Então, sete vezes oito é cinquenta e seis. E mais sete... sessenta e três!

– Você foi muito bem, Matias. Resolveu de forma lógica e precisa.

Matias decidiu testar mais multiplicações sozinho. Com um ar de concentração e as palavras saindo lentamente, ele resolveu 25×3 de cabeça, declarando com segurança o resultado. Em seguida, partiu para 72×8 , demonstrando domínio da multiplicação.

– E agora, Matias, qual a sua maior dificuldade? Você já lembra como fazer as contas de subtração e está indo muito bem nas de multiplicação.

– Divisão.

– E o que você gosta de dividir?

– Nada, nem comida.

Ambos riram, mas o riso de Matias foi breve, e ele logo esfregou os



olhos novamente. Larissa incentivou:

— Pense mais um pouco. Tem alguma coisa que você gosta de dividir?

— Acho que amor, carinho... isso eu gosto de dividir.

— Então tem coisa que dá pra dividir. Vamos trabalhar isso.

Encerraram o encontro em clima de leveza, com Matias visivelmente sonolento, e Larissa saiu da sala, indo em direção do primeiro andar para discutir o caso.

A mãe de Matias se encontrou com Larissa na escada, enquanto ela descia. Havia algo apressado na forma como se aproximou, mas também uma expressão de alívio por finalmente conseguir falar com a professora. Sem hesitar, começou a contar:

— Matias abandonou a escola, estava bem difícil pra ele permanecer lá. Fomos em um neurologista e ele deu um relatório para que Matias pudesse estudar em casa e conseguisse encerrar o ensino médio. Porém, precisaria de alguma apostila de exercícios feita pela escola. Quando procurei a escola para isso, eles explicaram que a professora de apoio fica com o Matias e outros dois alunos, como é previsto por lei. Mas essa pessoa não está mais disponível, então precisam solicitar outra porque sem monitora não tem como fazer as adaptações. — O tom de sua voz vacilava entre o desabafo e a frustração. — Mas será que estão mesmo tentando resolver isso? Já faz um tempinho que estou pedindo...

Larissa parou, segurando o corrimão da escada, dando toda a sua atenção à mulher. A mãe de Matias continuou:

— Estou planejando ir onde fazem o pedido de professor de apoio para pedir pessoalmente e entender o que está acontecendo. Mas sabe o que dói mais? Ele não está sendo chamado para nada. Nem os jogos interclasse, nem a festa junina...

— Eu entendo sua preocupação, dona Alba. E é importante que você continue buscando respostas — respondeu Larissa, pausadamente, escolhendo bem as palavras.

— Vamos fazer assim: vou discutir o caso com a equipe e ver como podemos ajudar Matias nessa situação, tudo bem? — disse Larissa, com um tom firme, mas acolhedor.

— Obrigada, Larissa. Você não imagina o quanto isso me alivia. Às vezes é tanta coisa que... — A mãe de Matias deixou a frase inacabada, suspirando profundamente.

— Vai dar certo — disse Larissa, com um sorriso leve.

As duas se despediram, e Larissa retomou o caminho em direção ao primeiro andar, onde a equipe já a aguardava para discutir o caso de Matias. A psicóloga iniciou a conversa:

— A mãe de Matias mencionou que aumentou a dosagem de clonazepam por conta própria, porque ele estava muito agitado e agressivo. — Após uma breve pausa, continuou: — Matias apresenta uma sexualidade muito inocente, bastante infantil. É um adolescente sem borda no corpo, sem regulação. Pelo que ele e a mãe trazem, a escola também tem dificuldade de lidar com isso.

Larissa assentiu e acrescentou:

— E agora existe o risco de rompimento com a escola e com o próprio saber. Essa desconexão pode levar Matias a acreditar que, se ele sabe menos, vale menos também. É algo profundo, que atinge até a forma como ele enxerga a vida.

Patrícia, a psicóloga, complementou, com um tom preocupado:

— Ele está com as questões dele, mas ainda demonstra disposição para continuar, caso a escola faça sua parte. Hoje, ele me disse: “A escola não faz questão, por que eu tenho que fazer?”

— A escola está funcionando como um espaço que não reflete, que não quer pensar em possibilidades para ele — acrescentou Larissa. — Por outro lado, Matias está se desligando. Ele só quer estar em casa e dormir.

— Precisamos agir enquanto ele ainda não desistiu completamente — concluiu Patrícia. — Podemos tentar uma reunião com a escola para garantir que ele receba as atividades e discutir como criar um ambiente minimamente inclusivo para ele.

Larissa concordou, determinada. O caso de Matias era urgente, e cada dia de inércia da escola significava mais um passo rumo ao afastamento definitivo de Matias do aprendizado, da convivência, e, talvez, do próprio futuro que ele ainda podia conquistar.

Divisões e questões sem respostas

Algumas semanas depois, Matias chegou para o encontro trazendo novidades sobre a escola:

— Agora estão mandando atividades em uma apostila.

Fez uma pausa breve e completou, com expressão de descontentamento:

— Mas é tudo péssimo! — Em seguida, sem rodeios, confessou: — Não tô conseguindo fazer nada do que mandaram.

Enquanto falava, puxou a apostila da mochila e entregou para Larissa. Ela a recebeu e começou a folhear, observando os conteúdos. Nas páginas, encontravam-se temas como números reais, racionais, irracionais e inteiros; potências com expressões como $1 \times 10^{99.999}$; medidas de comprimento, incluindo quilômetros, hectômetros, decâmetros, metros, decímetros e milímetros; conceitos de megabytes e gigabytes; cálculos sobre a distância entre planetas; dízima periódica; divisões como $1 \div 7$; e expressões algébricas.

O material parecia bem avançado para Matias, exigindo um nível de abstração que ainda não fazia parte do seu repertório. Ao observar tudo aquilo, Larissa pôde compreender melhor sua frustração.

Além disso, naquele dia, Matias falava devagar, as palavras saíam emboladas, e seu raciocínio parecia mais lento, como se estivesse imerso em um estado de torpor, possivelmente efeito dos remédios que tomava.

Ainda assim, ele conseguiu lembrar-se de um aprendizado anterior e disse:

— Eu lembro das contas de mais, de menos e de vezes!

Em um momento, Matias notou que estava sentado no lugar onde Larissa costumava se sentar e, brincando, disse:

— Sou o Doutor Matias!

Soltou uma risada, deixando escapar um lampejo de bom humor no meio daquela sonolência que sentia. Larissa sorriu e entrou na brincadeira:

— Doutor Matias? E qual é a sua especialidade?

Ele deu de ombros, ainda rindo, sem responder. Logo depois, mudou de assunto, parecendo lembrar-se de algo:

- Ah, fui na escola esses dias.
 - E como foi?
 - Fiquei babando nas meninas porque lá só tinha menina bonita!
- Riu mais uma vez, como se revivesse o momento, e acrescentou:
- Eu queria só paparicar.
 - Paparicar? O que é isso?
 - É namorar, ué.

Por um instante, ele pareceu satisfeito com a lembrança, mas logo sua expressão mudou um pouco ao completar:

– Conversei com uma menina lá. Foi legal. Depois pedi pra ficar com ela e levei um fora.

Larissa aproveitou a deixa para conversar com Matias sobre a importância de se aproximar das pessoas com calma, criando um vínculo antes de pensar em namorar. Mas, antes mesmo que ela terminasse a frase, ele interrompeu:

- Criar uma amizade sexual, né?
- O que é isso?
- Ah, tô com vergonha de falar...

Ficou em silêncio por alguns instantes, mas, depois, disse quase num sussurro:

- É quando você tem amizade e faz sexo.

Logo em seguida, questionou, refletindo em voz alta:

– Não pode namorar e já criar uma amizade sexual rápido? Tem que passar por outras etapas?

Sem esperar a resposta, olhou para Larissa e perguntou com um tom inocente:

- E você, queria ter uma amizade sexual comigo também?
- Não, Matias. Eu estou aqui para ser sua professora.

Aproveitando o gancho, Larissa perguntou:

— Mas me conta, o que é sexo para você?

— Sei o que é, mas não vou falar...

Ficou pensativo por alguns segundos e, então, completou:

— É pra ter filho.

— Mas se é pra isso, você está querendo ter um filho? Está querendo ser pai?

— Talvez...

Larissa aproveitou o assunto e perguntou sobre o pai de Matias. Ele respondeu sem muita emoção:

— Ele não mora com a gente. Não tenho contato com ele.

— Você já teve contato com ele antes?

— Já... em 2014, quando eu tinha sete anos.

— E por que não teve mais contato depois?

— Não sei... Mas acho que é porque minha mãe não quis mais ficar com ele.

Depois de um instante, acrescentou:

— Acho que o interesse do meu pai era mais na minha mãe.

— Você tem vontade de ter contato com ele?

— Sim.

— E o que você gostaria de fazer ou saber sobre ele?

— Dinheiro. Ele é policial e ganha bem.

Depois dessa resposta direta, ele desviou o olhar para a mesa e, de repente, perguntou:

— E qual é a atividade de hoje?

Larissa aproveitou o interesse e explicou que trabalhariam com a ideia de divisão por meio de uma receita. Matias leu atentamente a atividade, e logo captou:

— Ah, metade é só dividir por dois!

Sem demonstrar dificuldade, resolveu os primeiros exemplos. Em seguida, partiram para outra atividade, que envolvia dividir alunos de uma sala em grupos. Para isso, usaram pratos de plástico para repre-

sentar os grupos e cubinhos do material dourado como os alunos.

Enquanto Larissa organizava os objetos na mesa, Matias, do nada, declarou:

— Vou chamar a polícia pra te excomungar!

— Excomungar?

— Tô brincando! — Marias disse rindo.

— Mas o que significa essa palavra?

— É xingar e infringir a lei, ué. Você tá infringindo a lei porque tá me obrigando a fazer a atividade!

Larissa propôs um acordo: resolveriam apenas o primeiro problema.

Matias aceitou e leu o enunciado em voz alta:

— Em uma turma havia 40 alunos. Alguns professores formaram diferentes grupos para a realização de trabalhos escolares. A professora de português pediu que os alunos fizessem 5 grupos com a mesma quantidade de alunos. Quantos alunos tinha em cada grupo?

Ele refletiu por um instante e, então, começou a organizar o material. Pegou cinco pratos e os posicionou sobre a mesa, representando os grupos. Enquanto isso, Larissa separava quarenta cubinhos do material dourado, que simbolizavam os alunos, e entregava para ele.

Matias foi distribuindo os cubinhos com atenção, colocando um em cada prato, um por um, seguindo a lógica da divisão. Larissa o acompanhava, garantindo que ele não perdesse o raciocínio. Quando terminou, olhou para os pratos e começou a contar os cubinhos em cada um. Depois de conferir com cuidado, concluiu:

— Oito em cada grupo... Então 40 dividido por 5 dá 8!


Larissa aproveitou o momento para mostrar a ele que a operação inversa da divisão era a multiplicação. Também explicou como resolver a conta no papel. Matias demonstrou facilidade com divisões simples, como $20 \div 5$, que resolveu sem dificuldades.

1 – Luana encontrou a seguinte receita na internet:

MOUSSE DE MARACUJÁ

Ingredientes do mousse:
 2 gelatinas sem sabor
 10 colheres de sopa de água
 2 latas de leite condensado
 2 latas de creme de leite
 6 xícaras de suco concentrado de maracujá

Ingredientes da calda:
 2 xícaras de chá de água
 2 colheres de sopa de amido de milho
 6 colheres de sopa de suco de maracujá natural
 6 colheres de sopa de açúcar
 Sementes de maracujá para decorar



Ela queria fazer apenas metade dessa receita. Coloque quanto de cada ingrediente ela terá que usar:

<p><u>Ingredientes do mousse:</u> $\frac{1}{2}$ gelatinas sem sabor $\frac{5}{10}$ colheres de sopa de água $\frac{1}{2}$ latas de leite condensado $\frac{1}{2}$ latas de creme de leite $\frac{3}{6}$ xícaras de suco concentrado de maracujá</p>	<p><u>Ingredientes da calda:</u> $\frac{1}{2}$ xícaras de chá de água $\frac{2}{6}$ colheres de sopa de amido de milho $\frac{3}{6}$ colheres de sopa de suco de maracujá natural $\frac{3}{6}$ colheres de sopa de açúcar Sementes de maracujá para decorar</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Então, Larissa perguntou:

- Qual a sua dificuldade com a divisão?
- Não é com os probleminhas... É com as contas, tipo 27 dividido por 7.

$$\begin{array}{r} 40 \overline{) 270} \\ \underline{40} \\ 00 \end{array}$$

Antes de avançarem, Matias bocejou e disse:

$$\begin{array}{r} 20 \overline{) 20} \\ \underline{20} \\ 00 \end{array}$$

- Tô com sono... Posso parar por aqui?
- Por que tanto sono hoje?
- Não sei...
- Você dormiu bem essa noite?
- Sim.

Após uma breve pausa, acrescentou:

- Sonhei que tava pulando num rio fundo... e nunca mais voltei.
- Nunca mais voltou?
- É, porque eu não sei nadar! — Ele riu, como se achasse graça na própria fala. — Isso é engraçado, né?
- Eu não quero que você afunde em nada. Estamos aqui para que você aprenda a nadar nas coisas que sente que está afundando.

Matias ficou em silêncio por um momento. Não fez mais piadas. Apenas assentiu.

O encontro foi encerrado ali.

Fragmentos de presença

Matias chegou ao Programa logo pela manhã, acompanhado por sua mãe, Dona Alba. Enquanto o adolescente era atendido pela psicóloga, Larissa aproveitou o momento para conversar com a mãe. Depois de ouvir do próprio Matias sua trajetória escolar, seu histórico e as dificuldades enfrentadas, agora era hora de conhecer a perspectiva materna sobre o percurso do filho.

Sentada à frente de Larissa, Dona Alba ajeitou a bolsa no colo e suspirou antes de começar a falar. Seus olhos traziam um misto de cansaço e preocupação, e suas mãos inquietas deslizavam uma sobre a outra enquanto ela organizava as memórias.

— Desde pequeno, Matias sempre foi... diferente — começou, a voz baixa, como se estivesse revivendo cada cena ao narrar. — Quando bebê, com uns quatro meses, ele tinha um sono muito agitado. Parecia sentir dor na barriga. E não era só isso... mesmo depois de arrotar, ele ainda golfava. E às vezes... ficava parado.

Ela fez uma pausa, seus olhos buscando algo no vazio, talvez a lembrança exata do que via naquele tempo.

— Ficava sem reação, sem responder, como se tivesse saído por um instante. Só depois de um tempo ele voltava... dava uma respirada mais longa e voltava.

Larissa permaneceu em silêncio, anotando alguns pontos, mas sem interromper. A mãe precisava daquele espaço para falar.

— O primeiro contato dele com a escola foi cedo, com dois anos. Só que ele dormia muito... muito mesmo! Não acordava nem para lancha, nem para ir ao banheiro. — Ela franziu a testa, recordando. — E sempre foi assim... sempre dormiu muito.

Os dedos de Dona Alba apertaram com mais força a alça da bolsa antes de continuar:

— Aos três anos, coloquei ele em outra escola. E foi como se tivesse virado outra criança! Ele ficou muito mais elétrico, agitado... mudou completamente. Mexia com todo mundo, corria atrás das meninas, puxava cabelo, pegava a merenda dos outros...

Larissa levantou o olhar do caderno de anotações ao ouvir isso.

— E como era o comportamento dentro de casa? — perguntou.

Dona Alba soltou um riso curto, sem humor.

— Igual, ou pior. Não parava quieto. Brigava muito com a irmã mais nova. Até os quatro, cinco anos, era uma energia sem fim...

Ela suspirou fundo antes de continuar.

— Mas aos cinco anos, começou a fazer as atividades da escola. Saiu de lá lendo, quase com seis anos.

— No primeiro ano do fundamental, como foi? — perguntou Larissa, curiosa para entender melhor o percurso de Matias.

— Foi tranquilo. Fazia as atividades, não dava problema na esco-

la. — Dona Alba fez uma breve pausa e continuou: — Com seis, sete anos... ele não queria mais ficar na escola. Chorava muito. Depois de um tempo, parou de chorar, mas... — ela hesitou, mordendo o lábio antes de continuar. — Não conversava com ninguém. Não interagia. Ficava de costas para a professora. Não fazia mais as atividades...

Larissa manteve o olhar atento, escutando cada detalhe.

— Ele começou a perseguir as meninas. Corria atrás delas... tanto que elas começaram a se esconder no banheiro.

— E dentro de casa? — Larissa perguntou, observando a mãe abaixar os olhos.

— Mais agressivo... Subia em tudo, vivia caindo, quebrava as coisas.

O silêncio pairou entre as duas por um momento, até que Dona Alba inspirou fundo e retomou:

— Foi aí que eu procurei ajuda. Levei ele ao neurologista e psiquiatra, porque a escola me deu um relatório... E logo de cara o psiquiatra desconfiou de autismo. Mandou para o neuro com um encaminhamento dizendo isso.

Larissa continuava anotando, mas agora olhava para a mãe com um ar mais atento.

— E o neurologista?

— Na primeira consulta já disse que provavelmente era autismo. Me deu cartilhas, vídeos pra assistir... e pediu exames. Foi aí que descobriram a epilepsia. E ele também recebeu o laudo de autismo e TDAH.

Ela fez uma pausa, apertando os lábios, como se revivesse a enxurrada de informações daquela época.

— Matias tinha uns sete anos quando começou a tomar remédio... e foi também quando uma outra psiquiatra deu um laudo de 'transtorno do comportamento grave'. Mas depois, outros psiquiatras não concordaram com esse laudo.

O peso da confusão diagnóstica se fazia evidente na expressão cansada da mãe.

— E na escola, como foi depois disso? — perguntou Larissa.

— Ele já não acompanhava mais a turma... A letra era muito difícil de

entender, desorganizada... E até hoje é assim. Parou de conseguir fazer as atividades. Na leitura, travou. Antes lia... mas foi como se o cérebro dele tivesse dado um bloqueio e ele não conseguisse mais ler.

Larissa franziu levemente o cenho. A mãe continuou:

— A fala ficou embolada... também fazia cocô no quintal e pegava no cocô.

Ela suspirou e balançou a cabeça.

— Foi aí que troquei ele de escola, na tentativa de melhorar essas questões.

Larissa assentiu lentamente, absorvendo as informações. Dona Alba mexeu na alça da bolsa novamente, inquieta.

— Quando a gente pergunta por que Matias age assim, ele diz que não sabe o motivo... Que simplesmente faz. Cheguei a perguntar para a psiquiatra sobre isso. Foi quando ele recebeu outro laudo: “retardo mental”.

A sala ficou em silêncio por alguns instantes. Larissa observava Dona Alba, que desviou o olhar para as próprias mãos, agora entrelaçadas. A mãe fez um gesto rápido, como se tentasse organizar as palavras antes de continuar.

— As questões com a sexualidade começaram no segundo ano... com seis, sete anos. Mas depois deu uma apaziguada. Agora voltou muito mais aflorado...

Larissa manteve o olhar firme, sem demonstrar qualquer reação precipitada, mas compreendendo que era normal a sexualidade se aflorar na adolescência. Ela não comentou nada naquele momento. Sabia que ainda havia muito mais para ser dito.

Dona Alba respirou fundo, parecendo ponderar antes de continuar.

— A psiquiatra passou uma receita com cinco remédios diferentes — disse, balançando a cabeça. — Ele toma de manhã, de tarde e de noite.

— Cinco?

— Sim... mas estou pensando em diminuir a dose. Ele está dormindo demais, muito cansado.

O tom de preocupação em sua voz era evidente.

— E o pai do Matias? Como foi essa relação? — Perguntou Larissa.

Dona Alba soltou um riso curto, sem humor.

— Ficamos juntos por sete anos. Mas, para ser bem sincera, desde o começo já era um relacionamento de idas e vindas.

Ela ajeitou a bolsa no colo e continuou:

— Engravidei do Matias quando tinha dois meses de namoro. Quando ele nasceu... o pai não quis saber dele.

Larissa permaneceu atenta, sem interromper.

— Quando eu estava de seis meses, a gente se separou. Depois, voltamos quando Matias tinha dois anos... mas quando ele fez três, quatro anos, nos separamos de novo.

Ela franziu o cenho, como se relembresse melhor a cronologia dos acontecimentos.

— Ele teve contato com o pai até os cinco anos.

Larissa, no entanto, se recordava do que Matias havia contado em uma de suas falas: segundo ele, o contato durara até os sete anos.

— Mas... — Dona Alba hesitou, mexendo os dedos inquietos sobre a alça da bolsa. — Na verdade, quando Matias tinha cinco anos, a gente ainda estava 'mais ou menos'.

— E como Matias reagia a essa situação?

— Antes, ele pedia para eu voltar com o pai. — Dona Alba suspirou. — Eu explicava o motivo de o relacionamento não ter dado certo. Com o tempo, ele parou de falar nisso.

Ela fez um gesto vago com a mão, como se afastasse a importância do assunto.

— Mas isso não tem nada a ver com as questões dele.

Depois de um breve silêncio, Larissa decidiu retomar a conversa por outro caminho.

— E a escola? Como tem sido para ele?

— Olha... na escola, ele fica mais fora de sala do que dentro.

— Tem uma monitora que acompanha ele e mais dois alunos. Ela

até fez uma apostila adaptada pra ele, mas o prazo ficou pequeno para entregar. Matias não está conseguindo fazer.

Havia um tom de frustração na voz da mãe, como se estivesse desgastada com a situação.

— Atualmente, ele está afastado da escola — continuou. — Isso por causa de um relatório da neurologista, que recomendou que as atividades fossem preferencialmente EAD, por conta das crises de ausência.

— Essa recomendação partiu da neurologista?

— Sim, mas... na verdade, foi inspirado num pedido da própria escola. Eles já tinham conversado comigo sobre isso antes.

— A escola também me chamava sempre, dizendo que ele estava muito agitado, que não queria ficar lá.

— Você acredita que ele poderia voltar a frequentar a escola? — Larissa perguntou, observando a reação da mãe.

— Sim, sim... mas é complicado.

Ela franziu a testa, como se estivesse prestes a revelar um peso que carregava.

— É difícil para a escola lidar com o comportamento dele. E tem a questão da sexualidade também...

Por um instante, seu olhar se perdeu no chão, como se buscasse as palavras certas. Depois, voltou a encarar Larissa.

— Eu sei que a escola tenta... Mas acho que, no fundo, ninguém sabe muito bem o que fazer.

A sinceridade na sua voz revelou o tamanho da sua preocupação. Larissa percebeu que, apesar de todas as dificuldades, Dona Alba também se sentia um pouco sem rumo. A escola, os médicos, os laudos, os remédios... Tudo parecia um quebra-cabeça cujas peças não se encaixavam completamente.

— E você? — Dona Alba perguntou, repentinamente. — O que acha?

Larissa sustentou o olhar, sentindo o peso daquela pergunta.

— Acho que ainda temos muito a entender sobre Matias — respondeu, com tranquilidade. — Mas o mais importante é que ele não está

sozinho nesse caminho.

Dona Alba respirou fundo e assentiu. Não disse nada por alguns segundos, mas havia algo diferente na sua expressão — talvez um alívio discreto, talvez uma pausa necessária.

Após a conversa com Dona Alba, Larissa abriu a porta e chamou Matias para o encontro daquele dia.

Ele entrou na sala arrastando os pés, com os ombros levemente caídos.

— Oi, Larissa.

— Oi, Matias. Como foi sua semana?

— Só dormi... Minha vida é só dormir.

— Hoje trouxe umas contas para fazermos juntos — disse, pegando uma folha. — Como seu “problema são as contas de divisão”, vamos trabalhar nelas. Fizeram diversas contas simples e Matias não apresentou dificuldades.

De repente, no meio da atividade, Matias soltou uma risada inesperada.

— Ah, então a gente vai se pegar às escondidas!

Ele caiu na gargalhada, repetindo a frase várias vezes.

— O que você achou engraçado? — Larissa perguntou, curiosa.

Ele continuou rindo, sem responder. Era como se as palavras tivessem ganhado um significado próprio para ele, algo que Larissa não conseguia acessar completamente.

Depois de um tempo, voltou à atividade, mas logo fez outra brincadeira.

— E no final, a gente ganha um beijo?

— Por que você acha que isso ia acontecer?

Matias apenas riu novamente, sem responder.

Larissa continuou a atividade, mostrando que as contas feitas até então eram exatas, pois todas tinham resto zero.

Depois, passaram para uma conta diferente:

$$\begin{array}{r} 42 \overline{) 42} \\ \underline{42} \\ 00 \\ \text{RESTO} \end{array} \quad \text{EXATA}$$

$20 \div 3$.

Matias resolveu sozinho, mas ao final, escreveu 7 como resultado. Quando precisou fazer $20 - 21$, ficou em dúvida.

— O número de baixo não pode ser maior que o de cima — Larissa explicou. — Tem que ser menor.

Ele pensou por alguns segundos, refez os cálculos e chegou ao resultado correto:

— Ah, então é 6, e o resto é 2!

— Exatamente!

Matias parecia absorver a lógica da divisão, mas seu jeito disperso logo o fez desviar o foco novamente.

— Se eu acertar a próxima, posso te levar pra balada?

— Você quer me levar para a balada?

Ele riu.

— Tô brincando...

— E por que você faz essas brincadeiras?

— Não sei...

Larissa não insistiu.

Na conta seguinte, $15 \div 4$, Matias inicialmente colocou 4 como resultado. Quando chegou ao cálculo $15 - 16$, percebeu que algo estava errado.

— Lembra o que conversamos na conta anterior? — Larissa lembrou.

Ele corrigiu o cálculo:

— Ah, então é 3, porque $15 - 12$ dá 3.

— Isso mesmo. E o resto é 3.

Mas, assim que terminou a conta, sua paciência pareceu se esgotar.

— Quero ir embora. Me estressei com essas contas.

— Só mais um pouquinho, Matias. Quero te mostrar a diferença entre divisão exata e divisão com resto.

A handwritten division problem: $20 \div 3$. The quotient is 6, and the remainder is 2. The calculation shows $3 \times 6 = 18$, and $20 - 18 = 2$. The text "RESTO = 2" is written below the calculation.

A handwritten division problem: $15 \div 4$. The quotient is 3, and the remainder is 3. The calculation shows $4 \times 3 = 12$, and $15 - 12 = 3$. The remainder 3 is written in a box.

Pegou cinco lápis e colocou sobre a mesa.

— Se eu dividir esses lápis entre nós dois, como fica?

Ela foi entregando um para cada, até que sobrou um.

— Tá vendo? Como não dá para dividir igualmente, esse lápis que sobra é o resto!

Matias observou com atenção e, quando Larissa terminou a explicação, perguntou:

— Posso ir embora agora? Tô com sono.

— Pode, Matias.

— Até a próxima.

— Até.

Divisão dos números e da vida

Matias chegou ao encontro daquele dia visivelmente mais ativo. Seus olhos não carregavam o peso da sonolência como antes, e seu corpo parecia responder com mais rapidez ao ambiente.

— Minha mãe diminuiu os remédios — disse, antes mesmo de se sentar.

— A gente pode trabalhar multiplicação hoje? Porque divisão... não tá dando.

— Mas a multiplicação tá dentro da divisão, Matias. Então, a gente pode trabalhar as duas juntas.

Ele bufou, cruzando os braços.

— Sou horrível na divisão. Na vida e no papel.

Fez uma pausa e, de repente, soltou:

— Não gosto de dividir a família.

A fala pegou Larissa de surpresa.

— A divisão pode ser de muitas coisas, Matias. Pode ser dividir as contas para pagar, dividir o tempo para conseguir fazer o que gosta...

Ele não respondeu, apenas observou enquanto ela retomava o conteúdo anterior.

– Vamos lembrar o que você já aprendeu?

Primeiro, fizeram uma divisão com resto zero: $45 \div 5$. Depois, uma conta com resto: $15 \div 7$.

No meio do processo, Matias desviou o olhar para Larissa e perguntou, do nada:

– Você conhece aquele ônibus da linha que eu venho pra cá?

Ela sorriu com a mudança brusca de assunto.

– Conheço, sim. Você gosta de ônibus?

– Sou fixado em ônibus.

– E por que você gosta tanto?

– Me tranquiliza.

– E por quê?

– Boa pergunta...

Handwritten division problems:

$$\begin{array}{r} 45 \overline{) 45} \\ \underline{45} \\ 0 \end{array} \quad \begin{array}{r} 15 \overline{) 105} \\ \underline{14} \\ 01 \end{array}$$

Labels: Resto

Matias não se aprofundou no assunto e logo voltaram às contas. Dessa vez, algo mais desafiador:

– Vamos resolver $846 \div 2$.

Enquanto faziam os cálculos, ele comentou casualmente:

– No ônibus de hoje tinha uma menina bem bonita, mas metida.

Depois de um breve silêncio, soltou outra frase:

– Tem hora que dá vontade de fazer certas coisas, mas não pode, né?

Handwritten long division:

$$\begin{array}{r} 846 \overline{) 846} \\ \underline{8} \\ 04 \\ \underline{04} \\ 06 \\ \underline{06} \\ 00 \end{array}$$

– Como assim?

– Tocar no corpo da pessoa... Mas eu sei que não pode.

Ele mesmo completou:

– Isso é errado.

– Sim, é errado. Você sente essa vontade?

– Uma vez fui num médico, faz muito tempo... Ele disse que quando eu ficasse mais velho, ia sentir vontade de tocar no corpo das pessoas. Agora eu sinto.

Ele olhou diretamente para Larissa, como se pro-

curasse uma confirmação.

— Mas eu sei que tem que estar em um relacionamento. Não pode fazer isso sem autorização da pessoa.

Larissa manteve a atenção enquanto Matias refletia.

— Tem gente que faz isso quando quer? — Ele perguntou.

— Não, não pode.

Matias pareceu absorver a resposta por alguns segundos.

— Isso é crime. Abuso sexual, né? Vi na TV.

— Isso mesmo.

Ele não falou mais nada, apenas terminou a conta.

— Posso ir embora?

Larissa propôs que fizessem mais uma conta antes de encerrar.

Resolveram $696 \div 3$. Matias achou difícil e se confundiu em alguns momentos, trocando adição por multiplicação.

— Seis dividido por três é três, porque três mais três é seis, né?

Larissa corrigiu com paciência, orientando-o no passo a passo. Com sua ajuda, ele conseguiu resolver.

Enquanto fazia a conta, voltou ao assunto do ônibus.

— O motorista era muito bonito. Você ia se apaixonar por ele.

— Ah, é? Ele é tão apaixonante assim? Você também se apaixonou?

— Não! Eu não sou viado! Tenho cara que pratico com os homens?

— E o que seria “praticar com homens”?

— É quem pratica a parada gay.

Logo depois, perguntou:

— Na minha testa tá escrito “Parada LGBT”?

— As coisas não ficam escritas na nossa testa. A gente só sabe quando a pessoa fala.

Matias ficou em silêncio, voltando sua atenção para a conta.

$$\begin{array}{r} 696 \\ 3 \overline{) 696} \\ \underline{6} \\ 09 \\ \underline{09} \\ 06 \\ \underline{06} \\ 00 \end{array}$$

Quando terminou, levantou a cabeça.

— Posso ir embora agora?

— Pode, Matias.

Ele recolheu os materiais da mesa lentamente e saiu da sala.

Um lugar no mundo

Após o atendimento, Larissa desceu até o primeiro andar para a discussão do caso. Patrícia já a esperava, junto com Vanda, que havia começado a atender Matias como clínica geral.

Patrícia foi a primeira a falar, iniciando a conversa com um ponto essencial:

— Durante os encontros Matias vai criando um espaço para a construção da relação entre meninos e meninas. Ele tem dificuldade de regulação na relação com o outro, então a paquera dele é chegando para beijar, com brincadeiras de passar a mão. “É tão bom, é tão prazeroso, por que eu não posso fazer?”

Patrícia continuou:

— Mais recentemente, houve uma mudança no caso entre fevereiro e março. Ele estava muito deprimido, com um desejo de morte, querendo sair da escola. Isso aconteceu na mesma época em que levou um fora de uma menina que namorava e por quem gostava há anos.

Ela fez uma pausa antes de acrescentar:

— Ele dizia: “Ela troca de namorado, mas não me dá uma chance.”

— Então ele perde o interesse na via da sexualidade, mas também na vida — Patrícia continuou. — Quer sair da escola, quer morrer, começa a ter pensamentos mais negativos.

— Mas mais uma vez isso muda agora — seguiu Patrícia. — Ele volta a ter um interesse libidinal pelas meninas. Antes, ele tinha saído da escola porque tinha muitas dificuldades em lidar com meninos e meninas. Agora, diz que em casa está insuportável a relação com as irmãs e quer voltar a ver as meninas da escola.

Ela olhou para Larissa, Vanda e para o restante da equipe.

— Ele gosta de meninos e meninas, mas é muito difícil para ele cons-

truir isso. Ele fala de coisas que acessa na internet, mas quando alguém pontua se ele gosta, ele se agita e traz isso como se fosse uma denúncia do outro em relação a ele.

Vanda interveio:

— E ele diz coisas como: “Eu não sirvo pra nada, minha cabeça é ruim, eu me sinto um inútil.” Ele é um jovem que tem certas limitações, como todo mundo, mas em algum lugar ele tem um desejo próprio, um desejo de vida.

— Hoje ele falou que conheceu um técnico em radiologia que era autista — disse Patrícia, lembrando-se da fala dele no atendimento. — Foi como se fosse um clique: autistas também podem trabalhar, podem fazer algo da ordem da vida. Mas, ao mesmo tempo, vem o “não consigo”. Na escola, por exemplo, às vezes, ele nem está envolvido em alguma situação, mas já recebe a culpa. Ele mesmo contou que estava conversando com um colega no corredor e o diretor passou e disse: “Não fica conversando com ninguém, não.”

— Ele carrega esse lugar do garoto-problema, do que não consegue, do que não é capaz. Mas, ao mesmo tempo, está buscando uma saída. — Continuou Patrícia.

Se Matias oscilava entre desejo e desânimo, entre presença e ausência, talvez parte disso fosse um reflexo do espaço que lhe era dado. Entre tantas divisões, ele buscava um lugar onde pudesse se sentir inteiro. O trabalho, agora, era buscar esse lugar junto com ele.

A discussão do caso seguia com intensidade. Vanda trouxe um ponto importante sobre o afastamento de Matias da escola:

— Ele foi afastado em maio, quando houve uma exacerbação das crises convulsivas, ou crises de ausência. Mas eu não sei... Não sei se eram crises epiléticas ou se eram crises que ele se tirava, se “apagava” por outros motivos. Tenho dúvida se é um quadro neurológico ou psicoemocional.

— A psiquiatra afastou ele da escola por causa dessas crises. Mas o diretor... — Vanda fez uma pausa, olhando para Patrícia. — O diretor fala de uma dificuldade de contenção do Matias.

Uma pessoa da equipe interveio:

— Mas ele chegou a apresentar algum comportamento agressivo?

— Não — respondeu Vanda. — O diretor disse que não. Apenas alguns comportamentos inconvenientes, uma hiperatividade, não obedecer regras. O diretor me enviou um áudio dizendo que “não tem como ficar com alguém que só fica dormindo, mas também não tem como ficar com alguém que só fica agitado”.

— Esperam um aluno ideal — disse Larissa.

— Agora que reduziram a medicação, ele melhorou as crises — acrescentou Vanda. — Mas a agitação voltou junto.

— Violência gigantesca — comentou uma pessoa da equipe. — A escola, que deveria ser um lugar de cidadania, rechaça. Faz o afastamento.

Larissa sentiu um aperto no peito ao pensar no que isso significava. Matias não estava apenas sendo excluído — ele estava sendo privado da possibilidade de existir dentro daquele espaço.

Vanda então trouxe outro ponto importante:

— Da outra vez que tentamos acolher a mãe, ela não aceitou. Disse que estava bem, que vinha apenas para trazer o Matias.

— Mas ao mesmo tempo está exausta — acrescentou. — A mãe sente uma rejeição dele pela escola e se entristece muito com isso.

Patrícia trouxe um detalhe que parecia pequeno, mas dizia muito:

— Ela anda com um colar se nomeando como “mãe atípica”. E Matias faz um esforço para se descolar disso — disse Patrícia. — Ele disse que não aguenta mais ficar com esse colar no pescoço. Quando sugeri que ele colocasse para dentro da camisa, ele respondeu que não pode, que a mãe obriga a deixar à vista.

— Ele vê isso como um motivo de vergonha? — perguntou alguém.

— Não de vergonha — respondeu Patrícia. — Mas porque todo mundo olha para ele diferente. Ele disse que queria paquerar, mas que, quando viam o colar, já olhavam para ele de outro jeito. Já a mãe fala da tranquilidade de andar com o colar agora.

— Mas não dá pra culpar a mãe por tudo isso — disse Vanda. — Ela está cansada. Exausta.

— Ela ama o Matias. Vemos o esforço dela para ajudá-lo. Mas precisa de auxílio para isso.

E foi ali que Larissa intuiu: talvez fosse preciso ajudá-los a soltar o colar — para que, enfim, Matias pudesse existir para além dele.

Pressa de ir, pressa de falar

Matias entrou na sala apressado, sem sequer esperar que Larissa o cumprimentasse. Suas palavras saíram rápidas, atropeladas pelo ritmo da sua inquietação.

— Tenho que ir embora logo! Preciso pegar o ônibus. Detesto esperar ônibus... — disse, gesticulando impaciente. — Não tenho paciência pra ônibus lotado, me dá uma angústia!

Ajeitou-se na cadeira, balançando uma das pernas repetidamente, enquanto continuava:

— Fico nervoso quando tem muita gente, sabe? Mas, se eu estiver conversando com alguém, aí não fico. Porque não vejo o tempo passar.

Larissa o observou por um instante antes de perguntar:

— E hoje veio conversando com alguém ou veio sozinho?

— Vim com minha mãe. Mas vim calado, pensando numas coisas.

— Que coisas?

Ele riu de repente e mudou de assunto:

— Ei, sabe o que eu fiz? Conte pra uma mulher que minha mãe come alho com ovo cru! E que ela rouba papel higiênico do hospital! — Gargalhou sozinho. — Mas eu tava zoando.

— Você gosta de deixar sua mãe sem graça? — perguntou.

— Gosto — admitiu ele, sorrindo, parecendo se divertir com a lembrança.

Seu olhar desviou para o canto da sala antes de acrescentar:

— Ensinei uma mulher a roubar um ônibus. Assim, quando ela quiser roubar um, já sabe como fazer e ser presa. Quanto mais presos, melhor! — disse, com um tom aparentemente convicto.

— Como assim?

— Se todo mundo fosse preso, eu poderia roubar e matar! — Falou

como se fosse uma ideia engraçada, mas logo emendou, abaixando a cabeça, ainda rindo: — Sou um idiota mesmo...

Mudou de assunto de repente:

— Mandei mensagem pro seminarista que quer virar padre. Escrevi: “Boa noite, durma com os santos diabinhos”. — Olhou para Larissa, esperando alguma reação. — Vi isso na TV, achei engraçado.

— Também disse pra minha vó dormir com a morte da machadinha! — Estreitou os olhos, sorrindo de lado. — Só queria assustar ela e o seminarista. Eu gosto de assustar os outros.

Depois, seus olhos pousaram na mão de Larissa.

— Sua aliança é bonita. Tem nome nela? — E acrescentou antes que ela respondesse: — A da minha avó tem nome.

Larissa explicou que compramos a aliança primeiro e depois podemos gravar o nome. Ele pareceu curioso com isso, fazendo algumas perguntas sobre o processo.

Ela puxou o foco para a atividade:

— Vamos fazer algumas contas.

Enquanto escrevia no papel, Matias comentou, distraído:

— Tô esperando o relatório médico pra voltar pra escola... Mas ainda vai chegar o dia de ir na “doutora bosta” e ela vai enrolar pra não dar o papel.

— Por que “doutora bosta”? — perguntou Larissa, tentando entender o que havia por trás desse apelido.

Ele bufou:

— Ela é uma bosta. Não faz nada que presta. Ela me chama de de mente e depois quer que eu goste dela?

— Ela te chamou assim?

— Falou que eu tava com demência! Era só o que me faltava... Eu, um menino normal assim! Você acha que eu tenho demência? Disse pra minha mãe que pode ser que eu tenha demência, se não fosse constatado uma outra coisa lá.

Ficou em silêncio por um segundo, depois avisou com um sorriso travesso:

- Eu vou soltar um pum, tá?
- Segura e solta no banheiro — pediu Larissa.

Ele deu risada.

- Nem fede.

Ela tentou trazê-lo de volta à atividade.

- Vamos lá: 12 dividido por 4.

Matias fechou a cara e, de repente, começou a fazer força, franzindo a testa.

— O que você tá fazendo? — perguntou Larissa, já imaginando a resposta.

Ele explodiu em gargalhadas.

- Tô tentando soltar um pum!
- Existem lugares pra isso...
- Mas aqui é um lugar reservado! — retrucou ele, ainda rindo.

Larissa voltou à conta. Ele começou a pensar em voz alta:

$$\begin{array}{r} 12 \quad \overline{)4} \\ 12 \quad \underline{3} \\ 00 \end{array}$$

- 12 menos 4...
- Menos?

Ele reconheceu o equívoco e recomeçou:

— 4, 8, 12... — Contava de quatro em quatro enquanto levantava os dedos a cada número que dizia. — Então é três! — Respondeu certo.

Pouco depois, olhou o relógio.

- Se eu fizer tudo, vou perder o ônibus...

Parou, fez força outra vez e caiu na risada.

- Vamos terminar apenas essas então — disse Larissa.

— Não consigo. Minha mente é muito fraca... — disse, num tom quase de lamento.

— Sua mente não tem nada de fraca. Tem alguém aí dentro que pensa — retrucou ela.

Ele recomeçou, testando possibilidades.

- 72 dividido por 8... 8? Não, porque 8 vezes 8 é 64... 7? Não, porque

8 vezes 7...

Ele pensou, até que com o auxílio de Larissa chegaram juntos ao resultado certo.

No final, ele começou a calcular sozinho os horários do ônibus, quais motoristas estariam dirigindo e qual horário seria melhor para chegar ao ambulatório.

$$\begin{array}{r} 72 \text{ L}8 \\ 72 \text{ g} \\ \hline 00 \end{array}$$

— Olha quanta conta você tá fazendo de cabeça! — destacou Larissa.

— Isso é horário, não conta — respondeu ele.

Ela explicou que ele estava fazendo contas de tempo, o que também era matemática. Ele refletiu um pouco e, sem que precisasse insistir, voltou à atividade.

— 40 dividido por 7... — começou, contando a tabuada do 7. Errou algumas vezes, aceitou a ajuda e, enfim, chegou à resposta.

— Já posso ir? — perguntou.

Larissa concordou, encerrando o encontro.

Escutar ou ajustar?

No meio da semana, Patrícia, Vanda e Larissa conseguiram marcar uma reunião com a escola para discutir as dificuldades em lidar com Matias e organizar sua volta às aulas.

A reunião começou de forma remota, com a presença do diretor Diego, da coordenadora pedagógica, de Patrícia, Larissa e Vanda.

$$\begin{array}{r} 3 \text{ } 10 \text{ } \text{L}7 \\ - 35 \text{ } 5 \\ \hline 05 \end{array}$$

O diretor iniciou relatando algumas situações ocorridas na escola, destacando que a mãe não medicava Matias corretamente.

— Uma vez ele ficou agressivo, xingou, estava bastante descontrolado... Fazendo o barulho que queria fazer — relatou, com um tom impaciente. — Liguei para a mãe e disse: “Só quero que ele venha medicado, porque ele está sem medicação. Ele já chegou nervoso, já chegou agitado, brigando, me xingando, já veio descontrolado. Eu só quero que a senhora dê o remédio para ele porque ele nunca chega assim.

Ele sempre chega sonolento.”

O diretor fez uma pausa e, em seguida, enfatizou:

— Se ele não toma o remédio, ele chega agitado. Se toma, chega sonolento. Se ele já chega irritado, é porque não tomou o remédio, porque não está no normal dele.

Patrícia, com um tom analítico, perguntou:

— Quando o senhor fala “agressivo”, refere-se a agressividade física ou verbal?

— Apenas verbalmente — respondeu o diretor rapidamente. — Ele nunca foi fisicamente agressivo.

A coordenadora pedagógica interveio, acrescentando:

— Matias tem uma professora de apoio. Mas, quando chega agitado, às vezes ele a rejeita. E tem momentos que ele pede para a mãe vir buscar porque está com muito sono.

Larissa franziu a testa.

— Ele que pede?

A coordenadora pedagógica assentiu.

— Sim.

Patrícia respirou fundo e disse:

— O ajuste da medicação é um desafio constante. Nem o sonolento, nem o irritado é o que queremos para Matias. Ele é acompanhado há muito tempo e, no caso dele, há uma polifarmácia envolvida. São anos tentando ajustar a medicação, tirando e colocando diferentes combinações para tentar acertar...

O diretor interrompeu, cruzando os braços.

— Eu falei isso para a mãe há muito tempo. Há uma negligência clara aí. Eu me sento, converso, tento ajudar a família... Mas a situação financeira não ajuda. Às vezes ela consegue comprar a medicação, às vezes não.

Fez uma pausa e mudou o tom, esboçando um sorriso cansado.

— Todo aluno que tem atendimento especializado é um anjo que foi colocado para nos ensinar a lidar melhor com o ser humano. Matias

nos ensina isso... — fez um gesto vago com as mãos. — Quando ele chega agitado, eu já sei que ele não está medicado. Então deixo até ele me xingar, porque sei que não é pessoal.

Ele inclinou-se levemente para frente e abaixou o tom de voz.

— Outra coisa que vocês precisam saber... Ele tem uma tendência às questões sexuais muito fortes, afloradas.

A coordenadora pedagógica imediatamente se levantou e fechou a porta da sala. O diretor continuou:

— No início, ele gostava de subir no vaso sanitário para ver o pênis dos meninos que estavam urinando ao lado. Pedia para ver, perguntava se já tinham feito sexo, dizia que um dia ainda ia fazer...

Patrícia e Larissa ouviram atentamente em silêncio.

— Teve uma situação de masturbação no banheiro — prosseguiu ele. — Mas isso aconteceu uma ou duas vezes apenas.

A coordenadora fez um gesto afirmativo, sinalizando que lembrava dos episódios mencionados.

Patrícia, após um breve silêncio, interveio:

— Essa questão da sexualidade aparece também nos atendimentos. Ele tem uma grande dificuldade de regulação nas interações com o outro.

O diretor completou:

— No início, a relação dele com a professora de apoio também foi complicada. Ele não aceitava, recusava ajuda, ficava inquieto... Mas, com o tempo, ela foi encontrando formas de se aproximar. Hoje, ele já consegue interagir melhor com ela.

Fez uma pausa e suspirou antes de acrescentar:

— Outra coisa importante de vocês saberem... Ele não consegue acompanhar o ano letivo.

— Matias tem uma mentalidade de criança, mas um corpo daquele tamanho — disse o diretor, fazendo um gesto amplo com as mãos. — Ele não consegue acompanhar o raciocínio lógico, não consegue copiar do quadro, não acompanha uma aula expositiva porque perde a concentração e fica agitado.

A coordenadora balançou a cabeça em concordância.

— Tem uma coisa que ele faz muito e que talvez seja útil para vocês... Mas, para a gente, é um problema — continuou o diretor. — Ele gosta de uma fofoca. Dá notícia de tudo.

Patrícia e Larissa tentaram intervir algumas vezes, mas o diretor continuava falando, como se precisasse desabafar sobre Matias.

— Outro dia, ele estava agressivo — prosseguiu — e quando tentei acalmá-lo, ele olhou para mim e disse: “Você é o diretor aqui, mas não manda em mim, não. Vou fazer o que eu quiser.” Partiu para cima de mim como se eu fosse a pior pessoa do mundo.

Patrícia, mantendo a calma, perguntou:

— Isso sem um conflito específico anterior?

O diretor fez um gesto afirmativo.

— Eu sempre chego numa boa com ele. Mas, como ele foi muito agressivo comigo... Verbalmente, claro. Eu ouvi que ele me desmoralizou e tudo, mas eu sabia que ele estava sem remédio.

— Não é pessoal — pontuou Patrícia.

— Está fora do controle dele — respondeu o diretor, mas seu tom indicava que, apesar da concordância, ele não havia realmente refletido sobre o comentário dela.

Patrícia continuou:

— Esse relato faz muito sentido com o que vemos nos atendimentos. É importante lembrar que, para ele, é extremamente difícil regular suas interações. Ele sente um impulso e simplesmente age. E isso, muitas vezes, resulta em brincadeiras de mau gosto, que ele mesmo não consegue controlar.

O diretor cruzou os braços e, pela primeira vez na reunião, ouviu em silêncio.

Patrícia relatou:

— Ele sabe que algumas dessas ações trazem consequências graves, mas tem pouquíssimos recursos internos para evitá-las. Na relação com os outros, principalmente quando o assunto é sexualidade, isso se torna muito evidente. É um tema tabu, mas para ele não há

filtro. Ele simplesmente pergunta, fala, toca no assunto...

Ela olhou para o diretor e acrescentou:

— No caso das situações que envolvem o contato físico com os colegas, isso precisou ser trabalhado no acompanhamento. Para nós, pode parecer óbvio que há limites no corpo do outro. Para ele, não. Ele não compreende isso da mesma forma. Então, o que parece intencional ou provocativo, muitas vezes, é resultado dessa imaturidade.

Patrícia fez uma breve pausa e prosseguiu, buscando trazer um encaminhamento para a escola:

— Há uma imaturidade na forma como Matias se relaciona, como se envolve, como se aproxima. Em um dos atendimentos, ele me perguntou: *Como se faz para beijar uma pessoa?* Ele estava genuinamente querendo saber, sem segundas intenções. É algo infantil. Por isso, uma sugestão seria estabelecer alguém dentro da escola com quem ele tenha mais abertura para conversar e tratar dessas questões. Se ele tiver um adulto de referência para trazer esses temas, talvez isso vá esvaziar esses comportamentos com os outros alunos. Porque o que está por trás disso é justamente a dificuldade que ele tem de se relacionar com os colegas.

Patrícia ainda não havia terminado sua fala quando o diretor a interrompeu, sem refletir sobre a proposta.

— Mas percebam que ele nunca teve problemas com meninas. A maioria dos conflitos, das situações que envolvem toque, ver, perguntar... É sempre com meninos.

Ele lançou um olhar rápido para a coordenadora, que imediatamente assentiu.

— Sim, é verdade.

Patrícia ponderou:

— Essa dificuldade não se resume ao gênero das pessoas com quem ele se relaciona. O que está em jogo aqui é a falta de filtro e de limites na interação com o outro.

O diretor pareceu pensar por um momento, mas logo retornou ao seu discurso.

— Essa troca que estamos tendo é importante. O que queremos é

ajustar a permanência dele na escola da melhor forma possível.

Nesse momento que Vanda ingressou na reunião. O tom da conversa mudou imediatamente. Larissa percebeu como a presença da médica alterava a dinâmica do grupo, tornando o ambiente mais receptivo. O diretor, antes categórico em suas falas, passou a escutar mais. Ficava evidente a hierarquia de saberes presente ali: o saber médico parecia ocupar o topo da escala e, portanto, merecia ser melhor ouvido.

— É muito importante essa troca. Estamos todos aqui pelo mesmo motivo: ajudar Matias. O trabalho precisa ser conjunto. — Afirmou Vanda.

Ela explicou os desafios médicos envolvidos, reforçando que o ajuste da medicação precisava encontrar um equilíbrio. Nem sedado, nem em crise. Abordou os diagnósticos e a complexidade do caso, enfatizando que a estabilidade emocional dele não dependia apenas do remédio, mas também do ambiente ao qual estava inserido.

O diretor acenou com a cabeça e, parecendo mais aberto ao diálogo, comentou:

— Eu tenho 500 alunos só no período da manhã. A gente faz o que pode, mas não é fácil.

Fez uma pausa, como se tentasse medir as palavras antes de continuar:

— Ele já foi agressivo verbalmente com um aluno há um tempo. Quando isso aconteceu, chamamos a mãe e sugerimos que ele fosse para uma escola menor, com menos de 100 alunos. Mas... ele arrumou confusão lá também.

A coordenadora pedagógica assentiu discretamente.

— A verdade é que lá a população é mais carente. Aqui, temos um público misto, com alunos carentes e outros de famílias mais estruturadas. Mandamos ele pra lá como uma tentativa, mas depois a mãe quis que ele voltasse para cá.

O diretor fez uma pausa e olhou para Vanda.

— Essa reunião é para organizar o retorno dele para a escola?

— Sim, exatamente — respondeu Vanda. — E é fundamental que ele

volte. Fora da escola, ele teve uma piora significativa. Desenvolveu um humor mais depressivo, uma sonolência que não era só da medicação, uma apatia... Está com compulsão alimentar. Basicamente, passou esse tempo comendo e dormindo.

Havia um silêncio atento na reunião.

— Essa falta de ocupação foi péssima para ele, tanto emocionalmente quanto fisicamente — continuou Vanda.

O diretor assentiu e retomou o discurso sobre a mãe.

— O problema é que a mãe dele não acompanha como deveria. O remédio... nem sempre dá. Mas eu tenho orgulho do trabalho que fazemos aqui. Temos no total 14 alunos no atendimento educacional especializado, turno da manhã e da tarde. Nossa escola acolhe bem os alunos. Ele tem professora de apoio, tem suporte. Para voltar, só precisa do relatório médico.

Larissa franziu levemente a testa. *Catorze alunos no AEE?*, pensou. Pela sua experiência, considerando que havia 500 alunos apenas no período da manhã, esse número era surpreendentemente baixo.

Patrícia entrou na conversa:

— De umas duas semanas para cá, Matias voltou a falar sobre a escola com mais frequência. Está ansioso para retornar. Isso pode estar relacionado a um ajuste na medicação, mas também indica que este é um momento muito importante para a volta dele.

Larissa aproveitou a abertura para pontuar a questão pedagógica:

— Percebemos também uma regressão no aprendizado desde que ele saiu da escola. Tivemos que retomar conteúdos básicos, como contas de subtração, porque ele esqueceu.

Diego e a coordenadora pedagógica trocaram um olhar. Pareciam incrédulos.

O diretor, com um tom mais enfático, respondeu:

— Matias está no nível de um aluno de 1º ou 2º ano do ensino fundamental. Ele nunca alcançou o nível do 6º ou 7º ano. Até a questão da cópia é difícil para ele. Não vamos fugir disso. O trabalho dele aqui é colorir, é tentar aprender o básico.

Larissa interrompeu, ponderando com cuidado:

— No início do atendimento pelo Janela, ele estava trabalhando equações simples. Ele consegue fazer leitura e interpretação de pequenos problemas com tranquilidade. Mas houve essa regressão. Inclusive, ele aprendeu a ler cedo, ainda na educação infantil. Só que, com essa pausa na escola, não estava conseguindo nem mesmo fazer contas de subtração.

O diretor inclinou-se um pouco para trás e olhou para a coordenadora.

— Eu vou ser bem franco. Essa visão a gente não tem dele. Até olhei para a coordenadora agora e disse: “Que estranho!”. Eu acompanho o trabalho das professoras especializadas e o material dele. Ele não consegue nem copiar o que a professora passa. Mas, se ele teve algum avanço com você, vamos dar continuidade, né. Só que, nesse tempo que ele está com a gente, isso que você falou... a gente não viu, não.

Larissa manteve o tom tranquilo, sem confronto:

— Eu entendo que o contexto de um atendimento individualizado é muito diferente do ambiente escolar. Na sala de aula, ele tem o estímulo de uma sala cheia, de outros alunos ao redor. E, como a Patrícia trouxe, há uma inadequação presente em alguns momentos da relação dele com o Outro. Então na escola, isso se intensifica. O pedagógico acaba ficando em segundo plano.

Vanda reforçou:

— O ambiente escolar tem estímulos que um atendimento individual não tem. A chance de desfocar é muito maior.

Diego concordou:

— Na sala temos 35 alunos.

Vanda prosseguiu:

— Ele perdeu muitos estímulos ao sair da escola. Não é só sobre o aprendizado. A vida dele deu uma caída. Ele perdeu o contato social. Ainda que ele não consiga acompanhar todos os conteúdos pedagógicos, ele constrói relações, interage. Mas sem isso, a vida dele ficou muito limitada.

Diego, agora mais envolvido na conversa, acrescentou:

— A escola não tem problema em recebê-lo de volta. Mas agora estamos em período de provas trimestrais. De qualquer forma, não vamos prejudicá-lo. Ele está fazendo atividades em casa.

Larissa interveio novamente:

— Infelizmente, ele não está conseguindo acompanhar o material. Na apostila de matemática, por exemplo, um dos conteúdos é sobre potenciação. Isso está muito avançado para ele.

Diego demonstrou surpresa.

— A professora de apoio montou a apostila com base no que ele...
— Fez uma pausa, coçando a cabeça. — Vou dar uma olhada nessa questão.

O diretor retomou:

— O que precisamos para a volta dele é apenas um relatório médico. A escola é para todos, desde os “anjinhos” do AEE até aqueles que vão disputar uma vaga na universidade federal.

Fez uma pausa e concluiu:

— Mas a verdade é que falta pouco. Ele está praticamente se formando. Será só um bimestre. A escola está de portas abertas para ele. E para conversar com vocês, sempre que precisarem.

Vanda, Larissa e Patrícia trocaram olhares e assentiram.

— Podem contar conosco também — respondeu Vanda.

As despedidas foram feitas e a reunião foi encerrada.

Ao sair da chamada, Larissa sentia que, apesar das concessões e da aparente receptividade, ainda havia um longo caminho até que Matias pudesse de fato ser incluído na escola — não apenas frequentá-la. O desafio não era apenas ajustá-lo ao espaço, mas fazer com que o espaço se ajustasse a ele.

Voltar ou não voltar?

Matias entrou na sala, cumprimentou Larissa rapidamente e sentou-se sem muita pressa. Olhou para ela e soltou, sem rodeios:

— Escola não dá futuro.

Larissa percebeu um tom de convicção misturado a um certo re-

ceio.

— Decidi que não quero mais voltar. Tô com pré-diabetes.

Fez uma pausa e continuou:

— Não tô bem, então não tem como voltar pra escola.

— Se você melhorasse, iria querer voltar? — perguntou.

Matias balançou a cabeça.

— Não.

— Então o motivo não é esse — ressaltou Larissa. — É outro.

Ele não respondeu e desviou o olhar para a mesa. Larissa decidiu seguir com a atividade e propôs uma conta:

— Vamos lá, 108 dividido por 4.

Matias chutou:

— Cinco.

Mas, ao fazer a tabuada de cabeça, percebeu que estava incorreto.

— Ih, eu não sei não, mas acho que tem alguém querendo comer biscoito e passar nas nádegas, hein.

Larissa olhou para ele, esperando que explicasse.

— Como assim? — perguntou.

Matias riu.

— Você mesma comeria e passaria o biscoito nas nádegas! Eu que não seria, pra depois meu toba ficar todo coçando.

— E por que alguém faria isso?

— Sei lá.

Ainda rindo, acrescentou:

— Se você não ficar quietinha, vou enfiar um biscoito nas nádegas do cachorro pra você comer!

Soltou uma gargalhada alta. Logo depois, mudou de assunto abruptamente:

— Posso soltar um pum?

— Não — respondeu Larissa, com firmeza. — Isso não se faz perto dos

outros.

Matias fez uma expressão exagerada de quem estava frustrado e, em seguida, riu novamente.

– Quero fazer porque estou carente – disse, em tom provocativo. Depois, riu ainda mais e completou: – Tô brincando!

Larissa trouxe-o de volta para a atividade.

– E o resultado da conta?

Matias pensou e disse:

– Oito.

Enquanto fazia o cálculo, Larissa percebeu o raciocínio: ele tentava descobrir qual número da tabuada do 4 se aproximava mais de 10. Portanto, percebeu que 4 vezes 2 era igual a 8. Então concluiu que o resultado correto era 2. Com a ajuda de Larissa, conseguiu organizar os números no papel.

$$\begin{array}{r} 108 \overline{) 4} \\ \underline{8} \\ 2 \\ \underline{28} \\ 00 \end{array}$$

– Agora, 28 dividido por 4.

Dessa vez, Matias fez mais rápido. Contou a tabuada do 4 até chegar em 28 e encontrou a resposta. Mas, de repente, ficou pensativo.

– Tava pensando na minha casa... de onde eu nunca devia ter saído.

Larissa esperou que continuasse.

– Só gosto de sair de casa pra ver as mulheres.

Matias então olhou para Larissa e perguntou:

– Minha barba tá crescendo?

Antes que ela respondesse, afirmou:

– Minha barba tá crescendo, tô ficando velho.

Larissa sorriu levemente.

– Não é só velho que faz barba.

Matias balançou a cabeça.

– Pessoa tarada que não faz. Eles que têm barba grande.

Ele a observou por um instante e perguntou, de súbito:

— Seu marido é tarado? Tem barba grande?

Larissa devolveu a pergunta:

— O que você acha?

Matias riu.

— Nunca vi seu marido, graças a Deus. Até porque, se eu visse, ele ia me dar uma surra, né? Principalmente por causa daquelas brincadeiras anteriores.

Larissa apenas observou e retornou à atividade.

— Vamos fazer um desafio agora: 240 dividido por 5.

Matias pensou e começou a resolver a conta por partes.

— 24 dividido por 5...

Larissa perguntou:

— Onde você vai colocar o resultado da multiplicação?

Matias riu e respondeu:

— Nas suas bochechas!

Larissa ignorou a piada e seguiu guiando a atividade. Ele rapidamente chegou à resposta correta: 48. Então, comentou:

— Tô fazendo tanta brincadeira que me perdi. Tô mais perdido que cego em tiroteio!

Após mais algumas contas, Matias parou de novo e murmurou:

— Tô pensativo em outra coisa.

Larissa notou que ele estava menos disperso do que antes.

— O que foi?

— Coisa minha. Melhor não compartilhar.

Houve um breve silêncio. Matias abaixou os olhos, mexendo no lápis entre os dedos.

— Tô com vergonha — completou. — Esse tipo de coisa eu só conto pra Patrícia.

Larissa sentiu satisfação em saber que ele estava trabalhando essas questões com a psicóloga.

$$\begin{array}{r} 240 \overline{) 1200} \\ \underline{20} \\ 040 \\ \underline{40} \\ 00 \end{array}$$

— Isso é bom.

Matias não comentou mais nada e voltou para a atividade. Dessa vez, conseguiu resolver as contas com mais fluidez, mas ainda precisando de ajuda para organizar os números corretamente no papel.

No meio do exercício, soltou:

— Tava pensando numa menina da escola.

Após um breve silêncio, pediu:

— Você pode conversar com a escola pra me dar bomba?

— Como assim?

— Eu não quero voltar esse ano.

Larissa apenas o escutou.

Matias seguiu fazendo as contas, mas, em determinado momento, resmungou:

— Doze biscoitos nas nádegas, divididos por três biscoitos nas nádegas.

Não elaborou mais sobre isso, parecia ser a forma que estava conseguindo pensar na atividade nesse dia.

Pouco depois, olhou para o relógio e perguntou a Larissa o horário. Assim que soube, levantou-se apressado.

— Tenho que ir rápido, senão perco o ônibus.

Larissa assentiu e encerrou o encontro.

Palavras que escapam

Matias entrou apressado, como sempre. Antes mesmo de se sentar, já falava sobre os horários do ônibus que precisava pegar.

— Como você está? — perguntou Larissa.

Ele riu e respondeu, sem pensar:

— Querendo um biscoito das nádegas!

A resposta veio acompanhada de mais risadas. Larissa reformulou a pergunta:

— E sobre voltar para a escola? Como está se sentindo?

Matias suspirou exageradamente.

— Nossa, tô muito ansioso! — disse, com ironia.

Após mais algumas perguntas, acrescentou:

— Quando eu voltar, vou arrumar uma namorada e... ficar burro.

— Ficar burro?

— É — confirmou, sem dar mais explicações, mesmo após o questionamento de Larissa.

Larissa mudou o foco:

— E o que você tem feito em casa?

— Levantamento de garfo e dormindo.

Após dizer, Matias pegou a folha e a caneta para começar as atividades do dia.

— Vou fazer só duas contas, hein? Senão perco o ônibus das 10h — avisou.

Larissa propôs uma adição. Ele olhou para os números e começou a resolver, mas, sem perceber o sinal, fez uma subtração.

— Olha o sinal — interveio Larissa.

Matias rapidamente refez o cálculo e acertou sem dificuldades.

No meio da atividade, começou a cantar:

— “Hoje eu acordei, me deu uma falta de você... Saudade de você, saudade de você...”

Larissa reconheceu a música de Gustavo Lima.

— Essa é a sua favorita?

— Ah, tem as antigas, as velhas... Mas a que eu mais gosto é Solteiro Frustrado — respondeu e começou a cantar: — *‘Cê criou um solteiro frustrado / ‘Cê fez de um cara foda, um coitado / Eu ‘to com raiva, com ciúme, sei lá / Ou é inveja dos rolê que ‘cê dá / Porque eu não consigo te copiar...*

$$\begin{array}{r} + 2.572 \\ 1.098 \\ \hline 3670 \end{array}$$

Larissa esperou que terminasse e perguntou:

— O que você gosta nessa música?

Matias ficou pensativo e respondeu:

— Me lembra umas coisas da escola. — disse, sem entrar em detalhes.

Mudou de assunto e voltou para a conta seguinte.

Ao fazer uma subtração, travou:

— Zero menos cinco... e aí?

Larissa fez uma pergunta simples:

— Se você tem zero reais e deve cinco, o que acontece?

Matias riu e lembrou-se do reagrupamento.

— Ah, eu pego emprestado!

Conseguiu resolver a conta, validando cada passo com Larissa, que apenas assentia com a cabeça sem precisar intervir.

Na multiplicação, no entanto, começou com resistência:

— Eu não sei.

— Já vi você fazendo. Você sabe sim — incentivou Larissa.

Ele riu e respondeu:

— Já fiz foi suas nádegas!

— Por que tanto interesse em nádegas?

$$\begin{array}{r} 8.529 \\ - 3.529 \\ \hline 5.000 \end{array}$$

Matias ainda rindo, explicou:

— É do filme que eu vi. Não consigo tirar isso da cabeça.

Pouco depois, parou e perguntou:

— Larissa, o que você acha de eu virar gay?

— Por que essa pergunta?

— Nada, mas eu não gosto de homem. Eu gosto de mulher.

Fez uma pausa e acrescentou:

— Mas eu gosto de banana. Das bem grossas.

Larissa, sem demonstrar surpresa, perguntou:

— Que tipo de banana? A fruta ou outra coisa?

Matias riu.

— De todas as bananas. Principalmente aquela que faz xixi.

Depois, explicou:

— Pergunto pras pessoas se gostam da mesma fruta que eu. Se disser banana, já sei que é gay.

Larissa manteve o tom neutro:

— Então você está me dizendo que é gay, já que disse que gosta de banana?

Matias recuou imediatamente.

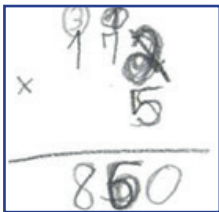
— Tá me tirando? Sai fora! Tava zuando.

Ele voltou para a conta de multiplicação. Em silêncio, fez as operações.

No meio da atividade, reclamou:

— Hoje meu cunhado vai lá pra casa. Odeio ele.

— Por quê?



— Fica me excluindo. Vive dizendo que, se eu não me comportar, ele não vai mais me chamar pras festas, nem pros aniversários. Ele que precisa de um psicólogo!

Fez uma pausa e depois disse, de repente:

— Na verdade, eu que preciso de um psicólogo.

Larissa aguardou.

— Tô passando uns perrengues.

— Que perrengues?

— Ah, vontade de conquistar uma menina...

Não desenvolveu mais o assunto e voltou para a conta.

Larissa passou uma divisão e, para facilitar, escreveu a tabuada do 3 ao lado da conta. Matias foi contando de 3 em 3, errando em poucos momentos, mas acertando a maioria de cabeça.

Larissa o auxiliava:

— Se você tem 18 reais e divide entre 3 pessoas...

Ele respondia rapidamente:

$3 \times 1 = 3$
$3 \times 2 = 6$
$3 \times 3 = 9$
$3 \times 4 = 12$
$3 \times 5 = 15$
$3 \times 6 = 18$
$3 \times 7 = 21$
$3 \times 8 = 24$
$3 \times 9 = 27$
$3 \times 10 = 30$

$$\begin{array}{r} 183 \quad | \quad 183 \\ 18 \quad | \quad 67 \\ \hline 00 \quad | \quad \downarrow \\ \quad \quad | \quad 3 \\ \quad \quad | \quad -3 \\ \quad \quad | \quad \hline \quad \quad | \quad 0 \end{array}$$

– Ah, dá 6.

Com auxílio, conseguiu organizar a conta corretamente.

Quando terminou, perguntou:

– Larissa, quando você vai arrumar um filho pra eu ser padrinho?

Antes que ela respondesse, completou:

– Vamos ver quem arruma um filho primeiro?

– Você está pensando em ter um filho?

– Sim... mas algumas coisas deram errado.

Matias hesitou e depois disse, baixando o tom de voz:

– Meu pênis é pequeno. Preciso tomar remédio pra crescer.

Larissa respondeu naturalmente:

– Isso não impede ninguém de ter um filho.

– É tipo meu pai, que também tem pênis pequeno e teve filho, né?

– Como você sabe disso?

– Minha mãe contou.

Depois, completou:

– O do meu avô também era pequeno.

Matias encerrou a conversa por ali e terminou as últimas contas. No final, levantou a cabeça e disse:

– Vou ser coroinha na igreja.

Larissa apenas escutou.

– Gosto de ser coroinha porque tenho curiosidade pra saber o que o padre esconde debaixo da calça.

Antes que Larissa pudesse dizer qualquer coisa, olhou o relógio e se levantou.

– Tenho que ir rápido. Senão perco o ônibus.

Larissa concordou e encerrou o encontro.

Entre as contas matemáticas e as perguntas que insistiam em aparecer, Matias seguia aprendendo – ainda que o caminho não fosse

linear.

O resto e o excesso

Matias chegou ao encontro deste dia contando, de imediato, que havia ido à escola naquela semana.

— Falaram que era opcional ficar porque ia ter redação do Enem... Aí eu não quis ficar.

Fez uma pausa e acrescentou:

— Semana que vem tem os jogos, mas também não vou. Nem participar, nem assistir.

Larissa o olhou com curiosidade.

— Mas é importante que você assista, veja seus colegas jogando... Se acostumar com a escola novamente.

Matias balançou a cabeça, demonstrando desinteresse.

— Sei lá... Não gosto muito disso, não.

Mesmo sem entusiasmo, mencionou que, no dia em que esteve na escola, já havia feito algumas atividades de matemática.

— Fiz adição, subtração, multiplicação e divisão. Acertei tudo direitinho. Só a de divisão que não acertei.

Larissa aproveitou a deixa:

— Que bom que você conseguiu fazer! Podemos trabalhar isso então.

Matias suspirou e fez um pedido incomum:

— Não quero fazer conta hoje. Quero só conversar.

— Sobre o quê?

Ele ficou em silêncio, pensativo. Depois de alguns segundos, balançou a cabeça e voltou atrás.

— Melhor a gente fazer a atividade mesmo.

Larissa sorriu e propôs o mesmo modelo do atendimento anterior:

— Vamos relembrar as contas de adição, subtração e multiplicação também? Além da divisão, é claro.

Enquanto Larissa anotava as contas no papel, Matias soltou um comentário indignado:

— A doutora do posto é louca mesmo. A ponto de chegar pra minha mãe e perguntar se eu me masturbo!

Larissa o observou, esperando que continuasse.

— Eu não faço esses trem, mas perguntou pra minha mãe na minha frente!

Ele fez uma careta, expressando o constrangimento.

— Fiquei muito sem graça. Porque, do nada, a pessoa chega e pergunta se você se masturba... Isso é bem estranho, coisa de gente louca.

Larissa escutou, mas não comentou. Deixou que Matias seguisse falando e, depois, voltasse para a atividade.

Ele começou pela conta de adição, resolvendo sozinho e com atenção.

Na subtração, fazia e olhava para Larissa em busca de confirmação. Ela apenas assentia com a cabeça, indicando que estava correto.

A multiplicação ele resolveu perguntando os resultados em voz alta:

— Sete vezes cinco... Trinta e dois?

— Não.

Ele repensava sozinho e acertava.

Em alguns momentos, esquecia de somar o número que “subia” e se confundia, achando que também precisava multiplicá-lo. Nessas horas, Larissa intervinha para ajudá-lo a organizar os passos corretamente.

Na divisão, precisou de mais explicações. Larissa detalhou novamente o processo, ajudando-o a posicionar os números no lugar certo.

Enquanto resolvia, comentou, com um sorriso travesso:

— Eu gosto de zoar minha mãe. Matar ela de vergonha é bom.

Handwritten arithmetic problems:

$$\begin{array}{r} 12.976 \\ + 18.033 \\ \hline 31.009 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 30.829 \\ - 24.380 \\ \hline 06.249 \end{array}$$

Handwritten multiplication problem:

$$\begin{array}{r} 4892 \\ \times 5 \\ \hline 49360 \end{array}$$

Larissa olhou para ele, esperando que explicasse.

— Tipo quando peço pra ela beijar o motorista do ônibus.

— E o que ela faz?

— Às vezes beija ele. Mas só na bochecha.

Matias riu. Pouco depois, fez uma pausa e olhou para Larissa com curiosidade:

— Você já comeu os biscoitos nas nádegas?

Larissa o encarou, sem reagir.

— Não consigo esquecer isso. — refletiu Matias.

Ela apenas o observou. Matias riu e voltou para a conta seguinte.

Pela primeira vez, conseguiu resolver uma divisão inteira sem ajuda. Larissa percebeu a satisfação discreta em sua expressão, mas ele não comemorou abertamente. Apenas seguiu para o próximo assunto.

— No recreio, fiquei conversando com os meninos sobre a namorada do meu amigo. Ele tá começando a namorar.

Olhou para Larissa e completou:

— E eu tô aí... panguando.

Ela sorriu.

— Isso é normal. Algumas pessoas namoram, outras ficam solteiras. Cada um no seu tempo.

Matias não comentou mais nada. De repente, mudou de assunto:

— Quando eu passo perto de um rio que fede, minha mãe acha que sou eu que peidei.

Riu sozinho.

— Mas não sou eu! Tô rindo porque é fedido. Só que ela não acredita em mim.

Fez mais uma conta de divisão, agora com resto. Quando terminou, olhou para Larissa e explicou o conceito do resto com um certo orgulho.

— Resto é quando sobra número e não dá pra dividir certinho.

$$\begin{array}{r} 40 \overline{) 6} \\ \underline{36} \\ 04 \\ \text{↳ Resto} \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 246 \overline{) 6} \\ \underline{24} \\ 06 \\ \underline{06} \\ 0 \end{array}$$

Larissa assentiu.

Matias recostou-se na cadeira e soltou uma frase inesperada:

— Quando eu fico carente, eu peido.

Fez isso naquele instante e riu, satisfeito.

— Tava brincando! — disse, ainda rindo.

Larissa cruzou os braços.

— Você sabe o que significa “ficar carente”?

Ele parou, pensou e respondeu:

— Na verdade, não.

— Então por que disse isso?

— Sei lá. Tem muita coisa que eu não sei. Tipo “turbinada”.

— Turbinada?

— Minha mãe explicou. Falou que é quando uma menina tem a bunda empinada.

Larissa explicou que o termo podia ser usado de outras formas.

— Um carro, por exemplo, quando ganha mais potência, a gente diz que ele foi turbinado.

Matias considerou a explicação e depois deu de ombros.

— Ah, faz sentido.

Olhou o relógio.

— Preciso ir. Senão perco o ônibus.

Levantou-se rapidamente. Larissa concordou e encerrou o encontro.

Bordas e excessos

Após o encontro com Matias, Larissa seguiu para a reunião de equipe do Programa Janela da Escuta. Estavam presentes Patrícia, Vanda, Maria e outros membros da equipe. O caso de Matias vinha sendo discutido com frequência, mas naquele dia, havia pontos novos a serem trabalhados.

Patrícia iniciou a discussão sobre Matias, trazendo elementos dos

seus atendimentos com ele.

— Num dos encontros, depois de se certificar de que o que conversávamos era sigiloso e que eu não contaria nada para sua mãe, Matias me disse: *‘Vou te fazer uma pergunta que não faço pra ninguém. Vou fazer porque confio em você. É normal querer tocar no corpo das pessoas? E outra! Você me apoia a ter filho agora?’*

Ela fez uma breve pausa antes de continuar.

— O corpo e o sexo começam a se apresentar para ele como questão, como impasse. Mas, em vez de ir direto para a ação, ele começa a trazer essas perguntas. A palavra aparece como uma forma de tratar essas questões, antes de atuá-las.

Os membros da equipe escutavam com atenção.

— Depois disso, ele começou a falar mais abertamente sobre as brincadeiras de mau gosto que *“não consegue não fazer”*. Ele diz que são imagens, pensamentos, e que, quando percebe, já falou. Mas também comenta que acha engraçado. E foi nesse contexto que me contou sobre quando tocava no corpo dos alunos no banheiro da escola sem permissão e as consequências disso.

Larissa assentiu levemente.

— Sobre ter um filho, ele desenvolveu um pouco mais a questão e me perguntou: *‘Se namorar, pode tocar?’* A partir daí, passou a trazer perguntas com frequência: *‘Como eu chamo uma menina pra sair?’ ‘Como eu faço para beijar alguém?’ ‘Tem problema pegar no corpo da outra pessoa?’ ‘É casada?’ ‘É solteira?’* Esse é um jeito que ele está construindo de fazer uma borda no corpo.

Patrícia então mudou o foco.

— Na história familiar, Matias é filho do meio. A mãe tem mais duas filhas, e ele e a mais nova são filhos do mesmo pai. Mas desse pai, ele fala muito pouco. Diz apenas que *‘é um velho, desdentado, muito mais velho que minha mãe’* e que nunca gostou dele. Lembra dele como um homem agressivo, sem paciência. A mãe, por outro lado, é inteiramente voltada para ele, sempre esgotada pelos constrangimentos que Matias lhe faz passar.

Patrícia fez uma pausa e acrescentou, observando a reação dos colegas.

— Matias apresenta uma regulação muito precária da relação com o outro. Ora põe a mão nos outros porque *“é bom ser tocado”*, ora se retira dos ambientes porque *“conviver com meninos e meninas é muito difícil”*.

Ela respirou fundo antes de continuar.

— E há um embaraço sexual que aparece de forma muito evidente. Aos 18 anos, ele expressa essa dificuldade como um questionamento: *“Sou homem ou mulher?” “Se eu gostar de homem, sou homem ou mulher?”* Não do ponto de vista cultural, mas de forma singular.

Vanda ajeitou-se na cadeira, atenta à colocação de Patrícia.

— Na minha condução, procuro refletir constantemente sobre esse lugar entre proibição e autorização. Verbalizar alguns limites e orientar possíveis saídas para ele tem uma função importante. Ele usa bem a fala, mas há uma certa dificuldade nas relações sociais, na regulação do corpo. Sua linguagem é mais concreta, comporta menos os mal-entendidos, os duplos sentidos, outras possibilidades de significação.

— E Matias também repete muitas nomeações para si mesmo: *“Sou um inútil.” “Faço tudo ao contrário.” “Minha cabeça é ruim.”* — Continuou Patrícia. — Durante um bom tempo, e isso por vezes retorna, Matias se instala numa posição débil e desimplicada, frequentemente fala um *“não sei, não lembro, não presto atenção no que faço, se você quer saber pergunta pra minha mãe”*. Não tomando para si a palavra e deixando perpetuar o discurso do Outro, sobre si e o mundo. Esses momentos de apagamento estão frequentemente ligados aos episódios *“inadequados”*, que ele chega a sinalizar que não consegue não fazer. Algo que excede, o ultrapassa, irrompe. Sem regulação.

Os colegas estavam atentos.

— Nos últimos meses, temos trabalhado para ir além do diagnóstico do autismo, para que Matias possa se questionar sobre suas próprias potencialidades. Ele voltou a falar que quer ser motorista, preferencialmente de ônibus, pelo qual tem um certo fascínio. E, com a volta do desejo, houve uma vontade de voltar a frequentar a escola também.

Larissa assentiu levemente.

— No nosso último encontro, ele chegou muito ansioso, inquieto, e não queria ficar para o atendimento. De forma muito intensa, trouxe conteúdos e brincadeiras de teor sexual de maneira desorganizada.

— Pontuei para ele que o estava percebendo desorganizado e perguntei se essas questões sexuais o perturbavam. Ele se acalmou, me olhou em silêncio e respondeu que sim. — Afirmou Patrícia. — Alguns dias depois, Larissa me contou que o atendeu logo depois de mim e o percebeu desatento. Em certo momento, ele disse: *“Estou pensando muito em umas coisas, mas são coisas que converso com a Patrícia.”*

— Isso mostra que ele começa a encontrar uma forma de nomear o que sente. Ainda que seja um processo desorganizado, há um movimento.

Larissa ajeitou-se na cadeira antes de começar a falar.

— Já no atendimento pedagógico, ele chega dizendo que esqueceu o que aprendeu, que tem dificuldade com o “menos”. Mas, na prática, a dificuldade com a subtração se resolve rapidamente. Então, a questão se desloca para a divisão. Ele tem capacidade de fazer, mas se confunde na organização dos números no papel.

Fez uma breve pausa antes de acrescentar:

— Mais recentemente, Matias falou sobre ser o menos amado pelo pai. Diz que *‘o pai sempre gostou mais da mãe do que dele’*. E aí me pergunto: será que essa visão generalizante de déficit não nos impede de perceber que há, na verdade, uma manifestação singular de um impasse subjetivo?

Vanda, que ouvia atentamente, cruzou os braços antes de começar:

— Quando o conheci, Matias estava em uso de vários medicamentos, todos em doses altas: ácido valpróico, topiramato, clonazepam e haloperidol. A mãe dizia que era para “controlar as crises”, mas, na prática, ele vivia sonolento e às vezes tonto.

Vanda ajeitou os óculos e continuou:

— Desde o primeiro atendimento, ele oscilava entre momentos de sonolência e agitação. Tentei contato com a psiquiatra, inicialmente sem sucesso, então enviei um relatório à mãe sugerindo a redução das doses. A psiquiatra acatou. Com a redução da medicação, apareceu um Matias mais ativo e participativo. Ele começou a falar em

voltar para a escola, perder peso. Mas também surgiram outras questões: sexo, namoro, o tamanho do próprio pênis, que, aliás, ele não me deixa examinar, pois diz que *'tem médico especialista para isso'*, além de queixas de tonteira e dor de cabeça frequentes.

Vanda olhou para a equipe, concordando com as falas de Larissa e Patrícia:

— Algumas demandas aparecem na forma de brincadeiras inadequadas, com um contexto malicioso, mas eu respondo de forma leve, sem julgamento. Aos poucos, ele foi se tornando mais participativo no cuidado com a própria saúde. Ainda assim, resiste a mudanças, principalmente quando envolvem alimentação.

Maria, que até então apenas escutava, interveio:

— Chama atenção o incômodo que ele tem com o próprio corpo. Mas não é um *não ter corpo*, é um excesso do corpo, e ele não sabe o que fazer com isso. Ou está demais, ou está de menos.

Sabrina concordou:

— E ele faz uma avaliação muito negativa dele mesmo. Além disso, o que não dá conta de regular sai desse jeito. Tem uma insistência desse corpo que ele não sabe fazer borda.

Vanda continuou:

— E isso fica mais evidente porque ele é muito alto, pesa mais de 100 kg. O corpo dele está em evidência o tempo todo. A escola e a família reforçam isso. *Se tiver uma crise, como seguramos ele?* É sempre essa preocupação.

Patrícia retomou:

— E a mãe contribui para esse lugar, mesmo sem perceber. No discurso dela, Matias é o autista que não pode nem deve trabalhar. Ele é o que não dá conta de nada.

Lira respirou fundo.

— O que a gente tenta fazer aqui é justamente construir outras possibilidades. O que vemos na escola, muitas vezes, é um movimento de exclusão. Repetem que ele é inadequado, que é agressivo. E a mãe reforça isso com outro viés, sustentando que ele é incapaz.

Larissa, que ouvia em silêncio, lembrou algo que Matias havia dito

recentemente.

— Ele começou a falar novamente que quer ser motorista. Preferencialmente de ônibus.

Patrícia sorriu de leve.

— O motorista tem um caminho, um destino. Matias está, aos poucos, tentando construir o dele.

A reunião seguiu com novas trocas e encaminhamentos para Matias. Mas Larissa saiu dali com algo claro: o desafio não era só fazer com que ele voltasse à escola ou aprendesse operações matemáticas. Era ajudá-lo a construir um lugar onde pudesse existir sem ser sempre o excesso ou o menos.

Último encontro do ano: Propósitos e aprendizados

Alguns dias se passaram e Matias voltou ao ambulatório São Vicente. Entrou na sala já se manifestando contra a atividade, franzindo o cenho e soltando um suspiro exagerado.

— Ah não, divisão não! Eu esqueci, acho que tô com demência.

— E por que acha isso?

Ele deu de ombros. Pensou um pouco e assentiu com a cabeça, mas logo mudou de assunto, passando a mão no queixo.

— O que achou da minha barba? Fiz hoje. Tinha uns pelinhos e tirei. Larissa observou com atenção.

— Você que fez?

— Faço isso a cada duas semanas, porque nasce rápido.

— Tá se cuidando, hein!?

Matias deu um sorrisinho satisfeito e logo comentou, mudando bruscamente de assunto:

— Já tô de férias.

— Ah, que bom! Como foram as provas?

— Passei direto porque o diretor me empurrou. Falou que não ia me dar bomba. E olha que eu nem estudei o ano inteiro... — disse com um tom de decepção e sorriu sem graça logo depois.

— E como se sente em relação a isso?

Ele ficou em silêncio por um momento, pensativo. Depois, soltou:

— Mas eu queria tomar bomba pra continuar na escola.

— Quería repetir? Por quê?

— Sei lá. Acho que não queria sair da escola, né?

— Você já pensou no que quer fazer agora que a escola acabou?

— Talvez motorista de ônibus. Mas só daqui a dois anos.

— Olha aí! Muito bom os seus planos para o futuro.

Matias franziu a testa. Ele se acomodou melhor na cadeira, parecendo mais interessado na atividade do que antes.

— 16:4... — pensou um pouco e respondeu corretamente.

— 30:5... — acertou sem ajuda.

De repente, mudou de assunto.

— Sabe quando um homem tá apaixonado por você e não te fala? Ele tá te cozinhando, querida.

Larissa o olhou, confusa.

— Aprendi no filme *As Branqueelas*. Assisti esse filme todos os dias dessa semana!

Riu e explicou:

— Tem uma parte que eu gosto muito, que elas ensinam a fazer sexo. Pega o pênis de brinquito, bate na cabeça e depois faz a garganta profunda. Uma das meninas pergunta: *Você não vai colocar ele na boca?* E a outra responde: *Nunca!*

Handwritten math problems:

$$\begin{array}{r} 16 \overline{) 16} \quad \begin{array}{l} \text{L} 4 \\ 4 \end{array} \\ \hline 00 \end{array} \quad \begin{array}{r} 30 \overline{) 30} \quad \begin{array}{l} \text{L} 5 \\ 6 \end{array} \\ \hline 00 \end{array}$$

Matias se divertia ao contar a cena. Ele gesticulava animado, rindo sozinho enquanto repetia partes do filme.

Larissa ouvia atentamente, esperando o momento certo para retomar a atividade.

Depois de um instante, ele mesmo voltou o olhar para o caderno e suspirou.

— 72:3...

Ele esqueceu como fazer, mas, ao ser lembrado de começar apenas pelo 7, conseguiu dar continuidade à conta. Larissa o auxiliou, mas ele demonstrava mais segurança e rapidez do que nas outras vezes.

Quando terminou a conta, Matias se recostou na cadeira e, com um ar orgulhoso, contou sobre sua viagem.

– Fui pra Folia de Reis. Participo todo ano.

– Ah, que legal! Como foi?

– Eu sou o mais inteligente de lá! Os outros têm cara de paspalho... Nem sabem a hora de colocar a caixa no presépio!

Larissa sorriu discretamente e pensou: *Olha, o saber de Matias está aparecendo. Agora já tem algo que ele sabe...*

A conversa seguiu para os filmes favoritos de Matias.

– O que eu mais gosto é assistir *O Pequenino* e *As Branquelas*.

– Por quê?

– No *Pequenino* tem aquela parte dos biscoitos nas nádegas.

Matias olhou para Larissa com um sorriso travesso.

– E você? Comería? – perguntou, os olhos brilhando de expectativa.

Larissa apenas o observou, sem responder. Matias, então, continuou:

– Porque eu não. Bom, digamos que talvez... – murmurou, pensativo.

Soltou um suspiro e completou, num tom de autodepreciação:

– Sou um idiota.

Larissa, então, confrontou sua fala com naturalidade:

– Mas você disse hoje que era o mais inteligente do pessoal que vai na Folia de Reis.

Matias não respondeu de imediato. Apenas riu, como se não tivesse pensado nessa contradição antes.

Mudou de assunto e seguiu para a próxima conta.

– 150:6...

Precisou da ajuda de Larissa, mas rapidamente entendeu a lógica e

$$\begin{array}{r}
 72 \overline{) 150} \\
 \underline{6} \\
 72 \\
 \underline{72} \\
 12 \\
 \underline{12} \\
 00
 \end{array}$$

avançou com menos dificuldades. Quando terminou, abriu um sorriso orgulhoso.

– Ontem consegui fazer uma conta da tarifa do ônibus.

Ele olhou para Larissa, esperando sua reação, e, antes que ela dissesse algo, declarou com orgulho:

– 50 menos 7,70. Fiz de cabeça e deu 42,30!

O sorriso em seu rosto se alargou.

– Tô usando matemática no dia a dia.

$$\begin{array}{r} 150 \\ 12 \downarrow \\ \hline 138 \\ 7.70 \downarrow \\ \hline 130.30 \end{array}$$

Larissa reforçou a importância disso e o incentivou a continuar praticando. Matias seguiu resolvendo as contas, cada vez mais confiante. Em alguns momentos, ainda se confundia, mas agora, com poucas intervenções, já conseguia organizar o raciocínio corretamente.

$$\begin{array}{r} 129 \\ 12 \downarrow \\ \hline 117 \end{array} \quad \begin{array}{r} 184 \\ 16 \downarrow \\ \hline 168 \end{array} \quad \begin{array}{r} 120 \\ 10 \downarrow \\ \hline 110 \end{array}$$

Após um breve silêncio, Matias ficou pensativo e, de repente, falou:

– Se eu for motorista de ônibus no ano que vem... quer dizer, daqui dois anos... vou precisar de matemática, né?

– Vai sim. Vai precisar das quatro operações: adição, subtração, multiplicação e divisão. Usamos bastante no dia a dia.

– Mas no ônibus não usa muito a de dividir. Só de vezes, mais e menos.

– Mas e quando tiver que dividir o troco entre os motoristas? Se você não souber fazer essa conta, pode acabar recebendo menos do que deveria.

Matias arregalou os olhos, considerando a possibilidade.

— Ih, pior que é mesmo.

Ao longo do atendimento desse dia, Matias demonstrou mais facilidade para resolver as contas. Ainda precisava da ajuda de Larissa em alguns momentos, mas, dessa vez, ela já não precisava explicar cada passo em detalhes.

Matias então olhou o relógio e percebeu que era hora de ir.

— Dá pra gente encerrar por hoje? — perguntou, levantando-se já apressado.

— Claro.

— Vou nessa. Até o ano que vem!

Assim, encerraram o último encontro do ano.

Matias saiu apressado, como sempre. Larissa ficou ainda alguns instantes na sala, organizando as

anotações do encontro. Sabia que aquele havia sido o último do ano, e que, dali em diante, os atendimentos seguiriam outros caminhos. Ele continuaria no Programa Janela da Escuta, agora sem a escola como um ponto fixo de referência, mas com um desejo emergente: trabalhar, dirigir ônibus, ter algo seu.

Ela olhou para o caderno de registros. Entre cálculos e conversas, percebeu que algo maior se desenhava naqueles encontros. Mais do que aprender operações matemáticas, Matias lidava com a posição que ocupava no mundo — e como o saber o atravessava. Dizia não saber, depois resolvia sozinho. Pedia ajuda, mas, às vezes, não precisava dela. Esquecia e lembrava, como quem testa até onde pode ir sem perder o fio que o prende ao outro.

Larissa se pegou refletindo sobre o que aprendera com ele. Não era apenas sobre divisão ou subtração. As dificuldades de Matias pareciam ter raízes mais profundas. Em suas investigações, ela recordou leituras da teoria psicanalítica (Santiago, 2005) que mencionavam

The image shows a collection of handwritten mathematical calculations, likely from a notebook. There are seven distinct problems:

- Top left: $45 \overline{) 45} \text{ L}5 \text{ R}9$
- Top middle: $19 \overline{) 18} \text{ L}3 \text{ R}6$
- Top right: $128 \overline{) 12} \text{ L}4 \text{ R}32$
- Bottom left: $84 \overline{) 84} \text{ L}2 \text{ R}42$
- Bottom middle: $36 \overline{) 35} \text{ L}5 \text{ R}7$
- Bottom right: $246 \overline{) 24} \text{ L}3 \text{ R}82$

There is also a vertical long division problem in the center-right: $128 \overline{) 12} \text{ L}4 \text{ R}32$ with a downward arrow and the number 8 written below it, and another 8 below that, followed by a horizontal line and 00.

como a atividade intelectual da criança se entrelaça com suas primeiras descobertas sobre o corpo, o desejo e o sexo. A criança descobre o mundo, investiga, e verbaliza diversos porquês, tentando compreender como funcionam as coisas. O que está em jogo é a necessidade que tem a criança de definir, antes de mais nada, seu lugar no mundo. E esse lugar é, a princípio, um lugar sexual.

Larissa pensava sobre a cena. Matias queria saber como se faz para beijar alguém, como ter filho, como usar o sexo. A pergunta não vinha com malícia, nem como provocação. Vinha crua, infantil, atravessada por um corpo que começava a mudar sem que ele tivesse os recursos simbólicos para acompanhar esse movimento. A puberdade havia chegado e tomado seu corpo de assalto — mas a mente, os afetos, as palavras ainda não sabiam o que fazer com tudo aquilo. E isso parecia desorganizar a escola, confundir a família, afastá-lo dos colegas. Porque não havia, para ele, um nome, uma fala, um gesto que desse forma a esse desejo que emergia. O que se impunha era a confusão, o excesso, o riso fora de hora, o comentário inadequado — e, com isso, o risco constante de ser lido apenas como um problema.

Foi então que Larissa se lembrou de uma cena marcante: Matias, tentando resolver um problema de divisão, dizia com naturalidade — “12 biscoitos nas nádegas divididos por 4 biscoitos nas nádegas.” O pensamento sexualizado, que ele dizia não conseguir controlar nem conter, o invadia mesmo enquanto tentava se concentrar nos exercícios. Às vezes, parecia uma barreira; outras, um caminho tortuoso para o entendimento. Larissa, no entanto, não o interrompia. Deixava que ele falasse, que elaborasse à sua maneira. E, aos poucos, entre risos contidos e olhares cúmplices, Matias avançava, compreendia, e concluía cada atividade proposta.

Ela sabia que essas associações não eram aleatórias. Havia algo ali, naquele entrelaçamento de saber e desejo, que fazia parte do próprio processo de aprender. Talvez o que Matias realmente estivesse tentando resolver não fosse apenas um problema matemático, mas as questões fundamentais sobre quem ele era, seu lugar no mundo e como lidar com o que o atravessava.

A mãe que sempre sabe. Larissa se pegou pensando nessa figura que Matias evocava de forma tão frequente e, ao mesmo tempo, tão sutil. De qual saber ele estava falando? Não parecia ser o saber es-

colar, aquele que se aprende nos livros ou nas lições da professora. Era como se o verdadeiro campo de disputa não fosse a matemática, mas algo mais profundo.

Ela se lembrou de Diniz (2006), que discutia como, para a psicanálise, o saber vai além do aspecto objetivo. Há um *saber subjetivo*, um saber inconsciente, que cada sujeito desenvolve de forma singular. Esse saber está diretamente ligado às investigações da infância, às respostas e teorias ficcionais que a criança cria durante sua exploração do mundo e da sexualidade.

Foi então que Larissa percebeu: talvez o saber ao qual Matias se referia estivesse enraizado no saber sobre o sexo, sobre sua origem, sobre si mesmo e sobre o desejo da mãe. Ele, através de suas investigações, talvez ainda não tivesse conseguido encontrar respostas para isso, mas a *mãe sabia*. Esse saber materno, no imaginário de Matias, era a certeza que ele não possuía, o ponto de referência que ele buscava, mesmo que inconscientemente. O trabalho, então, foi mostrar também a ele, aos poucos e com cuidado, que existia um saber que *ele* possuía. Um saber que emergia nas entrelinhas de suas dúvidas, nos caminhos tortuosos que fazia ao pensar, e até nas brincadeiras que inseria nas contas.

No entanto, fora daquele espaço de escuta, Matias não encontrava o mesmo acolhimento. A escola parecia incapaz de lhe oferecer essa abertura para o saber. Ele queria repetir de ano, dizia querer "*tomar bomba*" só para poder continuar indo. "*Pelo menos assim eu fico aqui mais um tempo,*" murmurava, entre uma atividade e outra. Era um desejo de não sair, de não romper com aquele ambiente que, por mais excludente que fosse, ainda era um lugar onde havia a possibilidade de se encontrar com o *saber*. Além disso, era um espaço social, onde ele podia estar com os colegas, mesmo que, muitas vezes, fosse lembrado do que não conseguia, do que não se encaixava.

A escola parecia não saber o que fazer com ele. O diretor havia dito na reunião que alunos como Matias eram "*anjos para nos ensinar a lidar com o ser humano,*" mas, ao mesmo tempo, demonstrava o desejo de que ele se ajustasse rapidamente às normas escolares. Essa ambiguidade ficava evidente nas entrelinhas de suas próprias falas. O mesmo diretor, em uma de suas falas duras, já havia dito: "*Você morrer, é o menos pior.*" Matias ouvia e, de alguma forma, internaliza-

va essas palavras, como se sua presença no mundo fosse um peso que os outros carregavam.

Matias flutuava. De um lado, era visto como alguém que precisava de acolhimento; do outro, como um problema a ser resolvido. A escola não sabia como integrá-lo de fato, apenas como enquadrá-lo. Larissa se perguntou, mais de uma vez, se Matias realmente fracassava na escola ou se era a escola que não sabia acolhê-lo. Quem estava falhando? Era ele, com suas piadas fora de hora, suas distrações e suas contas inusitadas? Ou era a escola, que não conseguia ver além do comportamento, que não entendia que, talvez, aquelas brincadeiras fossem justamente o caminho que ele encontrara para se manter conectado ao aprendizado?

Larissa sabia que o corpo de Matias também aprendia — e ensinava. Era um corpo que não sabia fazer borda, que oscilava entre o toque impulsivo e a retirada abrupta. Ora colocava a mão nos outros porque *“é bom ser tocado,”* ora se afastava, dizendo que *“conviver com meninos e meninas é muito difícil.”*

A escola não sabia como lidar com isso. O diretor já havia perguntado: *“E se ele tiver uma crise, como vamos segurá-lo?”* O corpo grande de Matias parecia incomodar tanto quanto suas falas. Mas Larissa entendia que não era só sobre o tamanho físico. Era sobre o que esse corpo dizia sem palavras, atravessado por um excesso que precisava de contorno.

Parte do trabalho com Matias era ajudá-lo a construir essas bordas. Não só nos cálculos, mas na vida. Porque, no fundo, suas perguntas — *“É normal querer tocar no corpo das pessoas?”* entre outras, eram formas que ele tentava bordear esse corpo e estabelecer limites na relação com o outro.

Além disso, ela percebia que Matias era permeado por um conjunto de excessos. Excesso de remédios, que o deixavam sonolento, dificultando a concentração nos atendimentos pedagógicos. Excesso de laudos: autismo, epilepsia, TDAH, *“retardo mental”*, e até uma suposição de *“transtorno do comportamento grave”*, segundo sua mãe. Cada diagnóstico parecia empilhar sobre ele uma camada a mais de rótulos, tentando explicar o que, talvez, nem precisasse ser explicado dessa forma.

Apesar desses excessos, as operações de adição e multiplicação eram algo mais tranquilo para Matias. Somar e multiplicar pareciam movimentos naturais, que acompanhavam o ritmo de seus pensamentos rápidos e, muitas vezes, caóticos. Mas, ainda assim, ele se sentia *menos*. Menos importante para a mãe, que fazia “*coisas legais*” com as irmãs, e não com ele. Menos importante para o pai, cujo interesse era “*mais com a mãe,*” e que, depois de ir embora, nunca mais teve contato com a família. E, na escola, essa sensação era ainda mais reforçada.

O “*menos*” não era apenas uma marca subjetiva; trazia dificuldades pedagógicas também. Matias tropeçava na subtração, como se retirar ou perder algo fosse mais do que um simples cálculo, mas uma ameaça real. Enquanto isso, *dividir* parecia ainda mais desafiador. Ele não queria “*dividir a família,*” não queria romper os poucos laços que sentia ter. As operações matemáticas se misturavam às suas questões internas, transformando números em símbolos de algo maior: somar, multiplicar, subtrair e dividir não eram apenas atividades escolares, mas reflexos de suas vivências e conflitos.

A escola parecia reforçar essa posição de menos—o *aluno que aprende menos, o aluno que menos importa*, como o próprio Matias já havia dito. Esse sentimento foi corroendo seu vínculo com o espaço escolar. “*Vou receber o diploma de burro? Só se for...*” — questionava, com aquele humor que misturava sarcasmo e dor. A instituição que deveria acolhê-lo, aos poucos, foi perdendo o valor para ele, assim como ele parecia perder o valor para a escola.

Matias então se afastou da escola, ficando quase quatro meses fora. Quando decidiu voltar, acreditando que, talvez, as coisas pudessem ser diferentes, a instituição mostrou pouco interesse em sua reintegração, dificultando o retorno com burocracias e silêncios. O ambiente que já era excludente parecia agora ainda menos disposto a acolhê-lo.

Foi diante desse cenário que Larissa percebeu que o desafio ia muito além da sala de aula. Ao longo desses encontros ela aprendeu muito. Aprendeu que ensinar vai além de transmitir conhecimento. Que um cálculo errado pode esconder mais do que um simples erro, pode revelar um impasse subjetivo, um conflito de identidade, uma busca por pertencimento. Aprendeu que o fracasso escolar nem sempre é sobre

não saber, mas sobre o lugar que o saber ocupa na vida de alguém. Que um aluno pode esquecer contas, mas lembrar exatamente o troco de uma passagem de ônibus. Que pode se dizer incapaz, mas fazer sozinho quando sente que aquilo lhe pertence.

E, sobretudo, aprendeu que a escola, muitas vezes, fecha suas portas para quem não se encaixa no seu modelo de normalidade. A exclusão nem sempre acontece pela expulsão, mas pela falta de espaço, pela falta de escuta, pelo excesso de normas que não levam em conta a singularidade de cada um.

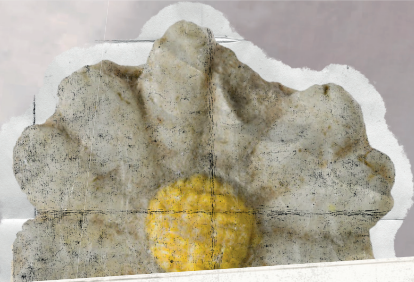
Matias seguia, agora, com um novo propósito. E Larissa, ao vê-lo partir, soube que também seguia com algo a mais.

O que significa aprender? Talvez Matias nunca tenha dito diretamente, mas, em cada encontro, parecia responder essa pergunta à sua maneira.

E Larissa aprendeu a ouvir.

QUEM INVENTOU

SAUDADE É PORQUE
NUNCA
SENTIU
AMOR



data
fecha

* BELO HORIZONTE 14/03 de 2005 *

Oi tudo bem com vc esse pedço que sim
olha você foi um pessoa muito importante para mim
nunca vou esquecer de você, obrigada por tudo
olha você vai ficar sempre no meu coração
você me ensina muita coisa para mim
obrigada, que você continua sendo essa
incrível, gosto muito de você nunca
de mim, seu amor muito com você
muito saudade de você fica com de

XE



Cartas
para o desejo

CARTAS PARA O DESEJO

Kerly tinha 14 anos quando chegou ao Programa Janela da Escuta, trazida pela pedagoga do socioeducativo. Vinha em cumprimento de medida e carregava, além do processo judicial, uma tristeza e uma angústia evidentes no olhar. Estava matriculada no Projeto Aceleração Jovem Protagonista, uma proposta que unia o 6º e o 7º ano do ensino fundamental, tentando reaproximar idade e escolaridade em trajetórias marcadas por interrupções, desvios e fracassos.

A escola, no entanto, parecia ter esbarrado num limite. Em um e-mail enviado à equipe, relatavam que Kerly não conseguia ler em voz alta nem compreender o que lia. Apontavam ainda dificuldades na “leitura e escrita de sílabas complexas, ou seja, de estrutura que não seja consoante-vogal”. As “dificuldades pedagógicas” foram listadas com objetividade, como seoubessem inteiramente em palavras. Mas o que o e-mail não dizia — e que só o tempo permitiria escutar — era que por trás desses tropeços havia também uma história em busca de tradução.

Kerly, como todos os adolescentes que passavam por ali, foi acolhida para ser escutada. Não apenas para repetir demandas que vinham de fora — da escola, da Justiça, da família —, mas para que pudesse, ela mesma, encontrar um lugar de fala, um tempo para dizer de seus próprios impasses. E o que se revelou já no primeiro encontro foi uma urgência: Kerly precisava falar.

Falou bastante. Contou detalhes do episódio que a levou ao socioeducativo, reconstruindo os acontecimentos com precisão, mas mantendo-se, curiosamente, à margem da cena. Dizia que não havia participado diretamente. Que, diante do que viu, congelou. Que seu gesto inicial foi seguido por outros, cometidos por quem estava ao seu lado. As duas outras pessoas seguiram em ação, enquanto ela, paralisada, assistia sem reagir.

Pouco tempo após o ocorrido, Kerly foi encaminhada diretamente ao socioeducativo. Ela deixou sua cidade, já sob ameaça, ciente de que não poderia retornar. Carregava esse exílio forçado nos ombros e, mais que isso, uma inquietação que atravessava cada palavra: não compreendia por que seguia em medida socioeducativa, se seu ato não havia, de fato, provocado o desfecho pelo qual era agora respon-

sabilizada — especialmente quando soube que a colega que havia participado diretamente da cena encontrava-se em semiliberdade, em razão de uma gravidez.

Havia, em seu discurso, uma angústia que não encontrava forma. E talvez fosse justamente aí, nesse intervalo entre o que se vive e o que se entende, que sua história começasse a pedir escuta.

Kerly ainda traria outras camadas de sua angústia. Em um dos encontros, disse:

— Não tenho uma boa relação com meu pai. Não gosto dele. Ele já me bateu muito e deixou marcas no meu corpo, olha — disse, levantando a camisa e mostrando as marcas.

Falava com uma convicção que atravessava as palavras — como quem não pedia piedade, mas apenas que se levasse a sério o que era dito. Em outro momento, ao falar sobre a escola e suas dificuldades, confessou:

— Eu tenho dificuldade de ler. As letras parecem dançar... — essa expressão não voltou a aparecer em outros atendimentos, mas revelava algo do seu embaraço com o mundo da palavra escrita.

Poucos dias depois, a pedagoga e a psicóloga da unidade socioeducativa chegaram ao Janela da Escuta para conversar com a equipe. Foram recebidas por Samara, que conduziu a apresentação com o cuidado de sempre:

— Essa é a equipe do Janela — disse com gentileza. — Estamos aqui para conversar sobre o caso da Kerly.

A reunião começou com um ar de formalidade, mas logo ganhou contornos de tensão. O caso, todos concordavam, era grave.

— Kerly já está sendo acompanhada por uma psicóloga do PNAISARI (Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes em Conflito com a Lei, em regime de internação, internação provisória e semiliberdade) — disse a profissional da unidade. — Então, não achamos necessário um atendimento psicológico aqui no Janela. O que pedimos é apenas o acompanhamento pedagógico.

A equipe do Janela tentou, com respeito, sustentar outro ponto de vista. Samara foi a primeira a se pronunciar:

— A gente compreende, claro. Mas Kerly demonstrou uma grande necessidade de falar. Foi muito tocante desde o primeiro encontro... ela mesma disse que é aqui que consegue falar sobre o que a angustia. Talvez seja importante que ela tenha um espaço de escuta aqui.

— Entendemos — respondeu a psicóloga. — Mas ela já está sendo ouvida. O que precisamos é que o foco aqui seja no conteúdo escolar.

Com delicadeza, a equipe do Janela concordou em encerrar o acompanhamento com Samara, sinalizando o desejo de não atravessar o trabalho da outra profissional. Mas o que ficou da reunião foi um ruído mais profundo.

— Kerly mente muito. Ela muda a versão do que aconteceu. Aqui na unidade, por exemplo, se coloca, é agressiva, até sádica. E sobre esse pai que ela diz que a espanca... — a psicóloga fez uma breve pausa antes de continuar — isso também não é verdade.

Samara franziu o cenho, surpresa.

— Mas ela mostrou marcas no corpo...

— Sim, ela mostra — interrompeu a psicóloga, com firmeza. — Mas não é confiável. O pai dela é amoroso. Temos contato com ele, é um homem presente.

Não havia aposta ali. Nenhuma escuta real. Apenas a busca por uma verdade factual, objetiva — como se a subjetividade pudesse ser arquivada, reduzida a versões e contradições. Mas ali, no Janela, o compromisso era outro: não com o que “de fato” aconteceu, mas com a verdade do sujeito, da Kerly. Aquela que escapa às certezas e se enuncia, fragmentada, na palavra que busca ser reconhecida.

Mesmo após a reunião, Kerly deixou claro o que queria:

— Eu nem conheço essa psicóloga que eles tão falando... — disse, incomodada. — Eu quero continuar com a Samara. Aqui é diferente.

A afirmação da adolescente não pareceu ter peso diante da decisão institucional. O socioeducativo foi direto:

— Se não for para atendimento pedagógico, não tem por que o Janela acompanhar. Ela já tem psicóloga. A escuta dela já está garantida.

Diante disso, a equipe do Janela decidiu que manteria o vínculo por

meio do atendimento pedagógico, ainda que cientes de que o que estava em jogo ia muito além dos conteúdos escolares.

Na discussão de caso, a proposta da unidade era clara: atendimentos pedagógicos quinzenais. Para eles, bastava.

No mesmo dia, Samara chamou Kerly para uma conversa breve, mas significativa.

— Kerly, quero te apresentar a Larissa, nossa professora aqui no Janela. É com ela que você vai fazer os atendimentos pedagógicos a partir de agora — disse, com um sorriso acolhedor. — A escuta, como combinamos, vai continuar com a psicóloga do PNAISARI.

Kerly imediatamente mudou o semblante. Ficou visivelmente agitada. Começou a falar muito, rápido, as palavras se atropelando umas nas outras.

— Mas eu não tenho psicóloga! Eu nem conheço ela! — disse, quase sem pausa. — É aqui que eu me sinto melhor... é esse atendimento que tava me deixando mais tranquila. Eu espero por isso toda semana, fico ansiosa pra vir, porque é aqui que eu consigo falar das minhas coisas!

Samara e Larissa escutavam com atenção. Kerly continuava, angustiada:

— Lá no sócio eu não posso falar nada... eu fico calada o tempo todo. Aqui é diferente. Aqui eu me sinto mais livre.

— Mas você ainda virá aqui, Kerly. Fique tranquila, o espaço do Janela da Escuta está aberto para você — disse Samara, com voz serena, tentando acalmá-la um pouco.

Kerly assentiu com a cabeça. Apesar da agitação inicial, seus olhos demonstravam interesse. Aceitou participar do Projeto Adolescente e Saber, no qual seriam realizadas intervenções pedagógicas voltadas a investigar seus impasses com a leitura e a escrita — um convite à retomada da palavra, mas também à reconstrução do vínculo com o saber.

Ao se despedir da adolescente, Samara desceu até o primeiro andar. Lá, ainda estavam reunidas a pedagoga e a psicóloga do socio-educativo junto à equipe do Janela da Escuta. Relatou o que havia acontecido no encontro e, a partir disso, propôs-se uma discussão mais ampla, que incluísse também a psicóloga responsável por Kerly,

para que sua opinião fosse considerada na reavaliação do caso.

Enquanto isso, ainda na sala de atendimentos, Larissa dava início a uma conversa com a adolescente:

— Kerly, me conta um pouco sobre você.

A resposta veio rápida:

— Minha mãe está nos Estados Unidos, meu pai em Portugal e eu e minha avó moramos em Conceição do Mato Dentro.

Larissa se surpreendeu com a resposta. Entre tantos possíveis caminhos para se apresentar, era aquilo — a localização geográfica da família — o que Kerly mais queria que ela soubesse. Algo que dizia, silenciosamente, de sua dinâmica familiar, de afetos partidos e distâncias que doíam mais do que podiam ser ditas.

Larissa retomou com cuidado:

— E como foi isso, Kerly?

— Queria ter ido com minha mãe. Eu pedi pra ir com ela, mesmo que fosse de forma ilegal... mas meu pai não deixou. Tenho ódio dele por isso. Fiquei com meu pai por um tempo e depois ele foi pra Portugal. Aí me deixou com minha avó e meu irmão.

A fala vinha rápida, quase sem pausa. Como se contasse antes que perdesse o fôlego. Depois disso, Kerly começou a falar da angústia de estar no socioeducativo. A voz oscilava entre tristeza e raiva.

— Lá eu chuto as coisas... fico brava, nervosa. Porque eu não faço nada. Dá vontade de bater a cabeça... mas eu não bato. Não sou doída. — fez uma pausa, com os olhos baixos. — Dá vontade de me cortar também. Mas se eu fizer isso, saio de lá algemada. Então eu não faço.

Larissa escutava, sem interromper. Até que perguntou:

— E como era antes de você ir para o socioeducativo?

— Eu ficava no sofá. Assistindo desenho, comendo... de boa — respondeu Kerly, num tom quase nostálgico, como quem falava de um tempo em que ainda havia algum sossego.

— E a escola? Como era?

— Eu ia... mas não sabia nada. Não aprendi nada.

— Mas você ia com frequência?

— Ia.

— E quando era menorzinha, lembra de como era?

— Ah... não lembro muito não. Só que eu desenhava. Não fazia mais nada.

Havia ali uma relação truncada com o saber. Um passado escolar pouco simbolizado, quase apagado. Mas Larissa via, naquele espaço ainda em aberto, a possibilidade de um gesto novo. Pegou o caderno e propôs:

— E se a gente escrevesse algumas palavras?

Kerly olhou, pensou por um instante... e topou.

Era um começo. Kerly pegou o lápis. Escreveu seu nome, sua data de nascimento, sua idade. A letra era cursiva, mas não trazia a inicial maiúscula no próprio nome — um detalhe que Larissa observou.

— Me conta, Kerly... um lugar que você gosta de ir?

Ela olhou em volta, sem pensar muito.

— Aqui.

Larissa sorriu.

— E se a gente escrevesse isso?

Kerly concordou. Tentou escrever “ambulatório São Vicente”, mas logo travou na primeira sílaba.

— Não sei... não consigo — disse, soltando o lápis e cruzando os braços, como quem já conhecia esse lugar de desistência.

Larissa se aproximou com cuidado:

— Tenta do seu jeito, só pra ver onde estamos.

Kerly respirou fundo e tentou. Escreveu: “ãobulatório”.

— Olha só — disse Larissa — você está muito próxima! Só precisa de alguns ajustes.

Com delicadeza, mostrou como se escrevia “ambulatório”, destacando que Kerly havia escutado corretamente os sons das letras, mas observando a forma como, nesse caso, se escreve, apontando cada parte com paciência e atenção.

Kerly seguiu para as próximas palavras e escreveu: “São Ficete”.

Lembrando do que aprendeu com Marlene Machado, Larissa propôs um exercício de observação: contaram juntas os acertos, os erros e as faltas. Ao final, Kerly olhou para a palavra “Vicente”, escrita corretamente, e disse:

— Errei o N.

— Não foi um erro, Kerly — respondeu Larissa, com firmeza doce. — Foi uma falta. A gente coloca o que está faltando e continua.

DE DESEMPHAR		14
AMBULATORIO	SÃO VICENTE	
PRAIÁ		x = 1
XOCOLATE		v = 5
CH		* = 1

Era mais do que uma correção ortográfica. Era a aposta de que, mesmo onde falta, ainda é possível escrever. Ainda é possível dizer. Onde falta, falta algo para aprender — e é justamente aí que pode entrar um saber. Não como imposição, mas como possibilidade: a de se inscrever no mundo, pouco a pouco, com aquilo que ainda se tenta construir em palavra.

Larissa propôs que Kerly escrevesse outras palavras.

— Um lugar que você tem vontade de conhecer?

— Praia. Mas eu não sei escrever... — respondeu, soltando o lápis sobre a mesa e permanecendo com os olhos fixos na folha.

— Tenta, Kerly. Do seu jeito que você conseguir mesmo. Eu vou te ajudando quando precisar.

Ela pensou por alguns segundos, respirou fundo e, com alguma hesitação, escreveu: PAIA.

— Agora lê o que você escreveu — pediu Larissa, suavemente.

Kerly leu em voz alta e, ao terminar, franziu o cenho:

— Tá faltando o R, né?

— Isso, você percebeu muito bem! — disse Larissa, incentivando com um sorriso.

Kerly tentou inserir o R, mas o gesto da escrita ainda era tateante. Escreveu RPAIA, depois PARIÁ. Sabia o que faltava, mas não sabia bem onde colocar.

— Vamos pensar juntas — disse Larissa, enquanto intervinha, ajudando Kerly a perceber onde o R deveria ficar.

Em seguida, Kerly topou escrever algo que gostava de comer. E escreveu, com gosto: “xocolate”.

Cada tentativa começava com um “não sei”. Mas a aposta de Larissa era justamente essa: sustentar o espaço onde o “não sei” pudesse virar “vou tentar”. E, mais adiante, quem sabe, “eu consigo”.

Depois da escrita, Kerly olhou para Larissa e disse, com certa firmeza:

— Eu não sei ler.

Larissa, então, retomou com cuidado:

— Mas você leu “paia”. Percebeu o erro. Isso já é ler, Kerly. Percebi que algo da leitura você já sabe. Me dá um exemplo do que você acha que não consegue?

O reconhecimento de seus conhecimentos, por parte da professora, pareceu abrir algo. Como se um espaço até então paralisado começasse, aos poucos, a se mover. Kerly passou, então, a exibir uma verdadeira sede de aprendizagem. Começou a olhar em volta, procurando textos no ambiente. Leu, primeiro, a frase escrita na parte da frente do seu crachá — disse que era fácil. Depois, virou o crachá e se deparou com um texto maior, impresso em letras pequenas, com orientações sobre o que o paciente deve ou não fazer no ambulatório.

Leu tudo. Do início ao fim. Com poucas pausas, tropeçando mais por hesitação do que por desconhecimento.

Algumas palavras complexas, como *observar*, ela leu com facilidade. Outras, como *conservar*, causavam tropeço — mas Larissa não precisava corrigir. Bastava pedir:

— Lê de novo.

Kerly relia. E, na maioria das vezes, encontrava sozinha o caminho da palavra. Conseguia, inclusive, compreender o significado. Poucas foram as vezes em que Larissa precisou dizer a palavra por ela.

Ainda tentando provar que havia algo errado, que sua dificuldade era real, apontou para a capa do caderno:

— Posso tentar ler isso aqui também?

E leu:

— A educação... não... — travou. A palavra “educação” demorou a sair. “Transformar” ela não conseguiu ler. Mas, após a ajuda de Larissa, avançou até o fim da frase:

— A educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas, pessoas transformam o mundo — disse, antes de olhar para Larissa e perguntar, quase sem jeito: — É isso mesmo?

— É isso, Kerly. Parabéns pela leitura e pela escrita de hoje. Você foi muito bem!

Já quase finalizando o encontro, Larissa quis saber um pouco mais sobre os interesses de Kerly, para poder pensar em atividades que fizessem sentido para ela.

— O que você gosta? O que te interessa? — perguntou, abrindo espaço para a escolha.

Sem hesitar, Kerly respondeu:

— Gosto de aprender.

A resposta, dita com firmeza, soou como uma chave — daquelas que abrem não apenas portas, mas possibilidades.

— E o que você tem vontade de aprender?

Kerly pensou por alguns segundos e então começou a listar:

— Gosto de fazer pulseiras, de colorir, desenhar, fazer tranças... gosto de anime, das tirinhas da Turma da Mônica... e gosto de música. Mas não muito pesada.

Larissa sorriu e perguntou:

— Como assim, não muito pesada?

— Umás músicas mais tranquilas... sem putaria, sabe?

— Me dá um exemplo?

Ela hesitou, ficou meio envergonhada, mas logo começou a cantar baixinho:

— *Não vou namorar / Vou comer tuas amiga porque elas quer me dar / Se quiser sentar / Tu não é talarico, seus desejo vou realizar.*

Era a música Não vou namorar, um funk MTG. Uma canção marcada pela conotação sexual — e que, ainda assim, na voz de Kerly, soava

como leve, “sem putaria”.

Larissa anotou mentalmente os gostos de Kerly, especialmente o “gosto de aprender” que, quando reconhecido, parecia iluminar o que antes era apenas silêncio ou resistência.

A palavra pede espaço

Uma semana depois, no auditório do Janela da Escuta, iniciava-se mais uma discussão de caso — desta vez ampliada. Estavam presentes a pedagoga, a diretora e a psicóloga do socioeducativo, a equipe do Janela, a psicóloga do PNAISARI, que supostamente atendia Kerly, além de outros agentes envolvidos na rede.

Samara abriu a reunião, retomando os pontos discutidos na semana anterior. Acrescentou novos elementos trazidos por Kerly nos últimos encontros: a dificuldade para dormir, os “sonhos de terror” que a despertavam durante a noite, o desejo ainda vivo de reencontrar a mãe nos Estados Unidos — uma promessa que, segundo ela, ainda estava de pé. E também o medo: o medo de ser encaminhada para um abrigo.

A psicóloga do socioeducativo retomou o que já vinha dizendo:

— A Kerly, dentro da unidade, tem se mostrado bastante agressiva. É impulsiva. A convivência é complicada.

A pedagoga da unidade se mostrou aberta e colaborativa. Falou com cautela, reconhecendo as dificuldades, mas sem endurecer a posição.

— A gente tem percebido muitas questões pedagógicas importantes no caso da Kerly. Ela apresenta dificuldades com a leitura, com a escrita... Mas, além disso, há uma limitação prática: não conseguimos liberá-la toda semana para vir ao Janela, por conta dos compromissos escolares aqui dentro. A frequência quinzenal talvez seja o que conseguimos viabilizar, ao menos por enquanto.

A diretora do socioeducativo, por sua vez, complementou com firmeza, mas em tom de construção conjunta. Ao longo da reunião, demonstrava disposição genuína para escutar os diferentes pontos de vista.

— A convivência com a Kerly, dentro da unidade, tem sido desafiadora. Ela adota uma postura provocativa, às vezes desrespeitosa. Já tivemos episódios de brigas corporais, agressões. A gente tenta lidar de outras formas, que não sejam apenas punitivas. Sabemos que punição, sozinha, não resolve.

Foi então que a psicóloga do PNAISARI pediu a palavra. Começou a traçar um contorno mais subjetivo da situação:

— O que percebo é uma irritabilidade intensa. Quando Kerly fala da época em que morou com o pai, ela associa a essas explosões. Segundo o que conta, ele era alcoólatra. Violento. Por vezes, descontava nela. A resposta dela era sempre a mesma: explosão. Dizia que, quando ficava assim, “não via nada pela frente”.

Após uma pausa, continuou:

— Contou ainda que a mãe prometera levá-la para os Estados Unidos. Mas o pai impôs uma condição: ela só iria se ele fosse também. A mãe foi sozinha — levou dois filhos. Dois ficaram. Kerly foi uma das que ficaram. Segundo ela, morar com o pai foi “um horror”.

Todos na sala estavam atentos às palavras da psicóloga.

— A avó é presente. Mas a relação com a família parece ainda estar muito na ordem da fantasia. Além disso, ela confunde espaço e tempo. Conta que o Conselho Tutelar a tirou do pai, mas não sabe dizer quando, nem como. Pelo que conseguimos entender até agora, Kerly não frequentou a escola de forma sistemática. Ficou muito na rua. E mesmo quando estava na escola, ela diz que não era para aprender. Era um ambiente atravessado pelas agressões do pai, e sem laço com os pares e com a escola.

A psicóloga relatou ainda que Kerly expressava arrependimento. Dizia que devia ter ouvido a mãe, e também a avó:

— Ela disse: “Eu estava me achando... fazendo coisa que não é da minha idade”.

Ao final, fez um esclarecimento importante:

— Os encontros que temos com ela são pontuais. Ela tem espaço para falar, sim, mas apenas quando algo acontece. Não é um acompanhamento regular. Talvez por isso ela tenha dito que não me conhecia — o vínculo não se sustenta semanalmente.

A escuta da equipe do Janela foi silenciosa, mas atenta. O diagnóstico institucional era denso. Mas o que emergia ali era ainda mais claro: Kerly precisava de um espaço onde pudesse ser escutada com regularidade. Um lugar onde a palavra não fosse chamada apenas em momentos de crise.

Ao fim da reunião, ficou decidido: Kerly teria um espaço semanal de escuta no Programa. E, junto a ele, o atendimento pedagógico continuaria.

A escolha não foi por acaso: falar de si e aprender, muitas vezes, não são caminhos separados. Um sustenta o outro. Quando a palavra encontra lugar, algo pode se organizar por dentro. Talvez seja justamente nesse ponto de encontro entre escuta e aprendizagem que algo novo possa emergir.

A leitura que se mistura com a vida

Kerly estava no ambiente de espera quando Larissa chegou. O espaço era outro — bordados, tintas, papéis coloridos. Um lugar onde algo da criação ainda podia respirar. Ela estava concentrada, pincelando um coração. Ao ver Larissa, levantou os olhos, sem interromper o gesto:



— Posso terminar primeiro?

Larissa assentiu, sorrindo. Kerly terminou com cuidado e, enquanto mostrava o que havia feito, explicou a composição com detalhes. Ao final, olhou para Larissa e disse:

— Eu faço um pra você.

Entraram na sala. Enquanto se ajeitavam no ambiente, Larissa perguntou como havia sido a semana. Kerly não hesitou:

— Uma bosta. Tô surtando. Tô me mordendo — disse, mostrando as marcas nos braços.

Falava rápido, atropelando as palavras, como quem tenta dar conta de tudo de uma vez só.

— Me fala mais sobre isso.

— Tô cansada. Tô perdendo a paciência. E não tá passando isso que eu tô sentindo...

A fala vinha desesperada, em jorros, sem pausas. Disse que os atendimentos do Janela a ajudavam a se acalmar, mas que, como na semana anterior não havia acontecido, a angústia parecia ter se intensificado. Lá dentro, no socioeducativo, dizia que não conseguia conversar com ninguém.

— Eu me mordo pra ver se eu desestresso.

— E por que você acha que está sentindo esse estresse todo?

— Eu não sei... só sei que faço isso pra ver se passa.

— Funciona?

— Funciona. Porque dói... aí eu paro. Presto atenção na dor.

Larissa escutava com atenção, mas, com delicadeza, propôs:

— A gente pode tentar pensar juntas em outra forma de aliviar isso... que não seja se machucar.

Notou, então, uma marca no pescoço da adolescente e perguntou sobre aquilo. Kerly respondeu:

— É tipo um beliscão. Brincadeira.

— Uma brincadeira que deixa hematoma?

— Eles brigaram comigo... disseram que não pode ficar se machucando.

Depois de um breve silêncio, Kerly olhou para Larissa com uma mistura de expectativa e urgência:

— O que nós vamos fazer hoje?

Larissa sorriu e mostrou a atividade.

— Hoje eu trouxe uma tirinha.

Kerly tentou adivinhar:

— É pra eu fazer uma historinha no caderno?

— É uma boa ideia — disse Larissa.

Kerly riu:

— Melhor não.

Larissa tirou a folha da mochila e a entregou.

— Então começa lendo essa aqui.

Larissa entregou a tirinha da Turma da Mônica, e Kerly começou a ler com interesse. A leitura vinha um pouco pausada, sem muita entonação, com dificuldades na pontuação e nos acentos, mas o essencial estava ali: ela compreendia o que lia. Larissa então propôs:

— Vamos pensar juntas... Como o Cascão descobriu que a Magali estava brincando com o Cascão?



Kerly olhou para os quadrinhos e respondeu:

— Porque viu o balanço.

— Mas por que ele pensou que era com o Cascão?

— Ué... porque tá escrito.

Larissa sorriu com delicadeza e convidou:

— Tenta olhar bem a imagem. Tem alguma dica de que o Cascão também estava ali?

Kerly observou por alguns segundos, aproximando o rosto da folha:

— Ah! As marcas da mão dele ficaram na roupa da Magali!

Antes mesmo que Larissa pudesse comentar, Kerly começou a ler a próxima tirinha. Havia algo pulsando ali — um desejo de continuar, de entender, de avançar.

Leu com o mesmo ritmo hesitante, tropeçando em algumas vírgulas, acentos, entonações. Mas, ao final, compreendeu a cena e levantou uma dúvida:

— Mas... pra que a Mônica quer mexer naquelas coisas?

A pergunta fazia referência à fala do Cebolinha, mas denunciava que algo ainda escapava do entendimento geral da tirinha. Larissa interveio, relendo com ela, ajudando-a a reorganizar os sentidos.

Após a explicação, Kerly concluiu com um sorriso:

— Eu sabia que ele sempre amou ela!

Larissa riu também e aproveitou para explicar um detalhe importante:

— Sabe por que o Cebolinha fala essas palavras trocando o R pelo L? Porque ele tem a língua presa. Olha aqui alguns exemplos. — apontou as palavras em **negrito** nos quadrinhos, aquelas distorcidas pela fala característica do personagem.

— Que tal escrever essas palavras do jeito certo agora? — convidou.

Kerly pegou o lápis sem hesitar e começou a escrever as palavras ditas por Cebolinha. Escreveu “blincando” como brincado. Larissa leu a palavra em voz alta, pausadamente, para que ela percebesse o erro.

— Ah... faltou o N — disse Kerly, já apagando com determinação.

Enquanto ela desmanchava a palavra, Larissa perguntou sobre a escola. A resposta veio direta:

— Tá uma bosta. Tô pedindo pra sair.

— E por quê?

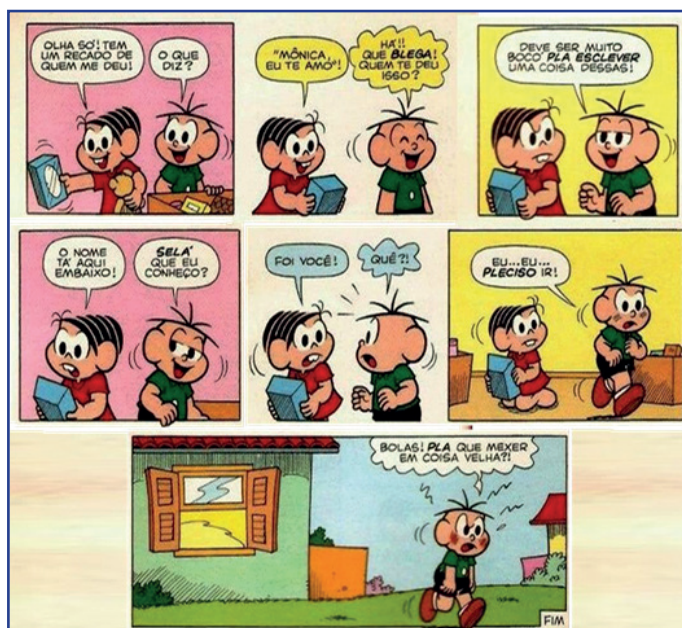
— Eu não tô conseguindo acompanhar... e eles ficam me julgando.

Larissa fez silêncio por um instante, depois retomou com delicadeza:

— Como assim julgando?

— Eles falam que eu tô fingindo. Que eu sei ler sim. Dizem: “Você sabe ler sim, sua mentirosa. Tá fingindo...”

Larissa então sugeriu:



— Traz pra cá uma das atividades da escola que você não tá conseguindo fazer. A gente pode trabalhar juntas aqui. Eu te ajudo.

Kerly assentiu, firme:

— Eu vou lembrar. Eu fico ansiosa pra vir pro Janela.

A atividade seguiu. Escreveu brega no lugar de brega. Leu, franziu o cenho e soltou:

— Desisto.

— Não desiste não. Vamos juntas. Escuta: brrreee...

Kerly repetiu: brrreee.

— Isso, percebeu? É o R. Vamos tentar de novo?

Ela escreveu braga. Larissa pediu:

— Lê de novo pra mim.

— Ble... bre... brrree... — tentou. — Eu não consigo.

— Você tá lendo com e, mas olha aqui — tá escrito com a. Lê de novo.

— Bra.

— Viu? Consegue sim.

Kerly sorriu, um pouco tímida. Pegou a borracha, desmanchou e escreveu corretamente dessa vez. Larissa aproveitou para perguntar:

— E você sabe o que significa “brega”?

Kerly respondeu de pronto, no seu jeito espontâneo:

— Sei sim. “Que brega de lápis, que brega de bolsinha... credo.”

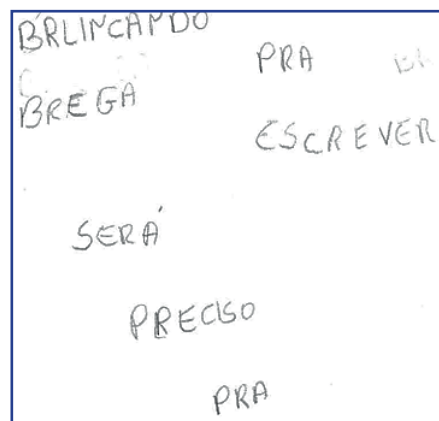
A sala se encheu de um riso leve. Kerly então bocejou, largando o corpo um pouco mais na cadeira. Estava visivelmente exausta.

— Eu não tô dormindo. E tem três dias que eu não como.

— Por quê?

— Não tá dando apetite, porque eu quero morrer.

A frase saiu quase seca, mas dentro dela vinha um cansaço que transbordava. Disse que estava muito cansada. Que sentia saudade



da família, especialmente da avó e do irmão. Ele havia feito aniversário, e ela não estava lá.

— Eles vão te visitar? — perguntou Larissa, com delicadeza.

— Minha avó já veio duas vezes. Ela traz notícia dele. Do meu irmão.

Larissa então propôs:

— Você gostaria de escrever uma carta pra ele?

Kerly sorriu de leve.

— Seria legal... mas não tem como. Ele não sabe ler. Nem minha avó. Eu que ensinava pra eles.

Contou que brincavam juntos, que faziam pulseirinhas, que riam muito. Era ela quem mediava o mundo para ele — com palavras, com gestos, com o pouco que sabia e o muito que dava.

— Quando minha avó vem, eu consigo ligar pra ele. E ele fala assim: “Você não vai voltar pra casa não? Você não gosta da gente mais não? Eles tão falando que você tá na escola, mas eu sei que você tá presa. Estão mentindo pra mim. Se você tiver na escola, vamos aí te buscar. Chega. Não precisa de escola mais não. Vem pra casa. A gente tá com saudade. A gente te ama...”

Kerly fez uma pausa. O olhar estava longe.

— Aí eu falei a verdade. Disse que tô presa porque cometi um erro. Mas ele falou: “Você não cometeu erro, porque não foi você que fez.”

Contou que o irmão agora ia à psicóloga. E que, numa das sessões, perguntaram a ele o que o deixava triste. Ele respondeu:

— “A minha irmã... porque ela não tá em casa com a gente.”

Perguntaram então o que o deixava feliz. E ele disse:

— “A minha irmã, quando ela tá em casa com a gente. Ela é chata, mas é legal.” Ele falou desse jeito. É muito difícil. Eu fico triste.

Larissa fez silêncio, respeitando o peso daquela ausência. Depois perguntou:

— E o que você quer fazer quando sair daqui?

— Eu quero estudar. Fazer um curso.

— Mas você falou que tá querendo sair da escola...

— Eu pedi pra ter uma monitora. A professora tá enchendo o saco. Dá vontade de mandar ela pra aquele lugar.

A fala vinha atravessada por frustração, mas também por desejo. Desejo de aprender. De ter alguém ao lado. Alguém que não julgasse, que não duvidasse. Alguém que acreditasse, como o irmão, que ela era chata... mas era legal.

Após alguns instantes, Kerly voltou a falar com entusiasmo sobre algo que havia feito nos últimos dias:

— Peguei um livro pra ler.

O olhar se acendeu. Havia algo de encantamento e de urgência em sua fala, como se aquela história tivesse deixado marcas.

— É de uma mulher... ela tinha 15 anos. E aí, com seis meses de casada, ela virou pro marido e falou: "Chega, eu tô cansada. A gente nunca transou. Eu quero transar.". Então, o marido apagou a luz, começou a tirar a roupa dela e ela tirou a roupa dele. Aí ela falou assim: "Para, que isso? Você falou que não ia fazer isso!". E ele prometeu que não ia machucar ela. Antes disso, o marido já tinha colocado na cabeça da mulher que não podia usar camisinha porque ela não era puta. Eles transaram e quando acabou ela perguntou: "Mas por que você parou?" e ele respondeu: "Sonsa, eu não posso gozar dentro de você senão eu te engravido."

Kerly continuava, agora mais envolvida ainda com a história:

— Aí, depois ela perguntou: "Mas cadê o filme? Cadê a pipoca, cadê as coisas?"

Fez uma pausa e explicou, como quem ainda digerira o que tinha lido:

— É porque ela achava que era igual nos filmes, sabe?

Olhou para Larissa sem deixar a narrativa cair. Continuou:

— Aí ela começou a chorar. E ele falou: "Para de chorar. É assim que é o sexo." E ela perguntou: "Mas por que ninguém me falou que era assim?"

A voz de Kerly parecia misturar indignação e tristeza. A história não era só da personagem — de algum modo, era também um pedaço dela. Seguiu contando:

— Aí ele começou a bater nela. A ameaçar ela. A ameaçar os pais dela também. Até que um dia... a avó dela pegou ele batendo. Pegou no flagra mesmo. E ele falou que não ia ser preso, porque tinha dinheiro pra pagar.

Kerly continuou:

— A avó dela tentou tirar ela do país... porque ele estava ameaçando ela. Dizia um monte de besteira, falava que ia matar. E foi aí que ela descobriu que pegou AIDS. E não conseguiu contar pro pai. Ela não podia mais ir pra escola, nem terminar a faculdade... porque senão ele ia atrás dela.

Havia uma dor evidente em sua forma de narrar, mas também um encantamento. Kerly concluiu:

— O livro é muito bom, mas eu não terminei ainda. É grande. E eu também não lembro o nome... só sei que é muito interessante.

Fez uma pausa e então completou:

— No começo do livro tá escrito assim: "Se você é uma mulher que aceita apanhar, ser agredida, pare de ler esse livro." Porque é tudo de verdade. Foi na vida real.

E, como se estivesse contando algo que também dizia dela, concluiu:

— A autora falou: "Eu não sei como tive coragem de escrever esse livro. Pra mim, eu tinha que rasgar todas essas folhas, acabar com isso, passar uma borracha... e nem lembrar mais."

Após ouvir o relato sobre o livro, Larissa perguntou:

— E você, Kerly... já passou por algo parecido?

— Não. Nunca.

— Já teve namorado?

— Já sim. Fiquei com ele um ano. Foi muito bom. Ele me dava flores, chocolate... a gente tomava sorvete, ia no cinema.

Sorriu ao lembrar. Era como se um lugar mais leve se abrisse por um instante.

— E por que terminaram?

— Porque eu fui presa... e ele também.

— E vocês chegaram a transar?

Kerly respondeu com naturalidade:

— Sim. Foi assim, do nada. A gente tava vendo filme e tomando açaí... aí tanãnnã, aconteceu.

Larissa sorriu, acolhendo a espontaneidade.

— É muito bom que você esteja lendo, Kerly. Isso te ajuda a se desenvolver, sabia?

Kerly assentiu, e completou:

— A diretora falou que minha leitura melhorou depois que comecei a vir pro Janela.

Como para provar, pegou novamente a tirinha lida no início do encontro. Agora, a leitura vinha com mais entonação, com mais firmeza.

Ali, entre uma palavra e outra, crescia algo que não se podia medir com provas ou boletins: crescia a aposta de que aprender também podia ser lugar de afeto.

Quando terminou de reler a tirinha, Kerly olhou para Larissa com curiosidade:

— Tem mais alguma coisa que eu posso ler?

Larissa abriu a mochila, puxou um texto impresso e perguntou:

— Você quer tentar esse aqui?

Kerly assentiu com entusiasmo. Começou a leitura pausadamente, tropeçando em poucas palavras, a maioria com sílabas complexas. Mas nem todas a faziam parar. Algumas, ela atravessava com fluidez surpreendente. Ao terminar, avistou outras duas folhas, com uma lista de palavras — todas mais desafiadoras, de estrutura consoante-vogal-consoante.

— Posso ler essas também?

Larissa entregou. Kerly leu com dedicação. Algumas palavras saíram de primeira: pobre, quadrado. Outras, ela tropeçava na primeira tentativa e acertava na releitura: padre, xadrez. E havia aquelas que deslizavam, como alguém que estava aprendendo a ler, como *tirada* no lugar de *trinta*, ou *lavadora* para *lavrador*. Brejo virava *Brejeto*, *colodilo* tentava ser *crocodilo*.

Ainda assim, ao final da leitura, sorriu satisfeita:

— Hum... gostei.

Disse que queria que Larissa trouxesse mais textos na próxima vez. Queria continuar lendo. Queria aprender. Queria saber.

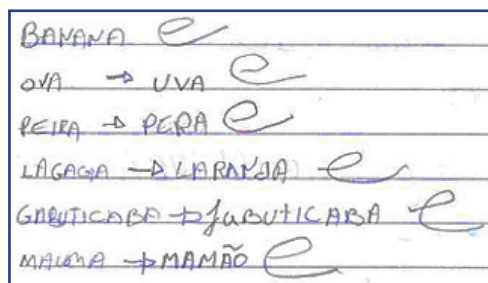
— Vamos terminar a escrita? — propôs Larissa.

Kerly pegou o lápis mais uma vez e retomou a atividade com as palavras que Cebolinha costumava falar. Agora, escrevia com firmeza: pra, escrever, será, preciso — todas grafadas corretamente.

Pedi:

— Faz mais ditado. Quero saber o que tô acertando e o que tô errando.

Larissa propôs um ditado com nomes de frutas. Primeiro, Kerly escrevia sozinha; depois, ao lado, com o auxílio da professora. Com apenas algumas intervenções — especialmente orientações para pensar devagar, sílaba por sílaba, e escolher qual letra usar —, ela já conseguia escrever corretamente. Apenas na palavra laranja Larissa precisou intervir de forma mais direta, para que ela acertasse.



Larissa sorriu. Era visível: Kerly estava se esforçando. Estava implicada.

— Tô tentando muito aprender, sabe?

Despediu-se, com aquele jeito único de quem, mesmo cheia de falhas e dores, ainda encontra espaço para desejar.

Kerly havia pedido para desenhar um pouco antes do atendimento com Samara. O ambiente de espera, repleto de tintas, colagens e papéis, fazia parte do Projeto Arte na Espera — uma proposta do Janela da Escuta para que os adolescentes pudessem se expressar de forma livre, enquanto esperavam ou encerravam seus encontros. Era também uma forma de conversar, por meio de gestos e imagens, sobre aquilo que às vezes as palavras não alcançavam.

Mas, naquele dia, o tempo era curto. Samara não teria outro horário, então decidiu iniciar o atendimento logo em seguida.

Kerly, no entanto, ao chegar na sala, disse que já havia falado tudo com Larissa. Estava mais interessada em ficar do lado de fora, conversando com os meninos que ali estavam. Contou, entre uma fala e outra, que havia marcado a audiência.

Ao fim do atendimento, Kerly quis voltar para o espaço de desenho. Samara pediu à agente que a deixasse ali por mais um tempo. Mas a resposta foi negativa. A agente disse que Kerly não estava desenhando, e sim sentada entre dois meninos, conversando com eles. E que, de acordo com a orientação da unidade, ela não poderia permanecer ali nesse tipo de interação.

Mesmo que o projeto Arte na Espera fizesse parte da metodologia do Janela – valorizando a arte como forma legítima de expressão e a conversa como parte do processo –, naquele dia, não foi possível que Kerly ficasse.

Sem protestar, mas visivelmente triste pela partida antecipada, ela se levantou, desceu as escadas e foi embora.

Assinado: Valentina

Quando Larissa se aproximou do espaço de espera, encontrou Kerly sentada na sala de artes, rindo com João.

– Quanto tempo! – exclamou Kerly ao vê-la – Até esqueci seu nome! Como é mesmo? Jubiscreuza!

João, entre risos, protestou:

– Ah, não. A gente tá no mó papo aqui!

Era evidente o clima entre os dois. Algo leve, provocador, adolescente. Larissa apenas sorriu e chamou Kerly para o atendimento. A menina se levantou animada e foi logo dizendo que estava bem. Tinha algo novo para contar:

– Já tô conseguindo ler. A única coisa que falta agora é escrever.

Empolgada com o próprio avanço, propôs:

– E se a gente escrever uma carta? Pro João... uma carta de amizade.

Antes de Larissa responder, Kerly viu a atividade que a professora

havia trazido. Ao ver, ela pareceu hesitar:

— Ah... então... — disse, com um sorriso amarelo, quase ensaiando uma mudança de ideia.

Antes que ela recuasse da proposta espontânea, Larissa interveio com cuidado:

— Fique tranquila. Vamos fazer a carta hoje. Você pode escolher o que quer escrever no nosso encontro. Deixamos essa atividade para outro momento.

Kerly aceitou a sugestão. Propôs ditar a carta enquanto Larissa escrevia. Disse que ainda não sabia escrever tudo, mas que as palavras já estavam prontas na cabeça. Larissa topou. Queria observar como ela organizava as ideias, que sentidos escolhia dar ao que sentia, como construía começo, meio e fim em sua própria narrativa. Era menos sobre a caligrafia e mais sobre dar forma ao que, talvez, nem Kerly soubesse ainda que queria dizer.

Kerly pediu que Larissa escrevesse a carta com letra cursiva, para que ela pudesse tentar ler depois. Também fez questão de que fosse numa folha de caderno. Disse que assim ficava tudo mais certinho, com as linhas no lugar.

— Sou muito exigente, né? — brincou, rindo do próprio zelo.

Começou a ditar:

— Oi João tô escrevendo essa carta...

Ficou um silêncio breve. Larissa percebeu que Kerly não sabia a estrutura de uma carta. Resolveu então conversar um pouco sobre isso, explicando como as cartas eram enviadas antigamente, colocadas em envelopes, levadas pelos Correios, e como serviam para contar novidades ou manter contato com alguém distante. Depois, passou a explicar a estrutura: era preciso colocar a cidade e a data, depois o cumprimento, e só então o corpo do texto, a despedida e a assinatura.

Kerly acompanhava com atenção e curiosidade. A cada passo, surgiam dúvidas.

— Por que você soltou a linha?

— Porque depois da cidade e da data, vamos cumprimentar o João.

— E agora? Por que não continua na mesma linha depois de cum-

primentar a pessoa?

A escrita da carta foi virando também um momento de aprendizagem, quase artesanal. Cada gesto da letra, cada espaço entre uma linha e outra, ganhava sentido. Mais do que decorar regras, Kerly parecia interessada em entender os porquês de cada escolha, de cada movimento da escrita.

Larissa pegou a folha de caderno, alinhou sobre a mesa e começou a escrever, com letra cursiva, o que Kerly ia ditando. À medida que a menina falava, Larissa ia transcrevendo com a ortografia normativa — uma escolha pensada, mas cuidadosa, que respeitava a fala de Kerly sem deixar de introduzir os modos formais da escrita.

Belo Horizonte, 25 de outubro de 2024.

Oi, João!

Espero que você esteja bem. Estou escrevendo esta carta para te falar que você não está sozinho. Pode contar comigo para tudo.

Kerly parou por um momento, pensativa, e disse:

— Coloca aí uma parte de uma música: “você me protege e eu mato por você”. Mas é só um modo de dizer, tá?

— Se é um modo de dizer... por que não tentamos dizer isso de outra forma?

Kerly pensou, mas ficou sem ideia. Larissa sugeriu:

— Que tal “eu fico sempre com você”... ou então “eu também te protejo”?

Kerly sorriu:

— Essa última. Coloca assim: “Você me protege e eu te protejo também. Sei que o que você tá passando é difícil, mas é passageiro. Tudo passa. Não fique se prejudicando. Quero ver você desligado do socio e feliz com sua família.”

E continuou:

— A medida é individual e você não tem amigos...

Mas logo interrompeu a si mesma:

— Não, não. Essa última parte que falei, não coloca não. Deixa eu pensar melhor.

Depois de uma breve pausa, retomou:

— Você é um menino inteligente, incrível, corajoso e importante para mim. Mas só vim para falar que você não tá sozinho.

Larissa fez uma pausa e disse:

— Essa última parte, sobre ele não estar sozinho... será que vai ficar repetitivo?

Releram juntas o texto. Kerly refletiu e decidiu:

— Então coloca assim: “Por isso, não desista.”

Larissa levantou os olhos e perguntou se ela queria encerrar por ali. Mas Kerly balançou a cabeça:

— Ainda não. Tá pela metade ainda... olha aqui — apontou para a folha, que estava com metade escrita. — Me ajuda a pensar?

Larissa a incentivou:

— Você tá indo muito bem. Tenta mais um pouco.

Kerly fez silêncio, pensou um pouco e disse:

— Que você consiga realizar todos os seus sonhos. — fez uma pausa enquanto Larissa escrevia. Continuou: — Não fique se cortando, porque a cicatriz sempre fica, nunca some. Sei que às vezes pesa, mas não fica assim que tudo vai passar.

As duas pararam diante da força do que havia sido dito. Larissa propôs que encontrassem um jeito mais cuidadoso de escrever aquela parte, preparando o terreno para que aquela parte fosse lida com o máximo de acolhimento e entendimento. Foram pensando juntas, palavra por palavra, até chegarem a um formato com o qual concordaram:

Sei que tem momentos na vida que são mais difíceis, que ninguém sabe realmente o que você está passando, nem o que você sente, e que às vezes a gente se corta para tentar aliviar a dor. Mas isso não vale a pena, porque isso vai passar e a cicatriz fica por toda a vida, te lembrando dessa dor.

Larissa respirou fundo depois de escrever.

— Esse conselho é bom não só para João, mas para você também, Kerly.

Kerly ficou pensativa por um instante e concordou. Depois, disse:

— Coloca: “Você não está sozinho”.

Larissa sugeriu:

— Que tal completar com: “fique bem e conte comigo sempre?” para finalizar?

Kerly gostou da ideia e completou:

— Achei ótimo! Também vou finalizar com “Te amo!”.

Ao terminar a carta, Kerly olhou para o fim da folha e disse, pensativa:

— Te amo é uma palavra muito forte... eu não amo ele, não.

Fez uma pausa, depois completou:

— Mas vou colocar assim mesmo. É só pra ele se sentir bem.

Pediu uma caneta colorida. Queria desenhar um coração e escrever o “te amo” dentro. Larissa abriu o estojo e colocou as canetas à disposição. Kerly escolheu uma cor vibrante, fez um coração com cuidado no canto inferior da folha e escreveu: Te amo. Por fim, assinou com o segundo nome:

— Valentina.

Depois, mais séria, disse que estava preocupada com João.

— Ele tá se cortando muito. Gosta de desabafar comigo.

Larissa escutou com atenção e perguntou:

— E você? Gosta de desabafar com ele também ou só escutar?

Kerly respondeu rápido:

— Só escutar. Não gosto muito de desabafar com os outros... é difícil até desabafar com a Samara.

Larissa comentou que achava importante ela também poder falar sobre o que sentia. Kerly desviou o olhar:

— Eu dou conselhos pra ele.

— Eu sei. Mas tô falando de você. Sobre você falar do que sente.

Kerly ficou em silêncio. Não respondeu.

Pouco depois, terminou de enfeitar a carta e perguntou:

— Será que ficou bonita?

Larissa sorriu e sugeriu que fizessem uma leitura juntas.

— Sempre que a gente escreve um texto, é bom reler. Aí conseguimos ver se tem alguma palavra faltando, algo que pode ser entendido errado ou que a gente queira mudar.

Kerly concordou. Pegou a carta com as duas mãos e leu em voz alta. Lia pausadamente, respeitando as vírgulas e os pontos na maior parte das vezes. Errou poucas palavras — como prejudicando, tentar, lembrando — mas não precisou de ajuda para reler.

A carta estava pronta. Ao terminar a leitura, Kerly olhou para Larissa:

— Posso entregar pra ele e depois fazer outra atividade?

— Claro!

Kerly se levantou, abriu a porta e procurou com os olhos, mas viu que João ainda estava em atendimento. Fechou a porta, voltou ao lugar e se sentou. Pegou a folha com a atividade que Larissa tinha trazido.

— Você vai escrever os nomes das coisas que vê nesse quarto. — disse a professora.

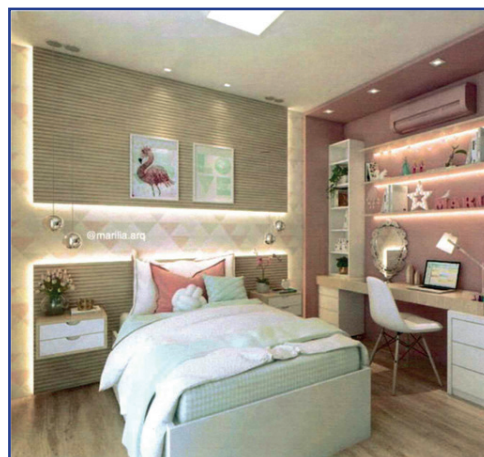
Kerly olhou ao redor e foi começando, com atenção.

Kerly aceitou, ainda que dividida entre a tarefa e a vontade de entregar a carta. Escreveu cadeira para “cadeira”. Leu em voz alta e, com a mediação de Larissa, foi corrigindo até chegar à forma correta. O mesmo aconteceu com *quadro*, que apareceu primeiro como *quado*. Já “ar-condicionado” parecia impossível no início, mas foi construída pouco a pouco, com paciência e apoio.

— Posso ver se ele já saiu? — Disse Kerly, ansiosa.

Larissa assentiu. Ela foi até a porta, olhou discretamente e viu João saindo da sala ao lado. Chamou por ele e lhe entregou a carta, que já estava dobrada com cuidado.

No mesmo instante, uma das agentes do socioeducativo se levanta-



tou com pressa. O tom mudou.

— Não pode ter troca de cartas! Quem autorizou isso?

Larissa, ainda sentada, respondeu com calma:

— Eu autorizei, sim.

Antes que a agente dissesse algo mais, Kerly se apressou:

— Não tem rede social, nem telefone, nem nada assim! É só uma carta mesmo, de amizade!

A justificativa veio rápida, como se tentasse evitar uma punição. O ambiente ficou tenso por alguns segundos.

Kerly voltou para a sala em silêncio, depois de entregar a carta. Sentou-se de novo e continuou a atividade. Escreveu várias palavras observando o que havia ao redor: *espelilo* para espelho, *esterla* para estrela, *livor* para livro. Larissa percebeu que os erros costumavam aparecer nas sílabas mais complexas — aquelas que não seguiam a estrutura consoante-vogal — ou em aproximações com a fala, como *almufada* no lugar de almofada, ou *paredi* por parede.

Algumas vezes, Larissa intervinha, perguntando o que ela achava

CAMA	ESPELILLO	PAREDI
CADIRA / CADEIRA	ESTRELA	COUQUEL / COLCHÃO
QUADRO	MARIA	CHÃO
COPETADO / COMPUTADOR	LIVRO	FLOVA / FOLHA
COBERTOR	ALMOFADA	BONECA
TRAVESEIRO / TRAVESEIRO	LUZ	CREME
AR CONDICIONADO	FLOR	XÍCARA
MESA DE CABECEIRA	LOVE	LUMINÁRIA

que vinha depois, pedindo para ler devagar, ajudando a escutar as sílabas. Outras vezes, Kerly acertava sozinha, como quando escreveu *creme* com facilidade.

Ao final, Larissa comentou sobre a assinatura que ela havia feito na carta, usando apenas o segundo nome.

— Você assinou Valentina. É como prefere ser chamada?

— Prefiro. Acho Kerly um nome estranho.

Larissa quis saber mais:

— Sabe quem escolheu seu nome?

— Acho que Kerly foi meu pai... mas minha mãe me chama de Valentina.

A atividade terminou e Valentina parecia satisfeita. Disse que tinha gostado e perguntou se podiam fazer algo parecido na semana seguinte.

Larissa respondeu que sim. As duas se despediram e encerraram o atendimento.

Mais que um país, um desejo: Unidos

Valentina chegou mais calada naquele dia. Quando Larissa perguntou como ela estava, respondeu que estava tudo bem, mas logo emendou:

— Eu não tô indo na escola, não.

— Por que?

— As professoras são muito chatas.

— Qual professora, por exemplo?

— A de história. Ela fica me julgando porque eu não sei escrever.

Larissa lembrou a ela que estava em processo de aprendizagem, que ninguém nasce sabendo, e que ela tinha feito uma carta linda na semana anterior. Valentina, então, contou um episódio recente:

— Eu pedi pra ela escrever uma palavra pra mim, porque eu não sabia. Aí ela virou e falou que eu era sonsa e não sei o que lá mais...

— E o que você faz quando decide não ir?

— Eu não vou. Não vou e fico no meu alojamento. Só durmo.

A frustração estava ali, contida na voz.

Larissa perguntou se ela ainda conversava com o João. Valentina abriu um sorriso leve e disse:

— Ele ficou todo feliz com a carta.

Contou que seguia conversando com ele no espaço de arte do Janela da Escuta, que dava uns conselhos de vez em quando, porque ele

estava muito rebelde. Segundo ela, João andava falando de se cortar.

— E você? — perguntou Larissa.

Valentina abaixou um pouco a cabeça e respondeu, num tom baixo:

— Parei de me morder... mas não parei de me cortar. Mas isso foi ontem... porque eu tava com medo da minha mãe não conseguir...

Parou a frase no meio.

— Conseguir o quê? — Larissa perguntou.

— Me tirar de lá.

Fez uma pausa.

— Eu me cortei porque é a melhor coisa. Porque... sei lá... alivia.

Houve mais um silêncio. Pouco depois, completou:

— Eu queria ter cortado a veia. Pra acabar com isso tudo logo.

Larissa escutou em silêncio. Não era hora de repreender, nem de dizer o que é certo ou errado. Era hora de sustentar a escuta — e o vínculo.

Depois de um tempo, Valentina retomou outro assunto.

— Não quero ter nada com o João, não. Ele me trouxe uma carta também — diz, com um sorriso na boca, mas logo volta a dizer: — Não sou apaixonada por ele porque o primeiro amor a gente nunca esquece.

Revelou que havia sido por outro menino, que também esteve no socioeducativo. Estava bastante envolvido no tráfico, mas, como ela mesma disse:

— Ele era bem fofinho comigo. Eu gostava dele. Sinto saudade. Já o João não faz meu tipo. Eu deixo claro pra ele que a gente é só bests.

Depois de conversarem, Larissa mostrou um novo recurso que havia levado para trabalhar a leitura. Era uma atividade que ajudava a compreender o uso do *R* nas palavras com estrutura consoante-vogal-consoante. Havia cartões com palavras como *tem*, *pata* e *tio*, mas, ao puxar uma aba, surgia o *R*, transformando as palavras em *trem*, *prata* e *trio*.

Valentina achou curioso. Foi puxando as abas, lendo

TEM	⇒	TREM
TIO	⇒	TRIO
PATA	⇒	PRATA

em voz alta, e se divertindo com as transformações. Em certo momento, parou e imaginou como seria colocar o R em outras palavras que não estavam na atividade.

— Já pensou se fosse *mrenino*? — disse, rindo.

Ficou bastante envolvida. Leu todas as palavras, apesar de algumas hesitações e demonstrou interesse em continuar.

Enquanto Larissa organizava o material para a próxima atividade de escrita, Valentina comentou que havia falado com a mãe por videochamada.

— Os Estados Unidos é muito bom — disse, com entusiasmo.

Larissa perguntou:

— E o que é os Estados Unidos?

Valentina deu uma risadinha:

— Não sei... mas é um lugar muito bom, muito bonito. Um país. É nesse lugar que vou realizar meu sonho... e o da minha mãe.

— E qual é esse sonho? — perguntou Larissa.

Valentina respondeu, sem hesitar:

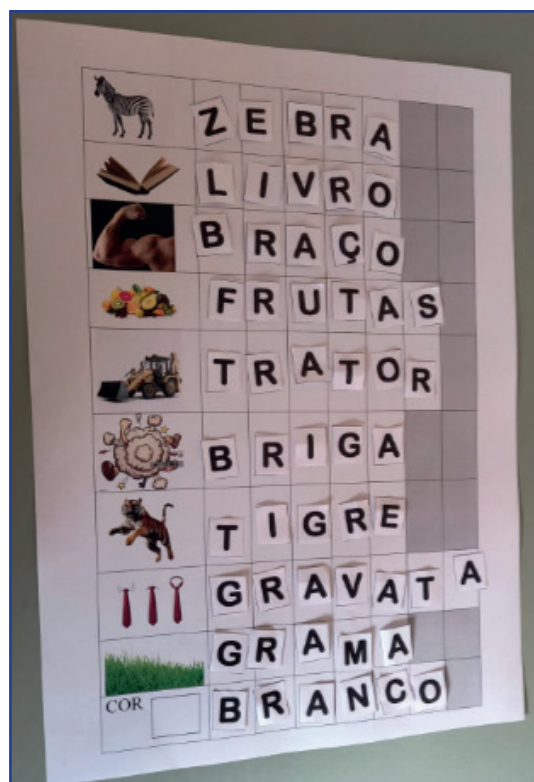
— Unir a família. Eu, minha mãe, meus avós e meus irmãos. Meu pai não.

Larissa ficou pensativa com a última fala de Valentina. *Unidos*, para ela, não era apenas o nome de um país. Era desejo. Unir a família. Ter um lugar.

Depois desse momento, Larissa mostrou a próxima atividade.

— Aqui tem algumas imagens e letras móveis. Você vai montar as palavras, tudo bem?

Valentina assentiu. Às vezes, pegava o recurso anterior — aquele com as abas —, puxava de novo e relia as palavras. Fazia isso para lembrar do som do R e de onde ele entrava.



As primeiras palavras foram tranquilas:

— Zebra... livro...

Larissa sorria, incentivando:

— Muito bem! Tá indo ótimo.

Quando apareceu a imagem de um trator, ela montou sem nenhuma ajuda.

— Trator!

Mas, ao chegar na palavra tigre, o ritmo mudou. Valentina pegou as letras certas, mas não conseguia colocá-las na ordem. Montou *TIGER*, depois *TRIGE*, depois *RITGE*. Tentava de novo. E de novo.

— Tá difícil — disse, já visivelmente nervosa.

Larissa se aproximou com calma:

— Vamos devagar. Pensa comigo: qual é a primeira sílaba?

Valentina respirou fundo. Com ajuda, conseguiu formar o *Ti*. Mas na segunda parte, se atrapalhou de novo. A ansiedade aumentava.

— Não consigo!

— Calma, consegue sim. Estou aqui para te ajudar.

Valentina olhava para as letras, tentava organizar. Organizava. Desorganizava. Falava a sílaba em voz baixa. Olhava para as outras letras ao lado e mexia nelas, como quem procurasse outra peça para encaixar na palavra que queria montar.

Larissa interveio com cuidado:

— Olha, você já pegou as letras certas. Não precisa buscar outras.

Valentina parou, olhou fixamente, tentou mais uma vez. E, aos poucos, conseguiu completar.

A próxima imagem era *gravata*. Valentina olhou e escreveu:

— RAVRTA.

Larissa pediu gentilmente:

— Lê essa palavra pra mim. Vê se faz sentido.

Valentina franziu a testa, leu em voz baixa, sílaba por sílaba, e começou a refazer.

— GRA... VA... TA. Gravata!

Conseguiu, com a ajuda da professora.

— Isso! Muito bom — elogiou Larissa.

As palavras seguintes, como *branco e grama*, ela montou com mais tranquilidade. O corpo já não estava tão tenso. O olhar voltava a brilhar.

Quando terminaram, Valentina comentou:

— Puxa, essa foi mais difícil. Mas eu gostei também.

Sorriram juntas. Era hora de encerrar o encontro.

Nenhum lugar está garantido

Na mesma semana, Larissa recebeu um áudio com atualizações da discussão de caso feita entre a equipe do socioeducativo e o responsável pelo caso no PPCAAM — Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte. Naquele dia, Larissa não pôde participar da reunião, mas, ao ouvir o relato, foi se inteirando dos desdobramentos.

Valentina ainda não sabia qual seria seu destino após o cumprimento da medida: ficaria com a mãe, nos Estados Unidos, ou com a avó? A ausência de informações vinha se somando à ansiedade — algo que a própria adolescente já havia sinalizado no atendimento anterior, mas que agora ganhava novos contornos. Por causa dessa *“ansiedade, tristeza e raiva”*, como ela mesma nomeava, havia fraturado um dedo ao dar socos na parede. Segundo contou, essas atitudes aconteceram porque não tinha nenhuma informação sobre o que aconteceria quando a medida chegasse ao fim.

Segundo o relato, o PPCAAM (Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte) conversou com a genitora e com a avó. A mãe relatou que vinha recebendo mensagens pelo Instagram, questionando quando voltaria ao território. As mensagens, segundo ela, vinham de pessoas que haviam tido envolvimento com Kerly no contexto da criminalidade. Disse ainda que a família estava se organizando para levar a adolescente para os Estados Unidos — um plano narrado sem qualquer crítica. A proposta incluía alugar uma casa e

deixar Valentina sob os cuidados de alguém no novo país. Mas era uma construção pouco sustentada na realidade: uma mãe em situação migratória ilegal, uma filha com histórico de envolvimento em atos infracionais, e um governo cada vez mais restritivo à entrada e permanência de imigrantes. Tudo parecia desfavorável.

Para o PPCAAM, esse plano evidenciava que a família tinha pouca crítica diante da gravidade da situação e nenhuma alternativa concreta de proteção. Precisavam de ajuda para pensar outras possibilidades. A avó, que não compareceu à reunião marcada, também vinha se ausentando dos atendimentos com o programa. A modalidade proposta seria a de acolhimento institucional individual, mas os profissionais já previam que a família dificilmente aceitaria essa alternativa.

A equipe do socioeducativo também compartilhou suas impressões. Destacaram que Valentina ainda não apresentava crítica sobre os atos cometidos nem sobre a situação de ameaça que enfrenta. Segundo eles, a adolescente não se responsabilizava por suas ações.

Apesar disso, observaram mudanças significativas no cotidiano de Valentina. Desde o início do uso da medicação, ela vinha apresentando melhora no sono, na impulsividade e também no desempenho escolar. Agora, segundo a equipe, estava conseguindo frequentar as aulas, permanecer na escola e até solicitar ajuda — algo que antes parecia impossível.

Para o socioeducativo, o avanço era visível: melhora na sociabilidade, mais estabilidade emocional, maior adesão às atividades escolares. Tudo isso era atribuído, de forma direta, ao uso da medicação.

Larissa, ao ouvir esse relato, se perguntou em silêncio: *Mas será apenas a medicação que está fazendo com que ela consiga estar na escola? Ou será que os atendimentos pedagógicos também têm operado algum efeito?*

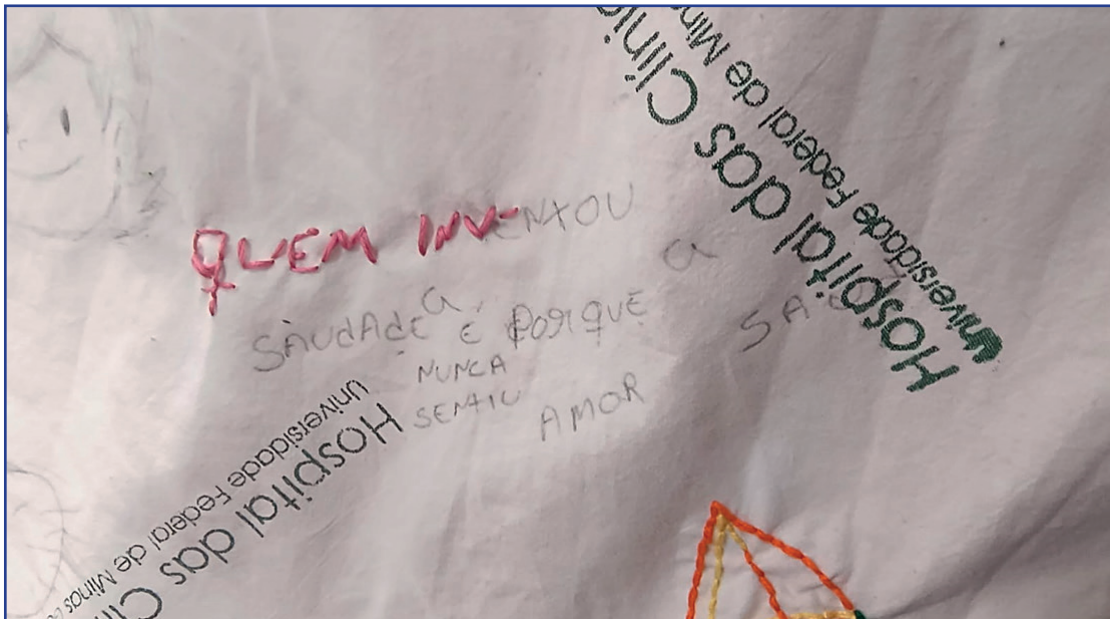
Na ocasião, a equipe do Janela da Escuta também se posicionou. Destacaram que o espaço de escuta vinha se mostrando importante para Valentina e que, talvez, ela ainda dispusesse de poucos instrumentos simbólicos para elaborar o que havia feito e se responsabilizar pelo ato. Mas que, mesmo assim, seguíamos trabalhando por ela — abrindo espaço para a palavra, para a construção de sentidos,

para que algo do laço ainda fosse possível.

Quando o amor vai embora

Valentina chegou ao Janela da Escuta perguntando por João. Queria saber se ele viria naquele dia. Ao descobrir que não viria mais, ficou em silêncio por alguns segundos. Caminhou até uma mesa e se sentou. Pegou o pano de bordado que estava ali e começou a costurar, concentrada.

Quando Larissa chegou e a chamou para a sala, Valentina se levantou com o pano ainda nas mãos. Antes de entrar, mostrou o que estava bordando:



— Olha o que eu escrevi: “*Quem inventou a saudade é porque nunca sentiu amor.*”

Larissa leu a frase e olhou para ela com delicadeza. Valentina segurava o pano com firmeza, com tristeza no olhar.

Já dentro da sala, sentou-se e desabafou:

— Tô mal porque o João foi embora... acabou, né? Acabou o amor.

Ficou em silêncio por um instante e acrescentou:

— E eu nem consegui me despedir.

Depois de alguns minutos, Larissa apresentou a atividade do dia.

— Hoje eu trouxe uma cruzadinha. Vamos fazer juntas?

Valentina franziu o rosto:

— Ah, eu não gosto muito de cruzadinha. Não sei como faz isso, não.

— Eu te ajudo — respondeu Larissa.

Ela topou.

— Primeiro, você lê a dica e tenta descobrir a resposta. Depois, procura o número da dica na cruzadinha e escreve a palavra no espaço certo. Se a resposta estiver certa, as palavras vão se cruzar direitinho.

Valentina leu a primeira dica e respondeu com rapidez. Acertou. A interpretação estava ali.

— Lembra do que trabalhamos no último encontro? — perguntou Larissa.

Valentina assentiu. A palavra era *trabalho*. Ela escreveu, mas ainda precisou de ajuda para perceber o lugar do R. Em compensação, a sílaba final ela conseguiu montar sozinha.

Valentina leu a segunda dica e pensou alto:

— Barriguda?... Prenha?

Larissa sorriu. Com algumas pistas, Valentina chegou à resposta certa:

— Grávida!

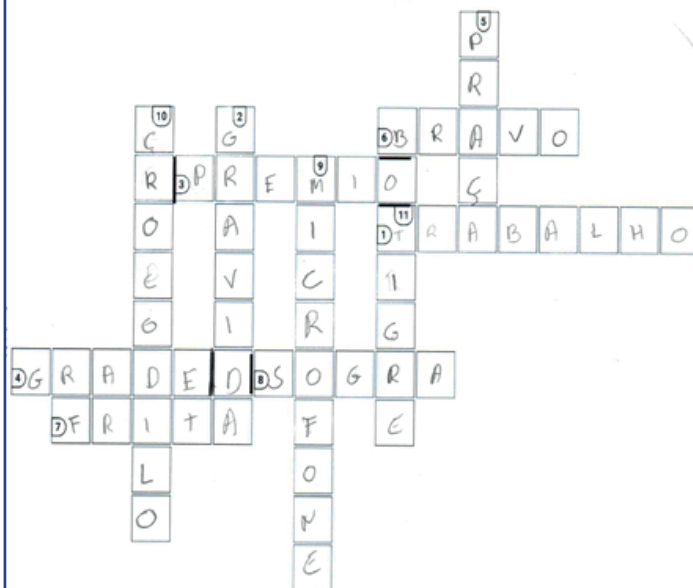
Tentou escrever, mas colocou “Cávida”. Com auxílio, apagou e corrigiu.

Na dica número 3, Valentina leu com atenção e arriscou:

— Medalha... presente?

Larissa sugeriu com cui-

- 1 - É o que fazemos para ganhar dinheiro.
- 2 - Como se chama a mulher que está esperando um bebê?
- 3 - É algo que recebemos quando ganhamos uma competição ou fazemos algo muito bem.
- 4 - É uma estrutura de barras usada para cercar algo.
- 5 - Lugar ao ar livre onde as pessoas se reúnem, geralmente com bancos e árvores.
- 6 - Alguém que está com muita raiva. Ele está...
- 7 - A maioria das pessoas gostam de batata...
- 8 - É a mãe do seu namorado ou marido.
- 9 - É um objeto usado para amplificar a voz, especialmente em shows ou discursos.
- 10 - É um animal que vive na água e tem dentes grandes e fortes.
- 11 - É um animal listrado, grande e muito forte, que vive na floresta.



dado:

- Começa com *prê*...
- Prêmio! — respondeu com brilho nos olhos.

Pegou o lápis e escreveu com firmeza: *Brêmio*. Larissa leu em voz alta. Valentina franziu a testa, percebeu o erro, desfez as letras e reescreveu corretamente.

Na dica seguinte, número 4, ficou em dúvida:

- Furadeira?... Chave?

Larissa pegou o lápis e desenhou, bem simples. Valentina observou, pensou, e arriscou:

- Tábua?

Larissa balançou a cabeça. A resposta era *grade*. Quando finalmente descobriu, Valentina soltou um comentário que misturava riso e ironia:

- Nossa... já basta a minha grade.

Escreveu *gradí*. Larissa apontou para o final da palavra. Valentina corrigiu com calma.

E assim seguiu. Em algumas, trocava letras — *miçrofone*, *microvone* — até chegar a *microfone*; *chrodilo*, depois *crocodilo*; *trige*, até acertar *tigre*. Às vezes esquecia o cedilha, às vezes acertava de primeira, como em *bravo*, *frita*, *sogra*. Mas, com pequenas intervenções, relia, desmanchava, repensava. E escrevia certo. Estava aprendendo, e parecia saber disso.

— E na escola, como tem sido? — perguntou Larissa, aproveitando a pausa entre uma palavra e outra.

Valentina sorriu:

- Disseram que eu melhorei bastante.
- Que bom. Trouxe outra atividade, caso você queira fazer.
- Vamos fazer. Tô com tempo vago mesmo...

a)	Estava sozinho em casa e de repente <u>VI UM BICHO</u>
b)	Só poderei ir de bicicleta até sua casa se <u>FOSSO PERTO</u>
c)	Marcelo estava dormindo no sofá quando <u>A MÃE DELE ACORDOU</u>
d)	Não quero que você vá comigo porque <u>VOU MACHUCAR VOCÊ</u>
e)	Gritamos e assobiamos tanto quando <u>A POLÍCIA VEIO</u>
f)	Leticia estava olhando para a lua quando <u>VI^{AS} ESTRELAS</u>
g)	Quando saí da festa já era tarde, por isso <u>FUI EMBORA</u>

A nova proposta era de completar frases. Valentina lia cada início e escrevia o que achava que combinava. Começou animada:

"Estava sozinha em casa e de repente..."

— Vi um bicho! — disse, e começou a escrever.

Primeiro saiu *brigo*, depois *bricho*, depois *brecho*.

Larissa brincou:

— Trabalhamos tanto com o R que agora você tá colocando até onde não tem!

As duas riram. Valentina pensou melhor e escreveu *bicho* corretamente.

Seguiram. Leitura, risos, escrita.

Até que Valentina leu outra frase:

"Não quero que você vá comigo porque..."

Fez uma pausa. A caneta ficou suspensa. Depois, escreveu com firmeza:

— Vou machucar você.

Larissa levantou os olhos.

— Por que você pensou isso?

Valentina não hesitou:

— Porque é o que eu faria. Ia machucar com palavras.

— E pra quem você faria isso?

— Pro meu pai.

Larissa ficou em silêncio. Valentina continuou:

— Porque ele é covarde. Me batia. Minha mãe nunca me bateu, nem minha avó.

As palavras saíam sem rodeios. Como se agora pudessem, por fim, ser ditas.

Valentina seguiu com a atividade de completar frases.

"Letícia estava olhando para a lua quando..."

— ...viu as estrelas — disse, já escrevendo com agilidade.

Mas ao escrever *estrela*, colocou “Estela”. Parou, olhou a palavra por alguns segundos e desistiu:

— Ah, vou escrever outra frase.

— Quer tentar mais uma vez? Eu posso te ajudar. Essa palavra tem a ver com o que a gente já trabalhou — incentivou Larissa.

Valentina retomou:

— Tre... tre... tre...

Fez uma pausa e sorriu:

— Tem R no meio!

E conseguiu completar a frase.

Larissa sorriu de volta.

— Você foi muito bem hoje. Errou pouquíssimas palavras.

Valentina respondeu com naturalidade:

— Lá na escola falaram que eu tô indo bem. — Fez uma pausa e completou: — Eu disse que é por causa da ajuda aqui no Janela.

— Mas também é porque você tá mais segura pra fazer as atividades — disse Larissa. — Tá conseguindo fazer com mais confiança, né?

— Tô sim.

— E tem lido alguma coisa?

— Peguei um livro de zumbi... mas não gostei, não.

Fez uma careta e riu.

— Prefiro livro em quadrinho. Mas agora vou pegar um de romance.

— Qual?

— Quando o amor acaba.

— E do que fala esse livro?

— Não sei... mas acho que é tipo assim: um amor vai pra lá, o outro vai pro outro lado... e eles não conseguem se encontrar.

— Tipo quem?

Valentina apenas sorriu, sem responder. O encontro foi encerrado ali.

Troca de cartas, troca de laços

Valentina estava sentada no ambiente da arte, na espera, quando Larissa chegou. Sentada à mesa, conversava entre sorrisos e olhares cúmplices com um menino. Havia ali algo mais do que simples conversa – um certo clima, um jogo de troca sutil que ia além das palavras.

Enquanto falavam, Valentina fazia linhas no papel, preparando o espaço para uma carta. O menino, em um gesto espontâneo, pegou um origami em forma de flor e entregou a ela. Ela recebeu com um sorriso discreto, quase envergonhado, mas visivelmente feliz com o gesto.

Quando Larissa se aproximou, Valentina já fez o convite:

– Vamos escrever uma carta hoje?

Larissa concordou, mas propôs:

– Só se for você que escreve hoje.

Valentina torceu o nariz, meio brincando, meio séria:

– Ah, mas minha letra é feia...

– Não tem problema, Valentina. – respondeu Larissa, com tom suave. – O importante é escrever.

Valentina sorriu e a chamou para a sala.

Já sentadas, tentou mais uma vez:

– Escreve você pra mim?

Larissa propôs um meio-termo:

– Que tal assim? Você faz o rascunho e eu escrevo a versão final.

Valentina pensou um pouco e propôs outra coisa:

– Melhor: você escreve em uma folha e eu escrevo na outra, ao mesmo tempo. Depois a gente compara.

Larissa topou.

– Pra quem vai ser essa carta?

Valentina riu:

– Pro meu bem. Segredo, segredo...

Estava animada. Contou, com orgulho:

— Tirei minha identidade ontem!

Antes que Larissa pudesse responder, Valentina pegou o papel e começou:

Belo Horizonte, 13 de dezembro de 2024.

Olhou para Larissa:

— Você me ensinou essa parte já, né?

Começou a escrever, mas em alguns momentos escondia o que fazia com o braço. A vergonha da escrita ainda estava ali, rondando.

Larissa percebeu:

— Escreve do jeito que você acha que é. Tá tudo bem.

Valentina continuou. Depois de alguns minutos, olhou para a folha de Larissa e comentou:

— Nossa, escrevi errado! Mas achei que era assim...

Compararam. Ela tinha juntado as palavras: *Belorizonte*. Larissa sorriu e disse com naturalidade:

— Não tem problema. Você tá aprendendo.

Valentina continuou:

— Oi, meu bem. Tô escrevendo essa carta pra te falar que você é uma gracinha.

Nesse momento, parou de escrever. Ficou olhando para o nada, como quem pensa alto:

— Me interessei muito pela sua pessoa... Não, não. Melhor assim: queria te conhecer mais.

Depois disso, ficou em silêncio, olhando para Larissa, que também escrevia.

— Escreve você também — disse Larissa.

Valentina pegou o lápis e, ainda tímida, começou a escrever. Enquanto isso, Larissa dizia em voz baixa:

— Lembra que a gente trabalhou o R na sílaba? Em *escrevendo* tem um. Olha aqui.

Valentina reconheceu o som e, discretamente, cobriu novamente o que estava escrevendo com o braço.

Continuou:

– Achei você muito interessante.

Antes de escrever essa frase, parou e perguntou:

– Por que eu falo umas palavras difíceis?

Larissa, ao lado, seguia escrevendo também, ditando lentamente cada sílaba, como quem borda junto.

Valentina retomou:

– Mas quem sabe se isso dá bom... tipo fechar 10 a 10. Não sou menina de momento – disse, enquanto escrevia e tentava imitar a entonação das sílabas que Larissa havia usado antes.

– Me apaixonei pelo seu sorriso e olhar.

O braço ainda cobria o papel, como uma cortina de proteção.

– Mas vamos nos conhecer melhor pra ver no que vai dar – concluiu.

Ficou em silêncio por um instante, depois disse, com um sorriso contido:

– Pronto. Terminei.

– E pra quem é essa carta? – perguntou Larissa.

– Pro menino lá da arte, que eu tava conversando... – respondeu, rindo com vergonha.

Contou que ele também tinha escrito uma carta para ela. Riu de novo, ainda mais envergonhada, com aquela expressão que misturava segredo e encantamento.

Queria entregar a carta, mas Larissa lembrou com leveza:

– Faltou a despedida e a assinatura.

Ela pegou o lápis de novo. Seguiu as instru-

Beleza! 13 de dezembro 2024
 Oi meu am te escrevi essa carta para
 que ela que ela é um garotinho
 que eu de certeza mais um indicando
 mais que eu sei esse lá vem lá por
 lá tá não sei nem de muitas
 abrigate no seu caso mais quero
 que escreva muito para ver que escreva
 ela da

ções da professora e, por fim, assinou a carta: Valentina.

Após a escrita da carta, Larissa perguntou sobre a escola.

— Entrei hoje de férias — respondeu, com um certo alívio.

Valentina quis entregar a carta, foi até a porta, chamou o destinatário, mas ele ainda não havia terminado a dele. Então, deixou um recado:

— Se você for embora, bate na porta pra me entregar a carta e eu te entregar a minha.

Fechou a porta e sentou-se novamente. Contou que a semana tinha sido boa, que havia ido à terapia ocupacional:

— Ela disse que eu tô indo muito bem, mas que eu tenho que melhorar a escrita. Que na escrita eu me perco.

Larissa ponderou:

— Mas você tá avançando bastante. Seu raciocínio no texto é muito bom. A escrita vai melhorando com o tempo.

Valentina retrucou, com um sorriso irônico:

— Ah, tô! Olha o jeito que eu escrevi...

Fez uma careta e rapidamente cobriu o papel com o braço:

— Tenho vergonha...

— Não precisa ter vergonha — disse Larissa. — Eu tô aqui pra te ajudar.

Depois de um tempo, Valentina contou que estava mais tranquila e que gostava de vir ao Janela.

— Tá gostando por causa dos atendimentos ou por causa do André? — brincou Larissa.

Valentina riu, sem negar:

— Por causa dos dois! — e completou, ainda rindo: — Tô aprendendo muita coisa aqui.

Voltaram então à atividade. Retomaram algumas palavras da carta para reescrever.

Ela havia escrito *to* em vez de *te*, na frase “*estou te escrevendo*”, e *inderessante*, trocando o D pelo T.

Enquanto revisavam, Valentina ficou com o olhar distante, sorrindo levemente para a carta.

— Tá pensando em quê? — perguntou Larissa.

— Tô pensando de você fazer um coração grandão aqui pra mim — disse, apontando para a carta que entregaria.

— Ah, mas quem é boa de desenho é você. Você vive na arte!

Valentina riu, pegou o lápis e desenhou o coração. Depois passou a caneta por cima e ainda acrescentou uma flecha atravessando o meio.

— Tá com o pensamento lá fora ainda? — perguntou Larissa.

— Tô... — respondeu Valentina, com sinceridade. — Mas agora eu vou me concentrar.

Começou a escrever de novo, copiando da carta. Escreveu *escrevendo*.

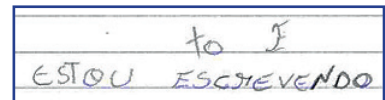
Larissa explicou com calma:

— Lembra da regra? Antes do P e do B, a gente usa M, não N.

Valentina assentiu e corrigiu.

— Queria ficar mais tempo aqui. Voltar pro sócio é chato. Ficar lá todo dia... ninguém merece.

Larissa olhou para a testa dela e percebeu um machucado.



— O que aconteceu aqui?

Valentina respondeu com naturalidade, como quem já se acostumou a contar:

— Cai na contenção. Eu tava chorando... dei um soco na parede. Aí me contiveram. Mas eu comecei a chutar tudo — os portões, o lixo — e me jogaram no chão. Foi quando bati a cabeça.

— E por que você fez isso?

— Eu tava tentando escrever e não consegui.

— O que você queria escrever?

Valentina fez uma pausa, o olhar ficou longe. Depois disse:

— Uma carta pra minha mãe. Queria dizer que eu tô com muita sau-

dade dela, que eu amo ela... um monte de coisa que eu lembro quando a gente... quando eu era pequena. Que ela fazia biscoito de bichinho pra mim. E a gente brincava muito.

— Quantos anos você tinha?

— Doze.

— E quantos anos você tinha quando ela foi pros Estados Unidos?

— Não sei. Mas faz uns três anos que ela tá lá.

Larissa perguntou, com cuidado:

— E você lembra como foi quando estava aprendendo a escrever?

— Eu não aprendi a escrever — respondeu. — Só sei escrever as coisas que eu vejo. Outras palavras eu não sei escrever, não.

Conversaram sobre isso. Ela não escrevia tudo certinho, mas algo sobre a escrita ela já sabia. Já tinha aprendido.

— E você tem lembranças da escola?

— Nada. Só que eu incomodava os professores.

Nesse momento, alguém bateu na porta. Valentina se levantou rápido. Era o tão esperado menino. André.

Ele entregou um envelope e avisou com um sorriso:

— Abre só na unidade.

Mas ela não esperou nem ele sair. Já começava a abrir, sorrindo:

— Não dá... sou curiosa!

Os olhos brilhavam.

— Vou ler pra você.

Abriu a carta com cuidado, com um sorriso de quem espera flores. Leu a primeira linha:

— “E aí, meu bem, como você tá?”

Valentina caiu na risada, um riso leve, apaixonado, quase infantil.

— Vou ler baixinho primeiro — disse, puxando o papel para perto do rosto.

Leu em silêncio, os olhos correndo pelas linhas. Sorria.

Depois, olhou para Larissa e disse:

— Agora vou ler pra você.

“Oi, meu bem.

Quando você estiver lendo essa carta, espero que pense em mim. A gente se viu só uma vez, mas eu fiquei apaixonado. Pode parecer exagero, mas é de verdade.

Na sexta-feira, quero te encontrar. E quando eu sair, vou te procurar na sua cidade. Fico aqui pensando se você sente o mesmo que eu... espero que sim. Beijo.

P.S.: Me apaixonei pelo seu sorriso.

De: André

Para: Meu bem, Valentina.”

Valentina terminou a leitura com um sorriso aberto, quase bobo, desses que não tentam se esconder. Dobrando a carta com cuidado, olhou para Larissa:

— Você trouxe alguma atividade pra mim hoje?

— Trouxe sim — respondeu Larissa. — Mas como você quis escrever a carta, priorizei isso.

Valentina assentiu, pensativa. Depois, com um gesto decidido, anunciou:

— Eu vou escrever uma carta pra você!

Pediu um pedacinho de papel:

— Escreve aqui pra me lembrar, senão eu esqueço. Vai ser uma carta de amizade. Se você gostar, você escreve uma pra mim também. A gente vai trocar as cartas!

Larissa sorriu e concordou.

— Mas na próxima semana eu não vou estar aqui — explicou a professora. — Você pode entregar pra Samara.

Valentina franziu o rosto, desconfiada:

— Mas ela não vai ficar com ciúmes?

— Não vai, não. Ela sabe que você trabalha a escrita comigo.

— Ah, tá bom então — respondeu, ainda um pouco desconfiada. —

Mas eu não vou escrever pra ela, só pra você.

Larissa tentou propor um meio-termo:

— Com a Samara você pode conversar. Comigo você pode escrever. Mas, se quiser falar também, claro que o espaço tá aberto.

Valentina pensou por um momento e disse:

— Eu nem tô falando mais com a Samara... só com você.

Disse que não sabia bem por quê. Mas, conforme iam conversando, Larissa percebeu: era com ela que Valentina vinha dividindo o que sentia pelos meninos, os desejos, as cartas. Era ali que a escrita estava encontrando espaço.

Combinaram novamente como fariam com as cartas e, então, encerraram o encontro.

A solidão que “não tinha mais palavras”

Depois de um intervalo de cerca de um mês e meio por conta das férias de final e início de ano, Valentina retornou ao ambulatório com um semblante mais apagado do que o habitual. Chegou num dia em que o ambiente ainda estava silencioso, vazio das vozes e risadas dos colegas com quem havia se acostumado a trocar confidências. Talvez por isso seu olhar procurasse, sem encontrar, os rostos que costumavam preencher aquele espaço com alguma vida.

Larissa a chamou para o atendimento. Ao entrar na sala, Valentina fez as contas em voz alta, tentando medir o tempo desde o último encontro.

— Eu te vi... antes de eu sair de férias, né?

Contou então que chegou a escrever uma carta para Larissa, mas acabou não trazendo. Não explicou o motivo.

— E como foi o seu final de ano? — Larissa perguntou, tentando reatar o fio da conversa.

— Ah, não gostei não. Queria passar com a minha família... — respondeu com um leve encolher de ombros.

— E o início de ano?

— Tá indo.

A resposta curta não impediu Larissa de tentar um desdobramento:

— E você tem pensado em algo pra esse ano?

— Vou estudar. Focar no estudo pra poder ir embora.

Fez uma pausa, como se pesasse as palavras antes de completar:

— Minha irmã foi embora. A que é por parte de pai. Foi desligada. Foi pra outro estado.

— E em relação ao seu processo com o sócio? Você tem novidades?

— Tá próximo. Vou ter uma audiência dia 18.

E, sem que a pergunta fosse feita, começou a falar de Portugal:

— Tô querendo ir embora pra lá.

— Por que Portugal? — Larissa perguntou, surpresa com a escolha.

— Porque o único lugar é lá. O único lugar que eu posso ir. Os outros eu não posso... — respondeu com um tom de tristeza.

— Mas antes você não queria ir pra casa do seu pai. O que fez você mudar de ideia?

— Por causa da minha mãe. Ela falou pra eu ir... pra mudar de vida.

Demonstrou ter compreendido as limitações: não pode ir para a casa da avó, onde morava antes, pois estava ameaçada; nem para os Estados Unidos com a mãe, que está lá de forma irregular.

— Ela tá ilegal... e pode ser que a gente seja expulsa de lá — disse, como quem repete uma advertência que ouviu mais de uma vez.

— E em Portugal... você moraria com seu pai?

Ela abaixou os olhos.

— Vou tentar, né... — respondeu, sem entusiasmo.

Valentina sabia que, por enquanto, morar em Portugal, com o pai, era a única opção que restava. Não havia mais outro lugar para ela.

Depois da conversa sobre Portugal, Larissa compartilhou com Valentina o material que havia trazido para aquele dia: algumas cartas impressas, retiradas da internet. Algumas eram reais, outras adaptadas com fins pedagógicos, mas todas traziam algo em comum — o desejo de se comunicar com alguém que está distante.

— Trouxe essas aqui pra você ver o formato. São cartas que encon-

trei na internet, só pra te mostrar como geralmente se estrutura uma carta. Algumas são verdadeiras, outras são inventadas mesmo, mas todas seguem mais ou menos o mesmo jeitinho.

Valentina se animou. Seus olhos brilham com um entusiasmo que não havia aparecido até então no encontro.

— Gostei.

Valentina então pegou as folhas nas mãos e começou a ler.

Leu com atenção. Leu bem. Houve pequenos deslizes — “estou longe de casa” vira “estar longe de casa”; “tem sido um grande difícil” no lugar de “um grande desafio”; “estou es- crevendo as poucas” ao invés de “estou encerrando as provas” —, mas ela compreendeu, mesmo que tropeçasse em uma ou outra palavra.

A cada carta que Valentina leu, Larissa retomava os pontos principais da estrutura: a data, o destinatário, a saudação, o corpo do texto, a despedida. Valentina acompanhava com interesse. Observava os detalhes dos papéis, os desenhos que enfeitam a borda, o cuidado na escolha das cores.

— Gostei. Como você fez esse papel assim?

— No computador. Mas se quiser, posso trazer um desses pra você escrever também.

— Quero! — respondeu.

— E para quem você escreveria uma carta?

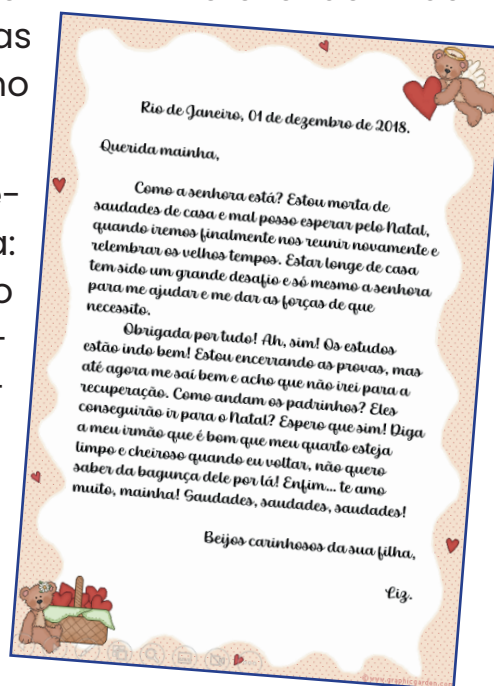
— Pro meu pai. — Disse em tom de desânimo.

Ela continuou lendo as cartas. Uma a uma. Sem pressa.

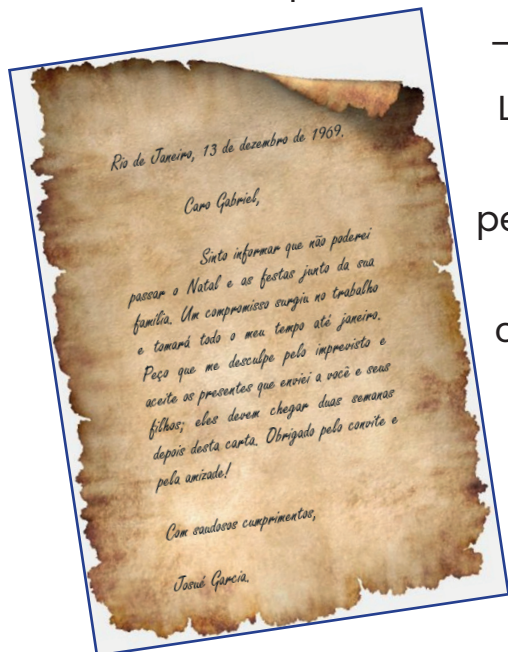
Ao chegar na carta assinada por Gabriel, leu novamente com atenção e se surpreendeu com a data que foi escrita.

— 1969... Nossa... eu nem tinha nascido!

Espantou-se com a diferença de tempo. Em um dos trechos, “sou



órfão de pai”, distraída ou talvez tomada por algo que ressoou dentro dela, completou:



— Sou órfã de pai e mãe.

Larissa não a corrige. Apenas a escuta.

Em uma das cartas, Larissa aproveitou para perguntar:

— Você percebe se está faltando alguma coisa nessa carta?

Valentina se debruçou sobre o papel, mas seu olhar logo se prendeu ao desenho.

— Faltou os brinquedos... os mato, essas coisas assim — disse, mais atenta à imagem do que ao texto.

Mas, relendo, se detém. Silenciou-se por uns instantes e então se deu conta:

— Faltou o agradecimento.

Larissa sorriu, confirmando com um gesto.

— E você consegue saber quem escreveu?

— Não... Faltou o nome da pessoa também.

— Isso! — reforça Larissa. — O agradecimento e a assinatura são partes importantes.

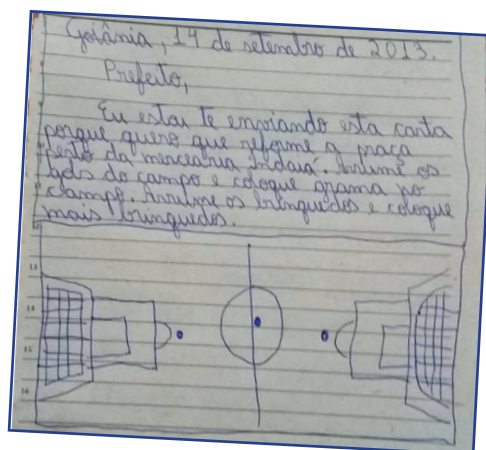
A proposta então se apresentou:

— Que tal fazer uma carta também? Hoje a gente pode fazer um rascunho. No próximo encontro, você passa a limpo e faz a versão final.

Valentina aceitou, mas seu tom mudou:

— Vou escrever pro meu pai... — disse, desanimada, com uma tristeza que escapou pela voz baixa.

Pegou o lápis, encarou a folha em branco, hesitou:



– Mas... eu vou escrever tudo errado.

Larissa aproveitou a deixa para explicar:

– Rascunho é isso mesmo. É uma escrita que a gente pode errar e vai se corrigindo. É só uma primeira versão. Pode até rabiscar se quiser. Depois a gente escreve a versão final, numa folha mais bonita.

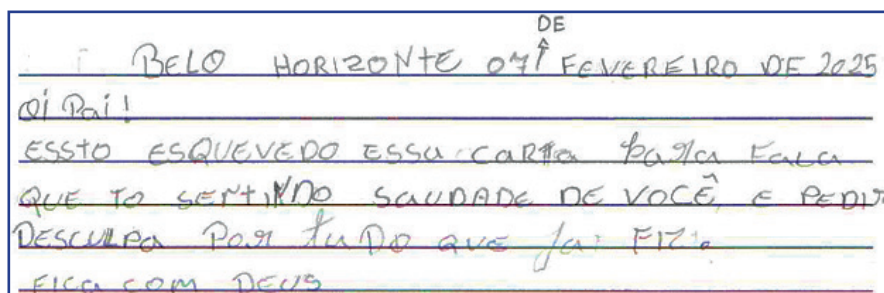
Valentina assentiu. Começou com: “oi pai”, mas logo se lembrou do que havia aprendido sobre a estrutura da carta.

Desmanchou o que escreveu e recomeçou:

Belo Horizonte, 07/02/2025.

Larissa sugeriu que escrevesse o nome do mês por extenso, como é de costume. Valentina tentou, mas travava em “fevereiro”. Com a ajuda de Larissa, conseguiu completar.

Continuou a escrita:



A photograph of a handwritten note on lined paper. The text is written in blue ink and includes several corrections. The first line reads "BELO HORIZONTE 07 DE FEVEREIRO DE 2025", with "DE" written above the "7". The second line says "oi pai!". The third line is "ESSE ESQUEVEDO ESSA CARTA PARA FALAR", with "ESSE" crossed out and "ESSE" written above it. The fourth line is "QUE TO SENTINDO SAUDADE DE VOCÊ, E PEDE", with "PEDE" crossed out. The fifth line is "DESCULPA POR TUDO QUE JÁ FIZ". The sixth line is "FICA COM DEUS".

Diferente das outras vezes, em que costumava preencher a folha até o fim, decorando com palavras e desenhos, naquele dia escreveu apenas isso. E nada mais.

– Não tinha mais palavras – disse, cabisbaixa, sem conseguir levantar os olhos do papel.

Ficou ali, quieta, mais pra dentro do que de costume. Quando Larissa tentou retomar o fio, Valentina murmurou:

– É que eu não gosto de falar com ele. Minha mãe que mandou eu fazer uma carta pra ele.

Larissa então perguntou para quem ela gostaria de escrever, de verdade.

Valentina continuou cabisbaixa.

— Pra ninguém... Não sei pra quem fazer. Me sinto sozinha.

Tentando ampliar as possibilidades, Larissa perguntou da avó, do irmão.

— Eles tão lá em casa... — respondeu, sem desenvolver o assunto.

Disse que se sentia sozinha por estar no socioeducativo. Larissa lembrou, com cuidado, do que ela havia dito mais cedo, ao completar a frase da carta: "sou órfã de pai e mãe". Perguntou se aquele sentimento de solidão não teria relação com isso também.

Valentina pensou, mas não respondeu. Apenas disse:

— Eu nem gosto do meu pai. Só tenho que ir pra lá pra ter uma vida melhor... senão eu vou morrer. Eu tô ameaçada.

Larissa perguntou se ela havia falado disso com a psicóloga. Valentina respondeu que não. Larissa reforçou:

— Sempre que quiser, pode me contar o que quiser. Mas é importante levar isso também pra psicóloga, tá bem?

Valentina assentiu, em silêncio. Ficou calada por um tempo. Depois, disse que queria ir pra outro estado, com a irmã, que agora estava morando com um tio. Contou que tinha outros tios também, mas que nenhum a queria por perto.

Larissa então perguntou sobre o pedido de desculpas que aparecia no trecho da carta. Valentina deu de ombros:

— Sei lá... por xingar ele, essas coisas.

Valentina disse que na semana seguinte traria outra carta, para completar aquela. Escolheu o modelo de papel que queria usar para passar a limpo e orientou Larissa sobre como gostaria que fosse o fundo. Uma tentativa, talvez, de deixar tudo mais bonito — mesmo que ainda doesse escrever.

Larissa notou também que, naquele dia, Valentina voltou a assinar a carta com o primeiro nome: Kerly. O nome que, segundo ela, o pai havia escolhido.

E, quase como quem pedia licença para dizer algo íntimo, Kerly comentou:

— Fiz uma carta pra você também. Fiz duas. Uma eu rasguei porque

não vim no Janela e fiquei com raiva.

Riu sem graça, e completou:

— Escrevi tipo assim: “Oi, Larissa. Estou escrevendo essa carta para te agradecer por tudo que você está fazendo por mim.” E mais coisa... mas tenho vergonha.

Larissa sorriu. Disse que na próxima semana poderiam finalizar a carta — para o pai ou para quem ela quisesse escrever. Mas que fosse por vontade dela, e não porque alguém mandou.

Kerly pensou por um instante e respondeu:

— Talvez eu faça pra minha irmã. Posso fazer o rascunho e trazer pronto?

Larissa concordou. E com essa pequena abertura, encerraram o encontro daquele dia.

O bilhete que queria ser escutado

Quando Larissa chegou ao ambulatório, encontrou Kerly sentada ao lado de Matias. Ele falava sem parar, em meio a uma angústia difícil de esconder: estava apaixonado e não sabia como conquistar a menina. Kerly ouvia tudo com atenção, tentando aconselhar, ou pelo menos, acompanhar.

Pouco depois, Larissa a chamou para o atendimento. Kerly veio, mas chegou ainda atravessada pela conversa anterior.

— Tá difícil ajudar, ele não para de falar — disse, num tom que misturava compaixão e exaustão.

Sentou-se. Disse que já estava tudo combinado para ir morar com o pai, mas, apesar disso, não queria escrever carta alguma para ele. Naquele dia, sua vontade era outra:

— Hoje eu quero ajudar o Matias. Quero escrever uma carta pra Maria, como se fosse ele.

Larissa sorriu. A ideia era inusitada, mas revelava algo bonito: Kerly queria se colocar no lugar do outro, emprestar palavras a um amigo que parecia não saber o que e como dizer.

Ficou animada ao ver que Larissa tinha trazido a folha especial, do

jeito que havia pedido no encontro anterior.

— Mas não vou colocar a cidade não, porque não sei de onde ele é — disse, já pegando o lápis.

— Pode escrever Belo Horizonte — sugeriu Larissa —, afinal, ele tá aqui no Janela, igual a você.

Kerly concordou. Escreveu com calma:

Belo Horizonte, 14 de fevereiro de 2025.

Na linha seguinte, começou com:

oi maria.

Larissa interveio com delicadeza, sugerindo uma vírgula após a saudação e a letra maiúscula no início de frase e no nome próprio. Kerly corrigiu.

Depois, continuou:

tudo bem com você

— Isso é uma pergunta? — perguntou Larissa.

— É. — Olha para o que escreveu e coloca o ponto de interrogação.

Seguiu escrevendo sozinha. Em alguns momentos, parou para tirar dúvidas:

— Como que escreve “esperar”? — Diz, após ter escrito “ess pero”.

Trocava letras, como em *esquevedo* para *escrevendo*, acrescentava letras, como em *essto* para *estou*, desmanchava palavras, refazia com atenção. Relia o que já tinha escrito, tentando encontrar o sentido — e os erros — por conta própria.

Em certo momento, parou, suspirou e disse:

— Tô errando porque tô com a cabeça longe.

— Longe onde? — perguntou Larissa, em tom leve.

— Sei lá... Tô com a cabeça nessa espinha gigante que tá crescendo aqui — respondeu, apontando o rosto.

Larissa olhou, mas não viu nada.

Apesar do desvio da atenção, Kerly seguiu escrevendo. A carta não era dela, mas o gesto, sim. E havia ali, no empréstimo de palavras a outro, uma tentativa de dizer por si também.

Apesar de dizer que escreveria como se fosse o Matias, logo revelou uma dificuldade:

– Ele nunca conversou com ela... por isso tá mais difícil de fazer a carta.

Larissa tentou ajudar:

– E se você colocasse algo assim: “sempre te vejo na sexta de manhã e achei você bonita”?

Kerly riu, balançou a cabeça:

– Tá muito pra frente... por isso que eu coloquei “sair”.

A carta, no entanto, parecia longa demais para o que ela queria dizer. Larissa sugeriu:

– E se, em vez de uma carta, a gente fizesse um bilhete? É mais curtinho, direto.

– Como que faz um bilhete? – perguntou, curiosa.

Larissa explicou a diferença entre carta e bilhete, mostrou como seria a estrutura, e Kerly logo topou. Quis saber se ela mesma passaria a limpo.

– É você que vai escrever? – perguntou, com certo receio.

– Ué, por que a dúvida?

– Minha letra é feia. A sua é bonita.

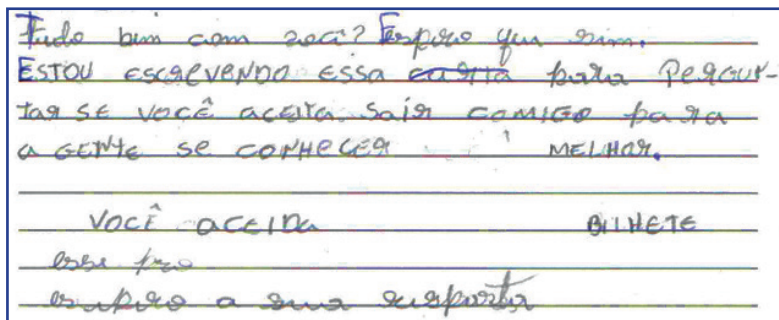
Larissa sorriu:

– A sua letra tá cada vez mais bonita. Você pode escrever, sim.

Antes de passar a limpo, pediu que Larissa corrigisse o rascunho. Juntas, foram percebendo que o que restava para revisar eram apenas alguns detalhes – principalmente o uso das letras maiúsculas.

Na parte final, Larissa propôs:

– E se a gente terminasse com uma pergunta? Tipo: “você aceita?”



Kerly achou boa a ideia.

Pegou o papel decorado que havia separado para a carta e começou a passar a limpo. Como o texto era curto, combinaram de recortar depois, para que ficasse no estilo de bilhete. Enquanto escrevia, voltou a reclamar da letra:

— Ai, ficou feia...

Para evitar erros na versão final, todas as modificações foram feitas antes, no rascunho. Inclusive a troca de “carta” por “bilhete” — palavra que, de início, ela escreveu como *pilete*, mas logo percebeu e corrigiu.

Ali, entre rasuras e hesitações, ela seguia tentando utilizar da escrita para dizer algo. Mesmo que fosse como outra pessoa. Mesmo que fosse só um bilhete.

Em determinado momento, Kerly cometeu um erro de caneta na versão final e ficou aflita ao perceber que Larissa não havia levado corretivo. Insistiu, quase pedindo socorro:

— Ah não... agora você que escreve. Eu já fiz o rascunho!

Depois de muita insistência, Larissa aceitou, com a condição de que, da próxima vez, seria Kerly quem escreveria. Ela concordou. Quando Larissa começou a escrever:

— Nossa, bem melhor sua letra... — comentou, sem disfarçar a admiração.

Enquanto Larissa passava a limpo, Kerly foi acrescentando novas ideias ao rascunho, como “espero a sua resposta”, que também foram incluídas na folha final.

Enquanto recortava e organizava o papel no estilo de bilhete, Larissa puxou conversa:

— E a escola? — perguntou Larissa.

— Tô fazendo as provas. Os professores falaram que eu melhorei — respondeu Kerly.

— Você lembra da sua primeira professora? — questionou Larissa, tentando resgatar a memória e a afetividade com o saber.

— Não lembro, não.

— E da primeira palavra que você escreveu?

- Também não lembro.
- E da primeira escola?
- Era a creche... só lembro que estudei lá, mais nada.
- E da última escola?
- Ah, dessa eu lembro. Eu ia todo dia. Mas no 6º ano fui expulsa... aí não fui pra outra escola, porque não queria estudar mais, não.
- E agora?
- Agora eu quero!

Explicou que estava no 8º ano, pois havia feito uma prova e avançado de série. Disse que em breve faria outra prova para tentar ir para o 1º ano do ensino médio.

- E o que você pensa pro futuro?
- Não sei... — respondeu, cabisbaixa.
- Você tá mais quieta hoje — observou Larissa.
- É o Matias... fiquei ansiosa. Eu queria ajudar ele, mas não sei como fazer.
- Talvez levando o bilhete... ele consiga te escutar através da escrita.

Kerly olhou surpresa, pensou por alguns instantes e respondeu:

- Assim ele vai me ouvir. Mas vou entregar pra mãe dele, pra ela guardar e ele entregar na próxima semana. Se eu entregar pra ele, ele vai ficar ansioso.

Concordaram. Quando saíram da sala, descobriram que Matias já havia ido embora. Ela guardou o bilhete com cuidado, prometendo entregar outro dia.

Um bilhete com corações

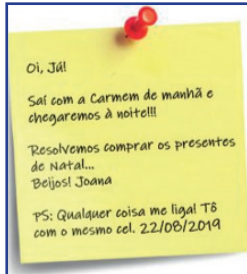
Kerly chegou falando de Matias. Disse que ele queria ajuda para entregar o bilhete, mas ela ainda não sabia se faria isso.

- Tô meio assim... — comentou, hesitante. — Porque eu já sei a resposta da Maria. O tipo dela é outro.

Larissa escutou, sem insistir. Logo depois, tirou da pasta um peque-

no bilhete: uma mensagem de aniversário, antecipada, escrita especialmente para Kerly. O aniversário dela se aproximava.

Kerly leu, sorriu de leve, e disse:



— Eu vou guardar isso no coração.



Na sequência, Larissa mostrou outros bilhetes — modelos variados, com diferentes formas de dizer. A ideia era retomar a conversa iniciada na semana anterior e reforçar, com exemplos, a diferença entre bilhete e carta.

Kerly leu todos com atenção. Em um deles, havia a sigla “P.S.”, que ela não conhecia.

— O que é isso aqui?

Larissa explicou: era uma abreviação de “pós-escrito”, usada quando alguém quer acrescentar algo depois de finalizar o texto.

Conversaram sobre a estrutura dos bilhetes, sobre como são mais diretos, mais curtos, diferentes das cartas que se alongam no papel.

— E o seu aniversário, Kerly... Se você pudesse pedir qualquer coisa, o que pediria?

Ela encolheu os ombros, o olhar caiu.

— Sei lá... Qualquer presente que seja de coração...

Ficou cabisbaixa. Disse que sempre ficava triste no aniversário porque se lembrava do avô.

— Ele morreu... faz uns dois anos, eu acho. Mas não sei direito quando foi.

Larissa perguntou por que o avô vinha tão forte à memória nessa data.

— Porque sempre no meu aniversário ele tava lá. Nunca esquecia. Ele não fazia festão, mas sempre tentava organizar alguma coisinha. Ele era pai da minha mãe.

Continuando a conversa, contou que, na época em que ele morreu, ela morava com o pai — e que não a deixaram ir ao velório.

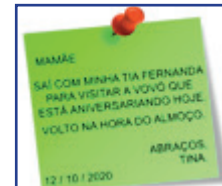
Ficaram em silêncio por alguns instantes. Depois, Larissa retomou a

pergunta de antes.

- E se pudesse ganhar qualquer presente, qual escolheria?
- Qualquer um. Qualquer presente que fosse de coração. Se vier de coração, é o que importa.
- E qual aniversário você achou mais legal?

Kerly pensou um pouco.

- O de 11 anos.
- Por quê?
- Porque minha família toda tava lá.



Dessa vez, ela sorriu.

Depois da conversa sobre o avô e os aniversários passados, Larissa retomou a atividade com os bilhetes. Relembrou o que haviam discutido na semana anterior, retomando a estrutura e o propósito de escrever algo breve, mas cheio de sentido.

Como o aniversário da Kerly estava próximo, no Janela, um pequeno bolo havia sido preparado, com algumas comidas simples. Iriam cantar parabéns logo após o atendimento.

Larissa levou um post-it colorido, para que Kerly pudesse escrever um bilhete. Kerly pensou e escolheu escrever para Graziela, a pessoa que havia organizado o bolo.

- Como escreve “obrigada”? — perguntou, olhando o papel.
- Tenta escrever do seu jeito — respondeu Larissa.

Ela pegou o lápis e começou. Escreveu assim:

“Graziela,

Opricada por você lenbar do meu anivesario.

Com carinho,

Kerly

28/02/2025.”

Larissa a ajudou com algumas correções e juntas revisaram o texto. Depois, Kerly enfeitou o bilhete com corações pequenos desenhados ao lado da assinatura.

A atividade terminou ali. Saíram da sala e foram para o pátio. Cantaram parabéns. Kerly ficou envergonhada, abaixou os olhos, mas era possível ver — no meio do constrangimento — um brilho de alegria discreto. Um dia comum, mas que ela talvez guardasse no coração.

O fim não é um lugar

Kerly não compareceu na semana seguinte. No lugar dela, quem entrou na sala foi um representante da casa de semiliberdade. Sentou-se, cumprimentou a equipe e começou a relatar:

— A Kerly foi transferida para a nossa unidade porque o regime dela mudou. Ela tá em semiliberdade agora. Ela conhece bem o território onde está, e por isso a equipe tem receio de que aconteça uma fuga. Esse medo passou a existir.

Fez uma pausa antes de continuar.

— Até agora tudo se encaminha para o pai dela recebê-la em Portugal. Ele se prontificou a custear a passagem e ela tá ciente disso, sabe que vai pra lá. Além disso, ela mesma tem falado que quer interromper o uso da medicação. Isso também é algo que a gente precisa acompanhar de perto.

O representante falou também sobre o início da permanência de Kerly na nova unidade.

— Nesses primeiros dias, a segurança é um pouco mais pesada. Às vezes, a gente precisa usar algema... É contraditório, né? Parece que avança no regime, mas acaba mais tolida do que antes.

A equipe escutou em silêncio. Alguém comentou, quase em tom de desabafo:

— Quer dizer, tem um avanço no regime, mas passa a usar algema? É mais tolida, mais vigiada... É contraditório, sim. E isso assusta.

Outra pessoa completou:

— Que progressão é essa?

O silêncio que se seguiu foi interrompido por mais uma observação:

— Uma semana antes, ela tava animada com o aniversário. No dia 28, teve bolo, teve parabéns. No dia 3, sofre uma violência. É tudo mui-

to próximo, muito rápido. Um deslocamento que, apesar de parecer algo bom, fere.

A equipe ouviu o relato do representante da casa de semiliberdade e, então, Samara tomou a palavra. Fez questão de contextualizar o caso, para que o novo responsável pudesse entender melhor a trajetória da adolescente.

— No primeiro acolhimento a gente explicou para ela como funcionava o Janela. Quando perguntei o motivo de ela estar ali, a primeira coisa que ela disse foi: *“Você vai me escutar? Ninguém me escuta.”*

Fez uma pausa, deixando que a força da frase ecoasse no grupo.

— Desde o início, essa é uma questão muito forte nela. A dificuldade de ser ouvida. Quando ela sente que não estão escutando, ela se desorganiza.

Lembrou também da história familiar:

— A mãe dela mora nos Estados Unidos. O pai, em Portugal. Naquele primeiro encontro, ela falava que sentia “só ódio” do pai. Contou que, quando a mãe foi embora, ficou morando com ele. E que ele batia muito nela. Com fio de eletricidade. Disse que nunca mais queria voltar a morar com ele.

Outra pessoa da equipe completou:

— Apesar disso, aqui no ambulatório ela se relaciona bem com os outros adolescentes. Conversa, desenha... gosta de fazer paisagens, árvores. Muitas vezes pede pra ficar mais um pouco na “arte na espera”. Ajuda a organizar o café. É um espaço em que ela se sente mais segura.

Samara retomou:

— No início do ano, ela começou a falar mais do pai. Disse que as conversas com ele estavam mais frequentes. Reafirmou que vai pra Portugal. Disse que pode dar certo, mas nunca falou isso com animação. Contou que, numa das ligações, ele falou “eu te amo”, e ela... ela não conseguiu responder. Disse que pensou em falar, mas o “eu te amo não saiu”.

Samara seguiu, olhando para o responsável da casa de semiliberdade:

— Ela também diz que as confusões que aconteceram no socioeducativo não foram com ela diretamente... mas que, quando vê, já entrou.

Uma pessoa da equipe retomou o ponto com uma hipótese:

— Talvez essa repetição dos atos infracionais seja, de certa forma, uma tentativa de permanecer no sistema. Porque ela não se vê em nenhum lugar. Não tem lugar. A gente fala em desligamento, em um novo destino... mas será que é isso para ela? Será que existe, de fato, alguma empolgação por esse novo lugar?

Outra voz, completando o pensamento, retomou uma fala da própria Kerly:

— “Só entra, quando vê, já está dentro.” Isso é algo pra gente prestar atenção. Acontece uma confusão e ela vai. Ela entra. Um corpo que não tem borda. Depois que tudo passa, ela percebe que nem deveria ter ido — mas já foi.

Ficou um silêncio breve. Então, alguém concluiu:

— Por isso é tão importante entender esse vínculo com o pai. Porque agora ele aparece como a saída. Mas a história deles é marcada por muita violência. E isso não pode ser ignorado.

O representante do socioeducativo tomou a palavra, reunindo as informações mais recentes:

— O pai reaparece agora, nesse momento do desligamento. Para ela, parece uma possibilidade concreta de sair do sistema. Mas a gente sabe que não é, necessariamente, o desligamento mais seguro.

Fez uma pausa antes de continuar:

— Ao mesmo tempo, não dá pra manter ela no socioeducativo só porque o desligamento parece inseguro. Isso também pode ser uma forma de violência que se perpetua.

Relatou que Kerly tem acompanhamento com a equipe de Terapia ocupacional, fonoaudiologia, ginecologia — e que estão trabalhando com ela a autonomia do cuidado: a ideia de que ela possa dar conta de existir de maneira segura, seja aqui, seja em Portugal.

Pâmela, uma psicóloga do Janela da Escuta intervém:

— Penso que o pai parece precisar entender melhor o funcionamen-

to dela, como lidar com ela... Isso tem sido trabalhado com ele?

— Acredito que ainda não — respondeu o representante do sócio. — O que temos hoje é a construção de um vínculo mais na lógica de “alguém que vai recebê-la”. Mas como isso vai se dar, de fato... acho que ainda não foi trabalhado.

— Porque uma coisa é o pai querer recebê-la — retomou a psicóloga. — Outra coisa é *como* ele vai recebê-la. Como ela está. E como reconstruir algo que já foi rompido com tanta violência.

— Tem também o atravessamento jurídico... — ponderou o sócio. — Não sei se vamos ter tempo de trabalhar isso com a profundidade necessária. O que me passaram é que esse caminho já está sendo pavimentado, que a ideia inicial era nem passar pela semiliberdade. Era ir direto pro desligamento e pra viagem.

— Mas alguma construção precisa ser feita com esse pai... mesmo que seja em pouco tempo — insistiu a psicóloga.

— A gente tem a limitação do virtual — respondeu o sócio. — Mas podemos tentar conversar com ele, entender se ele tem estrutura, como ele se organiza. Vamos ver o que conseguimos construir.

— Porque ela vai continuar tendo rompantes — completou a psicóloga. — A pergunta é: como ele vai lidar com isso? Que tipo de apoio ela vai ter lá, em Portugal, para lidar com essas crises? Porque isso não vai parar só porque mudou de país.

— E até entender melhor o desejo dele — observou alguém da equipe. — Ele apareceu outras vezes, mas sempre de forma violenta, corretiva. Ela traz o ódio, e agora ele é a única possibilidade. Por isso essa construção precisa começar — mesmo que o tempo seja curto.

Larissa aproveitou para perguntar sobre a escola.

— E como está a situação escolar dela agora?

O sócio respondeu:

— Estamos avaliando a matrícula. Pensando no território, nas rotinas, no melhor turno... e também considerando o desejo dela. Está sendo feita uma avaliação pedagógica pra ver em que nível ela está. Isso já estava em curso. Mas agora tem esse novo atravessamento, o judiciário... disseram que o desligamento pode ser breve, por causa

de Portugal. Então a gente se pergunta: vale matricular se ela vai sair daqui a pouco?

Fez uma pausa.

— Estamos com esse impasse. Mais uma vez, o atravessamento.

A reunião se encerrou ali. Com todos ainda pensando — e tentando imaginar — como ajudar nessa reconstrução do laço com o pai, na construção de um lugar para ela junto a ele. E também sobre o que fazer com relação à matrícula na escola, diante da possibilidade de que, em pouco tempo, Kerly fosse para outro país.

Ficaram no ar perguntas sem resposta, atravessadas por urgências institucionais e silêncios afetivos. Como criar laço onde já houve tanto rompimento? Como oferecer um lugar onde antes só houve violência? Como garantir, enfim, que haja um lugar?

Porque desligar não é desaparecer. E partir também exige escuta.

Com açúcar e palavras: uma despedida feita à mão

As semanas anteriores haviam sido de transição. Samara e Larissa, em conversa com Kerly, decidiram que os atendimentos passariam a ser realizados no Undió — uma casa onde diversas formas de arte se encontravam: culinária, pintura, desenho, conversa.

A proposta era que ela seguisse por ali, num espaço com outros modos de escuta, de criação, de presença. Mas antes disso, fariam um último encontro pedagógico, ainda no ambulatório.

Naquele dia, Kerly chegou trazendo algo nas mãos. Um gesto. Um cuidado. Levou um biscoito para o café do ambiente de espera. Um biscoito que ela mesma havia inventado e feito.

Todos comeram. Todos elogiaram. Ela sorriu, um pouco tímida, mas visivelmente contente.

Durante o encontro, contou oralmente a receita:

— Açúcar, leite em pó e farinha... de alguma coisa que eu esqueci.

Larissa perguntou:

— Você me falou os ingredientes... e como faz?

— Depois mistura tudo, faz a forma que quiser, tipo coração ou es-

trela, e leva pro fogo até ficar naquela textura lá. Eu comi até a massa crua. É gostoso também.

Larissa riu. Disse que, se tivessem mais tempo, pediria que ela escrevesse a receita. Kerly prometeu:

— Eu vou colocar no papel depois, pra guardar.

Quando soube que o Undió tinha uma cozinha, ficou empolgada.

— Lá você vai poder cozinhar — disse Larissa.

Kerly assentiu, com um brilho discreto nos olhos.

— Esse é o nosso último encontro... — contou Larissa. — No Undió eu não vou poder estar.

Kerly pensou um pouco e respondeu:

— Mas eu posso vir te ver. Já posso sair sozinha.

Larissa sorriu. Disse que ficaria feliz se ela voltasse. E então fez uma proposta:

— Que tal você escrever o que sentiu nesses encontros? O que aprendeu, o que achou interessante, o que não gostou tanto...

Kerly respondeu na hora:

— Não teve nada que eu não gostei.

Larissa entregou uma folha e um lápis. Ela começou a escrever. Mas logo cobriu o papel com a mão.

— Só pode ler quando for embora, tá bom?

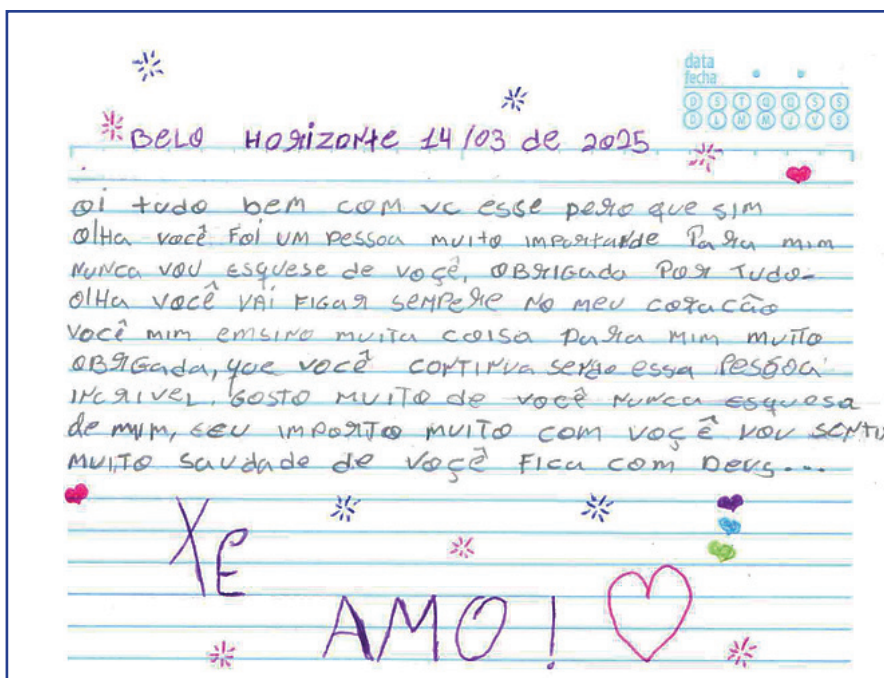
Enquanto escrevia, perguntava:

— Como escreve “importante”?

— E “obrigada”... é assim mesmo?

— “Olha” é o, l, h, a?

Perguntou tam-



bém por outras palavras... e foi juntando as letras, uma a uma, até fazer sentido. Escrevia com atenção. E quando terminou o texto, começou a enfeitar com canetas coloridas.

Larissa também havia escrito uma carta para ela. Dizia que esperava que ela pudesse continuar avançando nos estudos, e que encontrasse um jeito de colocar em palavras — mesmo que não fosse por escrito — aquilo que sentia, o que gostava e o que não gostava. Porque o que vira palavra pode deixar de virar ferida, pois algo dentro da gente se organiza.

Trocaram as cartas. Kerly disse que só abriria a sua quando estivesse dentro do carro, indo embora.

— E você também, só pode ler quando chegar em casa.

Larissa prometeu que esperaria.

Pegou as canetas coloridas de novo. Enfeitou mais um pouco o papel. Depois, levantou-se. Despediram-se com carinho. E encerraram o encontro.

Kerly frequentou o Undió por mais três semanas, acompanhada por Samara. Construiu laços com os colegas, conversou, usou da arte para se expressar. A ida para Portugal se aproximava, e ela ainda não sabia ao certo se queria ir. Chegou a dizer que pediria para ficar no abrigo, junto de outra adolescente que frequentava o espaço.

Entretanto, após essas três semanas, ela evadiu da casa de semiliberdade e não voltou mais ao Undió. Foi embora.

Mas, como tantos outros que por ali passam, Kerly deixou ensinamentos.

Chegou dizendo que não sabia ler. Que não conseguia escrever. Soltava o lápis com pressa, como quem já soubesse que erraria. Às vezes, nem queria colocar a versão final no papel — por vergonha da letra, do traço, de si. Dizia que não tinha aprendido nada na escola. E, ainda assim, no primeiro encontro, leu. Leu muito. Mesmo com pausas, tropeços e entonações hesitantes, havia ali uma leitura viva, pulsante. Uma vontade de atravessar as palavras.

Aos poucos, o “não sei” foi se transformando em pergunta. O “não consigo” em tentativa. Bastava um pouco de apoio, uma intervenção aqui, outra ali, e ela conseguia. Era evidente que havia obstáculos na

escrita com as sílabas mais complexas, aproximações com a fala e combinações sonoras que, para ela, dificultavam o processo. Mas o que também se revelava, com força, era o desejo de aprender. A implicação com o que lia, com o que escrevia, com o que queria dizer. Era uma adolescente atravessada pelo fracasso escolar, sim — mas também atravessada por uma vontade de saber, de acertar, de se fazer entender.

Foi nas cartas que a função da escrita se ampliou. Escrever não era mais só uma tarefa escolar: tornava-se uma forma de existir, de deixar marca, de criar laço. Em uma das cartas, tentou escrever para a mãe — e, ao não conseguir, deu socos na parede. A escrita que não encontrava o outro era também uma dor sem vazão.

Mas, tempos depois, ao escrever uma carta para Larissa, tudo estava ali: letra firme, sentidos claros, endereçamento preciso. Sabia que aquela carta seria lida. Sabia que tinha para quem escrever.

Foi então que Larissa se lembrou do que diz Magda Soares: a escrita, para fazer sentido, precisa de função social. É quando o sujeito percebe que sua palavra pode circular, ser lida, provocar efeito no outro — é aí que o letramento começa de verdade. E, como aprendeu com Kerly, essa escrita com significação não apenas produz sentido: ela transforma o próprio gesto de escrever.

Talvez por isso a melhora de Kerly na escola não estivesse apenas na medicação, como diziam alguns. Talvez fosse também — e sobretudo — porque ela estava sendo escutada, porque havia quem apostasse em seu saber, quem visse sentido em sua palavra, em sua leitura (de textos e de mundos) — e acreditasse na potência de sua escrita.

Ainda assim, havia dias em que a palavra não vinha. Em que o que precisava ser dito escapava — por ser demais, por não ter nome. Como quando quis escrever para o pai e disse: “não tenho mais palavras”.

Era nesses silêncios que Larissa aprendeu que o sofrimento também engole palavras. Que há dores que não cabem na folha, e que há momentos em que calar é o que resta — não por desistência, mas por falta de chão onde pousar a letra.

Kerly também ensinou sobre sentimentos de abandono, de solidão, de não pertencer. Mãe em Portugal, pai nos Estados Unidos, avó e irmão em outra cidade. E ela, ali — entre fronteiras reais e afetivas — sem

saber como se mover dentro disso. Era isso que trazia sobre si. Uma menina de quinze anos que dizia não saber (e talvez sentisse que não tinha) para quem escrever uma carta. Era como se, em cada vínculo, houvesse sempre uma ausência. Um desencontro. “Um amor que vai pra lá, o outro pra cá” — e eles nunca conseguem se encontrar.

Até os tropeços no uso do R pareciam dizer algo. Mais que um desvio fonológico, havia ali um traço de história: a instabilidade dos lugares que ocupava, as tentativas de se ajustar ao que lhe era pedido. Assim como ela, o R estava ali — mas nem sempre sabia onde entrar.

No nome, Kerly também parecia carregar essa busca. O pai a chamava assim: Kerly. A mãe, de Valentina. E, ao se referir a si mesma, oscilava entre um e outro. Cada nome parecia uma tentativa de se ajustar ao desejo do Outro. De caber. De ser escolhida.

Buscava amor por todos os lados: nos meninos com quem se envolvia, nas lembranças do namorado que lhe dava flores e sorvete, no irmão pequeno que perguntava, com saudade, se ela não gostava mais deles. Tentava cuidar dele à distância. Aconselhava o João, ajudava Matias. Às vezes dizia que estava “de boas” com os sentimentos. Mas o corpo dizia o contrário: mordidas, cortes, marcas. “Me corto porque alivia”, confessava. Como se a dor física organizasse, por um instante, o medo de ser deixada para sempre.

Havia uma solidão funda ali. Uma menina que, através da sua leitura, falava sobre sexo, amores e violência — e, sem perceber, falava também de si. Às vezes, era o irmão quem dizia por ela. Às vezes, a personagem do livro, levada pela avó para um país onde não houvesse tanta violência. E, quando faltavam palavras, era o corpo que escrevia o que não dava pra dizer.

Kerly foi embora antes que pudesse dizer tudo. Mas deixou traços. Palavras escritas e não escritas. Gritos e silêncios. Uma letra que ainda busca lugar — como ela. Larissa ficou com a sensação de que, para algumas adolescentes, escrever não é só juntar sílabas: é juntar pedaços de si. É inventar uma forma de existir quando o mundo parece não oferecer nenhuma.

E talvez fosse isso o mais importante: que, mesmo sem certezas, Kerly tivesse vivido a experiência de ser lida. Que soubesse que sua palavra poderia encontrar lugar. Que, entre os silêncios e as partidas,

havia também encontros — ainda que breves — em que ela era, de fato, escutada.